

VALQUÍRIA MICHELA JOHN

**“PALAVRAS DA SALVAÇÃO”**

**As Representações da Leitura na Prisão**

FLORIANÓPOLIS, 26 DE ABRIL DE 2004

VALQUÍRIA MICHELA JOHN

**“PALAVRAS DA SALVAÇÃO”**  
**As Representações da Leitura na Prisão**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação do prof. Dr. Francisco das Chagas de Souza

FLORIANÓPOLIS, 26 DE ABRIL DE 2004

## ***AGRADECIMENTOS***

A Deus, pela minha vida, saúde e por ter me permitido chegar até aqui.

Aos meus pais e irmãos, pelo carinho, apoio e imensa torcida, mesmo à longa distância geográfica.

Ao Robson, pelo companheirismo, carinho, compreensão, apoio e incentivo em todas as horas.

Ao professor Francisco, com quem muito aprendi durante todo o decorrer do Mestrado, pelas dicas preciosas, pelo incentivo, pela paciência e por ter compartilhado tantos conhecimentos e experiências.

À querida Yolanda, a primeira pessoa que me incentivou e me ajudou a trilhar os caminhos da pesquisa para chegar até o Mestrado.

A todos os professores da linha de Educação e Comunicação, pelos conhecimentos compartilhados e contribuições à condução da pesquisa.

Aos colegas da ECO, pelos momentos de descontração, amizade e troca de informações e experiências.

Aos meus entrevistados, sem os quais este estudo não teria sido possível.

A todos os meus parentes, amigos e colegas de trabalho por terem me suportado durante o período de escrita da dissertação.

## Um Sonho de Liberdade

Presídio Regional de Jequitinhonha, pavilhão 9-C, pátio central: debaixo de uma árvore, aqui estou a escrever. Romildo da Silva, 33 anos, condenado a 17 anos de prisão por homicídio doloso. Já cumpri 11 anos, e aguardo a resposta de um pedido de liberdade condicional há 6 meses. Os presos que se comportam bem durante a semana ganham o direito de passar o fim de semana aqui no pátio central. É maior que os outros, mas tem o mesmo fedor e obscuridade dos demais. Encaro-o como prêmio pelo simples fato de ter a sombra desta árvore - a única -que me traz grandes inspirações.

Hoje o dia está bonito, pode-se ver alguns raios de sol. Tímidos, mas que quebram a monotonia do dia-a-dia na cela. Jacaré e o pessoal estão organizando uma pelada para passar o tempo. A bola - se é que pode ser chamada de bola - é um monte de meias enroladas em forma circular. Bola sofrida, já tem até uma forma oval. Mas a turma se diverte.

Clóvis "Jacaré" dos Santos. Amigo meu de infância, foi quem primeiro me induziu ao crime, ao pedir que eu roubasse mil cruzados de meu pai para comprar droga (para ele). Posso ser um assassino, mas drogado nunca fui. Jacaré foi quem solicitou que eu matasse o Chiquinho - crioulo chato, sempre incomodando. Matei, mas prometi que denunciaria a todos caso fosse pego. Fui o único suspeito...

Parece que está havendo uma confusão no jogo. Não enxergo bem através das folhas. Os homens estão se xingando, discutindo. Tem dois lá no canto se esbofetando. Os demais acabaram de perceber. O presídio inteiro agora está por perto. A briga está cada vez maior.

Um barulho. A polícia... Outro estrondo. Um barulho mais alto. A confusão está se aproximando. Tumulto. Estou me sentindo sozinho. Outro tiro. Perto. Muito perto... Estou sentindo algo muito forte. Uma dor repentina no peito. Não ouvi nenhum estrondo, mas será que me acertaram? A dor está ficando cada vez mais maior. Estou me lembrando de minha filhinha. Será que ela merecia o pai que tinha? A dor. A primeira bicicleta de minha filha, toda rosa. Uma pontada no coração. Forte, muito forte. A primeira boneca. Um grito.

Acho que fui eu quem gritei. Já nem sei, a dor é tão forte. Minha esposa que nunca me abandonou nesses anos todos.

Tem gente vindo na minha direção, mas só enxergo vultos. No fundo, ela deve achar que sou inocente. A dor atingiu um estágio insuportável. Se eu morrer, diga a minha filha que a amo. Será que eu disse isso? Ah, mas eu queria. Não vou agüentar. Estou indo. Tudo está ficando escuro. Mas ficará na minha memória a cena cinzenta deste pátio. Tem alguém de branco na minha frente. Ou é médico, ou é anjo. Já não vejo nada. Sinto meu coração parando... Parou.

Antes de morrer, ainda me lembro de ter ouvido o guarda Beto dizendo que eu iria ser solto no dia seguinte e que não podia morrer sem a liberdade. Mas acho que a morte me libertou da humilhação que seria viver novamente na sociedade. A rejeição, o preconceito. É mesmo, talvez o melhor fosse morrer mesmo.

## **GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS NA PRISÃO**

**Carceragem:** local onde ficam os agentes prisionais responsáveis pela entrada e saída dos presos, visitas, refeições e materiais nos pátios onde ficam os detentos.

**Convívio:** referência atribuída ao pátio fechado masculino. Foi neste espaço que ocorreu a realização das entrevistas.

**Cubículo:** cela.

**Goela:** corredor entre os portões da carceragem e pátio fechado onde ficam os detentos.

**Goiabão:** louco, fora da realidade.

**Jega:** cama (trata-se de um beliche de concreto).

**os homem:** referência aos policiais.

**Parlatório:** sala para conversar com o advogado (os detentos ficam de um lado da grade e o advogado do outro).

**Puxar cadeia:** cumprir a pena.

**Reeducando:** sinônimo de preso, recluso, detento.

**Seguro:** pátio onde ficam os detentos ameaçados de morte, como estupradores. Também é o lugar onde são mandados aqueles que promovem desordem, brigas ou entram em conflito com a administração.

**Trampo:** trabalho.

## **LISTA DE SIGLAS**

**AC** - Ancoragem

**ALA** – American Library Association

**CP** – Código Penal

**DEPEN** – Departamento Penitenciário Nacional

**DSC** – Discurso do Sujeito Coletivo

**EC** – Expressões-chave

**ECO** – Educação e Comunicação

**HRW** – Human Rights Watch

**IC** – Idéia Central

**IFLA** – International Federation of Library Associations and Institutions

**INFOPEN** – Sistema de Informações Penitenciárias

**LA** – Library Association

**LEP** – Lei de Execução Penal

**MJ** – Ministério da Justiça

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**RS** – Representações Sociais

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## RESUMO

Este estudo apresenta as representações que um grupo de detentos de um estabelecimento penal de Santa Catarina tem a respeito dos materiais de leitura a que tem acesso durante o período de cumprimento de sua pena. Parte de questões como: Que olhar esses detentos depositam sobre esses materiais e como passa a ser seu olhar sobre o mundo a partir desta leitura. Como aquele local em que estão confinados influencia na leitura da palavra e como esta vai influenciar na leitura do mundo. A investigação teve como objetivo: conhecer as representações socialmente atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal de Santa Catarina à leitura que realizam dos materiais impressos a que têm acesso naquele ambiente, durante o período de sua reclusão. Para responder a este objetivo foram verificados os critérios utilizados pelos detentos para selecionar os materiais de leitura, os benefícios que eles esperavam tirar com o uso desses materiais; o tempo gasto com a leitura; os materiais e conteúdos de interesse predominantes; as imagens, interesses ou desejos que os conteúdos lidos despertavam. Os dados foram coletados através de entrevistas em profundidade, seguindo um roteiro semi-estruturado. Para análise dos dados foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, construída por Lefèvre e Lefèvre. No ambiente prisional escolha dos materiais de leitura está influenciada e determinada pelas escassas opções e dificuldade de acesso aos materiais de leitura. As representações são construídas a partir da vivência antes do ingresso na prisão, de sua prática como leitores (ou não) e reforçadas pelas condições da vida em confinamento, representações estas que são o resultado de todo o processo de socialização daqueles sujeitos, das interações sociais que vivenciaram e vivenciam e construídas a partir dos saberes provenientes do senso comum. Neste contexto, atribuem à leitura, entre outras representações, um papel decisivo na resolução das desigualdades sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; prisão; discurso coletivo; representações sociais.

## ABSTRACT

The present study is a representation of a detainee's penal building in Santa Catarina in regards to the reading materials they have access during the execution period of his/her feather. Questions like: What kind of glance that detainees deposit on those materials and how different became his/her glance on the world from that readings; how that place where they are influences their capacity to understand the world. The investigation had as objective: know the social representations attributed by the convicts of a penal building in Santa Catarina to the reading that they accomplish out of the printed materials they have access in that enviroment, during the reclusion period. To answer this objective it was verified the criteria used by the detainees to select the reading materials, the benefits that they hoped to take with the use of those materials; the time spent with the reading; the materials and predominant contents of interest; the images, interests or desires that the read contents woke them up. The data were collected through depth personal interviews, following a semi-structured itinerary. To analyse that data it was used the technique of the Collective Subject's Speech, written by Lefèvre and Lefèvre. In the prisional atmosphere the choice of the reading materials is influenced and determined by the very little options offered and the difficulties of access. The representations are built starting from the existence before the entrance in the prison, of his/her practice as readers (or no) and reinforced by the conditions of the life in confinement, representations that are the result of a whole process of socialization of those people, of the social interactions that you/they lived and live and built from the knowledgement originated of the common sense. In this context, they attribute to the reading, among other representations, a decisive paper in the resolution of the social inequalities.

**KEY WORDS:** Reading; prision; collective speeches; social representations.



## SUMÁRIO

<b>1 SOBRE ESTA LEITURA .....</b>	<b>11</b>
<b>2 LEITURA DO MUNDO – O UNIVERSO DAS REPRESENTAÇÕES .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Sobre a Teoria das Representações Sociais .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Alguns desdobramentos .....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Representações, Educação e Leitura do Mundo .....</b>	<b>28</b>
<b>3 UMA LEITURA DA PRISÃO .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 Fundamentos sociais e psicológicos .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 A sociedade prisional brasileira .....</b>	<b>36</b>
3.2.1 Panorama do sistema carcerário nacional .....	36
3.2.2 O sujeito recluso – um breve perfil .....	40
3.2.3 Ressocializar, reeducar, reintegrar - Considerações sobre a Educação no ambiente prisional .....	41
<b>4 LEITURA DA PALAVRA .....</b>	<b>48</b>
<b>4.1 De que leitura estamos falando .....</b>	<b>49</b>
<b>4.2 O ato de ler e o acesso à leitura no Brasil .....</b>	<b>52</b>
<b>4.3 Sobre bibliotecas e leitura na prisão .....</b>	<b>55</b>
<b>5 CAMINHOS EM DIREÇÃO ÀS “LEITURAS” .....</b>	<b>62</b>
<b>5.1 Tipo de pesquisa .....</b>	<b>63</b>
<b>5.2 Critérios para seleção dos sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>64</b>
<b>5.3 Descrição do ambiente .....</b>	<b>66</b>
5.3.1 O dia-a-dia na prisão .....	72
<b>5.4 A realização das entrevistas .....</b>	<b>75</b>
5.4.1 Diário das entrevistas .....	77
<b>5.5 Análise e Interpretação dos Resultados .....</b>	<b>84</b>
<b>5.6 Aspectos Éticos .....</b>	<b>86</b>

<b>6 AS REPRESENTAÇÕES DA LEITURA NA PRISÃO .....</b>	<b>88</b>
<b>6.1 Apresentando o leitor .....</b>	<b>88</b>
<b>6.2 As impressões do leitor sobre o ambiente da leitura .....</b>	<b>91</b>
<b>6.3 O discurso do leitor sobre a leitura na prisão .....</b>	<b>96</b>
<b>6.4 As representações atribuídas e a origem dos discursos, das “falas” sociais .....</b>	<b>100</b>
6.4.1 A importância do ato de ler .....	100
6.4.2. Como se tornar um leitor .....	101
6.4.3 A eleição da Bíblia como melhor material de leitura .....	102
6.4.4 A leitura como terapia .....	105
6.4.5 A leitura como meio para se isolar e a eleição da noite como melhor horário para a leitura .....	107
6.4.6 A leitura como instrumento para manter-se atualizado e para o aperfeiçoamento pessoal .....	109
 <b>7 UMA ÚLTIMA LEITURA .....</b>	 <b>111</b>
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	 <b>115</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	 <b>120</b>
Anexo 1 – Roteiro semi-estruturado de entrevistas .....	121
Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	122
Anexo 3 – Termo de aceite da instituição .....	123
Anexo 4 – Entrevistas .....	124
Anexo 5 – Quadros com as expressões-chave e idéias centrais .....	175
Anexo 6 – DSCs referentes a cada uma das questões .....	188

## **1 SOBRE ESTA LEITURA**

O que significa ler para você? Já se perguntou alguma vez por que gosta de ler? Que sentimentos, sensações ou emoções lhe envolvem quando você está lendo? Por que afinal você lê? O que a leitura do material que você gosta representa para você? A leitura ajuda sua vida a melhorar, ou piorar? Quanto tempo você dedica à leitura, por dia, por semana, por mês? Você gostaria de ter mais tempo para ler? Por quê? O que a leitura significa afinal para você? De que forma ela influencia seu modo de pensar, de ver o mundo, de agir, de ser, de estar no mundo? Se você fosse privado de todo e qualquer tipo de leitura, você sentiria falta? Por quê?

Todas essas questões são um convite para a sua reflexão sobre a importância (ou não) do acesso à leitura e para convidá-lo a se questionar se, por algum motivo, você fosse privado de sua liberdade, confinado longe de sua família, seu trabalho, seus amigos, fosse tirado do convívio em sociedade e trancado em um local com pessoas que nunca viu e nem sabe quem são, como você reagiria. Neste espaço, você teria 24 horas, todos os dias, até o fim de sua pena, para dividir entre o café da manhã, o almoço, um lanche à tarde, as horas de sono, uma visita semanal, talvez um rádio, televisão, um baralho e alguns raros materiais de leitura, geralmente revistas velhas, jornal, pouquíssimos livros e, mais frequentemente, a Bíblia e outros textos religiosos. Talvez uma atividade artesanal e muito pouco provável, um trabalho braçal a fazer. Como seria? Você se apegaria à leitura de alguma coisa? À Bíblia, por exemplo? Por quê? A leitura lhe ajudaria de alguma forma durante cada jornada de 24 horas? Por quê? Que importância ela teria? O que a leitura significaria, representaria para você?

A pesquisa aqui relatada buscou, justamente, responder e refletir sobre algumas dessas indagações, resgatando as representações que um grupo de detentos de um presídio de Santa Catarina tem a respeito dos materiais de leitura a que tem acesso durante o cumprimento de sua pena. Que olhar depositam sobre esses materiais e como passa a ser seu olhar sobre o mundo a partir desta leitura. Como aquele local em que estão confinados influencia na leitura da palavra e como esta vai influenciar na leitura do mundo, não apenas o mundo da prisão, mas também o “mundo lá de fora”.

Esta dissertação pretende, ainda, ser um convite para o ingresso ao mundo da prisão, um ingresso livre dos tabus e estereótipos que envolvem as representações que geralmente temos e fazemos dos detentos antes de atravessar os portões que nos separam dos criminosos. Esta dissertação abre os portões e convida para o ingresso na prisão do

ponto de vista de quem a conhece já há cinco anos, que já conviveu com o sistema da prisão, desenvolvendo ações sócio-educativas, alicerçadas nos meios de comunicação, com o intuito de efetivamente ofertar possibilidades de reinserção, de valorização do sujeito, de luta pela garantia de seus direitos e pela recuperação da dignidade dos detentos, sua auto-estima e cidadania.

Durante três anos participei efetivamente de um projeto chamado Redução de Danos no ambiente prisional, no qual, junto com a equipe a que pertencia, desenvolvemos ações para tentar melhorar a qualidade de vida dos detentos, o acesso à saúde, a educação formal, à expressão cultural, à comunicação pessoal e em grupo, o acesso à informação, tendo como principal motivação o desejo de diminuir o preconceito para com as pessoas presas. Objetivo que virou nosso lema e imortalizou-se como slogan do projeto: “Quebrando as algemas do preconceito para reduzir a discriminação”.

Foi a partir desta vivência que o interesse dos detentos pela leitura, pelo acesso à informação chamou a minha atenção e foi daí que nasceu esta pesquisa. Ela está, obviamente, imbuída da minha paixão pelo tema da prisão como também pela minha história pessoal como leitora. Por isso, faz-se necessário esclarecer que minha percepção pelo sistema prisional e minha afetividade pelos sujeitos, pelo local pesquisado, pelo trabalho anteriormente desenvolvido não foram colocados de lado, tarefa esta que seria impossível face meu profundo envolvimento com o tema, com o universo da prisão. Muitos dos estudiosos como Adorno (1992), por exemplo, apontam que a prisão nos exerce um estranho fascínio e que uma vez envolvidos com esta instituição, não conseguimos mais nos desligar.

É o que ocorre aqui, entretanto, este envolvimento não interfere na postura séria, crítica e reflexiva que se exige de todo pesquisador na condução do estudo que se propõe a fazer. O envolvimento com o tema não interferiu no rigor com que os dados foram tratados, na coleta e análise dos mesmos, nem com a sustentação teórica que se emprega na concretização desta pesquisa.

Aceitar o convite para “atravessar os portões” significa, muitas vezes, ter que se despir dos próprios preconceitos, como eu mesma tive que fazê-lo, na primeira vez que entrei na prisão, em 1999. Foi desta primeira visita que aprendi uma das maiores lições para minha vida, a qual sempre resgato quando percebo estar enveredando para o lado do individualismo ou da prepotência, geralmente intensificada pela vida na academia, suas disputas, cobranças e exigências. Então lembro da primeira oficina que realizei no presídio,

no pátio masculino (lá dentro, ao lado das celas), com mais ou menos 30 detentos, em que discutíamos o que era violência para eles.

Convidei-os a desenhar, escrever, fazer colagens e assim conceituar o termo violência. Enquanto desenvolvíamos a atividade, lembro-me de acompanhar alguns que não sabiam escrever e, mesmo assim, tentavam formar palavras, mas um deles chamou-me a atenção. Ele não sabia ler ou escrever, mas havia colado várias letras sobre o papel, que não formavam palavra alguma. Quando todos terminaram, pedi para que apresentassem para o grupo o que tinham feito. Aquele senhor que me chamou a atenção estava tímido e não queria apresentar, pediu para que eu apresentasse o seu escrito, mas eu não podia, pois teria que adivinhar o que ele tentara escrever. Então, conversei com ele para que explicasse para os colegas, que se eu lesse o dele, teria que ler de todos e não seria justo com quem já tinha apresentado, enfim, com muito jeito, sem demonstrar que não havia entendido, convenci-o a explicar o que tinha feito. Foi então que ele relatou o que entendia por violência e a frase que pronunciou nunca mais esqueci: “Violência é adquirir conhecimento e não reparti-lo com ninguém”.

A minha paixão pelo universo prisional nasceu ali e nos anos que convivi com esta instituição, procurei repartir o meu conhecimento, fazer algo pelo outro com o conhecimento que eu tinha a oportunidade de estar adquirindo na universidade. Foi com esta atitude que fizemos um documentário em vídeo, duas edições de jornal impresso, concurso de desenho, uma peça de teatro (criada pelos próprios detentos) e inúmeras oficinas de resgate da cidadania, cuidados com a saúde, comunicação interpessoal, entre outros. Infelizmente, como se verá ao longo desta dissertação, ações como estas estão quase sempre relacionadas a trabalhos voluntários ou projeto financiados, com tempo de duração determinado. Aquilo que não é política efetiva não dura muito tempo, e ações como estas acabam se perdendo e deixando de ser realizadas.

Nestes cinco anos pude conviver – superficialmente, já que passava apenas algumas horas do dia – com a dura vida da prisão, onde talvez, nada seja tão torturante como a passagem do tempo, as longas horas de cada dia.

A cada dia temos à nossa disposição 24 horas, a serem dispostas e organizadas de modo a propiciar que realizemos uma série de atividades: trabalho, escola, lazer, entretenimento, alimentação, relações sociais, entre tantas outras. Conforme o mundo se transforma, sofre “revoluções”, “progride”, a impressão que temos é de que as 24 horas de cada dia estão passando cada vez mais rápidas.

Quando Einstein propôs a teoria da relatividade, onde a noção de tempo foi radicalmente transformada, não era no contexto globalizado, no imediatismo das informações, da rapidez das invenções (e do quão rápido elas se tornam obsoletas) e nesse acelerado ritmo de vida que o nobre físico estava pensando. Uma coisa é certa, entretanto: ao observarmos os modos de relação entre as pessoas e a organização das sociedades em todo o mundo, podemos mesmo afirmar que nada, nestes “tempos”, é mais relativo realmente do que o tempo.

Na contracorrente deste contexto de 24 horas “insuficientes” para realizar tudo a que nos dispomos, está a “sociedade” prisional. Cumprir uma pena no Brasil (e em muitos outros lugares do mundo) representa, na esmagadora maioria dos casos, a disposição de 24 horas de quase total ociosidade. Ali, o tempo corre lento demais. Não há trabalho para todos, atividades de cultura e lazer são raras, ainda que previstas em lei. Atividades sócio-educativas constituem-se privilégios, quando são direitos garantidos por lei.

O que fazer com 24 horas (para não mencionar dias, semanas, meses, anos) num espaço marcado pela opressão, pela agressão aos direitos humanos, pela quase total inexistência de opções? Dentre as limitadas opções, alguns detentos<sup>1</sup> praticam o ato de ler.

O que significa ler afinal? Entendendo a prisão como um espaço de reprodução de desigualdades, onde podemos observar que ter ou não ter dinheiro faz toda a diferença no cumprimento de uma pena, que a falta de acesso à escola e a outras oportunidades é a característica predominante entre a população prisional no Brasil, o que pode explicar o gosto ou a importância atribuída, por pessoas que estão limitadas a paredes de concreto, a uma revista, um jornal, um livro velho, à leitura da Bíblia? Através da leitura do texto escrito pode-se estar tentando romper com os limites impostos pela privação da liberdade? Que sentidos, sentimentos estão envolvidos nesse processo?

Muitos defendem que a prática da leitura é resultante do incentivo familiar, da escola ou do círculo de amizades, grupos sociais, do acesso aos livros e a outros meios de veiculação de texto. Como esta prática se desenvolve na prisão, onde os aspectos favorecedores da mesma quase que inexistem?<sup>2</sup> O que leva um preso a dedicar parte de seu tempo à leitura de romances, notícias, narrativas diversas, que leitura ele faz dessas leituras? Como ele passa a ler o mundo em decorrência desse contato com o texto, com a poesia, com a fábula, com a notícia de um jornal? Ler é um processo que está muito além

---

<sup>1</sup> A expressão detento é utilizada no texto referindo-se à pessoa que cumpre pena em estabelecimento prisional, como sinônimo para presidiário, preso.

do que convencionalmente entendemos por leitura textual, geralmente associada exclusivamente à leitura ensinada (e imposta) na escola.

Nesta investigação, está-se partindo do princípio de que a leitura na prisão é uma das ferramentas para a efetividade dos Direitos Humanos, enquanto instrumento de desenvolvimento humano<sup>3</sup>. A leitura é entendida aqui como contribuidora do processo de formação do cidadão, de realização da sua cidadania. Não está sendo discutida aqui a questão da formação desse leitor, mas sim as motivações para a leitura e o que ela representa para aqueles sujeitos. Busca a compreensão do que representa o tempo que um preso dedica à leitura de um texto, o que aquela leitura lhe traz, lhe desperta, lhe impulsiona a fazer, o que o texto lhe fala, como ele lê o mundo após a leitura do material impresso de sua preferência.

O acesso à informação - a meios informais de educação, como cultura e lazer, por exemplo - favorece a possibilidade de melhores escolhas, do desenvolvimento do senso crítico e da visão de mundo que tornam possíveis o aprendizado e o aperfeiçoamento, não apenas profissional, mas sobretudo pessoal. Para as pessoas que estão na prisão, essas possibilidades tornam-se bastante restritas.

Neste sentido, as informações que recebem, os recursos e materiais educativos que lhes são disponibilizados tornam-se mais positivos e/ou negativos, pois constituem-se muitas vezes como únicos.

Há ainda outro aspecto importante a ser considerado. O baixo nível de escolaridade desta população, ou seja, o limitado acesso à educação formal antes e depois da reclusão. No presídio onde esta investigação foi realizada, localizado em um município do litoral catarinense<sup>4</sup>, a faixa de escolaridade predominante é o ensino fundamental incompleto - 5ª a 8ª série entre os homens e 1ª a 4ª série entre as mulheres.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Estou me referindo aqui ao acesso a materiais de leitura, programas de leitura, bibliotecas e mesmo o acesso à escolarização.

<sup>3</sup> Conforme estabelecido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, “o desenvolvimento humano é um processo de alargamento das escolhas das pessoas. Em princípio, podem ser infinitas e podem mudar ao longo do tempo. Mas em todos os níveis de desenvolvimento, as três escolhas essenciais são: ter uma vida longa e saudável, adquirir conhecimentos e ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente. Se estas escolhas essenciais não estiverem disponíveis, muitas outras oportunidades permanecem inacessíveis.” (ONU, 1995, p. 11)

<sup>4</sup> Por questões éticas, o nome do estabelecimento prisional não será citado, visando inclusive preservar a identidade dos entrevistados. Como não se trata uma investigação com finalidade institucional, o nome do estabelecimento constitui-se um dado irrelevante. Para esta investigação interessam as representações sobre a leitura atribuídas por pessoas em situação de reclusão, independente do espaço onde estejam cumprindo sua pena.

<sup>5</sup> Para preservar o anonimato da instituição, a referência bibliográfica contendo os resultados da pesquisa que engloba os dados mencionados não será citada.

O baixo nível de escolaridade não é “privilégio” dos detentos, mas de grande parcela da população brasileira. Dados do censo demográfico de 2000 (IBGE, 2003) revelam que, da população com mais de 10 anos, 14.994.413 têm menos de um ano ou não têm nenhuma instrução e 25.851.415 tem entre um e três anos de escolaridade. Apenas 5.911.119 têm 15 anos ou mais de escolaridade.<sup>6</sup> Como se pode perceber, apenas uma pequena parcela da população consegue chegar à Universidade.

No estado de Santa Catarina, por exemplo, de cada 100 crianças que iniciam a primeira série do ensino fundamental, apenas 57 terminam a oitava série<sup>7</sup>. Os motivos são os mesmos em todo o país: falta de vagas nas escolas públicas e, principalmente, a necessidade das crianças e jovens trabalharem para ajudar na renda da família. Como aponta Mance, “a privatização do ensino e a evasão escolar, premida pela necessidade de o jovem contribuir com o orçamento doméstico em meio à crise do desemprego, provocam exclusões dramáticas de amplos segmentos do acesso ao saber”.<sup>8</sup>

Não freqüentando a escola, as oportunidades ficam bastante limitadas, as escolhas tornam-se praticamente nulas. Isto acaba gerando e consolidando um ciclo de falta de opções e o resultado dessa situação é, muitas vezes, o ingresso na criminalidade como meio de subsistência.

A falta de acesso ao saber formal é uma maneira muito dolorosa de exclusão econômica e humana, que contribui para o aumento das desigualdades sociais. Ao não freqüentar a escola, perde-se uma preciosa ferramenta no desenvolvimento do senso crítico, no poder de argumentação e, conseqüentemente, reduzem-se as possibilidades de lutar por melhores condições materiais e morais. É esta a realidade da população prisional no Brasil. Num levantamento realizado pela Human Rights Watch (HRW, 2002) ficou constatado que o nível de escolaridade da população prisional no Brasil, salvo raras exceções, não ultrapassa cinco anos.

Levando-se em conta que a maioria dos detentos não teve acesso à educação formal, os recursos materiais de informação, comunicação e educação que lhes são disponibilizados passam a desempenhar um papel compensatório e tardio na sua formação, mas possível de gerar algum benefício aos seus direitos pessoais.

---

<sup>6</sup> Conforme os dados do IBGE, estes números referem-se a um total de 153.486.617 entrevistados, dos quais 136.910.358 têm idade igual ou superior a 10 anos.

<sup>7</sup> Fonte: Secretaria de Estado da Educação, disponível na home-page do governo do Estado de Santa Catarina, conforme listado nas referências Bibliográficas. (SANTA CATARINA, 2003)

<sup>8</sup> Mance, 2001, p. 5



Como direito social e individual, a Declaração Universal dos Direitos Humanos prevê, em seu artigo XIX, que “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, *ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras*”. (BRASIL, 1998a)

No caso das pessoas privadas de sua liberdade por terem cometido um ato criminoso, as leis brasileiras apontam que a prisão só tira do indivíduo o direito de ir e vir<sup>9</sup>. Sendo assim, todos os seus outros direitos sociais e individuais da condição de cidadania, tais como saúde, educação, liberdade de expressão, acesso à informação e outros são garantidos. (CDHC, 1998)

Considerando-se que a leitura é também uma forma de comunicar-se com o mundo e que um de seus objetivos é a captação de informações, aquilo que os detentos lêem é uma forma de aprender e apreender informações relacionadas aos valores, conceitos e ideologias que o auxiliam na construção, reforço ou reformulação de sua visão de mundo. É neste sentido que Mello pode ser lido quando afirma: “O homem, ao se comunicar com seus semelhantes, objetiva receber informações. O recebimento de tais informações é feito também com finalidades adicionais – ampliar conhecimentos, adquirir experiências. A essas finalidades adicionais podemos chamar de aprendizagem.”<sup>10</sup>

Para as pessoas reclusas, a leitura, o acesso a materiais de informação/comunicação constitui-se muitas vezes como o único canal de comunicação com o mundo exterior, já que muitos presos ao não receberem visitas não têm outros elos de comunicação, ampliação de conhecimentos e ressocialização<sup>11</sup> que seria a função nobre das prisões.

Neste sentido, todas as atividades, recursos e materiais que lhes são disponibilizados atuam como instrumentos de formação e, portanto, de educação, que podem tanto levá-lo a fazer novas escolhas e tentar novos caminhos que não vão de

---

<sup>9</sup> O artigo 38 do Código Penal (CP) Brasileiro determina que o preso conserva todos os direitos não atingidos pela perda da liberdade, entre eles, o acesso à educação formal.

<sup>10</sup> Mello, 1998, p. 66.

<sup>11</sup> Ressocialização é uma parte do processo contínuo de socialização que se estende pelo curso de vida e implica aprender e, às vezes, desaprender vários papéis. Papéis adultos podem cobrir uma larga faixa – de cônjuges, pais viúvos(as), pais solteiros e pais divorciados a internos em prisões e empregados em diferentes ocupações. Todas essas transições envolvem algum tipo de ressocialização.

Erving Goffman define ressocialização como um processo mais drástico de derrubada e reconstrução de papéis individuais e do senso, socialmente construído, de self. A doutrinação forçada de prisioneiros políticos, por exemplo, ou a ‘des-programação’ de ex-conversos a cultos religiosos são exemplos de ressocialização, como também a tentativa de reabilitar indivíduos que organizaram grande parte de suas vidas em torno do crime ou de extenso abuso de drogas e álcool. Uma vez que a ressocialização é um processo drástico que requer grande controle sobre seus sujeitos, ela com frequência ocorre em sistemas rigidamente controlados, como prisões e hospitais. (JOHNSON, 1997, p. 198-199).

encontro à ordem vigente na sociedade, como também podem ter o efeito de produzir o aperfeiçoamento de atos criminais, de sua marginalidade e exclusão social.

Entender a importância desses recursos educativos que são ofertados aos reclusos na construção de sua identidade pessoal, na sua reafirmação enquanto sujeitos e cidadãos vai ao encontro das idéias que Paulo Freire tem sobre o ser humano. Ele o define como um sujeito, agente da história, em suas relações ativas com o mundo. O ser humano pode transcender a realidade, ou ao contrário acomodar-se ao seu mundo, como um animal. Para Freire, a educação pode nos ajudar a ser sujeitos.

A partir da observação de que um dos materiais de leitura mais utilizados no presídio em questão é um jornal conhecido na região por sua abordagem sensacionalista e uso de vocabulário extremamente vulgar ocorreu a possibilidade de problematizar a temática leitura entre aquela população, especialmente as representações que aqueles sujeitos atribuem a essa habilidade/competência socialmente criada.

A premissa de partida é que, sendo a prisão considerada pelas Ciências Criminais e pelos estudiosos da prisão das Ciências Sociais como um espaço de ressocialização, também a leitura de materiais informativos, educativos, ficcionais, entre outros, irá participar do processo de construção da identidade desse sujeito “ressocializado”. E, se como coloca Freire (1999), a leitura do mundo precede a leitura da palavra e vice-versa, o contato com esses materiais por pessoas que estão isoladas de praticamente todas as demais formas de comunicação passa a desempenhar importante papel na formação de uma nova (ou reforço de uma velha) visão e relação com o mundo.

Na prisão, ao contrário da escola, a leitura não é uma ação obrigatória - o que pressupõe atitude mecânica, trabalhada como imposição - ao contrário, ela é um ato de autonomia, de livre escolha influenciada, obviamente, pelo contexto em que se processa. Por isso se torna tão importante identificar, reconhecer, compreender o que esta leitura representa para alguém que, privado de sua liberdade, tendo suas opções de lazer e de ocupação diária limitadas, dedica parte de seu tempo à leitura de um documento, de um livro, um poema, um texto escrito de natureza diversa.

Neste sentido, apesar de todas as críticas direcionadas à questão penitenciária no Brasil e a argumentação de muitos estudiosos<sup>12</sup> quanto ao fracasso da prisão, no que se refere à recuperação e reinserção social dos detentos, esta pode ser um espaço de constituição de leitores. Que tipo de leitores são encontrados ali, que relações têm com a

---

<sup>12</sup> Dentre os estudos que tratam do “fracasso” da prisão, o mais “duro” é certamente o realizado por Michael Foucault, em *Vigiar e Punir*.

leitura que fazem, quais as representações que lhe atribuem é a grande problemática que norteou esta investigação.

A proposta desta pesquisa foi a de analisar quais os significados, as representações atribuídas aos materiais impressos de leitura utilizados por pessoas que encontram-se em uma instituição prisional, tendo como questões norteadoras: O que motiva essas pessoas a ler? Que tipo de material elas lêem? Como escolhem/selecionam o material de leitura? Com que finalidades lêem, isto é, para que serve esta leitura? Como aplicam os conhecimentos obtidos a partir destas leituras? O que esta leitura representa para elas?

Em face da problematização proposta, a pesquisa teve como objetivo conhecer as representações socialmente atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal de Santa Catarina à leitura que realizam dos materiais impressos a que têm acesso naquele ambiente, durante o período de reclusão. Para responder a este objetivo foram verificados os critérios utilizados pelos detentos para selecionar os materiais de leitura, os benefícios que eles esperavam tirar desses materiais; o tempo gasto com a leitura; os materiais e conteúdos predominantes de interesse; as imagens, interesses ou desejos que os conteúdos lidos despertavam.

O referencial teórico desta pesquisa está disposto ao longo de toda a discussão, mas, os capítulos 2, 3 e 4 tratam especificamente do eixo condutor de toda a análise, qual seja, a leitura do mundo, a leitura da palavra e a influência exercida pelo contexto na prática das duas ações anteriores. A leitura do mundo trata do universo das representações sociais, da forma como construímos nossa visão do mundo. A leitura da palavra apresenta alguns aspectos referentes ao ato de ler e ao acesso à leitura na prisão. O contexto está descrito no capítulo três, onde se apresenta a sociedade prisional brasileira.

No capítulo cinco, estão detalhados todos os passos seguidos para a realização da pesquisa, desde a forma como os sujeitos foram selecionados até o modelo escolhido para coleta e análise e interpretação dos resultados, além dos aspectos éticos que nortearam toda a investigação.

Finalmente, o capítulo seis apresenta o conteúdo das representações referentes à prática da leitura na prisão e sua relação com o contexto onde a leitura se processa.

A partir daqui, os portões estão abertos!

## 2 LEITURA DO MUNDO – O UNIVERSO DAS REPRESENTAÇÕES

Conforme Berger e Luckmann (1996), é através da interação com os grupos humanos que o homem se torna um ser social. Sozinho, isolado do convívio com outros seres humanos o homem jamais chegaria a esta condição. Portanto, a percepção do mundo a sua volta, a atribuição de sentidos e significados a esse mundo depende dessas interações sociais. Conforme os autores, “(...) logo que observamos os fenômenos especificamente humanos entramos no reino do social. A humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*.”<sup>13</sup> A transformação do homem em *homo socius* ocorre através do processo de socialização, onde passamos a representar, a atribuir significados ao mundo que nos rodeia, ao que os autores conceituam como a “construção social da realidade”. O mundo é, portanto, o resultado de nossas representações.

A noção de representação, de acordo com Laplantine (2001) não pertence *a priori* a nenhuma disciplina mais do que a outra. O que diferencia-se de uma ciência a outra na utilização desse conceito é o recorte de “núcleos de significados”, atribuindo-lhe, cada uma delas, um significado diferente. Na Antropologia, conforme o autor, a representação situa-se sempre:

“1) na articulação do individual e do social; 2) em três campos de investigação: o do conhecimento – uma representação é um saber que não duvida de si mesmo; o do valor – uma representação não é apenas um saber de alguém que a ele adere por considerá-lo inteiramente verdadeiro e bom: é uma avaliação; o da ação – uma representação não é redutível a seus aspectos cognitivos e avaliativos: simultaneamente expressiva e construtiva do social, consiste não somente num meio de conhecimento, mas em instrumento de ação.” (Laplantine, 2001, p. 241-242)

A representação constitui-se, assim, num saber que os indivíduos de um certo grupo social ou uma sociedade elaboram sobre algum aspecto ou sobre toda a sua existência. Trata-se, portanto, de uma interpretação que está diretamente ligada ao social, às relações com o grupo, às crenças, tradições, à cultura, enfim, todos os aspectos que compõem a vida em sociedade tornando-se, para aqueles que a aceitam, a própria realidade. Mais uma vez reforça-se a idéia de que a realidade seja fruto de uma construção

---

<sup>13</sup> Berger e Luckmann, 1996, p. 75

social. É neste sentido que Laplantine define a representação como sendo “(...) o encontro de uma experiência individual e de modelos sociais num modo de apreensão particular do real: o da imagem-crença, que, contrariamente ao conceito e à teoria que é sua racionalização secundária, sempre tem uma tonalidade afetiva e uma carga irracional”.<sup>14</sup>

Abric (2001) define a representação como “um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e informações referentes a um objeto ou a uma situação”.<sup>15</sup> Ele reforça que a representação tanto é determinada pelo próprio sujeito, ou seja, sua história, suas vivências pessoais, suas atitudes e comportamentos, como pelo meio social e ideológico ao qual pertence, além da “natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social”. No que se refere a um conceito para representação, Abric a define como sendo “(...) o produto e o processo de uma atividade mental por intermédio da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com o qual é confrontado e lhe atribui significação específica”.<sup>16</sup>

Conforme Moscovici,

“(...) nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações ‘superimpostas’ aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. Assim, em última análise, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma mesma sequência.” (Moscovici, 2003, p. 33)

Moscovici atribui às representações duas funções básicas:

a) convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos: isto quer dizer que através da representação atribuímos uma classificação, um local de existência, não apenas aos objetos e acontecimentos à nossa volta, mas também às pessoas e grupos com quem nos relacionamos. Moscovici afirma que muitas vezes, ainda que uma pessoa ou objeto não se encaixe naquele modelo aos quais os classificamos, nós atuamos no sentido de forçar que os mesmos se enquadrem nestes padrões estabelecidos, “nós os forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos

---

<sup>14</sup> Laplantine, 2001, p. 242

<sup>15</sup> Abric, 2001, p. 156

<sup>16</sup> Idem.

outros, sob pena de não ser compreendido, nem codificado”.<sup>17</sup> Para o autor, nós até podemos com um certo esforço ficar conscientes desse aspecto convencional da realidade e escapar de algumas dessas exigências que são impostas às nossas percepções e pensamentos, entretanto, não há como libertar-nos de todas as convenções ou eliminarmos todos os nossos preconceitos. Para Moscovici, “melhor que tentar evitar todas as convenções, uma estratégia seria descobrir e explicitar uma única representação”, o que “(...) nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade”.<sup>18</sup>

b) As representações são prescritivas, “se impõem sobre nós com uma força irresistível”. Conforme Moscovici, essa força é anterior a nós, está presente no meio social ao qual pertencemos antes mesmo de começarmos a pensar e está instaurada numa tradição que decreta até mesmo o que deve ser pensado.<sup>19</sup>

Conforme Moscovici (2003) “essas representações que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisas, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas”.<sup>20</sup> Com isto o autor afirma que as representações nos são impostas, transmitidas para nós a partir de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo do tempo e de sucessivas gerações. Minha maneira de pensar, ver determinado objeto, acontecimentos ou pessoas depende de eu ter ou não dada representação. Para o autor,

“Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições científicas implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.” (Moscovici, 2003, p. 37)

---

<sup>17</sup> Moscovici, 2003, p. 34

<sup>18</sup> Moscovici, 2003, p. 35.

<sup>19</sup> Como exemplo, o autor cita o fato de que toda criança que nasce hoje em qualquer país ocidental encontrará a estrutura da psicanálise “(...) nos gestos de sua mãe ou de seu médico, na afeição com que ela será cercada para ajuda-la através das provas e tribulações do conflito edípico, nas histórias em quadrinhos cômicas que ela lerá, nos textos escolares, nas conversações com os colegas de aula, ou mesmo em uma análise psicanalítica, se tiver de recorrer a isso, caso surjam problemas sociais ou educacionais. Isso sem falar dos jornais que ela lerá, dos discursos políticos que terá de ouvir, dos filmes a que assistirá, etc. Ela encontrará uma resposta já pronta, em um jargão psicanalítico, a todas essas questões e para todas as suas ações fracassadas ou bem-sucedidas, uma explicitação que estará pronta, que a levará de volta a sua primeira infância ou a seus desejos sexuais”.(Moscovici, 2003, p. 36-37)

<sup>20</sup> Moscovici, 2003, p. 37

É neste sentido que Moscovici considera as representações como sendo sociais e afirma que “essas representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida; esvaindo-se apenas para emergir novamente sob novas aparências”.<sup>21</sup>

## 2.1 Sobre a Teoria das Representações Sociais

O conceito ou a Teoria das Representações Sociais é bastante diverso conforme vários teóricos na área das Ciências Sociais o percebem. Segundo Minayo (2000), o mesmo vem sendo utilizado principalmente na Sociologia, Antropologia, História da Cultura e Psicologia Social.

A teoria das Representações Sociais, conforme Robert Farr (2000) “é uma forma sociológica de Psicologia Social”, que se origina na Europa através de Serge Moscovici, com a publicação de seu estudo *La Psychanalyse: Son image et son public*, em 1961. Farr destaca que esta Psicologia difere acentuadamente da Psicologia Social praticada nos Estados Unidos, que tem como maior representante G. W. Allport, cuja matriz de pensamento está sustentada nas formulações de Comte. Já a Psicologia Social européia, que tem como precursor Moscovici, tem suas raízes na sociologia de Emile Durkheim. Farr aponta que

“Enquanto Allport, com sua escolha de um ancestral [Comte] estava enfatizando a descontinuidade entre passado e presente, Moscovici, com sua escolha de um ancestral [Durkheim] estava enfatizando a continuidade entre passado e presente. Existe uma clara continuidade entre o estudo das representações coletivas de Durkheim e o estudo mais moderno de Moscovici sobre representações sociais.” (Farr, 2000, p. 32)

O autor considera que o estudo de Moscovici sobre a psicanálise foi uma contribuição para a sociologia do conhecimento. Em seu estudo, Moscovici colheu amostragens do conhecimento, das opiniões e das atitudes das pessoas, no que se referia à psicanálise e aos psicanalistas, além de coletar amostras de informações que circulavam, através dos jornais, no meio em que realizava seu estudo. Moscovici coletou informações

---

<sup>21</sup> Moscovici, 2003, p. 38

de alguns dos 241 jornais e revistas publicadas na França, entre 1º de janeiro de 1952 e 1º de março de 1953, todas com referência à psicanálise. Farr explica que esta opção, por conhecer a opinião das pessoas, mas também o que dizem os meios de comunicação sobre o objeto pesquisado deve-se ao fato de que “(...) as representações estão presentes tanto no ‘mundo’ como na ‘mente’ e elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos.” E reforça ainda que “(...) somente vale a pena estudar uma representação social se ela estiver relativamente espalhada dentro da cultura em que o estudo é feito.” Como a psicanálise se originou numa cultura diferente daquela que Moscovici examinou, sua absorção, difusão é um exemplo “da absorção de uma cultura por outra”, processo esse identificado a partir do conjunto das Representações Sociais.

Jodelet (2001) classifica as representações sociais como sendo

“(...) uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais.” (Jodelet, 2001, p. 22)

A autora reforça que as Representações Sociais são formas de interpretação, através das quais nos relacionamos com os outros e com o mundo a nossa volta sendo elas as responsáveis pela organização e pelo modo de ser da comunicação social, intervindo em “processos variados tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.”<sup>22</sup>

Serge Moscovici explicita que o conceito de representações sociais utilizado na Psicologia Social (européia) origina-se do conceito de representações coletivas de Durkheim. Ele faz a ressalva, entretanto, de que a visão da Psicologia Social é diferente da forma como o conceito foi empregado na sociologia de Durkheim. Ele explica que

“A sociologia vê, ou melhor, viu as representações sociais como artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior. (...) sabia-se que as representações existiam nas sociedades, mas

---

<sup>22</sup> Jodelet, 2001, p. 22



ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica interna.” (Moscovici, 2003, p. 45)

Moscovici esclarece que na Psicologia Social a preocupação é com a estrutura e a dinâmica das representações e afirma que o primeiro passo nesta direção foi dado por Piaget, “quando ele estudou a representação do mundo da criança”. O que Moscovici propõe, em sua teoria das Representações Sociais é, portanto, “considerar como um fenômeno o que antes era visto como um conceito.” Neste sentido, ele estabelece duas qualificações para as Representações Sociais:

- a) Devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos;
- b) Ao contrário da concepção de Durkheim, as representações sociais não são estáticas e sim o que as caracteriza é justamente sua plasticidade.

A partir destas características, Moscovici acentua o caráter das Representações Sociais que lhe interessam:

“Elas são as da nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente, para se tornarem tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação dos sistemas unificadores – as ciências, religiões e ideologias oficiais - e com as mudanças que elas devem sofrer para penetrar a vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.” (Moscovici, 2003, p. 48)

Os meios de comunicação de massa exercem papel importante neste “corporificação de idéias” e nas transformações não apenas da sociedade mas das representações referentes a esta sociedade. Para Moscovici, o conceito proposto por Durkheim adequava-se à sua época, um período em que a sociedade se transformava mais lentamente. No mundo moderno, tal conceito não poderia ser utilizado dado o caráter emergencial com que as transformações ocorrem. Ele explicita que as representações sociais (...) “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em vez de ‘coletivo’.”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Moscovici, 2003, p. 49

Os dois processos fundamentais que geram as representações sociais são definidos por Moscovici como a *ancoragem* e a *objetivação*.

Para Moscovici, a ciência e as representações sociais são tão diferentes entre si quanto complementares. Ao contrário do que se pregava no século XIX, a ciência não é o antídoto para o senso comum, para as representações ou a ideologia e sim geradora dos mesmos. “A ciência antes era baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; mas agora senso comum é a ciência tornada comum.”<sup>24</sup> Advém daí a afirmação do autor de que o nosso pensamento, as nossas representações estão sempre “ancoradas” em alguma teoria, paradigma que, consciente ou inconscientemente consideramos mais adequado para aquela idéia ou representação.

Moscovici define ancoragem como sendo “(...) um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.”<sup>25</sup> Ancorar é, portanto, nomear, classificar situações, objetos, acontecimentos. Após o processo de ancorar, ou seja, nomear, tornar familiar o não –familiar no ato da representação, procedemos à objetivação da idéia, do objeto representado. A objetivação tem a finalidade de unir “a idéia de não-familiaridade com a de realidade, tornar-se a verdadeira essência da realidade. (...) objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser impreciso, é reproduzir um conceito em imagem.”<sup>26</sup>

A partir dessas duas idéias principais, Moscovici conclui que a motivação para a elaboração das representações sociais não é uma busca pelo consenso ou a concordância entre as idéias que temos e a realidade e sim “a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar”, desde que este estranho pressuponha falta de comunicação entre o grupo, ou seja, a falta de referência na linguagem.

---

<sup>24</sup> Moscovici, 2003, p. 60

<sup>25</sup> Moscovici, 2003, p. 61

<sup>26</sup> Moscovici, 2003, p. 71-72

## 2.2 Alguns desdobramentos

Conforme Sá (1996), a “grande teoria” das representações sociais - as proposições originais de Serge Moscovici - desdobra-se em três<sup>27</sup> correntes teóricas complementares, “(...) uma mais fiel à teoria original, liderada por Denise Jodelet em Paris; uma que procura articulá-la com uma perspectiva mais sociológica, liderada por Willen Doise, em Genebra; uma que enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações, liderada por Jean-Claude Abric, em aix-em -Provence”.<sup>28</sup>

O autor reforça, entretanto, que não se tratam de abordagens incompatíveis, “na medida em que provêm de uma mesma matriz básica e de modo algum a desautorizam.”<sup>29</sup> Sá explica que Jodelet é a mais “fiel” às concepções originais de Moscovici, sendo que sua ênfase está na consideração dos suportes pelos quais as representações sociais transitam na vida cotidiana. Conforme Sá

“Esses suportes são basicamente os discursos das pessoas e grupos que mantém tais representações, mas também os seus comportamentos e as práticas sociais nas quais estes se manifestam. São ainda os documentos e registros em que os discursos, práticas e comportamentos ficam institucionalmente fixados e codificados.” (Sá, 1996, p. 73)

No que se refere aos pressupostos teóricos de Willen Doise, Sá afirma que este trata mais da dimensão das condições de produção e circulação das representações sociais. Doise confere à posição ou inserção social dos indivíduos um papel determinante na construção das representações associando o conceito de ancoragem diretamente com a classe ou o extrato social em que as representações são construídas. Conforme Sá, “(...) o que Doise enfatiza no estudo das representações sociais é a influência do que ele chama de ‘metassistema social’ sobre o sistema cognitivo.”<sup>30</sup>

Das três perspectivas complementares citadas, a única que chegou a se formalizar como teoria foi a inaugurada por Jean-Claude Abric – a chamada teoria do núcleo central. Esta teoria tem como foco o conteúdo cognitivo das representações, conteúdo este que é visto como um conjunto estruturado e não mera coleção de idéias e valores. “A proposição

---

<sup>27</sup> Sá explicita ainda que é provável que se esteja configurando uma quarta alternativa complementar, “através das recentes releituras teóricas que estão fazendo alguns autores sensíveis às críticas pós-modernistas às representações”, como Wolfgang Wagner, por exemplo. (Sá, 1996, p. 65)

<sup>28</sup> Sá (1996, p. 65)

<sup>29</sup> Idem

de que o conteúdo da representação se organiza em um sistema central e um sistema periférico, com características e funções distintas, é certamente a sua principal contribuição.”<sup>31</sup>

Quanto às opções metodológicas na condução das pesquisas envolvendo cada uma das teorias complementares, Sá explica que “à perspectiva de Jodelet correspondem os métodos ditos qualitativos; à perspectiva de Doise, os tratamentos estatísticos correlacionais; à de Abric, o método experimental.”<sup>32</sup> O autor reforça, entretanto, que já ocorre uma importante interpenetração entre essas preferências. Ele cita como exemplo a teoria do núcleo central, proposta por Abric, onde, embora esta teoria tenha sido inaugurada através de um trabalho experimental, Abric frequentemente utiliza e considera importante o papel da entrevista em profundidade – “amplamente privilegiado por Jodelet”<sup>33</sup> – na pesquisa das representações sociais.

### **2.3 Representações, Educação e Leitura do Mundo**

No campo da Educação, poucas têm sido as pesquisas em que a teoria das Representações Sociais tem ocupado um lugar de destaque. De acordo com Gilly (2001), nos estudos que utilizam a teoria, geralmente são destacados apenas alguns de seus aspectos. O autor destaca, entretanto, que a utilização desta teoria em pesquisas na Educação é importante para compreender e analisar os processos sociais que envolvem, principalmente o sistema escolar, já que esse sistema, historicamente, sempre sofreu as marcas que se originam dos diversos grupos sociais a ele relacionados. Gilly destaca que:

“Ainda que algumas dessas marcas sejam insuficientes ou parciais, a área educacional aparece como um campo privilegiado para se observar como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior de grupos sociais, e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua representação.” (Gilly, 2001, p. 322)

Entendendo a representação social como uma manifestação individual que resulta da coletividade das mediações sociais é que podemos trabalhar em conjunto com a

---

<sup>30</sup> Sá (1996, p. 76)

<sup>31</sup> Sá (1996, p. 77)

<sup>32</sup> Sá (1996, p. 81)

<sup>33</sup> Idem.

proposição freireana de leitura do mundo, já que esta é individual, porém resultante das experiências acumuladas e da relação do sujeito com o mundo social que o cerca. Neste sentido, também a leitura da palavra torna-se um objeto de representação, uma vez que conforme Manguel, “(...) é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo”.<sup>34</sup>

Sendo a leitura um ato comunicativo, a sua representação é resultante desse processo, das mediações (relações sociais/culturais) e da leitura do mundo, que o leitor realiza antes, durante e após o ato de ler, atribuindo significados ao texto lido, bem como ao mundo a sua volta.

Por que leitura do mundo? Justamente porque ao tratar das representações da leitura é preciso levar-se em conta que a leitura é um processo dinâmico e enquanto ato comunicativo é diferentemente interpretada por cada leitor. Neste sentido, pode ser objeto de Representação enquanto concepção predominante de um grupo que vivencia uma mesma situação, uma mesma dinâmica de relações, com mediações bastante semelhantes (naquele contexto), mas que leva em conta também a percepção individual – portanto “leitura”.

É neste sentido que as representações da leitura desempenham papel importante na compreensão de como os detentos lêem o mundo, sobretudo, porque a importância que se atribui à leitura é a proposta por Paulo Freire, entendendo a leitura do mundo enquanto resultante e precursora da leitura da palavra.

Estas representações nos permitem conhecer e tentar compreender o espaço em que se encontram, a dinâmica das relações sociais ali existentes, porém, mais do que tudo (e muito mais importante) o auto-aprendizado, a capacidade do ser humano de conhecer, de ir além dos limites materiais (neste caso as paredes e as grades) de assumir sua condição de humano, da possibilidade de superar a condição que Paulo Freire chama de oprimido e transformar a realidade.

O ato de ler passa, então, a desempenhar papel fundamental na formação da identidade do sujeito recluso, no seu desenvolvimento pessoal, na sua auto-educação. Reforço aqui a expressão “ato de ler” justamente por assim como Freire e muitos outros autores não restringir o processo da leitura às habilidades lingüísticas, mas entendê-la enquanto processo social, referindo-se ao ato de comunicação que se estabelece a partir do

---

<sup>34</sup> Manguel, 1997, p. 20

texto escrito. A leitura a que me refiro envolve, portanto, uma relação dinâmica, vista como um ato comunicativo e educacional.

As representações tornam-se assim coletivas e/ou sociais, pois embora as motivações e seleção de leituras sejam um processo predominantemente interior, individual, os significados, as finalidades o emprego dessas leituras estão sempre influenciados pelo contexto em que se encontra esse leitor, por toda a sua trajetória de vida, pelo conhecimento que acumula ao longo de sua existência, pela relação que mantém com os grupos sociais a que pertence, pela sua concepção ou visão de mundo, como propõe Max Weber (apud Minayo, 2000), ou mais especificamente, pela sua leitura do mundo, como bem define Paulo Freire.

### 3 UMA LEITURA DA PRISÃO

#### 3.1 Fundamentos sociais e psicológicos

Berger e Luckmann (1996) afirmam que a socialização do sujeito ocorre em dois níveis: o primário e o secundário, sendo este último aquele no qual agem as instituições, como a escola e a igreja. A prisão estaria assim, incluída na socialização secundária do indivíduo, com a função, entretanto, de “consertar” aquilo que a família (socialização primária), a igreja, a escola e as demais instâncias e instituições socializadoras não conseguiram. Esta finalidade permeia os textos jurídicos que se referem à questão penitenciária no Brasil onde, conforme Thompson (2000), a prisão é descrita como espaço de ressocialização, reabilitação do indivíduo. O autor afirma que “(...) designada, indiferentemente, por terapêutica, cura, recuperação, regeneração, readaptação, *ressocialização*, *reeducação* e outras correlatas, ora é vista como semelhante à finalidade do hospital ora como à da escola”. (p. 4)

A principal característica, entretanto, desta instituição socializadora, ou ressocializadora, como é descrita pelas Ciências Criminais, está em seu caráter controlador, sendo definida por Erving Goffman (1996) como uma instituição total<sup>35</sup>. Conforme o autor

“(...) uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (Goffmann, 1996, p. 11)

De acordo com Goffman, há cinco tipos de instituições totais<sup>36</sup>, sendo a prisão incluída no tipo que se refere à instituição total “organizada para proteger a comunidade

---

<sup>35</sup> “Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo, em resumo, toda instituição tem tendências de ‘fechamento’. (...) Seu ‘fechamento’ ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais...” (Goffman, 1996, p. 16)

<sup>36</sup> Os outros quatro tipos de instituições totais, conforme Goffman são: “(...) instituições criadas para cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas, nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. (...) locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. (...) instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes

contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato...”<sup>37</sup> Como se vê, desde sua definição, a prisão já é apontada como um espaço em que a garantia dos Direitos Humanos das pessoas que lá habitam é o que menos importa. O objetivo primeiro é garantir à sociedade a proteção contra aqueles indivíduos. Pode uma instituição com este caráter promover a “ressocialização” dos sujeitos?

Em seu tratado sobre as instituições totais, Goffman define algumas características peculiares a todas elas, embora ressalte que cada uma dessas instituições possui finalidades distintas e outras características singulares, mas que um conjunto de semelhanças as agrupa na condição de totalitárias. Dentre essas características, o autor destaca:

“(...) todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. (...) cada fase da atividade diária é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. (...) todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.” (Goffman, 1996, p. 17-18)

Enquanto espaço de socialização, a prisão está marcada com o que Durkheim (2000) chama de fatos sociais. Ali, a identidade das pessoas, do modo como visto por Foucault (1999), passa a ser influenciada por este contexto social, pelas relações com o grupo, pela divisão de tarefas e pelas relações de poder<sup>38</sup> que se estabelecem no ambiente onde estão confinados. É neste conjunto de relações que se expõem, se constroem, se transformam ou se solidificam o conjunto de percepções, visão de mundo que cada sujeito tem ou, tomando por empréstimo a fala de Berger e Luckmann, pode-se perceber que em um contexto assim, “(...) a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.”<sup>39</sup>

---

mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias de empregados). Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como local de instrução para religiosos; entre os exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros clastos.” (p. 16-17)

<sup>37</sup> Goffmann, 1996, p. 16-17

<sup>38</sup> Foucault, 1999.

<sup>39</sup> Berger e Luckmann, 1996, p. 35



A partir disso, podemos compreender melhor o emprego do termo ressocialização que, de forma sintética refere-se à aprender, desaprender ou reaprender papéis sociais. Embora o termo não esteja definido ou conceituado nos documentos jurídicos brasileiros, como a Lei de Execução Penal, seu uso é corrente nos textos e documentos das Ciências Criminais e na discussão realizada por pesquisadores das Ciências Sociais que tratam da prisão, como Goffmann e Foucault.

Em seu estudo sobre as prisões, Foucault (1983) afirma que o objetivo final da prisão é o de punir, castigar aquele sujeito que infringiu as normas de uma dada sociedade. Conforme o autor, mesmo que os modernos códigos de lei que regem o sistema prisional definam a prisão como um espaço de recuperação, que visa reintegrar o indivíduo à sociedade, esta continua simplesmente a “vigiar e punir”. A diferença está, segundo o autor, na passagem da tortura, do suplício do corpo, para o suplício da alma.

Dadas as condições de superlotação, exploração muitas vezes escrava do trabalho, privação de direitos (como saúde e educação, por exemplo), humilhações, uma quase degradação da condição humana, as prisões constituem para Foucault (1983) o retrato desse suplício da alma do sujeito que cumpre pena. Não seria, portanto, possível recuperar ou ressocializar alguém nessas condições. Advém daí a afirmação de Foucault de que “a prisão é uma instituição que já nasceu fadada ao fracasso”. Entretanto, se compararmos os pressupostos de Foucault às descrições de Goffman, veremos que a prisão atende sim ao objetivo, ao menos aparentemente, de prestar-se a servir à sociedade de onde provém o “criminoso”, livrando-a da presença daquele.

Foucault (1983) mesmo afirma que o crime não tem uma origem natural e sim é determinado por leis e códigos instituídos por um grupo de pessoas (dominantes, obviamente). Essa idéia vai ao encontro das proposições de Durkheim sobre a normalidade do crime. Na perspectiva deste autor, o crime nasce da normatização da sociedade, constituindo-se como um instrumento de controle, sendo seu aparecimento uma reação normal a uma vida controlada por normas, algo até mesmo necessário para as transformações daquela sociedade, além de contribuir para a manutenção de certas relações de poder e justificar a existência de certas instituições – como a própria prisão – e até mesmo justificar a necessidade de certas profissões e espaços de mão-de-obra.

Não por acaso também a prisão é mantida por um conjunto de normas, de leis próprias, não apenas as oficiais, mas há todo um código de leis e valores que são definidos pelos próprios reclusos, como reflexo à sociedade de onde se originam. A este espaço de

disputa de poder, de conflitos e de normas próprias, Foucault define como uma “microfísica do poder”.

É neste contexto que se estabelece uma sociedade própria no interior da prisão, hierarquizada e baseada, sobretudo, em relações de poder<sup>40</sup>. É nesta perspectiva que Thompson (2000), considera que a prisão não é uma miniatura da sociedade livre mas sim um sistema a parte, que tem como principal característica o poder, o que segundo o autor “autoriza a classificá-lo como um sistema de poder”, afirmando que “uma sociedade interna, não prevista e não estipulada, com fins próprios e cultura particular, emerge pelos interstícios da ordem oficial.”<sup>41</sup>

Neste contexto, torna-se evidente o surgimento de grupos opressores e oprimidos, numa conceituação freireana. Esta sociedade que se instaura é marcada por normas, valores, trocas, conflitos e, portanto, pelo processo de socialização<sup>42</sup> desses sujeitos. Processo este agravado pela estrutura e condições físicas/materiais dos estabelecimentos prisionais, sendo o mais grave problema, no caso do sistema prisional brasileiro, o da superlotação.

Decorre deste fato a maior parte das críticas à prisão, não apenas no Brasil, mas em vários países do mundo. Thompson considera que neste espaço de punição, de privação de direitos, torna-se impossível promover a recuperação do sujeito, ressocializá-lo ao ponto de não mais voltar a cometer crimes. Para o autor,

“Punir é castigar, fazer sofrer. A intimidação, a ser obtida pelo castigo [até o momento a única finalidade da pena, já que a prisão não promove ações culturais ou sócio-educativas], demanda que esse seja apto a causar terror. Ora, tais condições são reconhecidamente impeditivas de levar ao sucesso uma ação pedagógica. (p. 8) (...) E a pergunta: alguém já conseguiu fazer prisão punitiva ser reformativa? – a experiência penitenciária de mais de cento e cinquenta anos, responde: não; em nenhuma época e em nenhum lugar.” (Thompson, 2000, p. 10)

É justamente na tarefa de ressocializar que Thompson e muitos outros autores das Ciências Criminais ou das Ciências Sociais, além do próprio Foucault consideram ocorrer o fracasso da prisão. Thompson cita como exemplo desse fracasso a questão da

---

<sup>40</sup> Foucault, 1999.

<sup>41</sup> Thompson, 2000, p. 20

<sup>42</sup> A coerção física, a troca de favores sexuais, materiais, posição econômica e até o nível de escolaridade são critérios adotados entre os presos para a divisão dos poderes dentro da prisão.

reincidência penitenciária, chamando a atenção para “(...) a repetição da recidiva, por parte daqueles que mal saíram dele [do sistema prisional]. Trata-se da prova manifesta de que a instituição falhou nos objetivos, sobretudo no que atende à intimidação e a recuperação.”<sup>43</sup>

Entretanto, justamente este fracasso é que determina seu “sucesso”, ou sua necessidade, pois se a prisão fracassa na sua missão de ressocializar o “delinqüente”<sup>44</sup>, a tendência ou o resultado disso é o retorno ao “mundo do crime”, motivo pelo qual a prisão se fará sempre necessária, até que outra solução seja colocada em prática. Além disso, conforme Thompson, a própria população parece não dar grande importância à reincidência, a esta falha da instituição prisional, assimilando tranquilamente este fenômeno que sequer arranha a sensibilidade social.

O contrário ocorre, por exemplo, quando os meios de comunicação noticiam fugas, motins ou rebeliões nos presídios brasileiros. Parece que ao conjunto da sociedade, a finalidade da prisão é mesmo de afastar, manter longe do convívio daquela os sujeitos que infringiram as normas, a lei. Postura esta que é determinada, originária e ou reforçadora da postura dos governantes e dos órgãos oficiais de justiça. Conforme Thompson

“Toda vez que um detento consegue escapar das grades será, necessariamente, instaurado um inquérito, visando a descobrir as causas e as responsabilidades referentes ao fato. Nunca ninguém se lembrou de adotar medida semelhante para cada caso em que um indivíduo, posto em liberdade, após submeter-se ao trabalho intimidativo e curativo da prisão, a ela retorna por força da reincidência. Não obstante, há aí prova sobeja de que a instituição fracassou e seria crucial averiguar as causas e as responsabilidades do insucesso (...)” (Thompson, 2000, p. 9)

Português (2001) corrobora com o pensamento de Thompson sobre o fracasso da prisão e afirma que

“(...) A constatação de que ela [a prisão] não reduz a criminalidade é tão antiga quanto a própria prisão. Exceto pelos números, as críticas ao seu fracasso permanecem idênticas nos mais de cento e cinquenta anos de sua existência. Antes de contribuir para a extinção do comportamento criminoso, a prisão produz a reincidência. (Português, 2001, p. 367)

---

<sup>43</sup> Thompson, 2000, p. 8.

<sup>44</sup> Expressão utilizada pelo autor.

As leis penais brasileiras, no entanto, evidenciam a prisão como espaço onde o infrator desenvolverá as condições necessárias para readaptar-se à sociedade de origem. Conforme Martins (2003), a “legislação brasileira afasta as posições apoiadas no pensamento kantiano, que consideram a pena como retribuição ou castigo necessários. Ao contrário, considera a pena como instrumento de ressocialização.”<sup>45</sup>

A realidade encontrada nos estabelecimentos prisionais, entretanto, está bastante distante do texto das leis. É num contexto de privações de muitos direitos que os presos farão a leitura do mundo que os cerca, darão significado ao tempo em que ali permanecem, construirão e desconstruirão sua identidade, seu “eu” como define Goffman (1996) e passarão por este processo de “ressocialização”. Processo este que, na maioria das vezes, difere pouco ou nada do contexto social no qual foram socializados.

### **3.2 A sociedade prisional brasileira**

#### **3.2.1 Panorama do sistema carcerário nacional**

Descrever o sistema carcerário brasileiro torna-se tarefa pouco fácil pela falta de dados confiáveis a ele relacionados. O Brasil ainda não dispõe de um sistema organizado de informações, uma base de dados que permita conhecer as características da imensa população prisional. O país possui um número de detentos maior que a população total de muitos países. De acordo com Godoy e Garbin,

“No Brasil, há muitos presos para poucas vagas e funcionários. O número de detentos aumenta mais que o de lugares nas cadeias. A comparação dessa situação com a visita pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 50 nações mostra que apenas Chipre e Bulgária têm celas mais superlotadas e só seis países apresentam menos pessoal para cuidar dos detentos. (. . .) O número de presos por vaga é 2,28.(. . .) A população prisional brasileira é uma das maiores da lista e equivale à soma da população de 13 países.” (Godoy e Garbin, 2001, p. 1)

---

<sup>45</sup> Martins, 2003, p.3.

O último censo oficial foi realizado em 1995. Atualmente, trabalha-se com estimativas realizadas por cada estado da federação. Um sistema de informações – o INFOPEN – está sendo organizado, mas ainda se encontra em fase de implantação.

Para se ter uma idéia da gravidade deste problema, é impossível dizer com exatidão, qual a população prisional brasileira hoje, quicá quantos estabelecimentos garantem o acesso à educação ou ofertam uma biblioteca ou espaço de leitura para os detentos.

Os dados aqui utilizados referem-se, portanto, às estimativas do Departamento Penitenciário Nacional – Depen – órgão do Ministério da Justiça e a um estudo realizado em 1998 pela Human Rights Watch (HRW), um dos órgãos da ONU empenhado na luta pela garantia dos direitos humanos em todo mundo. Este estudo aponta para uma situação trágica e de um sistema falido quanto ao seu objetivo de ressocialização, como pode-se perceber pelos dados apresentados.

Conforme os dados do Ministério da Justiça (Brasil, 2003), atualmente, o Sistema Penitenciário Brasileiro possui 895 estabelecimentos prisionais, entre cadeias públicas, penitenciárias e colônias agrícolas. Há cerca de 141 mil vagas nos presídios, para uma população carcerária de 171 mil detentos. Nas delegacias, existem aproximadamente 62 mil presos. No total, o Brasil tem 233 mil presos para 167 mil vagas, o que representa um déficit de 66 mil vagas. Esta situação é mais grave em alguns estados do que em outros. Em Santa Catarina, conforme registros de julho de 2003 do Depen, havia 3.685 vagas para uma população carcerária de 5.710, o que gerava um déficit de 2.025 vagas, numa relação de quase dois presos por vaga, uma das maiores médias do país. (Brasil, 2003)

Estes dados corroboram com as informações apontadas pelo relatório da HRW, onde se afirma que

“Embora as condições variem significativamente de um estado para outro, e de uma instituição para outra, as condições carcerárias no Brasil são normalmente assustadoras. Vários estabelecimentos prisionais mantêm entre duas e cinco vezes mais presos do que suas capacidades comportam...” (HRW, 2001, p. 1)

Para acabar com a superlotação dos presídios brasileiros seria necessário construir 180 novos presídios, a um custo total de 1,7 bilhão de reais. Ficam ainda sem solução os 290.000 mandados expedidos, mas não cumpridos. De acordo com as estimativas do

DEPEN, no ano 2000, 90% dos presos não desenvolviam qualquer atividade ressocializadora<sup>46</sup> dentro das quatro paredes da prisão.<sup>47</sup>

De acordo com os dados da HRW, o Brasil administra um dos dez maiores sistemas penais do mundo. Em 1998, somavam-se mais de 170 mil detentos, agrupados em cerca de 512 prisões, milhares de delegacias e outros estabelecimentos. Dentre os diversos problemas dos estabelecimentos prisionais, o mais grave deles é o da superlotação. Até o ano de 1997, o déficit de vagas já era de 96.010, ou seja, para cada vaga, haviam 2,3 presos confinados.

Conforme aponta a HRW, o ano de 1997, por exemplo, foi marcado por uma série de rebeliões dramáticas, episódios com reféns e mortes nos estabelecimentos prisionais por todo o Brasil. Foi neste ano que ocorreu o massacre de mais de 100 detentos na hoje extinta Casa de Detenção de São Paulo – o Carandiru – história narrada pelos noticiários de todo mundo, contada também em livro por Drauzio Varella e novamente trazida às telas e mostrada ao mundo em 2003 pelo filme Carandiru. Por motivos como estes, o relatório da HRW descreve que

“A constante atenção da Human Rights Watch às condições carcerárias no Brasil reflete nossa preocupação de que abusos cometidos contra presos é uma das formas mais sérias e crônicas de violações de Direitos Humanos no país.” (HRW, 2002, p. 1)

Embora as Normas Internacionais de Direitos Humanos sobre o tratamento dos presos<sup>48</sup> sejam todas ratificadas pelo Brasil, proibindo a tortura, tratamentos ou punições cruéis e estabelecendo que “a reforma e a readaptação social dos condenados” é a “finalidade essencial do encarceramento”, que “toda pessoa privada de liberdade deve ser tratada com respeito devido à dignidade inerente ao ser humano”, o que mais se destaca nas prisões brasileiras, conforme Wacquant é

“(…) o estado apavorante das prisões no país, que se parecem mais com campos de concentração para pobres, ou com empresas públicas de depósito industrial dos dejetos sociais, do que com instituições judiciárias servindo para alguma função penalógica – dissuasão, neutralização ou reinserção.” (Wacquant, 2001a, p.11)

---

<sup>46</sup> As atividades entendidas como ressocializadoras pela LEP seriam: a educação, o trabalho, a produção de artesanato, o envolvimento em atividades sócio-culturais como teatro, música, poesia, entre outras.

<sup>47</sup> Informações obtidas junto ao boletim Panorama – vide referências bibliográficas. (SOS presídios..., 2002)

<sup>48</sup> Normas estabelecidas pela ONU.

A apatia da população brasileira frente ao estado do sistema prisional é, conforme registros da HRW, a postura resultante dos altos índices de crimes violentos no país. A opinião pública acaba não sendo mobilizada pelas atrocidades no interior das prisões por considerar que o detento merece ser castigado, ignorando os Direitos Humanos e esquecendo ainda que todos os presos, independente do crime praticado, estão sob as mesmas condições.

Dentre os mais graves problemas enfrentados pelo sistema prisional estão a ausência de assistência médica e a violência entre os presos, além da freqüente violenta vistoria oficial dos detentos brasileiros. A HRW destaca que “(...) os mais notórios instantes de brutalidade – inclusive execuções sumárias de presos – foram cometidos por polícias civis e militares.” (HRW, 2002, p. 2-3)

No que se refere aos problemas de saúde e falta de assistência médica, entre os mais graves estão a disseminação do vírus HIV<sup>49</sup> e da Tuberculose, que já atingiram níveis epidêmicos, além de outras doenças que se proliferam. O relatório da HRW aponta que

“Populações carcerárias em toda parte tendem a requerer mais assistência médica do que a população como um todo. Não apenas os presídios mantêm uma grande proporção de pessoas com maior risco de adoecer, como usuários de drogas injetáveis, mas também o próprio ambiente prisional contribui para a proliferação de doenças. Dentre os fatores que favorecem a alta incidência de problemas de saúde entre os presos está o estresse de seu encarceramento, condições insalubres, celas superlotadas com presos em contato físico contínuo e o abuso físico.” (HRW, 2002, p. 3)

O mais grave dos problemas é, como já mencionado, o da superlotação. Normalmente os presídios brasileiros abrigam muito mais presos do que a previsão do projeto arquitetônico original. A Lei de Execução Penal (LEP) prevê que os detentos sejam mantidos em celas individuais de pelo menos seis metros quadrados, mas o que se observa são grupos de presos amontoados num mesmo espaço.

No presídio onde este estudo foi realizado, as celas têm dimensão de nove metros quadrados e foram projetadas para abrigar dois detentos. Em julho de 2003, o presídio chegou a registrar até nove presos por cela, no período de “melhores condições”, cada cela comportava de quatro a seis detentos. Não por acaso uma ameaça de rebelião ocorreu neste mesmo mês, sendo necessária uma medida do juiz local impedindo novas prisões até que o

problema fosse parcialmente resolvido, com transferências e aceleração de pedidos de livramentos condicionais. Esta rebelião viria a ocorrer no mês de outubro, já que após a revogação da medida do juiz, a superlotação voltou a atingir níveis intoleráveis.

### 3.2.2 O sujeito recluso – um breve perfil

Resultados da pesquisa realizada pela HRW em 1998, indicam que mais da metade dos presos no Brasil têm menos de 30 anos, 95% são do sexo masculino e dois terços não completaram o 2º grau e cerca de 12% são analfabetos, atestando que o nível de escolaridade da população prisional no Brasil é bastante limitado.

Como também há falta de empregos, ou a necessidade de um nível de escolaridade mais elevado para conquistá-los, a saída de vários indivíduos acaba sendo o ingresso na prática de atividades econômicas de caráter ilícito. Em reforço a esta idéia, constata-se que os crimes mais comuns entre os detentos brasileiros são o roubo - 35% dos casos - e o tráfico de drogas. (HRW, 2002)

Loic Wacquant (2001a) afirma que a sociedade brasileira, apesar do desenvolvimento de sua industrialização nas últimas décadas, continua caracterizada pelas disparidades sociais e pelo crescimento da pobreza, que culminam no crescimento das práticas criminais. Uma vez que não há emprego, buscam-se as “economias” ilegais. O Estado brasileiro direciona, então, seu foco para a repressão, para a punição daqueles que tumultuam a ordem, deixando de lado as verdadeiras causas do aumento da criminalidade. Wacquant (2001b) argumenta que as prisões do final do século XX e as do século XXI têm a finalidade única e exclusiva de punir os pobres.

“A despeito dos zeladores do novo Éden neoliberal, a urgência, no Brasil como na maioria dos países do planeta, é lutar em todas as direções não contra os criminosos, mas contra a pobreza, a desigualdade, isto é, contra a insegurança social que, em todo lugar, impele ao crime e normatiza a economia informal de predação que alimenta a violência.” (Wacquant, 2001a, p. 12)

A relação entre pobreza, baixo nível de escolaridade e mundo do crime apresenta-se como a realidade que caracteriza o sistema prisional brasileiro. A prisão constitui-se,

---

<sup>49</sup> Informações sobre a disseminação do vírus HIV no ambiente prisional podem ser obtidas junto à unidade de prevenção da Coordenação Nacional de DST e Aids, através do site [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)



portanto, como evidência das relações desiguais que marcam nossa sociedade. O foco das atenções para esta instituição, no entanto, não costuma ser este. O estado e a sociedade como um todo, sobretudo a partir dos meios de comunicação de massa, somente parecem “lembrar” da prisão quando esta falha em sua finalidade: a de vigiar o criminoso. A situação prisional ganha o espaço público, entra para o debate apenas quando ocorrem rebeliões, fugas, situações que escapam ao controle.

O Departamento Penitenciário Nacional ainda não dispõe de informações atualizadas sobre o perfil da população prisional. Conforme os dados da HRW, o preso brasileiro poderia ser definido como negro, pobre e com baixo nível de escolaridade, tendo freqüentado, normalmente, não mais que quatro anos a escola.

No presídio onde este estudo foi realizado, as características são bastante semelhantes à média nacional. Em termos percentuais, algumas das características da população deste estabelecimento são<sup>50</sup>: 90% homens e 10% de mulheres, sendo que o principal tipo de crime praticado foi o tráfico de drogas, com 42% do total. A faixa etária predominante é a dos 18 a 25 anos, também 42% do total, seguida pela de 26 a 30 anos, com 17%, ficando apenas 2% com idade igual ou superior a 50 anos. O nível de escolaridade, a exemplo do restante do país é bastante baixo; 54% dos reclusos têm apenas o ensino fundamental incompleto, 24% completaram o ensino fundamental, 14% concluíram o ensino médio e 14% são analfabetos (média superior à do país). Nenhum dos reclusos havia concluído ou estava cursando a universidade.

### 3.2.3 Ressocializar, reeducar, reintegrar - Considerações sobre a Educação no ambiente prisional

A lógica que rege a prisão é, segundo Foucault (1983), a de vigiar e, portanto, dominar o indivíduo enquanto o pune pelo ato que cometeu. Ressocializar, reeducar, reintegrar, são expressões que condizem mais com a tentativa “politicamente correta” de justificar a existência das prisões tal como elas são do que propriamente definir sua efetiva função e atuação.

---

<sup>50</sup> Estes percentuais foram retirados do formulário disponibilizado pela instituição onde constava a relação de todos os detentos, com informações como data de entrada, nascimento, nível de escolaridade, ala onde estava cumprindo a pena e tipo de regime, datada de maio de 2003.

Não há uma definição única para o termo ressocialização. Na verdade, o texto da Lei de Execução Penal (LEP) não chega a usar este termo em nenhum momento, o que demonstra mais uma vez o quão distante estão os textos jurídicos das discussões que envolvem as Ciências Humanas e Sociais. Embora a LEP date de 1984, o texto ignora as discussões de Goffmann, Foucault entre outros importantes teóricos, estudiosos e críticos da sociedade, em particular, da prisão. O texto jurídico brasileiro está distante destas discussões e por isso, na maioria das vezes, acaba não refletindo na dinâmica e na diversidade da sociedade, dos grupos que rege.

Goffmann (1996) define a ressocialização como o aprender e desaprender papéis. No caso da prisão, ressocializar significa transformar o criminoso em não criminoso, “tratá-lo”, “recupera-lo”, “reeduca-lo” para a vida em sociedade.

Ressocializar significaria então, encontrar as causas e promover a superação das falhas do processo de socialização do homem. Onde todas as instituições socializadoras (família, igreja, escola, entre outras) não obtiveram êxito, caberia à prisão alcançar este ideal, para conforme o conceito de socialização de Durkheim (2002), manter o consenso, a ordem, que tornam possível a vida em sociedade.

A finalidade dos estabelecimentos penais é, segundo a lei brasileira, (re)educar o indivíduo, reintegrá-lo à sociedade, ressocializar, sendo a educação formal intramuros considerada umas das principais ações neste sentido (embora grande parte dos estabelecimentos prisionais brasileiros não disponha de tal serviço).

As Regras Mínimas para o Tratamento de Presos, aprovadas pela ONU durante o 1º Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e Tratamento do Delinqüente destacam, em seu item 77 que:

“a) Serão tomadas providências para melhorar a instrução de todos os presos capazes de aproveitá-la, incluindo a instrução religiosa nos países em que isto seja possível. A instrução dos analfabetos e aos presos jovens será obrigatória e a administração deverá prestar-lhes particular atenção.

b) A instrução dos presos deverá coordenar-se ao máximo, com o sistema de instrução pública para quando forem postos em liberdade possam continuar sem dificuldade os seus estudos.”

A declaração brasileira dos “Princípios Básicos Relativos ao Tratamento dos Reclusos” também aponta, em seu anexo 6:

“Todos os reclusos devem Ter o direito de participar das atividades culturais e de beneficiar de uma educação visando o pleno desenvolvimento da personalidade humana.”

A própria LEP aponta a educação como estratégia fundamental para a recuperação do detento e em seu artigo 41 garante a assistência educacional. Em seu artigo 83 determina ainda que:

“O estabelecimento penal, conforme a sua natureza, deverá contar em suas dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência, educação, trabalho, recreação e prática esportiva.”<sup>51</sup>

Apesar de todas as recomendações internacionais e das próprias leis e documentos brasileiros, a garantia do acesso à educação não condiz com a realidade dos estabelecimentos prisionais do Brasil. O Departamento Penitenciário Nacional (Depen) sequer possui registros sobre a oferta de educação nas unidades e o próprio Censo Penitenciário – o último dos quais realizado em 1995 – não contém quesitos acerca de programas educacionais.

O consultor legislativo Paulo de Sena Martins (2003) na ocasião da CPI do Sistema Penitenciário, realizou um levantamento sobre o “Panorama Educacional nos Presídios Brasileiros” e constatou que “a verdade é que a educação dos presos não tem sido um tema prioritário”.<sup>52</sup>

Segundo Martins, em 1997 o Ministério da Justiça reuniu algumas informações sobre a situação da educação nos estabelecimentos penais onde se identificou que “em regra [e, portanto, nem todos cumpriam] os estados mantinham cursos de ensino fundamental [como determina a LEP]. Eram exceções os estados de Tocantins e Espírito Santo”.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> A seção V, artigos 17 a 21 da LEP, trata especificamente da Assistência Educacional:

*“Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.*

*Art. 18. O ensino de primeiro grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da unidade federativa.*

*Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.*

*Parágrafo Único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.*

*Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares que instalem escola ou ofereçam cursos especializados.*

*Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos.”*

<sup>52</sup> Martins, 2003, p. 10

<sup>53</sup> Martins, 2003, p. 7

Identificou-se ainda que 13 estados ofertavam ensino médio – Santa Catarina não estava incluída – e em Goiás e São Paulo havia presos fazendo o telecurso ou prestando exames supletivos para fora do presídio. Havia cursos profissionalizantes em praticamente todos os estados, com exceção do Mato Grosso do Sul, além de Amazonas e Acre, mas estes dois contando com cursos de informática. Em alguns estados, como Santa Catarina, havia educação à distância, através sobretudo do “Telecurso 2000”. Desde esta data nenhuma outra pesquisa ou levantamento foi realizado nas instituições prisionais referente ao acesso à educação. Esta lacuna deve vir a ser preenchida com a implantação do Infopen – Sistema de Informação Penitenciário – pela Depen, ao menos é que se espera.

Para Martins, há um profundo distanciamento entre a comunidade educacional e os estabelecimentos prisionais. O autor afirma que

“(...) este alheamento dos setores educacionais quanto à educação dos presos tem sido a tendência no Brasil, cuja comunidade educacional tardou a considerar como um segmento da educação de jovens e adultos. [Na ocasião da pesquisa] (...) Não havia qualquer programa, no âmbito do MEC, voltado para os presos. Não havia convênio entre os Ministérios da Educação e da Justiça tendo por objeto a educação dos presos e egressos”.

Desta forma, a educação nos presídios acaba funcionando sob a ótica da prisão, baseando-se, muitas vezes, nas iniciativas particulares dos educadores que decidem se dedicar a este sistema – geralmente em ações voluntárias. Não há acompanhamento dos órgãos oficiais da educação.

No presídio estudado, por exemplo, a educação que é ofertada aos internos, como responsabilidade do Estado, prevista na Lei de Execução Penal (1984), se processa à nível formal, com a possibilidade de conclusão do ensino fundamental, segundo a proposta de educação de jovens e adultos, contudo, por não ter caráter permanente<sup>54</sup> e estar sujeita a ser suspensa a qualquer momento, pela própria ausência de parceria/articulação entre as Secretarias de Estado da Justiça e da Educação, o que prevalece é uma atenção informal, isto é, de caráter voluntário, por parte de profissionais da área da Educação ou de detentos

---

<sup>54</sup> Desde o início de 2003 as aulas referentes à conclusão do ensino fundamental estão suspensas no presídio onde o estudo foi realizado, devido ao “corte” de hora/aula da professora que ministrava as aulas por parte da Secretaria de Estado da Educação e Inovação. Nenhum motivo ou exposição formal foi apresentado à Administração do Presídio, bem como nenhuma providência foi tomada pela Secretaria de Justiça, denominada desde janeiro de 2003 (ocasião da posse do novo governador do Estado) como Secretaria de Segurança Pública e Defesa do Cidadão.

que tenham um nível de escolaridade mais elevado (normalmente este não ultrapassa o ensino médio)

Nesse caso passa a predominar uma relação espontaneísta. Essa situação poderia levar ao que Freire (1997) aponta: o homem deve ser o sujeito de sua própria educação e a define como “a busca permanente de si mesmo”. Na concepção do autor a educação tem o caráter permanente. “(...) Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando...”<sup>55</sup>

Desse ponto de vista, Paulo Freire destaca a inter-relação entre educação e comunicação e destaca a importância desta última ao afirmar que “os homens (...) não podem ser verdadeiramente humanos sem a comunicação, pois são criaturas essencialmente comunicativas. Impedir a comunicação equivale a reduzir o homem à condição de “coisa” (...) Somente através da comunicação é que a vida humana pode adquirir significado” (Freire, 1999).

Mas ali não se concretiza integralmente o ambiente imaginado por Freire. Na prisão, a pessoa reclusa tem suas possibilidades de comunicar-se com o mundo bastante limitadas, por isso, o acesso a qualquer tipo de informação e atividade comunicativa passa a desempenhar um papel mais importante e até mesmo decisivo em sua formação enquanto sujeito.

“Espremida entre tantas prioridades a educação dos presos não logrou ser percebida pela comunidade jurídica como um ingrediente essencial da ressocialização<sup>56</sup> – função da pena, e pela comunidade educacional como um segmento da educação de jovens e adultos, que mais do que ninguém, dela precisam para reingressar na cidadania.” (Martins, 2003, p. 10)

---

<sup>55</sup> FREIRE, 1997, p. 28.

<sup>56</sup> Conforme Martins, por todo país há algumas iniciativas isoladas que enfatizam o papel da Educação na ressocialização do condenado, interno ou não e cita como exemplo:

“Em Planaltina (Cf. Correio Braziliense, 09/01/98, p. 3 – Caderno Cidades) um juiz aplica como pena alternativa, a condenados por crimes leves, entre 19 e 25 anos de idade, a obrigação de retornar à escola. Se analfabeto, o condenado é encaminhado a cursos de alfabetização. Em Brasília, desde 1993 (Cf. Correio Braziliense, 28/06/99, p. 5) a Funap desenvolve programa de artes cênicas, com oficinas teatrais do dramaturgo brasileiro Augusto Boal. Para aquele ‘o sistema penitenciário despersonaliza o preso. O teatro é a forma de ele voltar a ser cidadão, reestruturar sua vida, ressocializar-se com o outros e não contra o outro.’ A partir de 1995, a Funap/SP tem reproduzido a experiência. O projeto tem apoio da Organização Mundial de Saúde e do Ministério da Saúde – o que revela a importância das atividades artísticas e educacionais para a prevenção de doenças.” (Martins, 2003) No Presídio onde o estudo foi realizado, durante sete anos foi realizado um trabalho de prevenção à Aids baseada em ações de comunicação e educação, como teatro, dinâmica de grupo, oficinas, produção de material gráfico. A título de resultado desse trabalho é importante destacar que de 1996 para 2001 a contaminação pelo vírus Hiv que era de 19% caiu para 8% o que demonstra a efetividade de ações que visam a autonomia do sujeito.

É importante ressaltar também que a educação, conforme a LEP, é entendida como a escolarização, a alfabetização dos detentos e também como a sua formação profissional, a formação para o trabalho, o aprendizado de uma profissão, sendo esta última considerada como a principal estratégia para a ressocialização. Está presente aí o mito de que todo detento era desocupado, não tinha trabalho ou uma profissão e ao superar esta lacuna a prisão estaria resolvendo seu problema e evitando o seu reingresso no mundo do crime.

Por isso mesmo, o trabalho ofertado nas prisões costuma ser o trabalho braçal, repetitivo, que exige apenas o aprendizado de uma habilidade manual e sua constante repetição. Não há, portanto, real estímulo à educação, já que esta como bem define Paulo Freire deve ser o instrumento para a autonomia, “que não descuide da vocação ontológica do homem, a de ser sujeito.”<sup>57</sup>

Português (2001), em seu estudo sobre a educação de presos no Estado de São Paulo levanta exatamente o questionamento de como a educação pode efetivar-se num ambiente que tem como finalidade a punição. Certo é para o autor que a educação formal não permanece neutra nesse sistema de subjugação, punição, mas também de resistência dos detentos. Português observa que se por um lado a escola pode acabar se constituindo em mais um instrumento de dominação, subjugando os sujeitos punidos, por outro lado

“ (...) pode apresentar-se como um espaço que se pautar por desenvolver uma série de potencialidades humanas, tais como: a autonomia, a crítica, a criatividade, a reflexão, a sensibilidade, a participação, o diálogo, o estabelecimento de vínculos afetivos [tão importante na prisão], a troca de experiências, a pesquisa, o respeito e a tolerância, absolutamente compatíveis com a educação escolar, especificamente a destinada aos jovens e adultos.” (Português, 2001, p. 360)

Como a educação formal e a formação profissional – para o trabalho – assim como o próprio trabalho, estão subordinados à punição, a própria atitude dos detentos em relação a estas “ofertas” torna-se muito mais uma ação de adaptação do que de autonomia. Neste sentido, ironicamente, o sujeito reabilitado é aquele que se ajusta e se molda aos padrões da prisão. É preciso aprender a ser um bom preso para ser considerado ressocializado,

---

<sup>57</sup> Freire, 1979, p. 66.

portanto, é preciso ser um bom preso para poder ser livre.<sup>58</sup> “Preso um dia, preso toda a vida.”<sup>59</sup>

Neste sentido, a reabilitação ou a ressocialização requer a anulação do ser, o que vai de encontro aos princípios da educação, ao menos da educação conforme entendida, pretendida e praticada por Paulo Freire. Este tipo de educação – sob a lógica da punição e reabilitação – torna impossível um empreendimento para formação dos detentos enquanto sujeitos. Em seu estudo sobre a educação prisional nos estabelecimentos prisionais do estado de São Paulo, Português aponta para esta mesma conclusão, afirmando que:

“A contradição entre educação e a reabilitação penitenciária incide preponderantemente nesse aspecto. A primeira almeja a formação dos sujeitos, a ampliação de sua leitura de mundo, o despertar da criatividade e da participação para a construção de conhecimentos, a transformação e a superação de sua condição. Já a segunda, atribui a absoluta primazia na anulação da pessoa [o detento perde até o nome e passa a ser um número] na sua mortificação enquanto sujeito, aceitando sua situação e condição como imutáveis ou ao menos, cujas possibilidades para modificá-las estão fora de seu alcance.” (Português, 2001, p. 372)

---

<sup>58</sup> Isto se observa principalmente na conquista do livramento condicional, em que o bom comportamento é determinante para a conquista do “direito”. Bom comportamento pressupõe adaptação ao sistema.

<sup>59</sup> Castro et al, 1984, p. 110.

#### 4 LEITURA DA PALAVRA

*“A pensar fundo na questão, eu diria que ler devia ser proibido. Afinal de contas, ler faz muito mal às pessoas: acorda os homens para realidades impossíveis, tornando-os incapazes de suportar o mundo insosso e ordinário em que vivem. A leitura induz à loucura, desloca o homem do humilde lugar que lhe fora destinado no corpo social.*

*(...) Ler realmente não faz bem. A criança que lê pode se tornar um adulto perigoso, inconformado com os problemas do mundo, induzido a crer que tudo pode ser de outra forma. Afinal de contas, a leitura desenvolve um poder incontrolável. Liberta o homem excessivamente. Sem a leitura, ele morreria feliz, ignorante dos grilhões que o encerram. Sem a leitura, ainda, estaria mais afeito à realidade quotidiana, se dedicaria ao trabalho com afinco, sem procurar enriquece-lo com cabriolas da imaginação.*

*(...) Ler pode provocar o inesperado. Pode fazer com que o homem crie atalhos para caminhos que devem necessariamente ser longos. Ler pode gerar a invenção. Pode estimular a imaginação de forma a levar o ser humano além do que lhe é devido.*

*(...) Ler pode ser um problema, pode gerar seres humanos conscientes demais dos seus direitos políticos, em um mundo administrado, onde ser livre não passa de uma ficção sem nenhuma verossimilhança. Seria impossível controlar e organizar a sociedade se todos os seres humanos soubessem o que desejam. Se todos se pusessem a articular bem suas demandas, a fincar sua posição no mundo, a fazer dos discursos os instrumentos de conquista da sua liberdade.*

*(...) É preciso compreender que ler para se enriquecer culturalmente ou para se divertir deve ser um privilégio concedido apenas a alguns, jamais àqueles que desenvolvem trabalhos práticos ou manuais. Seja em filas, metrô, ou no silêncio da alcova... Ler deve ser coisa rara, não pra qualquer um. Afinal de contas, a leitura é um poder e o poder é para poucos. Para obedecer, não é preciso enxergar, o silêncio é a linguagem da submissão. Para executar ordens, a palavra é inútil.*

*Além disso, a leitura promove a comunicação de dores, alegrias, tantos outros sentimentos. A leitura é obscena. Expõe o íntimo, torna coletivo o individual e público, o secreto, o próprio. A leitura ameaça os indivíduos, porque os faz identificar sua história a outras histórias. Torna-os capazes de compreender e aceitar o mundo do Outro. Sim, a leitura devia ser proibida.*

*Ler pode tornar o homem perigosamente humano.”*

*(Guiomar Grammont, 1999, p. 62-64)*



O leitor deve estar se perguntando: porque começar este capítulo com o longo texto de Guiomar Grammont? Para Eco (1986), todo texto tem uma intencionalidade, tem a idealização e a tentativa de formação de um leitor modelo. Neste sentido, este texto não abre este capítulo por acaso e sim sintetiza o que se pretende afirmar e demonstrar ao longo das páginas que o compõem - a importância do ato de ler. É a partir deste texto que se dá toda a discussão e a sustentação sobre a importância da leitura para o exercício da cidadania. Ler, como afirma Manguel (1997), é poder! Poder para escolher suas leituras e a partir delas ampliar, deformar ou transformar sua leitura do mundo.

Que fique bem claro que não estamos falando de boa ou má literatura, de leitores ou leitores, como definiria Perroti (1999). Estamos falando sim do ato de ler, do gosto pela leitura, seja ela qual for. Não pretendemos aqui classificar o bom ou o mau leitor, tampouco caracterizar o que diferencia um de outro. Buscamos justamente fugir de um discurso elitista sobre livros bons e ruins que termina apenas por contribuir para o que Silva (1987) chama de “desgosto” pela leitura, desgosto este que segundo o autor é o que mais vem sendo praticado no ambiente escolar, espaço privilegiado para o ensino da leitura, para a ampliação e estimulação desta prática. Não é o que se observa, no entanto, no dia-a-dia das escolas, que trabalham a leitura como ato mecânico, ato de imposição, cobranças, o que vai contra o propósito do ato de ler, conforme entendido por Freire, que é um ato de libertação.

Como diria Abramovich (1999, p. 56)

“Leitura é paixão, é entrega, tem que ser feita com tesão, com ímpeto, com garra. (...) Com trocas saboreadas e não com perguntas fechadas e sem espaço pra opinião própria, pensada, sentida, vivida. Senão, é só pura obrigação. E aí, como tudo o mais na vida, não vale a pena. Mesmo”.

#### **4.1 De que leitura estamos falando**

Quando falamos em leitura, o discurso logo se direciona para a “crise” da leitura em nosso país. São comuns frases como: o brasileiro não gosta de ler, é necessário estimular as novas gerações à prática da leitura. Muitas campanhas, do governo ou entidades privadas são articuladas e desenvolvidas em torno dessas afirmações.

Por outro lado, a cada dia aumenta a venda de livros de auto-ajuda, escritos de autores como Paulo Coelho batem recordes de tiragem e novas edições, obras adaptadas

para o cinema ou televisão tornam-se sucessos de venda, além do acesso a Internet que facilitou a leitura de jornais, revistas e outras publicações.

Parece que na verdade o problema não está efetivamente na leitura, mas no acesso à mesma e também no que se considera como boa leitura. É claro que devemos concentrar esforços em levar ao conhecimento e acesso da população as obras consideradas clássicas, mas, considerar apenas esta leitura como verdadeira implica no reforço de que apenas alguns poucos dominam esta prática, são capazes de se desenvolver como leitores.

É justamente por essa imposição da boa ou má leitura, do mito do verdadeiro leitor que muitas pessoas acabam perdendo o interesse pelo ato de ler. Ler, nesta perspectiva, torna-se um ato obrigatório, monótono, pouco atrativo e muitas vezes até sem sentido, mesmo porque, para efetivar a formação desse leitor ideal é necessário dar-lhe condições para tal, qual seja, o acesso à chamada boa leitura. Para uma discussão mais próxima da realidade, no que se refere à prática da leitura, precisamos primeiramente rever esse discurso sobre a leitura idealizada, lembrando que, por ser um ato de comunicação, o ato de ler jamais é passivo e que a leitura de um mesmo texto será tão diversa quanto o número de pessoas que a ele tiverem acesso.

É preciso rever esse discurso elitista do bom leitor e antes de desenvolver as ações para a sua formação, procurar compreender os significados, para ele, das leituras às quais se interessa, se dedica, realiza. Compreender o que motiva as pessoas a ler, o que a leitura de determinados materiais representa para a vida daquele leitor. Uma postura despida dos pré-conceitos e mitos sobre a boa e a má leitura, que tome como foco o leitor e a sua atitude perante a leitura, como e por que faz suas escolhas.

Esta foi a atitude adotada neste estudo, a de tomar como ponto de partida – e de chegada – o ato de ler e o que ele representa para o leitor, independente do material de sua preferência, lembrando sempre da relação entre o texto e o contexto da leitura, resgatando dos próprios leitores a sua avaliação, postura sobre a leitura, as representações referentes a esta prática.

A história da comunicação humana está alicerçada na própria história do desenvolvimento e evolução da humanidade na terra. Desde as figuras rupestres, o homem já buscava transmitir informações ao seu grupo e perpetuá-las aos seus descendentes. O que caracteriza o homem, diferindo-o dos animais é, justamente, a sua capacidade de armazenar informações, conhecimento e perpetuar esse saber acumulado.

Com o surgimento da escrita, esta tarefa tornou-se menos complexa exigindo, porém, o desenvolvimento de uma nova habilidade - a da leitura. Não saber reconhecer e

interpretar o código significa ter grande dificuldade para ter acesso ao volume de conhecimento produzido ao longo da história da humanidade. Por isso mesmo, ler é um ato político, como definiria Paulo Freire, um ato de conquista da autonomia, tão importante para o exercício da cidadania, para a vida em sociedade.

Através da leitura temos maiores e melhores condições de formular um senso crítico em relação à realidade que nos cerca, acessar aos conhecimentos das mais diversas áreas do saber, formular nossas concepções. Justamente por isso a leitura é aqui entendida como instrumento fundamental no modo como nos relacionamos com o mundo a nossa volta, partindo da afirmação chave de Paulo Freire de que a forma como vamos “ler” o mundo precede e é precedida pela leitura que fazemos da palavra – texto e contexto.

Conforme Silva, (1987, p. 37):

“(...) sem a possibilidade de compreender o material impresso, é impossível ao indivíduo situar-se dentro dos horizontes veiculados através da escrita. (...) em outras palavras, fica vedada a possibilidade de fruição dos bens culturais que compõem o patrimônio literário da sociedade”.

Ler não representa apenas debruçar os olhos sobre o papel e interpretar aquele conjunto de sinais, letras, palavras, frases. Há uma essência na leitura que a faz ir muito além do texto, até porque a leitura não está restrita ao mundo do texto escrito. Lemos o mundo a nossa volta e a ele damos significado. Nesta leitura estão envolvidos todos os nossos sentidos.

Para um presidiário, a leitura do mundo torna-se bastante restrita porque o “mundo” passa a ser limitado pelas paredes da prisão. Não se pode ver o horizonte. Por isso mesmo, a leitura do texto escrito passa a ser, muitas vezes, a quebra da barreira do concreto.

Como aponta Manguel (1997), “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar é nossa função essencial.”<sup>60</sup> Neste sentido, tudo o que somos, construímos a partir das nossas relações, das nossas “leituras” do mundo.

Podemos ler tudo que está a nossa volta: os sinais da natureza, os gestos das pessoas, a expressão corporal, entre tantos outros símbolos e signos espalhados pelo nosso dia-a-dia. Neste estudo, entretanto, estamos falando da leitura da palavra, da sua influência

---

<sup>60</sup> Manguel, 1997, p. 21.

na leitura do mundo, das representações que fazemos sobre o mundo, sobre a vida, sobre as relações entre as pessoas. Não estamos tratando das habilidades do leitor ou da definição, conceituação do leitor ideal e sim da prática da leitura, do ato de ler em si, do que ele representa e auxilia a representar na vida de sujeitos que estão enclausurados, distantes do convívio na sociedade a que pertencem por terem infringido normas desta mesma sociedade.

A discussão sobre leitura aqui apresentada busca resgatar os aspectos ou influências sociais da leitura da palavra, da leitura enquanto instrumento importante na garantia dos direitos humanos e fundamental na busca pelo conhecimento, no acesso à informação, no posicionamento frente ao e na leitura do mundo a nossa volta. Por este motivo, os aspectos lingüísticos, os aspectos referentes a aquisição da habilidade para a leitura não foram privilegiados neste estudo mas sim a importância do ato de ler e a relação da leitura com a vida em sociedade.

#### **4.2 O ato de ler e o acesso à leitura no Brasil**

Paulo Freire destaca que a importância do ato de ler está na relação indissociável entre o texto e contexto. Um texto nunca é lido isoladamente, ao contrário, é influenciado pelas leituras e vivência anteriores, pelo mundo que cerca o leitor. Inevitavelmente, este mesmo texto vai influenciar as leituras futuras assim como nosso modo de ser, agir e perceber o mundo a nossa volta. Poderíamos dizer que um texto já não é mais o mesmo depois de lido e a cada nova leitura, assim como o próprio leitor, o que faz pensar no texto de Guimarães Rosa ao afirmar que o mais importante e belo na vida é que as pessoas não estão sempre iguais, mas estão sempre se modificando, “afinam e desafinam”. A leitura da palavra é certamente parte deste processo de afinar e desafinar.

Silva (1987) conceitua a leitura como um tipo específico de comunicação, que promove o encontro do homem com a realidade sócio-cultural que o envolve. Para este autor, “(...) o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem no processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, sempre reflete o humano.”<sup>61</sup> Compreender a mensagem escrita é ter acesso ao

---

<sup>61</sup> Silva, 1987, p. 41.

conhecimento produzido ao longo de toda a história da humanidade, é ter acesso aos acontecimentos e às informações que estão a nossa volta, até porque não estamos falando exclusivamente da leitura do livro, mas da leitura de todo e qualquer material escrito que chega em nossas mãos. Por isso ler significa ter a autonomia para selecionar a informação, o assunto ou conteúdo que se deseja conhecer, embora esta escolha esteja obviamente influenciada pelo acesso (ou não) que teremos aos materiais de leitura.

Na relação entre o texto e o contexto, como assinala Freire, está o conteúdo de nossa leitura do mundo, o conteúdo das representações sobre o mundo, já que a leitura é um ato de comunicação. É também um ato de formação que nos auxilia na formulação de nossas crenças, valores, concepções, atitudes. Por isso ler, compreender a mensagem escrita é condição essencial para o exercício da cidadania, para a luta pelos direitos, para a liberdade em formular nossa visão de mundo, nossas concepções e ações sobre o contexto em que vivemos. Como assinala Silva (1987, p. 45):

“Compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, pela mensagem – eis aí os três propósitos fundamentais da leitura, que em muito ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas, ou meramente ‘livrescos’, da comunicação leitor-texto. Ler, é em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.”

E porque o ato de ler resulta tão importante na transformação da realidade? Porque a leitura tem um aspecto, um valor, uma dimensão social. Isto é apontado por Freire ao descrever sua própria história como leitor, na importância que o contexto exerce sobre o texto e vice-versa. Também Silva (1991) corrobora com este pensamento ao descrever o ato de ler como um ato de conhecimento. O autor vai mais longe ao afirmar que “conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as.”<sup>62</sup> E isto se dá a partir da leitura que é, por isso mesmo, um ato de conscientização.

“(…) Se concebermos o processo de leitura como um instrumento civilizatório de reflexão e compreensão da realidade e, por isso mesmo, de inserção do homem na história e no seu tempo através da análise crítica dos registros ou documentos veiculados pela escrita, as funções sociais da leitura estão amarradas ao processo

---

<sup>62</sup> Silva, 1991, p. 12.

de conscientização e politização dos brasileiros e aos seus movimentos de luta por uma sociedade diferente da atual. (...) a leitura reveladora da palavra e do mundo se constitui em mais um instrumento de combate à ignorância e à alienação (...).” (Silva, 1991, p. 17)

A aquisição da habilidade da leitura, entendida por Freire como o processo de alfabetização, é condição fundamental para o exercício da igualdade, da autonomia, da cidadania. Por isso mesmo, muitas vezes o acesso à leitura é dificultado pelos grupos dominantes, pelos governantes, por quem dita as normas na sociedade. Quanto menos lê, menos chances a população terá de lutar por seus direitos, reivindicar melhores condições de vida. A leitura torna-se assim um instrumento de poder no sentido foucaultiano, ou de opressão, como classificaria Paulo Freire.

Em seus estudos sobre a situação da leitura na sociedade brasileira, Ezequiel Theodoro da Silva aponta para esta mesma direção, no que ele classifica como a *Lei-dura* da leitura. Não há realmente um incentivo à prática do ato de ler, porque aos dominantes não interessam leitores críticos, capazes de transformar a sociedade. Essa *lei-dura* é caracterizada pelo autor como “um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura, do livro, por milhões de leitores em potencial.”<sup>63</sup>

Esse processo, conforme o autor, não é uma característica atual e sim tem acompanhado toda a história da prática da leitura no Brasil, que tem sido um privilégio de poucos ao invés de direito de todos. O acesso à leitura tem sido usado como instrumento de dominação, de manutenção da hegemonia, serve aos interesses, à ideologia dos grupos dominantes. O autor destaca que:

(...) A tão-propalada ‘crise da leitura’ não é uma doença dessas últimas décadas (...): ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro.” (Silva, 1991, p. 11-12)

Embora os escritos do autor sejam do final da década de 80 e início de 90, pouco ou nada se transformou na realidade do acesso à leitura no Brasil. Muito se fala da crise da leitura, da falta do gosto pela leitura por parte das novas gerações, mas pouco ou nada se faz para promover o acesso à informação, ao conhecimento e ao prazer do texto, através da

---

<sup>63</sup> Silva, 1991, p. 39

leitura. Apesar de algumas experiências e iniciativas isoladas, ainda se faz muito pouco para popularizar o livro e construir espaços e ações de promoção à leitura. Na maioria das vezes, a escola continua adotando estratégias que segundo o autor só promovem o “desgosto” pela leitura.

Muitos autores referem a importância do texto, da leitura no desenvolvimento do homem (sobretudo da criança). Aqui se busca justamente conhecer e entender a importância atribuída (ou não) pelo leitor, por um grupo específico de leitores, confinados num espaço de cerceamento da liberdade e da autonomia. É a este sujeito oprimido que se busca dar voz, conhecer as representações que emanam desse grupo que opta por uma atividade que exige habilidades específicas, as quais muitos deles desenvolvem por si mesmos.

#### **4.3 Sobre bibliotecas e leitura na prisão**

Perez-Pulido (1997), descreve que o início dos programas de leitura nas prisões ocorreu em 1870, a partir do Congresso Nacional de Prisões, em Cincinnati, nos Estados Unidos. Conforme a autora, “a partir desse momento, a educação passa a ser uma parte integral das técnicas de reabilitação e inserção”<sup>64</sup> dos detentos.

A autora descreve ainda que em 1915 a American Library Association (ALA) lançou as primeiras normas para bibliotecas em prisões americanas, normas que foram atualizadas em 1981 definindo o “serviço bibliotecário das prisões como um suporte e uma oportunidade para o programa total de reabilitação.”<sup>65</sup>

Neste mesmo ano a britânica Library Association (LA) publica normas nacionais para avaliar os níveis do serviço inglês. Outros países, como Canadá, Holanda e Tailândia também possuem normas reguladoras para o serviço bibliotecário nas prisões, mas o que prevalece na grande maioria dos países é uma ausência de normas deste tipo. Podemos ir mais longe e afirmar que, na maioria dos países, como é o caso do Brasil, o serviço bibliotecário sequer existe. Aliás, no Brasil não há nem registros sobre a existência de espaço físico destinado a materiais de leitura, quicá da existência de bibliotecas em funcionamento efetivo.

---

<sup>64</sup> Perez-Pulido (1997, p. 40)

<sup>65</sup> Perez-Pulido (1997, p. 41)

Enquanto em países como a Espanha se discute a formação do bibliotecário que atua em prisões, no Brasil ainda se luta (ou não) para a disponibilização de materiais de leitura aos detentos. Ainda estamos muito distantes de um serviço bibliotecário para as prisões.

Ainda reportando Perez-Pulido (1997), ela destaca que em 1985, no congresso da IFLA, foi criado um grupo de trabalho denominado Working Group for Library Services to Prisoners com a missão de elaborar normas internacionais para os serviços de bibliotecas nas prisões. As normas foram concluídas em 1991 e “regulam aspectos chave para a organização de um bom serviço, incidindo especialmente na comunicação entre os diferentes membros da comunidade penitenciária, o suporte educacional e o direito dos reclusos ao acesso à informação.”<sup>66</sup>

No período de 1991 a 1994, o Instituto de Educação da Unesco realizou, por solicitação do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, um projeto de investigação e promoção da educação básica nos estabelecimentos penitenciários, que resultou na publicação, em 1995, de um Manual. Neste manual, são examinadas as formas para abordar o problema da educação nos estabelecimentos penitenciários e são analisadas as práticas realizadas por alguns países.

A realização deste estudo partiu do pressuposto de que “o direito a uma educação básica nas prisões é um requisito indispensável para alcançar o objetivo reconhecido internacionalmente de garantir um nível básico de educação para todos”. (Unesco, 2002, p.1). Este princípio é reforçado pela resolução 1990/20 de 24 de maio de 1990 do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas que determina que “todos os reclusos devem gozar de acesso a educação, com a inclusão de programas de alfabetização, educação básica, formação profissional, atividades recreativas, religiosas e culturais, educação física e esportes, educação social, ensino superior e serviços de bibliotecas”<sup>67</sup>.” (idem)

Na investigação predominam dados dos países da Europa ocidental, América do Norte e Austrália, países estes com registros escritos sobre as questões relacionadas a educação nos estabelecimentos prisionais. Nestes países, de 25 a 40% dos reclusos são analfabetos funcionais e 5% totalmente analfabetos.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Idem

<sup>67</sup> Grifos meus

<sup>68</sup> A Unesco considera como analfabeta a pessoa que não consegue ler nem escrever corretamente uma frase simples sobre sua vida cotidiana. São consideradas analfabetas funcionais as pessoas que não conseguem realizar atividades em que se exigem conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculo para atuar com eficácia nas decisões de grupo ou comunidade e também para seguir utilizando a leitura, a escrita e o cálculo para seu desenvolvimento e o da comunidade.



Nessa investigação, a existência de bibliotecas é considerada indispensável para o processo de educação dos reclusos. Foi identificado que muitos países já estabeleceram leis que exigem que todos os estabelecimentos penitenciários disponham de bibliotecas, como por exemplo o Reino Unido (em 1964), a Itália (em 1975) e a Espanha (em 1979). Em países como a Indonésia, República da Coreia e Sri Lanka foi informada a existência de bibliotecas em todas prisões.

O funcionamento das bibliotecas, o acesso a materiais de leitura varia não apenas de um país para outro, mas também de um estabelecimento para outro, dentro de um mesmo país. Assim como há total ausência deste serviço em alguns locais, há exemplos de como a biblioteca pode ir além do empréstimo de livros. É o caso da prisão de Wheatfield, em Dublin na Irlanda, onde são realizadas exposições, conferências e debates, dispondo de um serviço de produção de vídeos e a publicação de um semanário interno, além do empréstimo de livros e fitas cassete. Os reclusos participam ativamente do funcionamento e organização da biblioteca sob a supervisão de bibliotecários e auxiliares de biblioteca.

Em alguns estabelecimentos foram identificadas outras atividades com a prática da leitura. Como exemplo, cita-se a inauguração de um clube de leitura, em 1990, na penitenciária para menores em Hahnofersand, próximo a Hamburgo. A atividade consistia na leitura de jornais e trechos de romances e poemas em voz alta, onde participavam os reclusos, o organizador e estudantes de ciências sociais aplicadas de uma instituição de ensino superior da cidade. Aproximadamente 10% dos reclusos participavam do clube, o que demonstra a importância de mais oferta de atividades com a leitura.

A investigação realizada pela Unesco aponta que estas iniciativas, entretanto, estão vinculadas e dependentes do apoio externo, frequentemente voluntário, o que aponta que apesar das normas e determinação das leis, a leitura e o próprio acesso à educação não são tratados como prioridade nos estabelecimentos prisionais por todo o mundo. Embora grande parte dos países tenham normas que determinam a oferta de serviços bibliotecários, o acesso à leitura permanece constituindo-se como privilégio, mesmo nos países mais desenvolvidos, salvo raras exceções.

A bibliografia referente à prática da leitura no ambiente prisional é bastante restrita, como também o é o próprio acesso dos detentos aos materiais de leitura, embora a maior parte dos países, em todo mundo, coloque o acesso à educação e a disponibilidade de bibliotecas como condição indispensável para a reeducação/reinserção desses sujeitos.

Em Portugal, os Ministérios da Justiça e da Cultura assinaram em 1998 um protocolo de colaboração visando garantir a melhoria do acesso à leitura nos

estabelecimentos prisionais. Conforme registros do Ministério da Justiça português (Portugal, 2002), todos os estabelecimentos penitenciários possuem bibliotecas, além das bibliotecas itinerantes que visitam estas instituições regularmente. A ampliação e renovação do acervo é realizada graças à contribuição do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, ação esta inserida no âmbito do protocolo assinado pelos dois Ministérios citados. Entre as ações realizadas nas instituições para a promoção da leitura e da escrita destaca-se a realização de dois concursos literários nacionais, abertos à participação dos reclusos, com os temas: “A prisão que temos, a prisão que queremos” e “Preso ao livro”.

Conforme Garcia-Pérez (2001), na Espanha, a legislação define a biblioteca como uma ferramenta indispensável ao processo educativo dos presos. “(...) podemos considerá-la muito relevante, afetando a formação e reinserção do preso. Desenvolve também uma função informativa muito importante, já que permite ao recluso manter-se em contato com o mundo exterior...”<sup>69</sup>

Ainda de acordo com Garcia-Pérez (2001), as bibliotecas dos centros penitenciários espanhóis têm como objetivos fundamentais:

- Participar da política de reinserção social dos centros penitenciários;
- Servir de apoio às ações educativas realizadas na prisão;
- Satisfazer as demandas de um usuário com muito tempo livre.

A autora destaca, conforme a legislação espanhola, as bibliotecas dos centros penitenciários estão vinculadas principalmente a uma função educativa. Garcia-Perez considera que a biblioteca desenvolve também uma função informativa muito importante “já que permite ao recluso manter-se em contato com mundo exterior, dentro das normas de segurança estabelecidas e com o entorno presidiário que lhe rodeia.”<sup>70</sup> Destaca, ainda, a função formativa dentro do espaço bibliotecário ressaltando que, muitas vezes, o primeiro contato do recluso com a biblioteca ocorre na prisão e “é tarefa deste profissional ajudá-lo a conhecer e entender o modo de funcionamento do centro.”<sup>71</sup> Por último, mas não menos importante, a autora destaca uma função exclusiva das bibliotecas prisionais: a formação jurídica, proporcionando ao recluso o material necessário para estar por dentro de seu processo judicial e, em muitos casos, inclusive assessoria técnica.

Apesar disso, as bibliotecas das prisões espanholas também passam por dificuldades, principalmente no que se refere às instalações físicas, acervo e

---

<sup>69</sup> Garcia-Pérez, 2001, p. 82)

<sup>70</sup> Garcia-Perez (2001, p. 82)

<sup>71</sup> Idem.

profissionalização dos funcionários. Conforme Garcia-Perez, diversos convênios vêm sendo assinados entre os Ministérios da Justiça e da Cultura para melhorar os serviços bibliotecários nas prisões. O primeiro convênio foi assinado em 1983, seguido por várias atividades em 1989 a 1991. Em 1992, um novo convênio foi realizado e resultou numa remessa de livros para os centros penitenciários não beneficiados em convênios anteriores e o início da automatização de algumas destas bibliotecas. A autora conclui que ainda falta muito por se fazer pelas bibliotecas das prisões para que efetivamente tenham um papel de destaque na reinserção e reeducação dos detentos. Ela afirma ainda que a situação internacional das bibliotecas de prisões difere pouco de um país para outro e se há uma característica comum a todos os países é a escassa literatura sobre o tema. Resumidamente, Garcia-Perez descreve algumas características das bibliotecas de prisões em países como:

Noruega: a biblioteca é considerada uma extensão da biblioteca pública, sendo que o centro penitenciário lhe proporciona as instalações físicas e ajudantes não qualificados profissionalmente – os detentos;

Grã-Bretanha: a biblioteca depende do diretor da prisão que pode oferecer o serviço bibliotecário mediante concurso público. Também é comum que a biblioteca pública empreste lotes de livros renováveis a cada quatro ou oito semanas. É exigida titulação específica para o cargo de bibliotecário.

França: Muitas bibliotecas têm firmado acordos com instituições e associações públicas e privadas para melhorar acervo e funcionamento.

Holanda: Neste país existem bibliotecas em prisões há mais de 150 anos. Nos anos 80 foi iniciada a automatização das mesmas. Atualmente, todas as bibliotecas estão em alguma fase do processo de automatização, por iniciativa de um grupo de bibliotecários, praticamente sem ao apoio dos poderes públicos.

Estados Unidos: É o país com caso possivelmente único, já que junto com as bibliotecas de prisão coexistem as que poderíamos chamar de bibliotecas jurídicas. Isto se deve ao direito civil e constitucional do cidadão poder fazer sua própria defesa nos Tribunais daquele país. Assim, a missão destas bibliotecas é a de proporcionar uma coleção de livros e outros materiais para que os reclusos possam investigar sobre temas jurídicos. A partir daí foi criada a American Association of Law Libraries, que rege o funcionamento dessas bibliotecas e disponibiliza uma lista com os materiais permitidos, os quais constituem-se de manuais legais, constituição, diretórios, códigos, estatutos, assim como as normas e regulamentos do cárcere.

O ponto negativo para o funcionamento das bibliotecas em prisões é que, segundo Garcia-Perez, não há uma normativa internacional aplicada (apesar das normas estabelecidas pela IFLA em 1991) ou acordo comum. Desta forma, cada país aplica seus próprios critérios no estabelecimento das bibliotecas em prisões.

Como pode-se perceber, a maior parte dos estudos sobre a leitura na prisão refere-se ao funcionamento de bibliotecas, a formação dos bibliotecários que atuam nesses espaços, acervo, tipo de funcionamento. Raros são os estudos que tomam o leitor como foco. Dentre os acessados, apenas um trata do leitor, o estudo feito por Perez-Pulido (2001), onde foi traçado o perfil dos usuários da biblioteca do Centro Penitenciário de Badajoz, na Espanha.

Foram descritos o perfil sócio-econômico, as práticas e hábitos de leitura, sendo esta última subdividida em: dedicação do tempo livre (onde a leitura ocupa o terceiro lugar, atrás da TV e rádio); horas de dedicação à leitura (30, 5% responderam uma hora); lugar onde lêem (50% em sua cela); condições para a leitura (24 % responderam que faz-se necessário silêncio e lugar tranquilo); preferência por gênero literários (preferência por romance e poesia); seleção da leitura (21,5% usam o catálogo da biblioteca, 11% guiam-se pelos colegas de cela); motivação para a leitura (a maioria respondeu que lê para aprender, apenas 8% lêem apenas para passar o tempo); opinião sobre a leitura na prisão (a maioria considera que lê mais agora); gostar de escrever (30% gostam de escrever cartas).

A leitura, que ocupa o terceiro lugar no preenchimento do tempo livre, distribui-se entre livros, revistas e jornais. Os livros podem ser emprestados na biblioteca e os jornais são distribuídos diariamente a cada um dos módulos (galerias) do estabelecimento prisional. As revistas são as mais difíceis de se conseguir, pois há escassez de títulos e temas e raramente são distribuídas nas galerias, o que resulta em pouco provável a sua leitura, ainda que os presos possam receber livros, revistas e jornais através das visitas.

A leitura de livros é mais praticada pelos mais velhos. Entre os com menos de 30 anos, por exemplo, 19% nunca lêem livros. Já a leitura de jornais diários é freqüente em todas as faixas etárias. Os mais jovens dedicam mais tempo à televisão (78% vêem assiduamente).

Os detentos provenientes do meio rural lêem menos que os provenientes da zona urbana, sendo que 20% daqueles que vieram do meio rural não liam. A autora não faz nenhum tipo de discussão sobre as possíveis causas das diferenças, nem mesmo no que se refere a escolarização de um grupo e outro, por exemplo. Dos que dedicam mais tempo à

leitura (quatro horas ou mais), a porcentagem mais alta correspondia ao que cumpriam pena superior a nove anos. Também não há nenhum tipo de discussão sobre os motivos.

Na verdade este estudo refere-se a um levantamento estatístico com o perfil do usuário, mas não busca as motivações para a leitura, a atribuição de sentido à leitura feita, a representação que esta prática tem para aquele leitor. Nenhum estudo neste sentido foi localizado em outros países, tampouco no Brasil, onde também são raros os estudos relativos à educação formal neste ambiente.

## 5. CAMINHOS EM DIREÇÃO ÀS “LEITURAS”

A pesquisa realizada para a construção deste texto seguiu a abordagem da teoria complementar proposta por Denise Jodelet, que está mais diretamente relacionada aos aspectos teórico-conceituais da teoria original de Serge Moscovici, resgatando exatamente os principais conceitos da “grande teoria” das Representações Sociais (RS). Metodologicamente, Jodelet privilegia a pesquisa qualitativa e faz uso das entrevistas em profundidade como caminho para chegar ao conteúdo das representações sociais, técnica também empregada nesta investigação.

As três teorias complementares das RS estão ligadas (partem das) proposições de Moscovici, diferenciando-se pelo foco e modo de condução (metodologia) das pesquisas. Como já explicitado no capítulo dois, o que difere basicamente as três proposições é que Jodelet privilegia os chamados métodos qualitativos e é mais “fiel” ao pensamento de Moscovici, enfocando em seus estudos o suporte pelos quais as representações circulam pela vida cotidiana, em especial, os meios de comunicação de massa; Willen Doise resgata mais os aspectos sociológicos da teoria, conferindo especial papel para a produção das representações a inserção social e divisão de classes entre os indivíduos. Finalmente, Abric enfoca a dimensão cognitivo-estrutural das representações, optando pelo método experimental na condução de suas pesquisas, utilizando-se, entretanto, de entrevistas em profundidade, a exemplo de Jodelet, na coleta de dados.

Ao utilizar a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), explicitado a seguir, no agrupamento e interpretação dos discursos, isto resulta na interrelação das proposições de Jodelet e Abric, este último no que se refere à sua teoria sobre o núcleo central das representações<sup>72</sup>, já que o DSC, como se verá a seguir, é o “produto” final, o discurso em primeira pessoa de uma coletividade de pensamentos, resgatando, portanto, o essencial, o núcleo das falas dos sujeitos, do grupo investigado, o núcleo da representação.

Pode-se afirmar que o modo adotado para a coleta e análise dos dados está inspirado diretamente nas proposições de Jodelet e que a organização e interpretação dos mesmos, seguindo a técnica do DSC, estão relacionadas às concepções de Jean-Claude Abric sobre o núcleo central das representações.

## 5.1 Tipo de pesquisa

Na pesquisa, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, adotou-se uma abordagem qualitativa. De acordo com Goldenberg (1999), na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica de seu objeto de pesquisa, mas com o aprofundamento da compreensão daquilo que está sendo estudado, seja um grupo, uma instituição, uma trajetória, uma realidade social ou um documento.

Como a pesquisa teve por objetivo conhecer o conteúdo das representações atribuídas por presidiários aos materiais de leitura a que têm acesso durante o período de sua reclusão, a forma para chegar até essa representação não poderia ser outra senão através da fala desses sujeitos. Isso decorre do fato de que a representação emerge dos discursos proferidos acerca do tema investigado.

Neste processo, o discurso foi tratado não como enunciado lingüístico, nem por uma abordagem da semiologia ou da semiótica, mas como a forma com que a representação referente à leitura ganha “materialidade”. O discurso é a forma pela qual o sujeito expressa verbalmente (neste caso através da oralidade) sua opinião, posição referente ao assunto questionado.

O tratamento dessas falas, desses discursos e, portanto, das representações, não poderia ser feito quantitativamente, já que estamos falando de dados que são subjetivos, estamos identificando o pensamento de um grupo sobre um determinado tema, neste caso, o pensamento sobre leitura. Também não poderiam produzir meras categorias a partir de expressões ou termos mais repetidos pois assim estaríamos fugindo à proposta de resgatar o pensamento do grupo sobre o tema, pensamento este que não pode ser avaliado em termos quantitativos. Conforme apontam Lefèvre e Lefèvre

De fato, quando se quer conhecer o pensamento de uma comunidade sobre um dado tema, é preciso realizar, *antes de mais nada*, uma pesquisa qualitativa, já que, para serem acessados, os pensamentos, na qualidade de expressão da subjetividade humana, precisam passar previamente, pela consciência humana. (...) Essas pesquisas devem ser, necessariamente, qualitativas porque tais pesquisas têm justamente como objetivo a geração ou reconstrução

---

<sup>72</sup> Conforme Sá (1998), esta teoria, embora de caráter experimental, considera o papel das entrevistas em profundidade, amplamente privilegiadas por Denise Jodelet, existindo já neste aspecto uma interrelação entre as duas proposições, além do fato de ambas sustentarem seus conceitos na teoria original de Moscovici.

de qualidades, como é o caso do pensamento coletivo. (Lefèvre e Lefèvre, 2003, p. 9)

A pesquisa, quanto aos seus objetivos, teve caráter exploratório e utilizou-se ainda de recursos da Antropologia, inspirando-se na proposta das técnicas etnográficas e utilizando como um de seus instrumentos o diário de campo, recurso fundamental neste tipo de estudo.

## **5.2 Critérios para seleção dos sujeitos da pesquisa**

Foram entrevistadas 10 pessoas. Para chegar a este número, cumpriram-se os seguintes procedimentos:

1. Levantamento da situação penal dos detentos do estabelecimento onde a pesquisa foi realizada, buscando atender aos seguintes critérios de seleção:

A – apenas os detentos do pátio fechado masculino: em função da localização da biblioteca<sup>73</sup> e, portanto, do maior acesso aos materiais de leitura.<sup>74</sup> O levantamento do número total de detentos e aqueles do pátio fechado masculino (chamado de convívio) foi realizado em maio de 2003, a partir de uma relação contendo os nomes e algumas informações dos presos.<sup>75</sup> De acordo com esta relação, o número total de detentos era de 419 (entre homens e mulheres) e o número de homens no pátio fechado, 329, além de 46 mulheres no pátio feminino, 30 homens no seguro e 24 homens e mulheres na regalia.

B - Detentos já condenados: como se trata de uma Cadeia Pública<sup>76</sup>, são encontrados detentos que aguardam julgamento e detentos que já cumprem a pena. Não

---

<sup>73</sup> Na verdade não há realmente uma biblioteca em funcionamento no presídio estudado. O termo foi utilizado para designar a sala onde estão localizados os livros, onde também eram ministradas as aulas do ensino fundamental e cursos profissionalizantes, bem como todas as atividades considerados sócio-educativas. Por isso, ao que me refiro como biblioteca os detentos denominam salinha de aula ou escolinha.

<sup>74</sup> Embora a maioria dos estudos referentes ao sistema prisional tenha praticamente ignorado a presença do público feminino, nesta investigação estaremos, ainda que involuntariamente, praticando mais uma vez a exclusão deste grupo. Em função do tempo e das dificuldades impostas pelo ambiente para a realização da investigação devido, sobretudo, ao não acesso aos materiais de leitura (uma vez que a “biblioteca” está localizada no pátio masculino ao qual as mulheres não têm acesso) e também por não existir no pátio feminino espaço para realizar as entrevistas, as quais teriam que ser realizadas nas próprias celas, onde estão confinadas não menos que cinco mulheres, foi que se optou por restringir a pesquisa ao público do pátio masculino.

<sup>75</sup> Além do nome, estão descritos: a data de entrada na prisão, a situação penal, o crime cometido, local do presídio onde está cumprindo a pena (convívio, feminino, seguro, regalia), escolaridade e data de nascimento.

<sup>76</sup> Conforme a Lei de Execução Penal, a Cadeia Pública é o local onde ficam os presos provisórios, ou seja, aqueles que ainda aguardam julgamento. Na prática, entretanto, como as penitenciárias estão superlotadas, a



foram considerados os que aguardavam julgamento, porque poderiam deixar o presídio durante a realização das entrevistas.

C - Detentos que haviam ingressado no presídio entre janeiro e julho de 2002: no Presídio onde a investigação foi realizada, o tempo médio de permanência dos detentos é de um a três anos. Foi escolhido este critério porque desta forma os entrevistados possivelmente teriam tido mais tempo para o contato com a leitura de materiais impressos naquele contexto.

D - Detentos que cumpriam pena enquadrados pelo artigo 12 do Código Penal – tráfico de entorpecentes: este critério foi adotado porque 41% dos presos daquele estabelecimento cometeram este tipo de crime, além disso, o tráfico de drogas é crime inafiançável, as penas variam de três anos e 50 dias a 15 anos de prisão sendo estes, na maioria das vezes, os presos que ficam mais tempo no presídio estudado.<sup>77</sup>

Embora o crime mais praticado no país seja o de furto e/ou roubo<sup>78</sup>, selecionamos o artigo 12 devido à especificidade do local estudado. Além disso, muitas das vezes os praticantes deste crime se auto-intitulam comerciantes. O comércio de drogas é um crime que, de certa forma, exige a prática da leitura (estar por dentro das inovações deste “mercado”, o que está em “alta entre os jovens”, entre outros motivos), a habilidade com os números e com a escrita. Pretendíamos, assim, identificar se eles próprios faziam relação entre a leitura e a sua prática criminal, as habilidades necessárias para o crime que praticaram, não sendo este, no entanto, um objetivo explícito da pesquisa aqui relatada.

Não por acaso, a faixa etária dos sujeitos entrevistados acabou ficando acima da média da população daquele estabelecimento e da média nacional, que é a dos 18 aos 25 anos. Apenas três, dos 10 entrevistados, ficaram neste grupo, justamente porque os crimes mais comuns entre os mais jovens são os de furtos e roubos.

2. Outro critério de seleção foi o município de origem. Aqui optamos por entrevistar apenas aqueles que eram procedentes do município onde o presídio está localizado, de modo a termos um grupo com origens sociais e culturais semelhantes, já que nesta pesquisa o que estávamos buscando era, justamente, a representação referente à leitura de materiais impressos, representação esta que é o pensamento que emana do sujeito

---

Cadeia Pública acaba sendo o local onde se cumpre a pena. Em muitos estados, como é o caso de Santa Catarina, utiliza-se a expressão presídio para referir-se à Cadeia Pública.

<sup>77</sup> A exceção, é claro, dos detidos por homicídio ou estupro, por exemplo, mas estes geralmente ficam em outro pátio – o seguro – não estariam por qualquer forma atendendo aos critérios de seleção.

<sup>78</sup> Na verdade, se somarmos os presos enquadrados pelos artigos 155 e 157, o total de presos é também de 41%, mas o artigo 12 destaca-se por sozinho compreender quase metade das punições. Entre as mulheres, o percentual de presas por tráfico de drogas chega a quase 80%.

a partir de sua inserção e relações sócio-culturais, a partir de sua leitura do mundo, num pensar freireano. Portanto, sua procedência também influencia no conteúdo da representação expressa.

3. O nível de escolaridade não foi adotado como critério de seleção e não participaram da pesquisa somente aqueles que afirmaram não saber ler.

Após a aplicação de todos esses critérios, orientados pela lista com a relação total de detentos do estabelecimento, chegamos a um número de 19 sujeitos a serem entrevistados.

Como as entrevistas não puderam ser realizadas logo na sequência, nos meses de junho e julho de 2003, tendo sido realizadas apenas nos meses de julho (uma), agosto (três) e no mês de setembro (seis)<sup>79</sup>, sete detentos a serem entrevistados foram transferidos, durante este período, para outros estabelecimentos prisionais, ficando o grupo reduzido a 12 pessoas. Destes, um não quis participar da pesquisa e o outro declarou não saber ler nem escrever. Este último relatou que gostaria muito de participar da pesquisa, mas quando comecei a explicar os objetivos da investigação e como seriam os questionamentos, ele respondeu que não poderia contribuir já que não sabia ler. Contou ainda que a falta da leitura tinha lhe impedido de herdar o emprego do pai (passado de geração a geração) – o de motorista, pois como não sabia ler nem escrever não teve como fazer a Carteira Nacional de Habilitação para o Trânsito. O número total de entrevistados foi, então, de 10 pessoas.

### **5.3 Descrição do ambiente**

Para realizar a descrição do ambiente, além da observação direta, dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, além de informações coletadas junto aos agentes prisionais e do administrador do presídio, foi utilizado o diário de campo como recurso metodológico visando preservar ao máximo essas observações e impressões referentes aquele espaço.

Escrever o diário de campo foi dificultado pelo fato do intervalo entre uma entrevista e outra ser de apenas alguns minutos, não havendo tempo suficiente para proceder às anotações. Como gerava constrangimento fazer anotações na presença das

---

<sup>79</sup> Entre os motivos para o atraso na realização das entrevistas estão a mudança na Administração do presídio e uma ameaça de rebelião que ocorreram neste período, estando estes acontecimentos detalhados no item 5.3.1

peessoas com quem conversava, acabei optando por fazer os registros após a saída do presídio. Como muitas vezes após as visitas eu me dirigia para o exercício de outras ocupações, algumas anotações foram feitas somente no dia seguinte às visitas, perdendo assim a riqueza de muitos detalhes, ficando perdidas na memória algumas das sensações, percepções e até mesmo sentimentos despertados pelo ambiente.

De qualquer forma, esta descrição está permeada também pela minha vivência neste ambiente anterior a realização da pesquisa ora relatada. Já que não foi possível, como nas pesquisas da Antropologia, vivenciar a realidade da comunidade estudada, minha vivência anterior no presídio contribuiu para uma descrição mais detalhada deste espaço.

Na verdade, as impressões sobre o presídio começam já antes de adentrar os portões do mesmo. A comunidade onde esta instituição está localizada é uma das mais carentes do respectivo município no que se refere à estrutura sócio-econômica e o trajeto até o presídio já é um momento de questionamento de valores sociais e das desigualdades, da falta de acesso aos direitos humanos básicos enfrentados por grande parcela da população brasileira.

Desta forma, o trajeto até o presídio é sempre algo perturbador, não apenas pela carência da comunidade ao redor mas, principalmente, porque me dou conta de que com o passar do tempo nós nos acostumamos a essa “paisagem” e ela já não nos causa indignação. Em uma das idas ao presídio vi um neném de colo engatinhando pelo chão frio e sujo de um corredor que liga uma casa encostada no morro à única rua pavimentada de todo o bairro (aquela que leva ao presídio). A cena tirou-me a venda dos olhos e me fez lembrar do quão injusta pode ser nossa sociedade, do quão egoístas, mesquinhos e individualistas podemos ser e me senti parte deste grupo de “dominadores”, de “opressores” como diria Paulo Freire, que sequer baixam os olhos para os oprimidos, para a população excluída.

Sempre me incomoda o fato de as pessoas ficarem me olhando quando estou atravessando a rua que leva ao presídio e a sensação que tenho é que elas me olham inquisitivamente como quem diz: “o que é que você está vindo fazer aqui? Você é só mais uma que vem aqui buscar ‘dados’ para pesquisas e depois vai embora e a nossa vida não muda, nem melhora em nada depois da sua passagem”. Aliás, em outras ocasiões, já fui cobrada por alguns desses dados que o “pessoal da universidade” foi até lá pesquisar e nunca mais voltou para dar o retorno dos resultados. Muitas vezes nós, pesquisadores, também somos exploradores. Estamos tão preocupados com nossos “dados”, nossas pesquisas e, de certa forma, usamos essas pessoas a nosso favor já que muitas vezes não

retornamos aos locais de coleta de dados para discutir e apresentar aos sujeitos de nossos estudos os resultados de nossas pesquisas, embora este seja um compromisso ético de cada pesquisador.<sup>80</sup>

Esta é uma sensação que sempre me oprime quando estou indo ao presídio. A partir do momento em que eu inicio a caminhada pela rua principal do bairro, essas questões me envolvem e ficam sempre me cobrando: “o que eu estou indo fazer lá, afinal? Minha pesquisa vai contribuir de alguma forma para melhorar a vida dessas pessoas ou estou fazendo isso apenas por mim mesma, para alcançar um título, para me firmar como pesquisadora?” Talvez este sentimento seja tão forte por conta das condições em que vive a comunidade que circunda o presídio e por saber que a maioria dos que estão lá dentro pertencem a essa mesma comunidade. De saber que a prisão é, na maioria das vezes, o destino para uma vida cheia de privações.

Talvez este sentimento seja resultado também do tempo em que tenho convivido com a situação do sistema prisional, não apenas a convivência teórica, que se dá a partir das inúmeras leituras referentes ao assunto, mas do convívio *in loco*. A descrença na eficácia do sistema prisional é algo que nos assola violentamente quando passamos a conviver neste espaço. Nesses cinco anos de convívio direto com a população e a estrutura prisional, somadas às discussões teóricas sobre a prisão, tem sido cada vez mais difícil vislumbrar um fim benéfico para este sistema no que se refere ao seu objetivo de recuperação do preso, de sua reinserção social. A prisão não recupera, não ressocializa, não reeduca pelo óbvio motivo de que tira toda e qualquer possibilidade do desenvolvimento de uma consciência cidadã. É impossível ensinar alguém a respeitar os direitos humanos lhe negando exatamente muitos desses direitos.

Conviver no espaço prisional é também ser “contaminado” por ele. Contaminado pelas desesperanças que ele fortifica em quem está ali. Talvez por isso este sentimento de ter que fazer algo concreto sempre me acompanhe. Um dos entrevistados questionou-me sobre quem teve a idéia de fazer a pesquisa e expliquei-lhe então que a idéia tinha surgido no tempo em que eu desenvolvia o trabalho de Redução de Danos e observava o grande interesse pela leitura de jornais. Quando terminamos a entrevista e ele já estava voltando pra cela, agradei mais uma vez por ter aceitado participar e então ele me disse: “é bom

---

<sup>80</sup> Não estou afirmando que todos os pesquisadores deixam de dar um retorno sobre os resultados de suas pesquisas, em geral todos cumprem com este compromisso, mas ocorre que na maioria das vezes esse retorno limita-se ao envio de cópia do relatório de pesquisa, escrito muitas vezes em uma linguagem mais técnica, de difícil compreensão para os sujeitos investigados. O que estou propondo é que o ideal seria um encontro para apresentação e discussão com o grupo pesquisado referente aos resultados das pesquisas realizadas.

saber que ainda tem pessoas que estão preocupadas conosco e que estão fazendo uma coisa boa por nós, obrigado.” Uma vez mais eu me questionei: estou realmente fazendo alguma coisa por eles? Talvez isto seja porque somos impregnados por uma cultura assistencialista e o fazer algo por alguém, ainda que inconscientemente, nos parece ter que ser sempre algo material ou uma ação que dê resultado a curto prazo e na maioria das vezes isto não é possível.

Como a certeza de que o sistema prisional no Brasil está falido é algo impregnado realmente em minhas convicções, a angústia por fazer alguma coisa concreta me fez questionar várias vezes o significado de minha própria pesquisa. Foi necessário que um de meus entrevistados lembrasse que eu estava preocupada com eles para aquietar um pouco a angústia e lembrar que muitas mudanças só ocorrem a longo prazo e que a pesquisa é um instrumento decisivo para a reflexão, o questionamento das certezas, o desmontar de paradigmas, a formulação de novas políticas e novas leis.

O presídio fica encostado nos morros à sua volta, morros estes repletos de pequenas casas sem nenhuma infra-estrutura quanto a saneamento básico, iluminação, esgoto ou coleta de lixo. Ali, as ruas são estreitos caminhos no meio da vegetação. Os estudos que envolvem o sistema prisional brasileiro (e em outros países) têm demonstrado que onde se instala uma unidade prisional, aos poucos vão se formando ao seu redor os chamados “bolsões” de pobreza. São os familiares dos detentos que acabam se mudando para as imediações da prisão onde seus parentes cumprem pena. Este presídio não foge à regra. Na época em que foi construído, o local era inabitado, distante do centro urbano da cidade. Hoje, toda uma enorme comunidade está instalada nas suas imediações, em condições bastante precárias, como já mencionado.

Quando se atravessam os portões do presídio (não menos que oito metros de ferro e concreto), a primeira coisa que chama a atenção é a umidade do local e seu aspecto sombrio que como referido por Adorno (1992) para outro estabelecimento similar, parece fazer parte realmente da estrutura física do ambiente, para passar a impressão efetiva do controle e da punição (corredores escuros, largos, rostos sombrios) tudo isto compondo o cenário da maioria, senão todas, as unidades prisionais do país. Além deste cenário nada simpático<sup>81</sup>, o que chama a atenção são as passarelas dispostas acima dos pátios de

---

<sup>81</sup> Na verdade esta impressão do aspecto sombrio das unidades prisionais é algo que se deixa de perceber com o tempo de convivência neste ambiente. Depois de um certo tempo já nem se considera este espaço assim tão sombrio. Talvez por que de início temos temores em relação a este local, pelo que vemos nos noticiários e nos jornais e aos poucos vamos percebendo que ali também há beleza e humanidade, mas talvez também porque acabamos nos “institucionalizando”, ou como definiria Thompson, passamos pelo processo de

reclusão, por onde circulam os policiais responsáveis pela segurança. Geralmente quando algum visitante vai até o presídio, principalmente estudantes de cursos de Direito, estes são convidados a circular pelas passarelas. Uma única vez também fiz esse trajeto e o sentimento que tal situação me despertou foi tão revoltante que cada vez que vejo outras pessoas “passeando” pelas passarelas sinto-me envergonhada por elas. Acontece que quando se passa por ali, se pode ver os presos abaixo das grades, rostos humilhados. A impressão que tive é de que estava circulando por entre as jaulas de um zoológico. Por este motivo, nenhuma outra vez subi às passarelas. O sentimento nos olhos dos detentos marcou-me para sempre, jamais vou esquecer. Ao olhar às passarelas mais uma vez me vem a sensação de que a prisão rouba daquelas pessoas o seu traço de humanidade.

O estabelecimento onde a investigação foi realizada apresenta dois regimes de reclusão<sup>82</sup>: O regime semi-aberto, que contava com 46 detentos (maio de 2003); o regime fechado, 111 detentos (também em maio de 2003) além dos detentos ainda não julgados ou em regime provisório, que perfaziam um total de 262.

Quanto à sua estrutura física, de modo geral o presídio segue os padrões de qualquer outra unidade prisional. Ocupa uma área de 5.214 m<sup>2</sup>, dos quais aproximadamente 2.500 m<sup>2</sup> são de área construída. As celas somam um total de 67, sendo 60 destinadas ao sexo masculino, três ao seguro<sup>83</sup> e quatro ao pátio feminino. Conta com 142 vagas, mas comportava 419 detentos, sendo 373 homens e 46 mulheres.<sup>84</sup> Cada cela tem uma área total de nove metros quadrados, onde ficam o beliche de concreto (dois lugares), o chuveiro e o local para as necessidades fisiológicas, além das poucas roupas e

---

“prisonização” e o ambiente não mais nos desperta a mesma impressão. Neste segundo caso, acabamos contribuindo para a manutenção do sistema prisional tal como ele é, contribuimos para a manutenção de seu efetivo fracasso na tarefa de recuperação.

<sup>82</sup> Conforme descrito no Código Penal Brasileiro, a execução ou cumprimento da pena será realizada adequando-se (conforme o delito) a três tipos de regime, que são caracterizados pelo tipo de unidade de reclusão, sendo considerado: a) Regime fechado: a execução de pena em estabelecimento de segurança máxima ou média; (no caso seriam as penitenciárias); b) Regime semi-aberto: a execução de pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar; c) Regime aberto: a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado. Na prática, entretanto, esta divisão se concretiza de forma bastante distinta, sendo que um único estabelecimento prisional pode dispor de dois ou três regimes, como é o caso do presídio onde a pesquisa foi realizada. A divisão entre fechado e semi-aberto refere-se aqui, respectivamente, ao cumprimento de pena em pátio fechado, não sendo permitida a saída do detento do estabelecimento e semi-aberto para aqueles que estão fora do pátio fechado.

<sup>83</sup> Local onde ficam os presos ameaçados ou jurados de morte, bem como os indisciplinados. Em todas as unidades prisionais brasileiras, este costuma ser o espaço de maior agressão aos direitos humanos, dadas as condições físicas do espaço de confinamento, como se vê, o acesso à educação, trabalho e a materiais de informação é negado para estas pessoas, uma vez que todos esses “serviços” estão concentrados no pátio fechado.

<sup>84</sup> Estes números referem-se ao mês de maio de 2003 e podem sofrer alterações diariamente, conforme liberação de presos, livramento condicional, passagem à regime semi-aberto ou novos ingressos.

objetos pessoais dos presos (fotos, porta retratos, Bíblia, televisão, rádio, produtos de uso pessoal, etc).

O pátio masculino possui três galerias, somando uma área total de 1.200 m<sup>2</sup>, onde estão incluídas a carceragem, o parlatório<sup>85</sup>, a escolinha<sup>86</sup> e a cozinha. A ala feminina e o seguro somam juntos 520 m<sup>2</sup>. Ao redor destes pátios ficam: a Administração do presídio, com 165 m<sup>2</sup>, a regalia, a oficina de reciclagem das mulheres (28 m<sup>2</sup>), o ambulatório (17,5 m<sup>2</sup>) e a garagem (116 m<sup>2</sup>), além da portaria e do Posto da Polícia Militar.

A rotina de segurança incluía, obviamente, antes do ingresso a qualquer outra parte do presídio, a passagem pela revista na portaria, situação essa que gera muitos constrangimentos aos familiares dos presos, constrangimentos pelos quais jamais tive que passar<sup>87</sup>. Bastava mostrar a bolsa para os agentes prisionais e passar pelo detector de metal, que sempre acabava acionado pelo gravador, o que não gerava nenhum problema, já que seu uso estava autorizado pelo diretor. As últimas três idas ao presídio foram as mais tranquilas, uma vez que um ofício do diretor já estava fixado na portaria informando as datas em que as entrevistas seriam realizadas.

A coleta de dados foi realizada, sobretudo, nas dependências do pátio fechado masculino, onde está concentrada a maior parcela da população local (373 detentos no mês de maio). Este critério foi definido em função da Biblioteca estar localizada neste espaço.

A expressão “Biblioteca” aqui utilizada refere-se, na verdade, a uma sala localizada entre a carceragem e o parlatório, cujas dimensões equivalem ao tamanho de uma das celas (9 m<sup>2</sup>). Nesta sala estão dispostos os livros e outros materiais de leitura, além de ser o local onde funciona a “escolinha”.

Oficialmente não há nenhum responsável pelo atendimento na “Biblioteca”, bem como não há registro e controle de acervo, do qual constam livros didáticos, jurídicos, romances, auto-ajuda, livros religiosos, gibis, revistas, entre outros.

---

<sup>85</sup> O parlatório, que é a sala onde os presos conversam com os advogados, cada um de um lado da grade, no presídio estudado fica ao lado da salinha de aula e da cozinha, no pátio masculino. Não há parlatório no pátio feminino nem no seguro.

<sup>86</sup> Denominação atribuída pelos detentos à sala onde eram ministradas as aulas do ensino fundamental bem como cursos profissionalizantes oferecidos pelo SINE, Universidade e outras entidades.

<sup>87</sup> Os constrangimentos a que me refiro estão relacionados, sobretudo, à necessidade de ficar nu e ser revistado inclusive nas partes íntimas, situação esta que acaba sendo necessária para a segurança do local já que muitas vezes nesta e em outras unidades prisionais por todo país foram encontrados telefones móveis e outros objetos nas “partes íntimas” dos visitantes.

Não há nenhum programa de compra de materiais de leitura, os quais são adquiridos através de doações ou pelo Conselho da Comunidade<sup>88</sup>, além de grupos voluntários que desenvolvem ações sociais e/ou religiosas no presídio.

Por estar localizada em apenas um dos pátios, o acervo da biblioteca fica praticamente inacessível aos demais detentos, principalmente aos homens que estão no chamado “seguro”, mas também às mulheres.<sup>89</sup>

### **5.3.1 O dia-a-dia na prisão**

A organização e a ocupação do tempo em um ambiente como a prisão em muito se diferencia da forma como distribuímos cotidianamente nossas atividades. Na verdade, a própria noção e percepção do tempo acabam por se modificar, sendo esta noção um dos aspectos mais importantes na compreensão da realidade, de como é a vida em uma instituição prisional. Associada ao sentimento da perda efetiva da liberdade está a sensação de desperdício do tempo ali vivido.

Conforme Whitrow (1993, p. 17)

“...enquanto nossa atenção está concentrada no presente, tendemos a não ter consciência do tempo. Um ‘sentido do tempo’ envolve alguma sensação ou consciência de duração, mas isso depende de nossos interesses e do modo como focalizamos nossa atenção. Se o que estamos fazendo nos interessa, o tempo parece curto, e, quanto mais atenção dedicamos ao próprio tempo, isto é, à sua duração, mais longo ele parece. (...) Nosso sentido de duração é afetado não apenas pelo grau em que concentramos nossa atenção no que estamos fazendo, mas por nosso estado físico geral. Em particular, pode ser distorcido por drogas ou pelo confinamento, por longos períodos, em ambientes frios e escuros...”

---

<sup>88</sup> O conselho da comunidade é um órgão existente por determinação da LEP em todas as comarcas do país, devendo “ser formado no mínimo, por um representante de associação comercial ou industrial, um advogado indicado pela seção da Ordem dos Advogados do Brasil e um assistente social escolhido pela Delegacia Seccional do Conselho Nacional de Assistentes Sociais”. As incumbências do Conselho da Comunidade são: “I - visitar, pelo menos mensalmente, os estabelecimentos penais existentes na comarca; II - entrevistar presos; III - apresentar relatórios mensais ao juiz da execução e ao Conselho Penitenciário; IV - diligenciar a obtenção de recursos materiais e humanos para melhor assistência ao preso ou internado, em harmonia com a direção do estabelecimento.” (Brasil, 1997)

<sup>89</sup> Dentre as mulheres, só têm acesso aos livros aquelas que mantém visita conjugal com os homens do pátio fechado ou as que trabalham na cozinha e em serviços de limpeza nas dependências externas ao pátio feminino (como o ambulatório, a carceragem, a recepção, a portaria, a administração e os dormitórios da regalia).



Whitrow destaca que foi a partir do século de XIX que se difundiu este “vício” à crítica pelo desperdício do tempo. Ele cita uma passagem de Richard Baxter que aponta para este sentimento:

“Remir o tempo é zelar para não pormos fora em vão de nenhuma maneira, mas usar cada minuto dele como algo muitíssimo precioso. (...) Considere também o quanto o Tempo é irrecuperável uma vez passado. Agarre-o agora, ou estará perdido para sempre. Todos os homens na terra, com toda sua energia, e toda sua vontade, não são capazes de trazer de volta um minuto que passou.” (Whitrow, 1993, p.180)

Esse sentimento em relação à perda do tempo é ainda mais evidente em nossos dias<sup>90</sup>. Nunca se falou tanto em academias, vida saudável, produtos contra envelhecimento, aproveitar ao máximo cada dia, fazer mil e uma atividades, inventar várias formas no intuito de postergar ao máximo o fim de cada um. Imagine então o que significa passar um, três, quinze anos dividindo as 24 horas de seu dia apenas entre três refeições, uma visita semanal, raros materiais de leitura (para quem realmente sabe ler), escassas e raras opções de trabalho, artesanato ou atividade física.

Por esse motivo, a noção e relação do preso com a idéia do tempo que passa resulta tão importante para a compreensão do dia-a-dia na prisão. Resultam desse aspecto – a não preocupação com a questão do tempo, do ócio - as mais ferrenhas críticas ao sistema prisional brasileiro, que praticamente ignora uma das (senão a principal) noção que rege a vida nas sociedades humanas.

Norbert Elias (1998) em seu tratado “sobre o tempo” destaca exatamente a necessidade de entendermos que o tempo é um fenômeno físico e social, que não pode ser

---

<sup>90</sup> “O que distingue particularmente o homem da sociedade contemporânea de seus antepassados é que ele adquiriu crescente consciência do tempo. Assim que acordamos, pensamos em geral em que horas serão. Ao longo de nossa rotina diária estamos continuamente preocupados com o tempo e não cessamos de consultar nosso relógios. Em outras épocas, a maioria das pessoas trabalhava arduamente, mas se preocupava menos com o tempo que nós. Até o advento da moderna civilização industrial, a vida das pessoas era muito menos conscientemente dominada pelo tempo do que passou a ser desde então. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento contínuo do relógio mecânico e, mais recentemente, de relógios que trazemos conosco, teve profunda influência em nosso modo de viver. Hoje somos governados por horários e muitos de nós carregamos agendas não para lembrar o que fizemos, mas para nos assegurarmos de que estamos no lugar certo, na hora certa. Temos uma necessidade sempre crescente de aderir a determinadas rotinas, de modo que as complexas operações de nossa sociedade possam ocorrer de maneira regular e efetiva. Tendemos até a comer não quando sentimos fome, mas quando o relógio indica que está na hora da refeição. Em consequência, embora haja diferenças entre a ordem objetiva do tempo físico e o tempo individual da experiência pessoal, somos compelidos cada vez mais a relacionar nosso ‘agora’ pessoal ao cronograma determinado pelo relógio e o calendário.” (Whitrow, 1993, p. 31)

estudado isoladamente por uma ciência e outra, mas pelo encontro de natureza e sociedade. Destaca ainda que uma definição possível para o tempo seria percebê-lo como a relação que fazemos entre um acontecimento e outro<sup>91</sup>. Na prisão, estes acontecimentos são limitados, o que gera, possivelmente, a angústia, a idéia do “desperdício do tempo”, já que, ainda reportando Norbert Elias, o tempo “social” é marcado pelas ações, pelas lembranças, pelo que se faz de útil com o tempo.

Entre os entrevistados, o consenso foi de que é muito difícil encarar este dia-a-dia porque não há praticamente nada para se fazer. Há três refeições fixas: o café da manhã (8h), o almoço (12h) e um café por volta das 17h. Uma ou outra atividade de artesanato, trabalho para poucos e a longa espera pela visita da família, que ocorre uma vez por semana.

Dentre as ocupações para todo este período que sobra estão o exercício físico (limitado obviamente pelo espaço e pela impossibilidade do detento se deslocar de uma galeria para outra), o baralho, as atividades com os grupos religiosos, a televisão, o rádio e a leitura, dos raros e escassos materiais impressos a que têm acesso.

A rotina é quebrada, algumas vezes, pelas revistas surpresa da polícia, pelas ameaças de motim e rebeliões, geralmente ocasionadas pela superlotação ou pela mudança na administração da unidade. Durante a realização da pesquisa, por exemplo, o presídio passou por duas mudanças na administração, sendo esta última a que mais produziu transformações na realidade local.<sup>92</sup> A ocorrência de uma ameaça de rebelião por causa da superlotação<sup>93</sup> do presídio foi decisiva para que o atual administrador adotasse medidas mais severas na segurança do estabelecimento.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> “(...) a palavra ‘tempo’, diríamos, designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotados de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida. Alguns processos caracterizados por um desenrolar contínuo, como a maré montante e a maré descendente, ou o nascer e o pôr do Sol ou da Lua, podem desempenhar esse papel”. (Elias, 1998, p. 39-40)

<sup>92</sup> Note-se que não estou aqui avaliando se as mudanças foram positivas ou negativas, mas apenas afirmando que houve modificações no dia-a-dia dos detentos com a nova administração.

<sup>93</sup> Na ocasião do “motim” havia celas com até nove detentos, lembrando que a capacidade de cada cela é para apenas dois detentos e que ela têm 3mx3m de área. Uma liminar do fórum local determinou que só seriam presos no município aqueles que praticassem crimes mais graves, como estupro, homicídio, tráfico. Pequenos furtos, agressões e outros crimes “menores” passaram a não ser punidos até que se resolvesse o problema da superlotação. Vários presos foram transferidos para outros presídios. Esta fase coincidiu exatamente com o período de transição da administração do presídio. Após cerca de 30 dias a decisão do juiz foi revogada e o presídio voltou a receber presos por qualquer tipo de crime. A superlotação havia sido “contida”, estando as celas com “não mais que cinco presos”.

<sup>94</sup> Uma dessas medidas foi o estabelecimento de normas mais rígidas para o acesso ao presídio, maior controle na entrada de visitantes no estabelecimento, na revista de bolsas e outros pertences, na entrada e saída dos presos. Alguns dos “benefícios” dos presos também foram retirados, como forma de punição pela ameaça de rebelião e também para tentar conter a entrada de materiais que poderiam servir como arma numa

Outras situações, como novas oportunidades de trabalho ou a oferta de cursos artesanais e/ou profissionalizantes, geralmente de iniciativas externas, como Universidades, Sine ou o FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) também promovem alguma alteração na percepção do tempo, por conta da mudança na rotina. Com o passar dos dias, entretanto, essas mudanças logo passam a fazer parte da rotina do estabelecimento, o que traz a sensação de que o tempo voltou a passar mais lentamente.

#### **5.4 A realização das entrevistas**

Definido o número de participantes, a coleta de dados foi realizada através de entrevista individual, gravada em fita magnética, com o objetivo de preservar ao máximo o conteúdo discursivo.

O agendamento das entrevistas seguiu todas as normas de segurança do estabelecimento, respeitando os horários de refeição e entrada das visitas. Como estas ocorrem no período da tarde, as entrevistas foram realizadas no período matutino, entre 9h e 11h, buscando não interferir nos horários destinados ao café da manhã e ao almoço.

Embora cada detento receba visitas apenas semanalmente, as mesmas são distribuídas ao longo da semana conforme as galerias onde localizam-se as celas, sendo assim, todos os dias há entrada de visitas no pátio masculino. Como a escolinha, local onde as entrevistas foram realizadas, fica ao lado do corredor por onde entram as pessoas, no período vespertino seria muito difícil realizar as mesmas sem prejudicar a rotina de segurança e, principalmente, sem prejudicar a descontração dos entrevistados.

Não foram realizadas entrevistas nos finais de semana ou feriados uma vez que a equipe da administração não está presente na unidade nestas ocasiões. As entrevistas foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2003 e apenas uma (a do pré-teste) foi realizada no mês de julho do mesmo ano.

As mesmas somente foram realizadas nos meses de agosto e setembro devido à mudança na Administração do presídio ocorrida no mês de julho, bem como a ameaça de rebelião ocorrida neste período. Passaram-se quase trinta dias da realização da primeira

---

possível rebelião. Dentre esses “benefícios”, foram proibidas a entrada de alguns instrumentos e materiais para a confecção de artesanatos e outros trabalhos, bem como passou a ser proibido o acesso à “escolinha”. Se antes desse período os presos só podiam ter acesso aos livros e outros materiais de leitura deslocando-se até à salinha, a partir desta data (julho de 2003) sequer isto passou a ser permitido, ficando ainda mais difícil o acesso aos materiais de leitura.

entrevista até ser possível conversar com o novo diretor e dar sequência à coleta de dados. Para realizar o restante das entrevistas foi necessário agendar um encontro com o diretor. Foram várias tentativas, já que eu não podia entrar no presídio sem que o diretor lá estivesse. Após o primeiro encontro, agendei uma nova ida ao presídio para a realização de até três entrevistas, as quais foram cumpridas na data marcada, no dia 26 de agosto (mais de um mês após a primeira entrevista). Novamente tive que esperar um longo tempo para agendar aquelas que ainda restavam. Após várias outras tentativas de conversar pessoalmente com o diretor, enviei um ofício descrevendo as datas e horários que gostaria de entrar no presídio para realizar as entrevistas. Foi a melhor decisão que tomei. Imediatamente o diretor autorizou, ficando fixado este cronograma na portaria e carceragem, assim tive a permissão para entrar no presídio mesmo quando o diretor não estava. Retornei ao presídio em outras três datas, já no mês de setembro, para realizar as seis entrevistas que faltavam e para conversar com o diretor.

Como nesta pesquisa buscavam-se as representações por parte dos reclusos referentes à leitura de materiais impressos, o conteúdo das mesmas foi conhecido através dos discursos desses sujeitos, discursos esses obtidos, como já mencionado, através da realização de entrevistas. Este procedimento foi adotado visando a coleta de significados. Como afirmam Lefèvre e Lefèvre “(...) o significado e a intencionalidade, que ocupam posições centrais na pesquisa social que utiliza metodologia qualitativa, aparecem muito mais clara e naturalmente nos discursos, sejam eles frutos de depoimentos coletados em entrevistas ou estejam eles presentes em artigos de jornais, revistas, etc.”<sup>95</sup>

As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado<sup>96</sup>, uma vez que se pretendeu “dar voz” ao sujeito da pesquisa e conhecer as suas representações da leitura do texto impresso. Tal propósito exige do entrevistador intervir apenas o necessário para não correr o risco de estar direcionando o conteúdo das opiniões. Conforme explicitam Lefèvre e Lefèvre “...este tipo de entrevista permite, através de um discurso, que é o modo como naturalmente as pessoas pensam, o acesso a dados da realidade, de caráter subjetivo”<sup>97</sup>.

De modo geral, os questionamentos estavam relacionados aos seguintes aspectos:

- Quem lê (homens mais velhos, mais jovens, nível de escolaridade, entre outros);
- Regularidade da leitura (dias, horas). Regularidade da leitura antes do ingresso na prisão;

---

<sup>95</sup> Lefèvre e Lefèvre, 2003, p. 15.

<sup>96</sup> O roteiro está descrito no anexo 1

- O que lêem (tipo de material: jornal, livros didáticos, livros científicos, ficção, auto-ajuda, etc);
- Conteúdo desta leitura (no caso dos jornais, dos livros jurídicos, ficção, por exemplo);
- Motivações para a leitura.
- Para que serve esta leitura (finalidade, aplicação, qual significado, o que a leitura representa para eles)

#### **5.4.1 Diário das entrevistas**

A primeira entrevista foi realizada na sala dos estagiários de Direito do presídio. O entrevistado, uma figura muito simpática e carismática, com uma sabedoria resultante do dia-a-dia, da sua vida e não dos bancos escolares, já que estudou apenas até a quarta série do ensino fundamental. Ao falar da família, da saudade, emocionou-se bastante e chorou por duas vezes. Tive bastante dificuldade na condução desta entrevista, talvez por ser a primeira, o pré-teste, por não estar ainda muito segura quanto ao roteiro da entrevista, mas também porque ver alguém algemado é sempre um momento muito difícil pra mim, acho que nada simboliza tanto a perda da liberdade quanto a algema.

A entrevista durou cerca de 50 minutos e o entrevistado fez depoimentos detalhados sobre a sua relação com a leitura e sobre a vida na prisão. Apenas por um momento o agente carcerário ficou na sala, mas durante grande parte do tempo ficamos a sós, garantindo assim a privacidade que contribuiu para um diálogo aberto e descontraído, aliás, o entrevistado demonstrou que gosta bastante de conversar. A sala dos estagiários fica no prédio da administração. Em um outro momento, a presidente do Conselho da Comunidade também fez uso da sala para conversar, acredito eu, com um detento. Do lado de fora, bastante barulho, vozes altas que algumas vezes dificultavam o entendimento da fala do entrevistado.

O diretor do presídio não estava presente, mas havia autorizado minha entrada e a realização de pelo menos uma entrevista uma vez que como ele havia solicitado sua exoneração e o novo diretor assumiria ainda naquele mês, antes disso acontecer eu precisava realizar a minha entrevista piloto, para ver meu desempenho, se o roteiro estava

---

<sup>97</sup> Lefèvre e Lefèvre, 2003, p. 16.

adequado aos objetivos, se o linguajar utilizado era ou não compreendido pelos entrevistados. Como neste período, até a posse do novo diretor, havia a previsão, que acabou se concretizando, de eu não conseguir voltar ao presídio, havia a urgência em realizar esta primeira entrevista, caso contrário, meu cronograma iria ficar bastante prejudicado, o que acabou acontecendo ainda assim.

Esta acabou sendo a entrevista mais longa e, como as questões foram fluindo naturalmente num diálogo com o entrevistado, acabamos falando de assuntos que estavam além do roteiro, como a família, a percepção do entrevistado sobre a eficácia da prisão na recuperação do preso e a descrição do dia-a-dia na prisão, sendo que estes dois últimos tópicos acabaram incluídos ao roteiro de todas as entrevistas. A opção por incluir estes dois questionamentos que não estavam relacionados à leitura foi fundamental para o melhor detalhamento do ambiente e da cultura daquele local, já que eu não podia realizar uma pesquisa etnográfica, convivendo naquela comunidade e apenas com as visitas ao presídio não seria possível descrever o dia-a-dia dos entrevistados.

Outros questionamentos, resultantes de um diálogo fluente com este primeiro entrevistado não foram repetidos nas demais entrevistas, por fugirem demasiado ao objeto de pesquisa e também porque não se pretendia aqui dar conta de toda a realidade vivenciada pelos detentos durante o cumprimento de sua pena, o que implicaria um estudo próprio e com um tempo de duração bem mais extenso, onde poderiam ser utilizadas metodologias como a da história de vida ou a história oral.

Na segunda visita<sup>98</sup> ao presídio para a realização das entrevistas o dia estava um pouco frio, mas com sol desde o início da manhã. Cheguei ao presídio por volta das 9h40min<sup>99</sup> e fui (após identificar-me na portaria) conversar com o chefe dos agentes prisionais, conforme combinado anteriormente com o novo diretor, que não estava no presídio naquela semana.

O agente prisional, meu velho conhecido desde o tempo em que participei do projeto Redução de Danos, tratou-me como sempre com maior simpatia e receptividade, o que contrastava com os rostos sisudos e antipáticos dos novos agentes. Com os policiais não cheguei a manter contato, mas sempre percebia olhares irônicos e desconfiados dos

---

<sup>98</sup> Esta visita aconteceu no dia 26 de agosto, mais de um mês após a realização da primeira, em função, como já mencionado da ameaça de rebelião e da mudança na administração.

<sup>99</sup> Embora tenha sido mencionado que as entrevistas seriam realizadas a partir das 9h, experiências anteriores de trabalho realizado neste presídio apontavam que os presos não saem de suas celas antes das 10h da manhã, o que por si só já acabava atrasando o andamento das entrevistas, fazendo com que nas três últimas visitas a última entrevista da manhã acabasse alongando-se até o meio-dia, quando começam a entrar os panelões para

mesmos. Fui encaminhada à sala do diretor onde estavam outros agentes prisionais. Um preso estava na sala e saiu acompanhado de um dos agentes o qual segui para ir realizar minhas entrevistas. Não sei o que conversavam mas lembro perfeitamente da frase que o agente pronunciou tão logo saímos da sala do diretor. O agente olhou muito duramente para o preso e disse: “...e não é ‘cara’, entendeu?! É senhor, pra todos ali (todos os agentes) é senhor!”

Este mesmo agente (nada simpático) informou-me que eu iria realizar as entrevistas no parlatório, mas argumentei que o próprio diretor havia autorizado que eu realizasse as entrevistas na escolinha e que este seria o melhor local pois a entrevista demorava um pouco e eu tinha que gravá-las. Ele sequer se deu ao trabalho de me olhar, quiçá de dar-me uma resposta.

Quando chegamos à carceragem, ele conversou com o outro agente para chamar os presos que eu tinha na lista, para fazer as entrevistas. Expliquei que a pesquisa era sobre Leitura. Este agente era menos “distante”, mais simpático (se é que posso usar esta expressão). Ele próprio sugeriu que eu fizesse as entrevistas na escolinha e pediu-me apenas para aguardar que fosse realizada a revista do preso que estava na sala do diretor e que tinha vindo na companhia do outro agente, uma vez que ele estava sendo transferido para o seguro, além de outros dois presos que acabaram de chegar.

A revista foi feita ali mesmo, no canto do corredor que antecede o portão para o pátio masculino. Obviamente não acompanhei a revista, mas senti-me constrangida em saber que aqueles homens estavam se despindo ali mesmo, um ao lado do outro, no chão frio e úmido, sendo observados e avaliados minuciosamente por três agentes para então transporem os portões e darem início ao cumprimento de sua pena.

Muita coisa pareceu-me realmente ter mudado com a nova administração. Nenhum preso fica mais na goela, quem abre e fecha as portas deste local é um agente prisional. Durante todos esses anos que tenho convivido no presídio (1999-2003) esta é a primeira vez que tal atitude é adotada. Não estou querendo dizer que isto é incorreto, pelo contrário, na verdade o comum nos presídios é que seja esta a rotina, mas o que me parece é que este é um gesto simbólico para demarcar claramente as posições e representar uma séria distância entre o preso e a administração. Até que ponto esta distância vai ajudar no cumprimento das penas, na recuperação dos presos eu não saberia dizer.

---

o almoço. De qualquer forma, não houve nenhum problema por parte da administração quanto à minha permanência na salinha até este horário.

Terminada a revista dos três presos, os dois agentes responsáveis pela carceragem e goela encaminharam-me para a escolinha. Um odor insuportável exalava do corredor e era do preso que foi para o seguro, que até deixou o tênis ali mesmo, pois “estava muito catinguento”, conforme ele.

Dirigi-me à salinha e passei ao agente a lista com os nomes dos entrevistados e ele passou a chamá-los. Na salinha, uma carteira e cadeira escolar, um cesto produzido artesanalmente com jornal, uma caixa plástica dessas de supermercado, um pequeno quadro com frases sobre Deus, comando vermelho, nomes (possivelmente de familiares) e três estantes com material bibliográfico, uma delas já quase quebrando devido ao peso dos livros, que estão dispostos por ordem de tamanho, sem nenhuma outra classificação. Há várias enciclopédias, livros didáticos (matemática, português, história, entre outros) romances, mas não foi possível fazer um levantamento do acervo, devido ao curto espaço de tempo, até a entrada do almoço, para realizar as entrevistas.

O primeiro entrevistado chegou à salinha e logo em seguida o agente veio colocá-lo a algema. Este é sempre um momento que me deixa abalada pois ali me bate a certeza de que aquele ser humano está enclausurado. A sensação que tenho é de que a algema tira o traço de humanidade. Não sei explicar o sentimento que me desperta, mas fico sempre com um nó na garganta. Os detentos também ficam constrangidos, envergonhados, é como se ali houvesse uma clara demarcação de posições, de status, dos lados em que estamos e eles ficam, ao menos assim me sinto, sempre numa condição de inferioridade, subjugação, como se tivessem a obrigação de fazer tudo o que os outros lhes impõem. Acho que é neste momento que me recai a certeza: eu estou diante de um preso, eu estou numa prisão e não importa o crime praticado, tenho sempre a sensação, o sentimento de que aquele contexto só tira do sujeito o que lhe resta de humano.

Não sei se por falta de roupas ou que outro motivo, mas os presos parecem nunca sentir frio. De todos aqueles com quem conversei, apenas um vestia casaco. Os demais, bermuda, camiseta e, apesar do sol, a temperatura devia estar por volta dos 15°C. Uma outra característica que me chama a atenção é que eles estão sempre bem vestidos, usando roupas bem limpas, nunca rasgadas, cabelos molhados que indicam banho ou gel.

O primeiro detento chamado para a entrevista não quis participar. Expliquei do que se tratava o estudo, qual seria o procedimento, qual a finalidade da pesquisa, enfim, tudo que preconiza o termo de consentimento livre e esclarecido, mas ele não quis participar. Disse-me que não teria nada a contribuir, mas para desistir esperou até que eu garantisse que sua desistência não me acarretaria nenhum problema. Não posso afirmar se esta atitude



foi de gentileza para comigo ou se por medo de que, ao não participar, algum problema lhe acarretasse. Garanti que não haveria nenhum problema para mim nem para ele em não participar e agradei sua ida à escolinha.

O próximo da lista aceitou participar. Falava pouco, foi bastante difícil conduzir as perguntas pois ele era “objetivo” demais nas respostas. Também ficava colocando as mãos na frente da boca e chegou num momento que, gentilmente, pedi pra ele tentar não colocar as mãos em frente à boca pois sua voz ficava abafada e poderia não sair legal na gravação. Esta foi a segunda vez que o entrevistado ficava colocando as mãos no rosto, boca, talvez seja pelo incômodo da algema que os força a ficar com os braços na mesma posição e, ao levantá-los deve aliviar um pouco a pressão nos pulsos, pela mudança de posição das mãos. A entrevista foi rápida, pois como já dito, o entrevistado não argumentava muito suas respostas.

O entrevistado seguinte, embora tenha se disposto a participar, relatou que não teria como contribuir pois não sabia ler nem escrever, tendo estudado apenas até a segunda série do ensino fundamental.

O próximo foi quem rendeu a mais fácil de todas as entrevistas. Falou bastante, talvez por ter uma escolaridade mais elevada e, além disso, mostrou-se um leitor assíduo. Esta foi a segunda entrevista mais longa, com a duração de quase 40 minutos.

A última entrevista desta manhã iniciou às 11h30min quando já começavam os preparativos para a entrada do almoço. Este foi o mais jovem dos entrevistados, não completou o ensino fundamental e foi também bastante evasivo em suas respostas. Costumava ficar rindo, não sei se envergonhado, constrangido ou irônico, por algum motivo que desconheço, mas respondeu a todas as questões. Foi interessante que quando mostrei a lista de quais detentos ainda faltava entrevistar para que o agente chamasse um (a seu critério), este falou: “vou chamar o fulano, aquele chato que já está ali perto mesmo”. Então acho que eu já fiquei esperando por alguém bem chato e criei este pré-conceito em relação ao meu entrevistado, o que pode ter dificultado a realização da entrevista. Além disso, como as 11h50 começou todo o movimento para a entrada do almoço, acabei apressando a condução da entrevista. Fiz todos os questionamentos, tentei insistir naqueles em que ele foi meio evasivo, mas ele não estava muito disposto a falar do assunto, não tinha mais argumentos e eu não insisti. Ele parecia constrangido, parecia temer que eu o estivesse julgando pela qualidade de suas respostas, então, procurei não forçar a barra e não repetir muito as questões.

Durante a realização das entrevistas, algumas vezes o barulho das trancas e portas sendo abertas e fechadas dificultava o diálogo, mas foi positivo o fato de existir privacidade no momento da conversa já que ficávamos dentro da salinha apenas eu e o entrevistado, o agente prisional continuava exercendo normalmente seu trabalho na goela (corredor do lado), parlatório, carceragem.

A terceira visita<sup>100</sup> ao presídio para a realização das entrevistas gerou-me um certa angústia até o momento de chegar à portaria pois eu havia solicitado, através de um ofício enviado por fax, permissão para minha entrada no presídio em quatro datas, para a conclusão das entrevistas e o diretor não havia me enviado uma confirmação. Na véspera eu telefonara para a secretária e esta confirmara que minha entrada já estava autorizada. De qualquer forma, ainda estava um pouco receosa, pois já estava há duas semanas tentando novo agendamento e não havia conseguido. O temor em relação ao prazo para a conclusão da dissertação começou a me deixar nervosa e por vezes pensei que não fosse conseguir. Eram vários os temores, mas o maior medo era de que uma rebelião ocorresse nesse período, o que me impossibilitaria de entrar no presídio por tempo indeterminado, além do temor pela minha própria segurança, já que o clima era tenso devido a superlotação e as repressões posteriores ao motim ocorrido no mês de julho. Este motim havia me afastado do presídio por mais de um mês e se isso voltasse a ocorrer eu certamente não conseguiria concluir minha pesquisa.

Foi com grande alívio que observei na portaria um ofício do diretor informando as datas que eu iria ao presídio e autorizando-me a realizar as entrevistas. Antes de seguir para a escolinha fui conversar com o diretor para agradecer-lhe e este foi muito gentil, apagando a primeira impressão que tive dele. Acompanhou-me até a carceragem e solicitou aos agentes que me auxiliassem na realização das entrevistas, os quais também foram muito atenciosos e prestativos ao chamar os detentos de minha lista. Após minha saída da escolinha sempre tinha que deixar anotado e assinar a relação com os nomes dos detentos com quem tinha conversado. A finalidade disto eu não saberia dizer, mas creio fazer parte da rotina de movimentação dos detentos no pátio masculino, já que a salinha fica no corredor ao lado e os detentos precisavam atravessar um dos portões para chegar até ela. Creio ser rotina de segurança interna, mas jamais questioneei a solicitação.

---

<sup>100</sup> Esta visita ocorreu no dia 12 de setembro, mais de quinze dias após a visita anterior, tendo sido este um período de inúmeras tentativas em agendar as visitas ao presídio, não sendo possível localizar o diretor na maior parte dessas tentativas. Quando já estava quase “desesperada” foi que tive a idéia de enviar uma correspondência formalizando as visitas. Foi a melhor decisão que tomei, e desta data em diante não houve mais nenhum problema na condução das entrevistas.

As três entrevistas realizadas nesta data transcorreram tranqüilamente. Os entrevistados argumentaram pouco suas respostas e, com dois deles, não foi possível estabelecer um diálogo onde mais espontaneamente eles fosse discursando sobre a temática, ao contrário, a condução das entrevistas acabou sendo no modo pergunta/resposta mesmo. De qualquer forma, os depoimentos apesar de objetivos foram bastante ricos.

Esta data foi marcada por um episódio interessante. Como a última entrevista acabou alongando-se até quase o meio-dia, tive que aguardar, junto com meu entrevistado, os panelões do almoço. Como fiquei tensa por ficar presa, já que o cadeado da salinha foi trancado, comecei a olhar os livros das estantes e reconheci o livro de Marcelo Rubens Paiva – Feliz Ano Velho – que eu já lera. Comentei com o rapaz que tinha lido aquele livro e fiz um breve resumo do mesmo. Ele se interessou pelo livro e pediu para que eu solicitasse o empréstimo ao agente prisional. Solicitei o empréstimo ao agente, tendo antes anotado o nome do detento e do livro e entregando àquele para controle e devolução do material. O interessante é que este mesmo detento revelou-me que desenvolveu o gosto pela leitura por incentivo de um tio que gostava muito de ler e que lia muitas histórias pra ele. Assim, além de seu próprio discurso sobre isso pude confirmar que a presença de um “incentivador” era fundamental para sua formação como leitor.

Minha visita ao presídio para a realização das três últimas entrevistas foi no dia 18 de setembro. Como já estava autorizada minha entrada, imediatamente dirigi-me à salinha e realizei as entrevistas sem nenhum problema ou interrupção. O mais jovem de meus entrevistados, revelou-se um apaixonado por romances e, curiosamente, o outro senhor do grupo dos mais velhos era colega de cela de meu primeiro entrevistado. Foi esta talvez a mais rica de todas as entrevistas. Este senhor fez uma avaliação metafórica da ineficácia do sistema prisional como um estudioso da área dificilmente o faria, revelando-se ainda um apaixonado pela leitura. Cada uma de suas respostas era banhada de muita sabedoria, aprendida com a vida, já que na escola ele ficara por apenas três anos.

A última entrevista foi a mais difícil por não conseguir estabelecer um diálogo com meu entrevistado. Achei-o bastante ansioso, apressado em responder e “livrar-se” daquela situação o mais rápido possível. Ao final da entrevista pude entrever o possível motivo para sua ansiedade. Ocorre que há mais de uma semana ele já havia recebido permissão da justiça para cumprir o restante de sua pena em liberdade e ainda estava ali, devido a demora nos trâmites burocráticos do sistema prisional.

Numa única ocasião, as entrevistas acabaram estendendo-se até às 11h45min, então tive que aguardar, trancada na salinha, a entrada de todos os “panelões” para o almoço. Foi

a primeira vez em todos esses anos de convívio com o ambiente prisional que senti “o peso” da cadeia, a angústia de ficar aprisionada e foram por apenas 15 minutos, mas que pareceram uma eternidade. Senti inclusive falta de ar, já que tenho “problema” com espaços pequenos e fechados. Eu mal conseguia conversar com meu entrevistado (que aguardou junto comigo a entrada dos panelões). Quando o agente carcerário finalmente abriu a tranca, respirei fundo e me senti feliz por ser uma pessoa livre e fiquei imaginando que talvez, na condição dos meus entrevistados, eu não suportaria uma prisão por mais de 24 horas.

### **5.5 Análise e Interpretação dos Resultados**

Como procedimento de análise foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003) que parte dos discursos em estado bruto (já intensamente trabalhados pelo recorte temático escolhido, pelas perguntas da entrevista) que são submetidos a um trabalho analítico inicial de decomposição que consiste basicamente em quatro figuras metodológicas que ajudam a organizar e tabular os depoimentos: a ancoragem, a idéia central, as expressões-chave e o discurso do sujeito coletivo. O DSC, segundo os próprios autores, é uma ferramenta a ser utilizada na “organização dos dados em pesquisas que se servem de metodologia qualitativa”.

“O Discurso do Sujeito Coletivo é, pois, uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas que tem depoimentos ou outros tipos de texto como matéria-prima, sob a forma de um ou vários discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular, expediente que visa expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor de um discurso.” (idem)

Conforme Lefèvre (2002), o conjunto dos DSCs obtidos em uma pesquisa refere-se a uma descrição possível de parte do imaginário social referente ao tema que se está investigando. O autor explicita que

“(...) as representações sociais e o imaginário social não são diretamente pensamentos mas matéria-prima para a produção social de pensamentos, isto é, matrizes discursivas existentes numa dada formação social num dado momento histórico do qual todos os

membros desta sociedade lançam mão para pensar sobre o tema X.”  
(Lefèvre 2002a, p. 1)

Os discursos individuais são então coletivizados para se chegar ao conjunto das representações daquele grupo. Lefèvre define o DSC apenas como uma forma de organizar os discursos, onde são preservadas as falas individuais (não se agrupam discursos opostos) mas que ao formarem um discurso, descrevem a representação do grupo investigado referente ao tema em questão.

Conforme o autor, no momento em que os discursos são agrupados, eles se tornam “fatos sociais do tipo durkheiminiano, isto é, representações sociais ou coletivas, que são entidades qualitativamente distintas dos pensamentos particulares das pessoas”<sup>101</sup>. Para chegar a este ‘fato social’, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é construído, como já mencionado, a partir de quatro figuras metodológicas:

1. Ancoragem: é o que forma ou alicerça nossos pressupostos, conceitos ou hipóteses sobre o assunto tratado.

A ancoragem, segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), refere-se ao conjunto de pressupostos (teoria e conceitos) nos quais estão apoiados os nossos discursos, a partir deles formulamos nosso pensamento, nossa concepção acerca de um determinado tema ou assunto. Neste sentido, poderíamos afirmar conforme o autor, que todos os nossos discursos estão “ancorados” em alguma concepção, daí o grande risco de, no momento da análise, o pesquisador “subjetiva e arbitrariamente, construir aquilo que acredita ser a dita ancoragem.” Faz-se necessário, portanto, distinguir nos discursos marcas lingüísticas claras desta ancoragem.

“Positivamente entender-se-à, inspirado na teoria da representação social, que um discurso está ancorado quando é possível encontrar traços lingüísticos explícitos de teorias, hipóteses, conceitos, ideologias existentes na sociedade e na cultura e que estes estejam internalizadas no indivíduo” (Lefèvre e Lefèvre, 2003, p. 17).

2. Idéia Central: são afirmações-chave que apresentam o conteúdo discursivo explícito pelos sujeitos em seus depoimentos.

---

<sup>101</sup> Lefèvre, 2002b

3. Expressões-chave: são as transcrições literais ou palavras-chave que permitem o resgate do essencial, do conteúdo discursivo, dos segmentos em que se divide o depoimento.

4. Discurso do Sujeito Coletivo: é a incorporação de vários discursos semelhantes ou complementares em um ou vários discursos-síntese, a partir do enunciado das expressões-chave que contenham idéias centrais ou ancoragem semelhantes.

Para Lefèvre (2002a), utilizar o DSC como ferramenta de análise de resultados que envolvem representações sociais é uma forma de “dar luz ou recompor” o pensamento que, embora seja expressado individualmente, existe exteriormente ao indivíduo.

“O DSC enquanto discurso desparticularizado é, assim, um recurso metodológico que se criou como uma forma de dar a luz ao social, partindo-se do pressuposto de que o social é, sempre, uma construção ou uma abstração, no sentido sociológico preciso que Marx, na famosa Introdução à Economia Política, dá a este termo é de que um modo legítimo de corporificar esta abstração consiste apresentá-la sob a forma de um mesmo discurso compartilhado.” (Lefèvre, 2002a, p. 2)

## **5.6 Aspectos Éticos**

Para a realização desta pesquisa foram seguidos todos os procedimentos éticos recomendados pelas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde que regem a realização de pesquisas envolvendo seres humanos. Além de garantir o anonimato da instituição e dos participantes, foram adotados procedimentos como:

- ⇒ Conversa com os reclusos do presídio para explicação do estudo e para identificar os interessados em participar da pesquisa;
- ⇒ Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa, além do anonimato do presídio ter sido preservado.
- ⇒ Foi assumido o compromisso com os entrevistados e com a administração do presídio que ao término da pesquisa, a mesma seria relatada a todos os envolvidos, em apresentação a ser definida posteriormente à entrega final da dissertação.

Durante toda a realização das entrevistas, os detentos foram chamados pelo nome, bem como na transcrição das fitas, para facilitar o processo de análise das mesmas e recorrer à memória visando a maior riqueza de detalhes para a descrição da realização das

entrevistas. Os nomes somente foram substituídos por letras do alfabeto na composição dos quadros com as Expressões-chave e idéias centrais, bem como nos DSC de cada questão e das próprias entrevistas por estarem dispostas como anexos desta dissertação.

Também na análise dos dados, ao utilizar partes dos discursos dos entrevistados, os mesmo foram representados pelas letras do alfabeto, em ordem crescente. Este procedimento foi adotado para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados e garantir seu anonimato, conforme compromisso assumido com os mesmos pela assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Igualmente, na composição dos quadros, teve-se o cuidado em suprimir quaisquer vestígios que permitissem a identificação dos entrevistados, como menção à idade, dentre outros.

## **6. AS REPRESENTAÇÕES DA LEITURA NA PRISÃO**

### **6.1 Apresentando o leitor**

Como já descrito no capítulo cinco, os 10 entrevistados foram condenados pelo artigo 12 do Código Penal – tráfico de entorpecentes. Desta forma, todos cumpriam sua pena no chamado “convívio”, o pátio masculino, em regime fechado, ao lado de outros 363 homens.

A faixa etária dos entrevistados foi bastante diversificada, não havendo a predominância de uma ou outra. Assim, foram entrevistados dois detentos com idade superior a 50 anos, três com idade entre 31 e 40 anos, dois na faixa etária entre 26 e 30 anos e três com idade entres 19 e 25 anos.

Quanto ao nível de escolaridade, apenas um havia concluído o ensino médio, dois o ensino fundamental e os demais tinham o ensino fundamental incompleto, sendo que três deles deixaram a escola antes de concluir os quatro primeiros anos do ensino fundamental.

No que se refere à cor da pele, foram entrevistados três negros e sete brancos. Embora na maioria dos estabelecimentos prisionais brasileiros a grande predominância seja de negros, neste presídio, conforme pesquisa realizada em 2001, há mais brancos do que negros, nas porcentagens de 60 e 40% respectivamente. Este fator está relacionado, possivelmente, à região onde o presídio está localizado, região esta colonizada por europeus e com predominância de população branca. Entretanto, a proximidade entre um percentual e outro aponta que os negros continuam com menos chances de inserção no mercado de trabalho e a saída acaba sendo, muitas vezes, o ingresso em atividades ilícitas. Um exemplo disso é que grande parte dos detentos deste presídio provêm dos dois bairros onde há a maior concentração de negros, coincidentemente, os dois bairros mais carentes do município.

As ocupações antes do ingresso na prisão são as mais diversas, mas todas caracterizam-se como profissões associadas ao baixo nível de escolaridade e as limitadas oportunidades de trabalho para quem não freqüentou muitos anos a escola. As atividades desenvolvidas pelos detentos antes do ingresso na prisão eram: marceneiro, soldador/maçariqueiro, montador de móveis, testador de extintor de segurança, pedreiro/pescador, técnico em porteiro eletrônico, motorista (dois), zelador, agente operacional.



Sobre as práticas de leitura, apareceram no grupo aqueles que já tinham o gosto pela leitura antes do ingresso na prisão e aqueles que desenvolveram ou intensificaram esta atividade após a entrada na prisão. Um dos entrevistados, em particular, descreveu sua formação como leitor como um resultado de seu aprisionamento. Ele conta que:

“(...) [comecei a ler] a partir do momento que comecei a puxar cadeia... Porque na Penitenciária só tinha um radinho de pilha e não podia se escutar qualquer rádio, nem uma televisão, daí eu comecei a ler livro pra passar o tempo, minha irmã levava livro e eu lia o livro pra passar o tempo, ela é que fazia a correria toda pra mim, levava o livro pra eu ler. Muito bang-bang eu li também, aqueles bang-bangzinhos, aqueles livrinhos só de faroeste, aquelas coisa, meu Deus, aquilo eu lia de pilha, foi bem aquilo que eu comecei a ler, aí o cara começa a se interessar por ler um livro maior, porque o cara pega um livrinho daquele, lê, uma hora já era o livro aí depois não tem mais nada pra ler, então daí o cara já pega um livro grosso já lê uma semana toda.” (Entrevistado B)

As preferências ou as escolhas dos materiais de leitura estão, obviamente, influenciadas pela oferta de materiais. Os entrevistados destacaram que na “rua” tinham mais facilidade, por exemplo, em ler diariamente os jornais locais, tarefa bem mais difícil na prisão. Quando conseguem, principalmente através da família, ou mesmo comprando por intermédio dos agentes prisionais, os jornais que entram no pátio “correm a cadeia toda”.

Dos materiais a que conseguem ter acesso na prisão, o mais lido é a Bíblia e outros textos religiosos, disponibilizados a eles através dos grupos pertencentes a igrejas diversas que visitam periodicamente o presídio. Alguns apontam a leitura de revistas, geralmente velhas, antes que estas sejam utilizadas na produção de artesanato. Também são citados romances com os mais variados temas e literatura de auto-ajuda.

Quanto a esta última leitura – a de livros – o mais citado pelos entrevistados foi “Estação Carandiru”, de Drauzio Varella. Foi quase unânime o apontamento da leitura deste livro. Alguns dos entrevistados emitiram opiniões sobre este material, das quais destacam-se falas como:

“(...) aquele livro do Carandiru, to vendo, é um livro importante! Coisas que você começa a ler aquele livro ele te empurra, embora você não queira ler, mas ele te empurra pra você ler porque é uma coisa que vai chamando a atenção você quer ver no que vai dar aquilo, aí acaba aquilo, já vem outro assunto e você já se interessa por aquele assunto e quer ver aonde é que deu e... No começo do livro ali é uma loucura. Porque caiu uma pessoa e ele chegou numa cela onde que tinha 09 presos. Aí um pediu um cigarro pra ele: oh tio, dá um cigarro. Ele assim: eu dou uma carteira para aquele que me contar a história mais cabulosa que vocês praticaram. Aí um foi contando, outro foi contando, outro foi contando, o último a contar era um galego que tinha estuprado a mulher dele, filha e

matado a mulher dele. Quer dizer, é uma coisa que chama a atenção da gente né. Quer dizer, eu to na página 95 agora, que eu to sem o óculos, to doido pra começar a ler, porque ele é grosso assim.” (Entrevistado A)

“O Estação Carandiru uma coisa que o cara aprende é que não é como aqui. Uma cadeia de 300 homens, no Carandiru era quantos mil homens? Oito mil homens? Olha só, pra 300 pessoa! Isso aqui não é nada, isso aqui é uma creche perto de lá.” (Entrevistado B)

O livro Estação Carandiru foi trazido a um dos detentos por alguém de sua família. Este detento já havia saído do presídio na ocasião da pesquisa, mas deixou o livro para que seus colegas de cela lessem e, assim, o livro foi sendo passado.

Como se vê, a escolha ou a seleção dos materiais a serem lidos está subordinada à sua oferta. Durante o período de realização da pesquisa, esta oferta limitou-se quase que exclusivamente à iniciativa dos familiares e dos grupos religiosos que desenvolvem trabalho naquele local. Lembro uma vez mais que o acervo da “biblioteca” em nenhum momento esteve a dispor dos reclusos, tornando-se efetivamente inacessível a partir de julho de 2003, com a proibição, por parte da administração do presídio, da entrada dos detentos naquele espaço. Ainda assim, apesar da limitada oferta, a leitura continuou a ser praticada, algumas vezes restrita ao texto bíblico.

Além da pouca oferta, outra dificuldade para a prática da leitura é o próprio ambiente. Devido ao grande número de pessoas circulando num espaço pequeno, torna-se difícil encontrar um “local tranquilo” para a leitura. Daí decorre, possivelmente, a escolha dos detentos o melhor local para tal atividade, sobretudo no período da noite. Além disso, a cela parece ser o único reduto em que se consegue atribuir uma visão nuanceada de “casa<sup>102</sup>”, de seu espaço, seu território. Num local onde a individualidade é difícil de ser percebida, o seu “cantinho” – o cubículo – parece ser um espaço de encontro consigo mesmo.

Ao contrário do que se imagina freqüentemente, a leitura na prisão não se limita, necessariamente, a ser uma prática que visa ocupar as horas de ócio. Ela tem outras finalidades, outras representações, como se verá adiante. Isto fica evidente na menção da quantidade de horas dedicadas a esta prática, por dia ou por semana. Aqueles que já dedicavam longas horas à leitura “na rua”, o fazem na prisão, havendo sim algum acréscimo e, aqueles que liam pouco, continuam a fazê-lo, embora este tempo seja proporcionalmente maior e a prática mais freqüente do que quando em liberdade. Em

média, eles lêem de 20 a 60 minutos diariamente, havendo aqueles que chegam a ler até quatro horas em algumas ocasiões, mas não todos os dias.

O que se pretende demonstrar é que a leitura não é uma saída desesperadora para o preenchimento do tempo. Nenhum deles pega um livro de 200 páginas e lê o dia todo, por vários dias, parando apenas para as refeições e necessidades fisiológicas. Não! Embora as atividades para a ocupação do tempo sejam realmente escassas, a leitura é uma opção de lazer e de busca de conhecimento, que para eles desenvolve aptidões e desencadeia sentidos que vão muito além da simples ocupação do tempo. Até porque, como a leitura é um ato solitário, que exige concentração e um certo distanciamento do mundo a nossa volta, o ambiente da prisão não é favorecedor de tal prática. Lembremos que, eram no mínimo cinco pessoas dividindo um espaço de 9m<sup>2</sup> (cela), 373 pessoas dividindo um espaço de 1200m<sup>2</sup>. Conseguir se concentrar na leitura, nessas condições, fora a pouca luminosidade, odores diversos, a vigília dos policiais e “companheiros” de pátio, já é uma grande vitória.

Talvez por isso mesmo a leitura tenha sido apontada por eles como rompimento com esta realidade. Através da leitura eles apontaram conseguir “atravessar” aquelas paredes e estar em liberdade, ao menos a liberdade de sentir-se só, de recuperar sua individualidade, de delimitar eles próprios o alcance de seu território.

## **6.2 As impressões do leitor sobre o ambiente da leitura**

A prisão é um universo multicultural, não apenas pela variedade da faixa etária, procedência ou grau de escolaridade, mas também e principalmente pelas diversas crenças, valores, gostos, passatempos prediletos, histórico familiar, ocupação antes do ingresso na prisão, habilidades manuais, prática de atividades físicas, pela diversidade e alteridade que caracteriza a humanidade. A prisão é um espaço onde se observa, se caracteriza e se constrói o que Canclini chama de hibridização cultural. O traço cultural de cada um, da diversidade, este não se perde, apesar da vida em confinamento. Conforme Goffmann:

“Aparentemente, as instituições totais não substituem algo já formado pela sua cultura específica; estamos diante de algo mais limitado do que aculturação ou assimilação. Se ocorre mudança cultural, talvez se refira ao afastamento de algumas oportunidades

---

<sup>102</sup> A expressão casa, em referência à cela, chegou a ser utilizada por um dos entrevistados.

de comportamento e ao fracasso para acompanhar mudanças sociais recentes no mundo externo.” (Goffmann, 1996, p. 23)

O que ocorre é um aprendizado daquele novo ambiente, mas a identidade de cada recluso não é radicalmente modificada. Transforma-se sim, porque estamos em constante transformação e isto é fortemente influenciado pelos locais e instituições onde e pelos grupos com quem convivemos. Alguns estudos, como o de Reis (2001), apontam que pode ocorrer, sim, o desenvolvimento ou aperfeiçoamento da identidade criminosa, o que vai ao encontro da afirmação de Foucault (1983) de que a prisão reforça e/ou produz a delinquência. O que se está querendo afirmar aqui é que a prisão não retira a identidade daqueles sujeitos, que conseguem preservar o seu “eu” apesar da prisão. Isto acabou sendo apontado por alguns dos entrevistados que, embora muitas vezes não tenham compreendido o que se estava chamando de identidade, interpretaram-na como:

“Integridade, tu quer dizer. (...) Ah, eu sou a mesma pessoa de sempre. (...) não mudei nada, continuo sendo um pai excelente pros meus filhos do mesmo jeito”. (Entrevistado B)

“Aquele momento crítico já passou, entende, eu hoje já não to mais aqueles. Eu tenho certas coisas na minha vida que fez eu atravessar a cadeia porque se não tivesse isso daí eu acho... que essa cadeia ia pesa muito mais pra mim. Coisas que eu não posso comentar com você. (longa pausa) Se eu não tivesse as minhas criancinhas, meninas, olhe...” (Entrevistado A)

É importante destacar este fato porque isto sugere que os detentos preservam sua autonomia, seu direito de ser eles próprios, apesar de confinados em uma instituição totalitária. Sua leitura do mundo passa a ser influenciada pelo contexto em que se encontram, mas sem ignorar toda a sua vida anterior ao ingresso na prisão. Apesar de estarem na condição que Freire denominaria como de oprimidos, eles preservam sua visão do mundo, sua posição em relação ao mundo. Não são como os animais que podem ter seus comportamentos condicionados, como nas experiências de Pavlov, mas são seres que posicionam-se criticamente frente às situações que enfrentam. Isto significa dizer que, operando sob a lógica totalitária - a da vigilância e punição – sem terem acesso a nenhum tipo de ação sócio-educativa, crítica, libertadora, a prisão jamais alcançará sucesso em sua

tarefa de ressocialização – neste sentido o fracasso inevitável da prisão. Este fracasso é percebido e apontado pelos próprios detentos<sup>103</sup>:

“(…) Não ajuda a se recuperar em nada. EM NADA! A pessoa piora. Nessa parte aí, deixa a pessoa mais revoltada. Eles jogam aqui pra dentro no meio desse pessoal todo, estraga a pessoa, se a pessoa não tiver uma cabeça boa. Tem muita pessoa que pira aí dentro, se ela não tiver uma cabeça boa. Até se matam, se quês saber.” (Entrevistado B)

“A cadeia do jeito que ela é ela não ajuda ninguém a se recuperar, porque aqui, tais aqui dentro, tais preso, tu passa muita raiva e a tua raiva não tem como descontar ela toda aqui, então o que que tu faz, tu bota coisas na tua cabeça, no teu coração, se tens um coração bom, o teu coração já vai pegando maldade de outras pessoa, chega na rua só pensa em... tirá a raiva, tira a raiva de quem te fez coisa ruim lá na rua, até aqui dentro mesmo, se tiveres a oportunidade pra fazê, tu faz. (Entrevistado E)”

“Da forma como é feita ela ta completamente ao contrário do que precisa ser. Porque há mistura, por exemplo, entra-se são e sai doente, aqui não se cura, entende. Agora se fosse feito uma seleção, uma seleção pra curar aqueles que ainda têm remédio, aqueles que têm cura, eu daria pra você, 90% não voltaria pra esse lugar, mas da forma que é feito ele entra com 55 grau, ele sai com 100 porque a perfeição se torna o melhor aqui do que lá fora. Então, se fosse feito uma seleção, eu te garanto pra você que a metade não taria aqui, se pegasse aqueles que tem proveito, que nem toda roupa são da mesma cor, nem todos tem o mesmo pensamento, então, o que você quer: olha eu gosto de fazer isso assim, assim, aé, então vamos ver, e você, ah eu faço isso, isso. Você não quer fazer? Não, então você fica, você vem, você vem, você vai fazer aquilo que você quer, você vai fazer aquilo que você quer, aqui tem o campo pra você fazer. Olha, eu vou te contar pra você, melhoria pra caramba. Mas da forma que é, entra com febre e sai com, doente completamente. É o tal negócio, entra só com escoriação e sai engessado, é isso.” (Entrevista I)

---

<sup>103</sup> Um dos entrevistados, entretanto, acredita que a prisão deveria ser ainda mais radical no cumprimento da pena. Sua sugestão para o funcionamento ideal da prisão foi: “A cadeia, a pessoa fosse primária devia ser assim: a pena máxima dele deveria ser um ano. Um ano sem visita da família, sem nada. Ficar um ano na pedra, sem direito à nada, sem televisão, sem nada. Ficava um ano só, eu quero ver se ele ia fazer mais um crime, nunca mais ele ia fazer um crime. Acontece o seguinte: é que a cadeia, a pessoa cai, é primária, pega seis anos, no meu caso peguei nove, recorri, veio pra seis. Dos seis eu sou obrigado a cumprir quatro. Nesses quatro anos, quatro anos eu vou pra rua, vou responder mais dois assinando. Aí esses quatro ano eu fico ali. Eu tenho televisão, em todos os cubículos tem uma televisãozinha lá, afinal de contas a gente é humano, cada cubículo tem uma, em cada xadrez tem uma televisãozinha, preto e branco ou a cores ou qualquer uma, mas tem uma coisinha, ou um radinho, uma coisa, mas tem. Então o negócio é o seguinte: se eu não tivesse aquilo ali, se eu ficasse um ano, ia me quebrar, eu ia sentir o que era a cadeia, que às vezes tem gente aí que se abrir a porta da cadeia não vai embora. Saiu um rapaz aí de sete dias, com quatro dias ele voltou, que não tinha pra onde ir. Isso aí não educa. Então é o que eu digo: foi condenado, é! Pegaram, no meu caso, pegaram eu... né! Ta, to preso tal. Deixa um ano sem contato com a família, sem televisão, sem rádio, ali, não tem acerto. Um ano só. Nunca mais volta no crime, você pode acreditar. Isso ali é! Agora tem gente que... Então, quando a gente sair da cadeia a gente já ta esquecido do sofrimento que passou.” (Entrevistado A)

Sobre a vida na prisão, os detentos apontam os primeiros 12 meses como os mais difíceis de toda a pena. Isto foi observado em relatos anteriores ao início da pesquisa e confirmado durante as entrevistas, como pode-se perceber nas seguintes falas:

“Eu vou ficar três anos ali, quer dizer, até acostumar, vai um ano, agora que eu to acostumando, eu já to um ano aí dentro, já perdi um ano dia nove. Agora que eu to começando a acostumar, tem mais dois anos pra puxar, mas eu vou puxar de testa né!” (Entrevistado A)

“[O primeiro ano] é pesado... Depois de um ano o cara acostuma.” (Entrevistado B)

“É, a partir de um ano... Depois mais no fim se acostuma né.” (Entrevistado E)

“[O período mais difícil] foi assim no começo né, assim que eu cheguei. Fiquei olhando, parece outro mundo, eu achava estranho né, aí depois fui pegando amizade, graças a Deus não tive problema com ninguém, sou amigo de todo mundo.” (Entrevistado G)

Como já apontado anteriormente, uma das coisas mais difíceis da vida na prisão é a percepção da passagem do tempo. Como há poucas atividades a realizar, o tempo parece correr “mui lentamente”. Os presos utilizam a expressão “mente vazia, oficina do diabo” para definir o sentimento de angústia despertado pelas longas horas de ócio. Como não há o que fazer, sobra tempo demais para “remoer” os acontecimentos que antecedem o ingresso na prisão e aqueles que marcam o tempo de permanência neste espaço.

Mais uma vez fica evidente que o texto da lei não se cumpre na prática. Se a LEP considera o trabalho e a formação profissional como os instrumentos-chave para a ressocialização, obviamente estes teriam que ser ofertados a todos os reclusos. Não é o que se observa na realidade das instituições prisionais. A falta de ocupação, de atividades sócio-educativas, culturais, desportivas é a marca do dia-a-dia na prisão, como pode-se perceber na descrição feita pelos entrevistados do cotidiano da prisão:

“O dia-a-dia aqui é o seguinte: é levantar, tomar banho, tomar um café, ir ali, fazer um servicinho de rede ali (...), a gente tinha que ter uma ocupação, porque diz que a mente vazia é a oficina do... eu não vou nem precisar falar. Então, a gente procura se ocupar com qualquer coisa, (...) a gente procura ficar vendo uma televisão ou então ficar conversando com os outros, com as pessoas, que são poucas também as pessoa que a gente gosta de ficar conversando por causa da mentalidade, não adianta eu vir conversar com você coisas lá do mundo lá fora, coisas boas, coisas que deixa você de bem com a vida pra conversar coisas que ah, vamos fazer isso, fazer aquilo, isso aí não me interessa, nunca foi o meu forte, (...) to preso tudo, mas não sou um bandido, de jeito nenhum. ...a gente quer ficar

quieto ou a gente quer conversar assim com pessoa umas conversa instrutiva, uma conversa sadia, então muitas vezes a gente prefere ficar quieto ou ler...” (Entrevistado I)

“(...) é sempre a mesma rotina: levanta, toma um banho, assiste TV, lê, dorme de novo, esse é meu dia, às vezes faz uma rede, ajuda.” (Entrevistado G)

“Ah, é uma xaropisse, eu não vejo a hora de ir embora, cara, porque, não tem muito o que fazer. A gente faz rede ali pra distrair a cabeça, um pouco, mas vem um dia, fica dois dias com rede, a gente trabalhando dois dias e uma semana sem trabalhar, aí tu não tem muito o que fazer. Andar pra lá e pra cá, dia de visita, (...) aí tens que ficar andando naquele pátio lá, até o horário da visita, pra lá e pra cá, não tem muita coisa que se faz, não tem nada pra fazer.” (Entrevistado E)

“(...) eu durmo até meio-dia. Daí, depois eu tomo meu café, almoço, aí jogo meu baralho a tarde, quando eu não tenho visita e é o jeito de eu passar o tempo. Depois a tardezinha, quando eu venho pra dentro do cubículo eu leio um livro, uma revista, que as irmãs dão aí de vez em quando...” (Entrevistado 2)

“Ah, eu acordo, tomo café, daqui a pouco tomo um banho daí volto pra cela, da cela volto pro pátio, às vezes faço uma rede ali, depois ajudo com o pão, o pão pro pessoal aí, eles trazem todo dia pra galeria, daí trago pro pessoal aí, daí volto pro xadrez, tomo um banho pra vim uma visita aí, fico conversando com o pessoal, às vezes jogando baralho, e assim vai passando o dia, e sempre a mesma rotina (...), aqui não acontece nada, de bom só uma visita que o pessoal tem, às vezes vem umas crianças, criança a pessoa distrai também. É o dia-a-dia da pessoa aqui dentro né, nesse lugar...” (Entrevistado D)

“(...) Agora não tem mais o artesanato<sup>104</sup>, quando tem, então é o seguinte: tomo meu cafezinho, vou trabalhar até onze e meia, meio dia entra o panelão, que é o horário do almoço; almoço e voltava pro artesanato novamente, que a cadeia tava aberta até as nove, antes desses problema que deu aí, então até oito e meia mais ou menos eu fazia meu artesanato, recolhia tudo, uma ducha de novo e lia minha Bíblia no caso. Agora já mudou um pouco a rotina, então como nós não temos mais o artesanato, eu fico ali até às nove, aí levanto, tomo café, uma ducha, almoço, vou pro pátio e fico sentado ali, uma almofadinha, fico sentado ali de braço cruzado esperando a hora passar. Quando tem um papel pra escrever alguma coisa, sempre to anotando ou escrevendo alguma coisa, ou quando to lendo, mas agora não temos nada pra ler<sup>105</sup>, então o negócio é uma caneta e um papel e a gente rabisca alguma coisa (...).” (Entrevistado C)

É neste contexto, na prática das interações diárias, entre sujeitos que cometeram os crimes mais diversos, que têm as mais diversas penas a cumprir, e que podem ser tanto

---

<sup>104</sup> Como já mencionado no capítulo cinco, as atividades de artesanato foram suspensas devido à ameaça de rebelião ocorrida no mês de julho, mesma ocasião da mudança na administração. Todo e qualquer tipo de material que pudesse vir a ser utilizado como arma passou a ser impedido de entrar para os pátios (masculino e feminino). Assim, os únicos trabalhos artesanais que puderam continuar a ser realizados, eram aqueles que utilizavam exclusivamente papel e cola.

<sup>105</sup> Uma vez que não se podia mais entrar na salinha para ler os livros, o acesso à leitura foi ainda mais dificultado, ficando limitado apenas aos textos levados ao presídio pelos grupos religiosos ou familiares, sob inspeção e autorização (ou não) da administração do presídio.

réus primários como “criminosos de carreira”, que se processa a construção da leitura do mundo, dentro e para além da prisão. É neste contexto que se dá a leitura da palavra, limitada pela escassa oferta de matérias de leitura. É, portanto, fruto desse contexto, das relações e interações sociais que ali ocorrem, somadas a todas as relações e interações sociais que antecedem a vida na prisão, que as representações acerca da leitura da palavra e, conseqüentemente, da leitura do mundo são formuladas.

### **6.3 O discurso do leitor sobre a leitura na prisão**

O DSC é o discurso síntese, escrito em primeira pessoa, proveniente de uma coletividade sobre um determinado tema. Para a sua construção utilizam-se as expressões-chave que têm a mesma Idéia Central ou Ancoragem.<sup>106</sup> O que se busca com o DSC é apresentar o conjunto das representações do grupo e romper com a lógica quantitativo-classificatória que utiliza-se da categorização das falas. O DSC privilegia o discurso como o meio pelo qual os “indivíduos reais e concretos pensam.” Conforme Lefèvre e Lefèvre “(...) o que se busca fazer é reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessário para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.”<sup>107</sup>

Como o DSC é a reunião de pedaços de discursos, apresentado como se uma única pessoa falasse por um conjunto, fez-se necessária a utilização de conectivos, elementos de ligação entre as falas para que o discurso fosse apresentado de forma clara e coerente, sem contudo intervir ou modificar o conteúdo das falas.

A forma de apresentação do DSC, conforme Lefèvre e Lefèvre, fica a critério do pesquisador. Aqui, optou-se, ao invés de vários discursos-síntese (um para cada idéia central e/ou ancoragem) a apresentação da soma de todos esses discursos (dispostos no anexo 6) sob a forma de um único discurso, descrito a seguir:

---

<sup>106</sup> O processo de construção do DSC final pode ser acompanhado observando-se os anexos 5 e 6 desta dissertação.

<sup>107</sup> Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 19)



*A leitura é uma coisa que só desenvolve a pessoa, quem lê bastante a tendência é ficar mais desenvolvido, mais desembaraçado. A leitura serve para abrir os caminhos, os passos da pessoa, porque a leitura dá mais sabedoria, abre a mente para pensar, faz o cérebro trabalhar mais rápido, os pensamentos. Com a leitura você não fica parado, trabalha direto com a mente, faz da pessoa um homem diferente, uma pessoa de cultura. A pessoa que sabe ler tem a cabeça no lugar pois a leitura desenvolve a mentalidade e a inteligência. A leitura só traz benefício e quanto mais lê, mais aprende, vai conhecendo palavras diferentes. A leitura manda muito, a pessoa que tem conhecimento da leitura tem várias oportunidades boas de emprego. Quem não tem leitura não tem conhecimento, tudo hoje é à base da leitura, sem a informação você não é nada, porque em tudo a gente usa a leitura, pra ficar por dentro dos acontecimentos e até na matemática. Até as crianças, você é o responsável por elas, então, através da sua leitura você vai começar a orientá-las. Sem a leitura, pra pegar um ônibus já se torna difícil, pra ir num bairro, ler o nome de uma rua, até o número de uma casa, fica difícil para se locomover na cidade.*

*Para aprender a ler, escrever e fazer de um homem um cidadão diferente, com outros pensamentos, tem que existir a boa vontade e também o incentivo, estímulo de muitas pessoas. Sempre tem que ter alguém pra dar aquele apoio, porque senão a pessoa relaxa. Sozinho é muito difícil, só com muita força de vontade. Eu acho que até tem condições da pessoa aprender a ler sozinha, mas na escola é mais importante porque tem os professores pra lhe ensinar, melhorar a leitura. Hoje em dia tem muita gente que diz “aprende em casa”, mas não, não aprende, tem que ir pra escola, porque em casa a gente faz uma coisa, faz outra, chega um colega, às vezes tira do estudo. Em casa tem muitas coisas, tem vídeo-game, televisão, essas coisas e a gente não vai se preocupar em ler. Sozinho não aprende tudo, por isso é importante ter o apoio de uma professora, da escola. Na escola também é necessário ter incentivo, pois não tendo incentivo da parte do educador não tem incentivo da parte do estudante. Outra coisa muito importante é a ajuda dos pais em casa, ter alguém pra se espelhar. O exemplo dos pais é importante para os filhos começarem a pegar amor pela leitura, que também, se deixar a pessoa sem aquele incentivo ela não vai querer ler.*

*Eu, por exemplo, fui incentivado a ler através do colégio, quando estudava eu já gostava, então comecei a pegar o gosto pelos livros e comecei a ler de vez em quando. Antes mesmo de saber ler eu já gostava da leitura, eu achava interessante a pessoa saber, então me despertou aquela ânsia de saber ler. Comecei a ir para a escola e comecei a ler, a gostar, a praticar, passei até a comprar gibis pra começar a ler. Depois passei a ler alguns livros, liamos muitos livros de escola, desta forma, eu li diversos e comecei a tomar o gosto pela leitura. Eu me interessava nas histórias lidas por um tio meu, que lia bastante, e comecei a ler por causa dele. Eu tinha a necessidade de passar o tempo. Tinha curiosidade com o tema magia negra. Já a Bíblia eu leio porque já fui de igreja, participei de grupo de jovem, minha família é crente.*

*Lá em casa eu lia sempre a Bíblia. Desde a rua já lia, não é porque eu estou preso. Sempre me apeguei na Bíblia, sempre lia, gosto muito. Na rua a gente trabalha, faz uma coisa, faz outra, mas lia praticamente todos os dias. Eu lia muito em casa, eu tinha até esse novo código pra estar informado. Em casa lia duas horas, geralmente à noite, todos os dias. Lia jornal, as notícias pra saber o que acontecia, panfletos, lia também através de notas fiscais. Quando lia pra pegar um livro ficava de uma hora e meia a duas horas e eu lia mais gibis na rua. Quando eu tinha tempo, onde eu estava, se tivesse um pedacinho desses folhetos de propaganda eu pegava pra ler. Eu lia tudo, é um hábito, é uma sequência que eu tenho na mente, que gosto de ler e isso tem me feito muito bem.*

*Para a pessoa presa, além de ser importante, a leitura é uma coisa que ocupa a mente, a gente não tem tempo de pensar coisa ruim. Aqui na cadeia, a leitura ajuda*

*agüentar o dia-a-dia, é um tempo que você não percebe passar, fica só concentrado na leitura. Pelo fato de estar lendo já vai distrair, então você fica longe das discussões, já que às vezes a gente acorda meio nervoso, por estar sempre no mesmo lugar, na mesma rotina, então, ao invés de sair descontando em um, descontando em outro, pega e vai ler um livro, sossega, senta num canto e começa a ler, começa a relaxar, se não fizer uma leitura fica pesada a cadeia. Ler ajuda bastante, traz alegria, relaxa um pouco, refresca muito a cabeça, não deixa ficar nervoso, neurótico. A leitura eleva, ao invés de trazer depressão, eleva, tira daquele mal-estar, leva a gente para outro lugar, a mente da pessoa descansa quando está lendo e a hora passa, quando você vê, já passou outro dia, é uma terapia. Além disso, a gente sempre tem que saber do que se passa lá fora porque um dia a gente vai sair daqui e temos que estar atualizados.*

*Antes de vir para a prisão eu não gostava de ler. Dificilmente lia e não gostava de ler livro, só jornalzinho eu lia na rua, mas só isso, apenas para procurar anúncios de carro e moto. Na rua, lia de vez em quando, mas não era todo dia, aqui é porque não tem muito o que fazer, aqui eu leio todo dia, mas na rua era de vez em quando, se não tinha o que fazer, ficava em casa, então pegava um livro na estante e ia ler, uma enciclopédia ou qualquer coisa e ficava lendo. Lia mais na escola e toda sexta-feira tinha uma aula de literatura onde a professora dava o livro pra ler em casa, que eu lia a noite, mas quase não lia.*

*Comecei a ler a partir do momento em que comecei a “puxar cadeia”, porque são muitas horas vagas, então fica lendo. Aqui dentro a gente vê uma coisa que interessa, uma coisa que chama a atenção, a gente se interessa por aquilo, começa a ler, porque não tem muita coisa que fazer, então, começa a ler livros pra passar o tempo. Depois o cara já começa a se interessar por ler um livro maior, porque pega um livrinho, lê em uma hora e não tem mais nada pra ler e se o cara pega um livro grosso, já tem o que ler uma semana toda. Outro motivo para ler aqui dentro é porque os irmãos vêm aí, começam a orar, a ler e a gente vai se apegando mais.*

*Aqui a gente se ocupa, numa Placar, numa revista assim, às vezes pinta uma revista da Playboy, revista Isto É, a Manchete, uma Veja, revistas que as irmãs trazem, como revista de carro, de moto, de viagens, coisas de guerra, tem várias coisas diferentes. A gente lê revista pra saber o dia-a-dia, o que está acontecendo no mundo lá fora, lê pra ficar atualizado, saber tudo que está acontecendo, não parar, porque aqui dentro a gente é um povo assim meio atrasado e uma Veja ou uma Isto É, você lendo, mesmo que já tenham passado dois meses, para você são novidades, são coisas de fora, são conhecimentos. A gente lê bastante jornal também, quando entra o Diarinho aí é uma loucura, corre a cadeia toda, principalmente notícias de polícia. Todo mundo quer saber as notícias que estão acontecendo na cidade, ficar por dentro do que está acontecendo na rua, na população, perto de casa. Também entram aqueles gibizinhos e revistas que o pessoal usa para fazer artesanato.*

*Mas de todos os materiais, a coisa que eu mais adoro ler na minha vida é a Bíblia pois tudo que vem da Bíblia é bom. Isso aí melhora 50% da vida da pessoa, porque a Bíblia é uma palavra que conforta mais a pessoa, aqueles trechos que mexem com a gente. É a melhor companhia e o melhor esclarecimento e refrigeração para a mente do ser humano. A Bíblia é o maior e o mais completo livro do mundo e é uma coisa que aqui dentro a gente precisa muito. A parte dos provérbios, por exemplo, é um grande incentivo às pessoas que se encontram num lugar igual como nós estamos - a cadeia. Os salmos também trazem muitas coisas boas, relaxam mais a pessoa, a gente pára pra refletir. É difícil o dia que a gente não pega a Bíblia pra ler ali dentro, no lugar que a gente fica, no cubículo. A leitura da Bíblia traz alegria, faz a gente se sentir aliviado, pensar coisas boas, traz mais liberdade. Aqui, nesse lugar, a gente pensa muita coisa ruim e pra tampar*

*a coisa ruim tem que ter uma coisa boa e essa coisa boa é a Bíblia. Às vezes o cara está meio mal, então dá uma lida na Bíblia e já dá uma aliviada na cabeça. É a única hora que você consegue sair daqui, quando pega a Bíblia e lê. Lendo a Bíblia já lembra da família, dos filhos, pára um pouco, pensa neles, começa a ler de novo e assim vai indo.*

*Também leio livros e o que eu mais gosto de ler é um livro de literatura. Gosto muito de um romance, porque é calmo e uma coisa de ação aqui já não combina muito, porque aqui já é todo dia ação, então o negócio é um romance. Eu vejo um livro, vejo o título dele, sobre o que ele fala, eu olho atrás, vejo o que ele está dizendo, então se eu achar interessante eu pego ele pra dar uma lida. Começo a ler, se eu achar interessante eu continuo até o final. Geralmente eu leio umas quatro ou cinco páginas e, se me interessar, eu continuo lendo. Um dos livros que li foi o “Estação Carandiru” que um rapaz deixou ali. É um livro importante, um livro daquele é uma lição de vida pra gente! Eu também gosto de histórias assim bem fáceis, como da Cinderela, essas coisas de contar histórias, coisas assim que instruem a mente e lhe fazem sair daqui, pelo menos o pensamento. Eu tenho minhas preferências, mas se eu chego aqui, não tenho nada pra ler, eu vou pegar um dicionário, começar a aprender, aprender os significados de tudo, então, a leitura é assim, vai muito do costume.*

*Aqui na cadeia eu costumo ler pela tardezinha, quando eu venho pra dentro do cubículo, uma vez que acabou a visita, mas o melhor horário é à noite, quando todo mundo está quietinho, é o horário que a gente se sente mais sossegado. De noite tem menos barulho, lê com mais atenção, principalmente antes de deitar, dentro do xadrez. Na minha jega ninguém me incomoda. A gente lê e fica em paz, daí vai dormir. Às vezes você perde o sono, então fica lendo até dar sono de novo, a gente lê para dormir.*

*Com a leitura a pessoas muda muito, a pessoa procura se esclarecer, procura melhorar cada vez mais porque a leitura desenvolve a mente da pessoa, a gente já lê melhor, já fica no ritmo de ler. Quanto mais lê, melhor vai ficando, faz com que a pessoa aprenda um pouquinho mais, fique mais esperta e cada vez que a pessoa lê, vai se interessando mais. Além disso, a leitura traz tranqüilidade para a mente, a pessoa fica sossegada e aquele nervoso, aquele vazio que você tinha na mente é ocupado pela leitura. Ajuda a pensar pra frente, quando uma pessoa lhe irritar, contar até 10, essas coisas assim, fazer novas amizades. A leitura acalma um monte a pessoa. Com a leitura adquirir, inclusive, essa profissão que eu tenho, sou o melhor técnico da cidade em porteiro eletrônico. A pessoa que chega aqui na cadeia e começa a ler a Bíblia, a pessoa muda, tem até pessoas que chegam, conhecem a Bíblia aqui dentro, se apegam nela e viram crentes.*

*Com a leitura a gente sempre aprende, conforme vai lendo sempre tira alguma coisa de bom. A leitura ensina a respeitar do menor até o maior, do mais velho até o mais novo, como eu devo me portar perante a minha família, meus filhos e os mais velhos todos em geral, aprende tudo isso com a leitura porque ela traz coisa muito boa, só não aprende mesmo aquele que não tem desejo de saber. Aprende através dos erros que você vê na leitura, pela lição dos erros que aconteceu na história, porque também pode acontecer com você. Aprende a dar conselhos, a tentar ajudar, porque é uma coisa que toca no coração, pesa na cabeça. A gente então já pensa em sair daqui e voltar a trabalhar de novo, sair dessa vida do crime, que não leva a nada. Aprende que nem tudo na vida é como a gente quer, se fosse como a gente quer não estaria aqui, estaria na rua, mas era o destino. A gente vê, também pela leitura, que nossa cidade não é igual como cidade grande, o cara lê muito isso em jornal, em revista. Aprende que tudo que você lê, se você não entendeu a primeira vez, vai ler a segunda, a terceira, pra entender muito melhor pois se eu tivesse me apegado à leitura, interpretado e entendido a lei, talvez eu não estaria aqui. A leitura mostra a realidade, mostra o antes e o depois das nossas atitudes, mas também ensina um monte de histórias tolas, um monte de palhaçadas.*

A partir deste discurso, desta fala do social, emergem as representações do grupo de sujeitos entrevistados referente à prática da leitura de materiais impressos.

#### **6.4 As representações atribuídas e a origem dos discursos, das “falas” sociais**

O discurso apresenta dois momentos bem distintos referentes à prática da leitura: o antes e o após o ingresso na prisão. A relação com a leitura se modifica de um momento para o outro, sendo que a mudança mais evidente é o tempo de dedicação para a leitura, em geral muito maior após o ingresso na prisão, devido principalmente à falta de atividades a serem realizadas durante as 24 horas do dia. Em contrapartida, a variedade de leitura tornou-se bastante limitada na prisão devido às dificuldades de acesso e à oferta reduzida de materiais impressos para a leitura.

De modo geral, o que se observa na fala deste sujeito coletivo é a atribuição de significados positivos e exclusivamente benéficos à prática da leitura, onde emergem representações como:

##### **6.4.1 A importância do ato de ler**

A leitura é vista como algo exclusivamente benéfico. Ler, para este grupo, traz o bem e faz o bem, promove a melhora das pessoas, não só a melhora ontológica, a essência do homem, mas também o seu crescimento e aprimoramento intelectual. Pode-se afirmar que na visão do grupo, a leitura tem uma função espiritual (abre a mente) e uma função material, utilitária, essencial para a realização de diversas ações na vida em sociedade, desde ações corriqueiras do dia-a-dia, como pegar um ônibus, até ações mais complexas, que exigem maior e melhor desempenho intelectual, como a conquista de boas oportunidades de emprego, mesmo porque a leitura para eles está estreitamente vinculada ao processo de escolarização. Como na história de Sherazade<sup>108</sup>, a leitura é sinônimo de salvação, inclusive a salvação do mundo do crime.

---

<sup>108</sup> Referência as “Mil e uma noites”.

Poderia aqui utilizar uma frase de Manguel (1997) para “representar” a representação sobre a importância da leitura, percebendo que “ler, quase como respirar é nossa função essencial”.

Esta representação está, partindo das concepções de Moscovici, fortemente influenciada pelo discurso dos meios de comunicação de massa, onde os aspectos exclusivamente positivos da leitura são sempre reforçados, discurso este relacionado diretamente às campanhas governamentais para o incentivo à prática da leitura. Este discurso governamental perpassou diversas vezes a fala dos sujeitos entrevistados. Um deles chegou, inclusive, a mencionar como muito importantes as campanhas feitas pelo governo para estimular as crianças a ler e tirá-las das ruas, levá-las para a escola. Este também foi um traço comum entre o grupo – o de que a escola é o espaço privilegiado e mesmo ideal para a prática da leitura.

#### 6.4.2 Como se tornar um leitor

O principal aspecto destacado para a formação de um leitor foi o apoio e o incentivo de outras pessoas, a necessidade da existência de um modelo em quem se inspirar. Não raro, nas histórias contadas por importantes leitores, a figura desse “mestre”, dessa pessoa inspiradora aparece. Manguel aponta que seu prazer pela leitura foi reforçado no período em que conviveu com Jorge Luis Borges, lendo para aquele os livros que já não tinha mais condições de ler. Também Proust e Sartre mencionam suas fontes inspiradoras nas obras em que narram suas trajetórias como leitores.

Além de ter alguém em quem se inspirar, Silva (1997) aponta que para a formação de leitores é essencial ter acesso aos livros e a outros materiais de leitura, sem os quais tal prática torna-se quase impossível. Acesso este de grande dificuldade para os sujeitos entrevistados, não apenas por ocasião da prisão, mas mesmo antes desta, dado o precoce abandono da escola e à pouca disponibilidade de materiais de leitura a que tinham acesso em suas casas, realidade esta que é a vivenciada, conforme Silva (1987) pela imensa maioria da população brasileira.

Outro aspecto que atravessa a representação da formação do leitor é o papel atribuído à escola nesta tarefa. A escola é vista como o espaço privilegiado e mesmo ideal para o incentivo e a prática da leitura. A escola é considerada uma instituição benéfica e positiva, que contribui decisivamente para a formação de homens bons e inclusive, para

afastar as pessoas do mundo do crime. Quem frequenta a escola, para o grupo, tem melhores oportunidades na vida, principalmente na conquista de empregos, e a leitura está implicada nesta tarefa.

Este é um discurso fortemente influenciado pelos meios de comunicação de massa, onde se atribui à escola a tarefa de eliminar ou resolver as diferenças sociais. É o discurso de que a escola promove a igualdade de oportunidades e só não aproveita quem não quer. Isto atravessa os discursos do grupo, onde se chegou a afirmar que se “tivesse frequentado a escola, hoje não estaria aqui [na prisão].”

Os meios de comunicação, sobretudo os programas de TV atuam no sentido de construir essas representações. Moscovici aponta que os meios de comunicação de massa exercem papel decisivo na formulação das representações que fazemos sobre o mundo a nossa volta, meios aos quais se atribui um valor absoluto de verdade e credibilidade, chegando a ser determinante até mesmo da própria realidade. Como descrevem Berger e Luckmann (1996), construímos a realidade a nossa volta a partir das nossas relações sociais, das instituições em que vivemos, sob a influência das mídias, passamos a considerar como realidade aquilo que está na TV, nos jornais e nas rádios. Como os meios de comunicação estão frequentemente atrelados a interesses econômicos, dos poderes e das elites que dominam as sociedades, mesmo no que se refere à transmissão de notícias, que segundo Marcondes Filho, têm valor de troca e de uso, estes discursos estão contaminados por ideais de dominação e opressão.

É sob a influência desses ideais, perpetuados pela mídia, que as representações (e futuras ações) são socialmente construídas. Não por acaso os sujeitos atribuíram papel tão central à escola como disseminadora da prática da leitura. Sob que influências a escola opera, que valores e atitudes ajuda a propagar, se o resultado pode ser a manutenção das desigualdades e inclusive o reforço de sua própria exclusão, isto não aparece nos discursos.

#### 6.4.3 A eleição da Bíblia como melhor material de leitura

Dentre os materiais de leitura a que têm acesso, o preferido ou o mais recorrente pelos sujeitos entrevistados é a Bíblia. Apenas um dos entrevistados referiu não ler a Bíblia.<sup>109</sup> O tempo de dedicação a esta leitura varia de um entrevistado para outro, mas

---

<sup>109</sup> Este detento aponta como justificativa para não leitura do texto bíblico o seguinte: “A Bíblia eu não gosto de ler não, eu já li mas não gosto. Eu acho que Deus tem que tá aqui (mostra o lugar onde fica o coração). Eu

todos dedicam, diariamente, algum tempo à leitura do texto bíblico. O conteúdo desta leitura é geralmente escolhido ao acaso, sendo que o livro dos Salmos ocupa lugar de destaque nas preferências do grupo. À Bíblia se atribui um valor de verdade absoluta, de libertação, de calmante e relaxante para as tensões do dia-a-dia, de reencontro com a vida fora da prisão. A maioria dos entrevistados, além de ler a Bíblia, também participa dos encontros com os grupos religiosos, que desenvolvem ações, cultos e encontros de oração no presídio.

O tempo de convivência no ambiente prisional permitiu-me visualizar uma espécie de “fases” pelas quais os detentos passam a partir de sua chegada na prisão. O primeiro momento é o de negação, de revolta, de terror mesmo em relação àquele espaço. Os próprios entrevistados chegaram a mencionar os primeiros 12 meses como os mais difíceis.

Conforme os dias vão passando, os detentos vão se acostumando à rotina e neste período aumenta consideravelmente a procura ou participação nas ações realizadas pelos grupos religiosos, a mudança de religião (em função dos próprios grupos com os quais passam a interagir) e a dedicação de mais tempo à leitura da Bíblia. É como se eles buscassem a salvação, a remissão pelos pecados ou o alívio para sua consciência, como se a participação junto a esses grupos, o envolvimento com uma religião os absolvesse de suas faltas e até dos crimes que praticaram, uma espécie de justificativa para as ações que praticaram.

Na medida que se aproxima o término da pena ou a possibilidade de livramento condicional, a religião começa a desempenhar um papel bem menos importante e não é raro o rompimento ou o afastamento dos detentos em relação aos grupos religiosos, antes tão importantes. Até mesmo a leitura da Bíblia começa a ser realizada com menos frequência. Os próprios detentos percebem esta relação com a religião, com a Bíblia, inclusive, um dos entrevistados fez questão de observar que não tinha começado a ler a Bíblia só porque estava preso, mas que já o fazia antes do ingresso na prisão.

Este é um aspecto que se destaca: aqueles que já liam a Bíblia “na rua” o fazem com a mesma ou maior intensidade na prisão; os que a liam esporadicamente ou não liam, a ela se entregam efusivamente durante um certo período de tempo, rareando esta leitura

---

não sou desse estilo de pegar uma bíblia nada, por embaixo do braço. Deus tem que tá no coração, pra mim tando no coração tá bom, não precisa andar com uma bíblia e lendo isso e aquilo. (...) Ninguém pode provar nada, entendeu o que é que acho. É que ninguém de nós consegue provar se aquilo ali que tá escrito na bíblia é uma realidade. Alguém consegue provar isso? Já visse alguém chegar e provar que aquilo ali é tudo certo? Eu nunca vi! É um livro como outro qualquer. É a história de Deus. Contada por outra pessoa. Quem vai dizer que é a realidade aquilo ali? O livro é uma história, agora eu não gosto de ler a bíblia, não gosto mesmo.” (Entrevistado B)

conforme se aproxima a data da saída da prisão. Obviamente, não foi neste estudo que se pretendeu dar conta ou tentar explicar esta relação com o texto bíblico, com as religiões ou com a fé. As reflexões aqui apresentadas são fruto da observação e de relatos informais colhidos durante um período de convivência na prisão que antecede a própria realização do estudo. Entretanto, as reflexões apresentadas certamente contribuem para a compreensão da representação sobre o valor de verdade atribuído ao texto bíblico. Só esta questão já é suficiente para a condução de um novo estudo, para tentar compreender esta relação de aproximação e distanciamento do detento em relação às práticas religiosas e à leitura da Bíblia.

De qualquer modo, o mais importante a se destacar aqui é a representação de que a Bíblia “diz a verdade”, de que o texto da Bíblia liberta, leva à salvação. Esta não é uma representação exclusiva dos detentos, mas sim fortemente evidenciada na prisão. Também evidencia-se que a questão não é a religião em si, todas são de certa forma encaradas como verdadeiras. Para o grupo, parece que o vínculo religioso não é o mais importante e sim, não se distanciar da “palavra de Deus” – a Bíblia.

De fato, em seu estudo sobre o sistema totêmico australiano, Durkheim (2000) afirma que, no fundo, “(...) não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana.”<sup>110</sup> Isto é ainda mais forte nas religiões chamadas de cristãs, já que orientam-se todas por um mesmo guia, documento – ainda que traduzido e interpretado diferentemente por cada uma delas – mas de qualquer forma, o mesmo instrumento disseminador de suas crenças – a Bíblia. Daí o valor absoluto de verdade ser tão marcante na representação deste material de leitura em particular.

Esta é uma representação caracteristicamente coletiva, conforme a definição de Durkheim (2003). É algo consolidado, cristalizado nas concepções dos grupos que professam o cristianismo. Não por acaso, por muito tempo, e mesmo hoje, as religiões ou crenças religiosas determinaram o modo como o mundo era lido, representado. De acordo com Durkheim (2000),

“(...) os primeiros sistemas de representação que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa. (...) Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por fazer as vezes de ciência e de filosofia. Mas o que foi menos notado é que ela não se limitou a enriquecer com

---

<sup>110</sup> Durkheim, (2000, p. VII)



um certo número de idéias um espírito humano previamente formado; também contribuiu para formar esses espírito. Os homens não lhe devem apenas, em parte notável, a matéria de seus conhecimentos, mas igualmente a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados.” (Durkheim, 2000, p. XV)

Por isso mesmo foi tão evidente a representação coletiva de que o texto bíblico é sinônimo de verdade e tem a finalidade de explicar e determinar a existência, de dar conselhos. Talvez por isso mesmo se recorra tanto à leitura da Bíblia na prisão, pra tentar entender, explicar e justificar os rumos pelos quais seguiram as suas vidas, sobre como foram parar na prisão. E como a noção de crime, a representação sobre o crime e o criminoso está, muitas vezes, associada à concepção de bem e de mal, a leitura da Bíblia ajuda os detentos a justificar sua inocência, ou seja, apesar do crime praticado, eles são pessoas boas. Este foi um discurso que esteve presente em quase todas as falas. Sobre a relação com as religiões e com o próprio texto bíblico? Bem, isto já seria matéria para uma nova pesquisa.

#### 6.4.4 A leitura como terapia

O que acontece quando lemos? O que acontece quando interpretamos um texto? Para Ouaknin (1996), “(...) toda leitura implica um fenômeno de interpretação, (...) o ato de interpretação é inerente à leitura e a interpretação é, em si, uma terapia...”<sup>111</sup>

Sob diversas nomenclaturas, o ato de ler foi considerado pelo grupo como uma terapia. Não a terapia para uma doença do corpo, mas a terapia da alma. A atribuição de valor terapêutico à leitura, ao texto, à narrativa não é originária de nosso tempo e sim tão antiga quanto a própria arte de narrar. A *katarsis* de Aristóteles (1996) já era uma exposição da relação entre a literatura e a alma do homem. O filósofo considerava que o teatro, a tragédia, era capaz de despertar nas pessoas emoções e paixões, transformar o medo em um prazer estético de modo a supera-lo. O mesmo pode ser transposto para a leitura. Através desta o alcance da purificação, da serenidade, da libertação.

Historicamente, a palavra terapia é usada como sinônimo de cura. Entretanto, ela envolve muito mais do que isso e sim tem uma função preventiva. Conforme Caldin

---

<sup>111</sup> Ouaknin (1996, p. 19)

(2002), “(...) o sentido primário da palavra *terapeuta* é aquele que *cuida*, consistindo os primeiros terapeutas em médicos e filósofos – os que cuidam do corpo e do espírito.”<sup>112</sup>

A leitura como terapia é o resultado da interação entre o leitor e o texto, ou seja, compreender o texto e se compreender. Isto porque a leitura é sinônimo de liberdade, já que cada leitor confere a um texto a sua interpretação, a sua posição frente a este texto. Conforme Caldin (2002), “(...) o leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos.”<sup>113</sup> Esta interação pode ser ilustrada pelo depoimento de um dos entrevistados ao afirmar que quase nunca chega ao final dos livros, ele lê até onde sente que o texto lhe desperta algo, quando este não lhe causa mais nenhuma reação, o texto é abandonado.

A leitura é vista, então, pelo grupo como um tratamento para o espírito e uma possibilidade de libertação para este, uma passagem através do concreto das paredes da prisão. Por isso, romances, contos de fada, auto-ajuda e a Bíblia são os materiais mais lidos. Não estou querendo dizer que eles buscam a “cura” de seus pecados (no que se refere ao motivo por estarem presos), até porque a maioria não considera seus crimes como pecados e sim como necessidade.<sup>114</sup> Estou sim querendo dizer que eles buscam a paz e a tranquilidade para o espírito, já que o corpo está sempre à mercê dos danos físicos. Para eles a leitura desempenha essa função. É uma leitura biblioterapêutica.

Conforme Ouaknin (1996), a biblioterapia parte da tese central de que “o ser humano é uma criação contínua, em incessante movimento de tornar-se.”<sup>115</sup> Para o autor, essa transfiguração encontra as suas forças “no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura.”<sup>116</sup> É através da leitura, da interação com o texto, o contentamento ou descontentamento com a narrativa que o leitor atravessa as barreiras do concreto, do real e constrói um mundo novo a sua volta, liberta o seu espírito. Ouaknin define a atitude da leitura biblioterapêutica como sendo a de

“(...) procurar encontrar no texto esse despedaçamento criador, ‘essa aurora diferente e recomeçada na qual, de repente, as coisas

---

<sup>112</sup> Caldin (2002, p. 5)

<sup>113</sup> Idem, p. 4

<sup>114</sup> Lembremos que todos os entrevistados estavam cumprindo pena por tráfico de drogas e este crime é encarado pela maioria deles como um comércio, que é ocasionalmente ilegal, mas que poderia não ser, diferente dos estupradores e homicidas, por exemplo, estes sim considerados homens maus e, portanto, criminosos.

<sup>115</sup> Ouaknin (1996, p. 97)

<sup>116</sup> Idem

tomam um outro aspecto em uma paisagem desconhecida’, na qual de repente nos sentimos invadido por um sentimento de alegria de viver, de existir. A existência é arrancamento de si, separação nova entre e si mesmo como um outro.” (Ouaknin, 1996, p. 98)

#### 6.4.5 A leitura como meio para se isolar e a eleição da noite como melhor horário para a leitura

Ouaknin (1996) define o ato de ler como um ato solitário, um ato de encontro com o texto e consigo mesmo. Na prisão, onde os momentos de individualidade são raros, a leitura acaba se constituindo em meio para tal, para sentir-se um pouco só, distante da multidão de rostos que são, ao mesmo tempo, desconhecidos e sempre os mesmos.

Proust (1991), ao narrar sua história como leitor, também aponta que a leitura é este reduto onde se pode fugir – ao menos por um tempo – da “vida real”, da realidade que cerca o leitor e ir para o mundo narrado no pelo livro. Foi comum, entre os entrevistados, a atribuição deste fim à leitura, ou ao menos, ser este um dos sentimentos experimentados pelo grupo durante a prática do ato de ler. Alguns chegaram a usar expressões como: “quando estou lendo, eu estou livre...”; “só na leitura a gente sai daqui [da prisão]”. Mais uma vez a representação de que a leitura rompe com a barreira do real, com as paredes da prisão.

Neste ato solitário, o melhor horário para a leitura foi considerado o da noite já que, para o grupo, a leitura exige concentração e entrega, e o horário de maior silêncio é a noite, em particular, a madrugada. A leitura, principalmente a da Bíblia, foi apontada como o calmante necessário para o despertar do sono. Talvez porque a noite representa a soma de todos os nossos temores e inseguranças.

Praticamente todas as religiões e crenças populares atribuem à noite a identidade de reduto de fantasmas, monstros e criaturas do mal. Lendas do folclore brasileiro, e de outros locais, como a mula-sem-cabeça, o boi-tatá, o lobisomem, o vampiro, todas têm em comum o fato de privilegiarem a noite como o horário de aparecimento dessas criaturas e a luz do sol, ou o dia, como a defesa e até arma (no caso do vampiro, por exemplo) contra esses seres.

A própria Bíblia aponta a noite como sinônimo do mal. Na morte de Jesus Cristo, o mundo ficou em trevas (para simbolizar o mal) e na própria narrativa do apocalipse descreve-se que a chegada do anti-cristo representará a chegadas da era das trevas para a

humanidade. Ou seja, o medo da noite está construído (e solidificado) coletivamente no imaginário popular, sendo transmitido de geração à geração, seja pelas lendas e mitos, seja pelas inocentes cantigas de ninar, como a do boi-da-cara-preta, seja na prática das religiões.

Esse temor pela noite e suas criaturas parece mesmo ser tão antigo quanto a própria história do homem. Na Mitologia Grega, por exemplo, o Tártaro<sup>117</sup>, uma das regiões do Hades (a terra das sombras)<sup>118</sup> é descrito como o local eternamente escuro, nas sombras, para onde são enviadas as almas daqueles que foram culpados de algum erro e que assim recebiam punição eterna.

Neste contexto de temores, a maior parte deles de ordem sobrenatural, a leitura da Bíblia e a própria religião apresentam-se como um amuleto, uma defesa contra esses seres e criaturas. Conforme Durkheim (2000), geralmente uma das características das religiões é de serem, justamente, a resposta ou a explicação para os acontecimentos de ordem sobrenatural, sendo este sobrenatural o “mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível.” Para o autor, “a religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.”<sup>119</sup>

Como se vê, na maioria das crenças, religiosas e folclóricas, a noite ocupa papel de destaque na presença de criaturas do mal e de temores diversos. Na prisão, além de todos os temores imaginários, a noite representa ainda o temor pelos danos físicos propriamente ditos. É no silêncio da noite que ocorrem, muitas vezes, os abusos sexuais, os “acertos de conta”, os espancamentos e até mesmo os assassinatos. Por isso o grupo define a leitura no horário da noite tanto como calmante ou relaxante para induzir ao sono, quanto o instrumento para manter a mente em “estado de alerta”, em estado de vigília para ao menos não ser pego de surpresa em algumas dessas situações e assim, ter alguma possibilidade de se defender. A salvação como fim para a leitura, muitas vezes, é a salvação dos suplícios – físicos e psicológicos.

---

<sup>117</sup> O Tártaro era uma espécie de abismo distante localizado bem abaixo de Gaia. Era uma região de trevas profundas e eternas, onde os deuses encarceravam em geral seus maiores inimigos, como por exemplo os derrotados *titãs*. Depois do Período Clássico, Tártaro tornou-se praticamente um sinônimo de *Hades*, nome do local para onde iam as sombras dos mortos. (Brandão, 1998)

<sup>118</sup> No limite da terra, onde o sol se põe e o oceano começa, abria-se o império dos mortos, no qual reinava o poderoso Hades. Os mortos eram julgados de acordo com sua vida passada e, conforme seus erros, eram postos em diferentes lugares. Os que não cometeram nenhum crime mas não se distinguiram por nenhuma ação virtuosa, ficavam na planície dos Asfôdelos. Aos heróis e aos homens virtuosos, os juízes reservavam os Campos Elisios. Lá estendiam-se clareiras floridas das quais elevava-se o canto dos pássaros e os acordes melodiosos da lira. Os bem-aventurados divertiam-se em banquetes onde o vinho corria à vontade. Já os que haviam feito maldades, estes eram encerrados no soturno Tártaro, cercado pelos meandros do rio Estige, e lá sofriam suplícios proporcionais a suas faltas. (Brandão, 1998)

#### 6.4.6 A leitura como instrumento para manter-se atualizado e para o aperfeiçoamento pessoal

A leitura só motiva, só traz e só ensina coisas boas. Esta foi a principal representação atribuída pelo grupo à prática do ato de ler. Este ato, para os entrevistados representa a chance de maiores e melhores oportunidades. Aqui, além das finalidades de ordem psicológica, são reforçadas as finalidades práticas, materiais e objetivas da leitura. A conquista de uma profissão, o engajamento em uma religião, a capacidade de interpretar a lei e evitar uma nova prisão. Todas essas atividades foram apontadas como resultantes da prática da leitura.

Em entrevista concedida à revista *Veja*, em outubro de 2003, o traficante Fernandinho Beira-Mar também aponta esta finalidade – a do aprender algo concreto – à leitura. Ele afirma que lê muito, mas não é qualquer livro. Ele não gosta de contos de fada, aventuras, histórias de ficção em geral e afirma: “Eu não leio para passar o tempo, leio para aprender.” Este aprender significa tirar algo de instrutivo da leitura, algo que lhe permita desenvolver ações, pôr alguma atividade em prática.

Através da leitura se concretiza o instrumento para o exercício da cidadania, ainda que este termo não tenha sido explicitado no discurso do grupo. Entretanto, o discurso sobre a finalidade educativa da leitura está ancorado nos pressupostos da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, não apenas o direito a ser informado, mas o direito a ser cidadão.

Ainda que os entrevistados não tenham jamais lido a Declaração, seus fundamentos perpassam seu discurso, há a presença da consciência cidadã, ainda que, com o perdão da redundância, eles não estejam conscientes disso. E como isto é possível? A noção de Direitos Humanos, associada aos ideais de revoluções como a Francesa, perpassam o discurso de todas as sociedades do ocidente e são transmitidas, via senso comum, como definiria Moscovici (2003), de geração a geração.

Através do que Berger e Luckmann (1996) descrevem como o processo de socialização do homem, a interação dos indivíduos com os grupos sociais e instituições

---

<sup>119</sup> Durkheim, 2000, p. 5

oriundas da sociedade a que pertence, na sua formação como *homo socius*, estes conceitos e ideais vão sendo incorporados às suas crenças, atitudes e ideologias.

Também os meios de comunicação, como bem reforça Moscovici (2003), são responsáveis pela disseminação e propagação desses ideais, pressupostos e discursos, que ao longo do tempo solidificam-se e incorporam-se ao pensar dos grupos que formam as sociedades, sem que estes sequer se dêem conta da própria origem de suas falas.

Esta é a representação onde o conceito de Ancoragem de Moscovici (2003) torna-se mais evidente dentre todas as outras demais falas. Poderia-se afirmar que este discurso concretiza-se como o que Bourdieu (2000) classificaria como “habitus”, ou seja, uma crença profundamente arraigada nas concepções do grupo, passada de geração a geração e difícil de ser modificada.

Os entrevistados selecionam seus materiais e lêem, com a certeza de que estão sempre acrescentando algo de novo ao seu volume de conhecimento, sempre aprendendo algo positivo que lhes ajude ou lhes permita desenvolver alguma ação. A leitura, portanto, não tem para eles apenas uma função terapêutica mas também, e, fundamentalmente, uma função educativa e por isso é uma atividade que deve ser promovida e incentivada na prisão, onde é vista como instrumento para a superação de barreiras, de limitações impostas pelo baixo nível de escolaridade. A exemplo do que nos tenta convencer o discurso do governo, a leitura, como a escola, é vista como a chave para a superação das desigualdades sociais.

## 7. UMA ÚLTIMA LEITURA

Mil noites e uma noite para curar. Mil noites e uma noite para salvar. Mil noites e 145 noites – é o tempo mínimo de pena para quem é preso por tráfico de entorpecentes, artigo 12 do Código Penal. Assim como ocorre com Xeriar, o rei “salvo” pelas histórias narradas por Sherazade, também os entrevistados na pesquisa aqui relatada, buscam na leitura a sua salvação e a vêem como uma ação dotada, exclusivamente, de aspectos positivos.

Ler “abre os caminhos”, propicia aprendizagem, crescimento espiritual e intelectual, pode ajudar a sair do mundo do crime, ou ao menos ajudar a sair virtualmente do ambiente da prisão. A leitura só traz o bem, só faz o bem e é uma prática a ser incentivada, pois pode ajudar a resolver, ao lado da escola, as desigualdades sociais. Esta, ou estas são as representações atribuídas à leitura pelos sujeitos do estudo aqui relatado.

Apesar das dificuldades de acesso, das limitações impostas pelo ambiente, a leitura é uma prática recorrente entre os detentos, ainda que em alguns momentos esta leitura esteja restrita a materiais religiosos. Se a leitura efetivamente salva, em que consiste essa salvação, somente um novo estudo poderia vir a apontar. De qualquer modo, para avaliar qualquer possibilidade educativa ou ressocializadora da leitura é necessário, antes de mais nada, a existência de bibliotecas e outras ações envolvendo tal prática. Enquanto a oferta de materiais de leitura estiver apenas no texto da Lei, sem se efetivar na realidade das instituições prisionais, não se poderá desenvolver trabalhos com a leitura nem avaliar sua contribuição para a reinserção social dos detentos, isto sem mencionar todos os outros direitos, principalmente saúde e educação, que têm sido negados à população prisional.

Sobre a leitura na prisão, apesar de serem raras as pesquisas a tratar deste tema, vamos encontrar na literatura, no cinema e em histórias da vida real, vários exemplos de sua presença neste espaço, das representações, sentimentos e ações que ajuda a desencadear.

Na ficção, o mais célebre exemplo, a história do Conde de Monte Cristo, que através da leitura pôde tornar-se um homem culto, aprender outros idiomas e assim melhor usufruir de sua riqueza ao fugir da prisão. O conhecimento adquirido foi usado também no planejamento e execução de sua vingança, o que aponta para aspectos que os entrevistados não destacam: o do uso da leitura não apenas para o bem, talvez o bem próprio sim, mas também o mau de outras pessoas. Mas aí já entraríamos numa discussão sobre o que é

fazer o bem e o que é fazer o mal, ou sobre as aplicações da leitura e estes aspectos, este estudo não se pretendeu, nem poderia dar conta.

Do cinema, destaca-se o filme Hurricane – O furacão, que é inspirado na história real do lutador Rubin Carter. Graças à prática da leitura, Rubin escreveu um livro enquanto cumpria sua pena e, através deste livro, da leitura do mesmo, conheceria o rapaz que seria decisivo na comprovação de sua inocência e na sua liberdade.

Na “vida real”, destaca-se a história de Antonio Gramsci, cuja obra toda foi escrita durante o período em que esteve na prisão, na qual morreria em 1937. Não fosse por seu amigo, Piero Sraffa, que lhe abriu uma conta sem limites em uma livraria de Milão, é provável que toda a obra de Gramsci jamais tivesse sido escrita.<sup>120</sup> Durante o período que esteve preso, Gramsci teve acesso a todos os livros que desejou, pois além da conta irrestrita na livraria, seu amigo Piero, provindo de família influente, garantia a entrada das obras na prisão. Seria ele também quem garantiria, mais tarde, que todos os manuscritos de Gramsci fossem publicados, oportunizando a todos o acesso a tão rica obra.

Dos três exemplos citados, o ponto comum é o aspecto positivo resultante da prática da leitura, sobretudo, o bem para si mesmo e, inclusive, a conquista de bens materiais, da liberdade de pensamento e da própria libertação da prisão. Percebe-se também que a escolha dos materiais de leitura está diretamente ligada a fatores emocionais, psicológicos e tem relação direta com o ambiente de leitura. Não por acaso, entre o grupo pesquisado, os dois materiais de leitura mais citados foram o livro Estação Carandiru e a Bíblia. O ambiente influencia as escolhas e, muito provavelmente, a aplicação dos conhecimentos obtidos através da leitura, o que já é tema para uma nova investigação.

Conforme foi descrito no capítulo cinco, esta pesquisa teve caráter exploratório e, portanto, já era de se esperar que ao seu término, novas questões, indagações e inquietudes fossem despertadas. A mais latente de todas elas, porque também a mais evidente emanada pelas representações é a de entender por que os sujeitos atribuem um valor e um papel tão importante à leitura e à escola<sup>121</sup> na organização da sociedade, considerando-se eles próprios inferiores ou destinados a papéis inferiores neste contexto de sociedade letrada? Por que atribuir o valor exclusivamente positivo justamente aquilo que colabora para sua exclusão? Seria uma tentativa de assim justificar o seu ingresso na criminalidade e convencer-se de que as coisas são assim porque deviam ser, a crença no destino? Não é

---

<sup>120</sup> Esta história é contada por Hobsbawn (2002)

<sup>121</sup> Ficou evidente nas falas dos sujeitos atribuição de um papel de destaque para a escola no que se refere à formação do leitor, vista então como um local de estimulação e de ancoragem para a prática da leitura.



possível aqui responder a estas questões, mas afirmar que novos estudos, talvez resgatando a história de vida dos sujeitos, possa ajudar a compreender alguns dos aspectos que determinam as divisões de classe na sociedade, a consciência dessas divisões e talvez, até mesmo, compreender melhor o próprio ingresso dessas pessoas no mundo do crime e qual sua relação com a sociedade de onde provêm.

Outra questão emergente deste estudo é a de entender qual a influência dos meios de comunicação, em especial, a televisão na formulação das representações desses sujeitos, não apenas sobre a leitura da palavra, mas também e, principalmente, a leitura do mundo, a forma como lêem o mundo e a si mesmos.

Este estudo aponta para vários caminhos, reforçando a idéia de que a prisão é um espaço dinâmico, com ampla diversidade cultural, social, ideológica, quase que uma outra sociedade, com leis e códigos próprios, motivo pelo qual também este espaço desperta as mais inúmeras representações sobre si e seus habitantes. Dentre as possibilidades, poderia-se por exemplo avaliar a função biblioterapêutica da Bíblia ou das outras leituras, já que aqui foram apenas apontados os caminhos.

Evidencia-se também que a prisão é um espaço para a promoção de atividades que envolvem a narrativa, a escrita, as artes em geral, mas que estas ações têm sido, ao menos no Brasil, atividades esporádicas, mantidas por um certo tempo por grupos que têm afinidade, pelo espaço prisional ou que estão engajadas na luta pela garantia dos direitos humanos a todas as pessoas, ações geralmente sem sustentabilidade governamental e, portanto, sem garantia de continuidade.

Acredito sim que a leitura contribui para a ressocialização, pelo simples fato de, nas palavras de um dos entrevistados, ser uma atividade que “abre a mente”. Ressocializa no sentido de que uma vez leitor, nunca mais se é o mesmo, mudamos a cada nova leitura e assim estamos num processo de contínua transformação e aprendizagem. A leitura abre portas antes jamais imaginadas e cada texto, cada livro, cada leitura vão despertando em nós a vontade de vislumbrar novos horizontes e nada mais é capaz de nos aprisionar. O que faremos com estas leituras, se as usaremos para o bem ou para o mal, para nós mesmos ou para os outros, somente cada leitor pode determinar. Certo é apenas que não somos mais os mesmos depois que nos entregamos ao ato de ler.

Embora a leitura da Bíblia seja a mais recorrente no espaço prisional, este estudo sugere que a ausência de outras obras e de mediações para a leitura de outros textos pode ser um fator determinante dessa escolha. Um novo estudo poderia apontar a atuação do mediador no desenvolvimento da prática de leituras de clássicos da literatura, por exemplo,

já que dois dos fatores que favorecem a leitura da Bíblia são justamente a sua disponibilização e a realização de mediações dessa leitura por parte dos grupos religiosos que desenvolvem ações no espaço prisional.

Novos estudos são bem vindos e necessários, para que se possa compreender o papel da educação e da comunicação na formulação de nossas representações. No que concerne ao espaço prisional, somente com um número maior de investigações e questionamentos poderemos propor alternativas a este sistema, que não tem cumprido sua tarefa de recuperar, reeducar, reintegrar, ressocializar e todos os outros termos, que têm ficado apenas no papel.

É justamente por isso que não vou fechar os portões, eles seguem abertos, para quem ousar ultrapassá-los e conhecer o universo da prisão, com todas as suas falhas e todas as paixões que evoca e que desperta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVICH, Fanny. [Ponto de vista] In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ADORNO, Sérgio. A prisão sob a ótica de seus protagonistas. Itinerário de uma pesquisa. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 3, n. 1-2, 1991. p. 7-40.

A DURA vida no big brother. *Revista Veja*, ano 36, edição 1825. 22 de outubro de 2003.

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. *Lei de Execução Penal*. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Saraiva de Legislação)

BRASIL. Leis et. *Documentação civil*. Política antidiscriminatória. Crimes de tortura. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Justiça, 1998a.

BRASIL. *Código Penal*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1998b.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. *Sistema Prisional: dados consolidados*. Disponível em <http://www.mj.gov.br/depen>. Acesso em 22/02/03.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli*. Revista eletrônica de Biblioteconomia. Florianópolis, n. 12, jul/dez de 2001. Disponível <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro/bibli12/caldin.html>. Acesso em 15/11/2002.

CASTRO, Myriam Mesquita P. et al. Preso um dia, preso toda a vida: a condição de estigmatizado do egresso penitenciário. *Temas IMESC*. São Paulo, n. 1, 1984. p. 101-117.

CDHC – Coordenação de Direitos Humanos e Cidadania. *Guia de Direitos Humanos*. Porto Alegre, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FARR, Robert. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. História do nascimento da violência nas prisões. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Educação e Comunicação, v. 1.

\_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler*: em três artigos que se completam. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999a. (Série Questões da Nossa Época n. 13)

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999b.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

GARCIA-PEREZ, Maria Sandra. Um acercamiento a las bibliotecas de los centros penitenciários. *Boletim de la Asociación de Bibliotecarios*, n. 62, marzo-2001, p. 79-89.

GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

GODOY, Marcelo; GARBIN, Rafaela. Radiografia do cárcere. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <http://txt.estado.com.br/educacao/encarte/carcere/carcere.html>. Acesso em 22/07/2002.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GOLDENBERG, Mirian *A arte de pesquisar*. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

GOMES, C. A. *A Educação em perspectiva sociológica*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1989.

GRAMMONT, Guiomar. [Ponto de vista] In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

HOBBSAWN, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

HUMAN RIGHTS WATCH. *O Brasil atrás das grades*. Disponível em [www.hrw.org/portuguese/reports/presos](http://www.hrw.org/portuguese/reports/presos). Acesso em 15/07/2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Brasil). *Censo Demográfico 2000*. Disponível em [www.ibge.gov.br/populacao](http://www.ibge.gov.br/populacao). Acesso em 29/04/03.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Guia prático de linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LAPLANTINE, François. Antropologia dos sistemas de representação da doença: sobre algumas pesquisas desenvolvidas na França contemporânea reexaminadas à luz da experiência brasileira. In: JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LEFÉVRE, F. *O discurso do sujeito coletivo* - breve apresentação da proposta. Disponível em <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/resumo.html>. Acesso em 25/11/02a.

\_\_\_\_\_. *O DSC e os fatos sociais durkheimianos*. Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/durkheimiano.html>. Acesso em 25/11/02b.

\_\_\_\_\_, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. *O Discurso do Sujeito Coletivo – Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LIVEGOED, B. *A Biografia Humana*. São Paulo: Antroposófica, 1994.

MANCIE, Euclides André. *Globalização, dependência e exclusão social – O caso brasileiro*. Curitiba, 1999. Disponível em: <http://www.milenio.com.br/mance/dependencia.htm>. Acesso em 10/08/2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989

MARTINS, Paulo de Sena. *Assistência educacional nos estabelecimentos penais*. Disponível em [www.camara.gov.br/internet/diretoria/Conleg/Estudos/210642.pdf](http://www.camara.gov.br/internet/diretoria/Conleg/Estudos/210642.pdf). Acesso em 05/04/2003.

MELLO, José Marques de. Comunicação social: da leitura à leitura crítica. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, T. (Org.). *Leitura*. Perspectivas Interdisciplinares. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998 (Série Fundamentos n. 42).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório do Desenvolvimento Humano 1995*. Lisboa: Tricontinental, 1995.

\_\_\_\_\_. *Regras Mínimas para o tratamento de prisioneiros*. 1º Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Crime e Tratamento de Delinquentes. Genebra, 1955. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c\\_a/lex47.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex47.htm). Acesso em 02/10/2002.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.

PÉREZ-PULIDO, Margarita. Acerca de las bibliotecas de prisiones y sus servicios. *Educacion y Biblioteca*, año 9, n. 85, Madri, diciembre 1997. p. 40-44

\_\_\_\_\_. Práticas de leitura em prisão: estudos de atitudes y comportamiento de los reclusos en el centro penitenciário de Badajoz. *Anales de Documentación*, n. 4, 2001. p. 193-213.

PERROTTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins: apontamentos sobre a formação ao leitor. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PORTUGAL. Ministério da Justiça. *Animação sócio-cultural*. Disponível em [http://www.dgsp.mj.pt/corpo\\_ensino.html](http://www.dgsp.mj.pt/corpo_ensino.html). Acesso em 12/07/2002.

PORTUGUES, Manoel Rodrigues. Educação de adultos presos. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.2, jul/dez. 2001. p. 355-374.

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. (Orgs.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

REIS, Marisol de Paula. *De volta ao exílio: as Representações Sociais da reincidência Penitenciária*. Brasília, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília, 2001.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

- SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central das Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. *APÓIA* – Programa de combate à evasão escolar. Disponível em [www.sed.rct-sc.br/apoia/apoia.htm](http://www.sed.rct-sc.br/apoia/apoia.htm). Acesso em 05/05/03.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 4. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Leitura na escola e na biblioteca*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Leitura e realidade brasileira*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- SOS PRESÍDIOS: Ninguém é irrecuperável. *Boletim Panorama*. n. 34, 18/06/2000. Disponível em <http://www.jmn.org.br/panorama>. Acesso em julho de 2002.
- THOMPSON, Augusto. *A questão penitenciária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA EDUCACIÓN, LA CIENCIA Y LA CULTURA. *Programas de educación básica en los establecimientos penitenciarios: el reto de la metodología para la educación de adultos*. Disponível em <http://mirro-us.unesco.org/education/uie/online/prisp/5.html>. Acesso em 12/07/2002.
- VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- WACQUANT, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia: F. Bastos, 2001a.
- WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b.
- WHITROW, G. J. *O tempo na história. Concepções sobre o tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

## **ANEXOS**



## **Anexo 1**

### **ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO DE ENTREVISTAS**

#### **a. Dados de identificação**

Idade:

Cor:

#### **b. Perfil Sócio-Econômico**

Escolaridade:

Profissão:

#### **c. Sobre a leitura**

item 1

É importante saber ler? Por quê?

O que você considera indispensável para que uma pessoa consiga ler? (por exemplo: freqüentar a escola)

item 2

O que você lê (tipo de material e conteúdo)? Por quê?

Quantas horas por dia (ou semana) você dedica à leitura? (Para aqueles que lêem mais de um tipo de material, especificar o tempo por material lido)

item 3

Como você criou o gosto pela leitura?

item 4

Antes de vir para a prisão você também lia? Que tipo de material? Que conteúdo deste material? Quantas horas dedicava a esta atividade? (por dia/semana).

item 7

O que já mudou em sua vida por causa da leitura? Como você avalia esta mudança?

O que você já aprendeu com a leitura?

## Anexo 2

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Valquíria Michela John, e estou desenvolvendo a pesquisa Representações da Leitura na Prisão, com o objetivo de Conhecer as representações que são socialmente atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal de Santa Catarina à leitura que realizam dos materiais impressos a que têm acesso naquele ambiente, durante o período de reclusão. Esta investigação tem como propósito a produção de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Para a coleta de dados serão realizadas entrevistas, gravadas em fita cassete. Se você tiver alguma dúvida em relação à pesquisa ou não quiser mais fazer parte da mesma, poderá desistir a qualquer momento. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais, ressaltando que sua identidade, bem como da instituição onde a pesquisa está sendo realizada não serão divulgados. O conteúdo de sua entrevista será estudado no conjunto do conteúdo dos depoimentos dos demais entrevistados.

Assinaturas:

Pesquisador: \_\_\_\_\_

Orientador: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido sobre a pesquisa Representações da Leitura na Prisão e concordo que o conteúdo de minha entrevista seja utilizado na realização deste estudo.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2003

Assinatura: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

### Anexo 3

#### Termo de Aceite da Instituição

#### DECLARAÇÃO (responsável pela instituição)

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, como representante legal da Instituição, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: **Representações da Leitura na Prisão**, e cumprirei os termos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

**ASSINATURA**  
**CARIMBO DO RESPONSÁVEL**

## **Anexo 4**

### **Entrevistas**

#### **Entrevista 1:**

A.: Depois fica lendo aqueles folhetos que as tiazinhas trazem, aquelas bibliazinhas, é uma maneira de passar o tempo, né... Então aquilo ali, se tiver alguma coisa pra ler, um livro, alguma coisa assim, ocupa mais a mente das pessoas e eles não ficam pensando em coisa ruim. Então, isso ali, a leitura dentro da cadeia eu acho uma coisa importante pras pessoas que se interessam, porque tem gente que não se interessa, tem gente que por mais que se queira ajudar não tem mais jeito. Mas isso ali, a leitura é uma coisa importante.

V.: É da Pastoral da Igreja Católica?

A.: As quarta-feira, as tiazinhas. Então aquilo ali eles ficam duas horas pregando a palavra de Deus, então quando a gente vê já é meio dia, então passa bem rápido.

V.: O senhor participa?

A.: Eu participo, todo sábado, graças a Deus.

V.: O senhor lê os textos que eles trazem?

A.: Sim, eu agora não tô lendo porque eu tô enxergando muito pouco, o meu óculos foi pra rua porque eu quebrei então eu mandei pra rua pra arrumar, então acho que hoje a tarde já vem, então a gente se ocupa, num Placar, numa revista assim a gente fica ocupado, porque eu já sou uma pessoa mais velha, na hora de me recolher eu gosto de ficar sozinho, isso aí é bom pra gurizada que fica...

V.: Mais ou menos, quantas vezes por semana o senhor lê alguma coisa, livro, revista, enfim?

A.: Uma vez que tenha, se eu tô na minha jega, tô sentado lá, pego uma coisa, começo a ler, uma coisa que me interessa, eu pego uma coisa que me chama atenção, já começo a ler, isso é muito importante.

V.: E o que é que o senhor costuma ler?

A.: É revista Placar, é uma coisa, às vezes pinta uma revista da Playboy, a gente se interessa, você sabe disso, que homem é, né!!! Então a gente começa a ver os assuntos que a gente quer, começa a ver, começa a ler, as coisa que interessam.

V.: E assim, no seu dia-a-dia na prisão, como é que o senhor divide seu tempo, o senhor faz alguma atividade de trabalho, artesanato?

A.: Eu faço, a minha profissão é marceneiro e eu faço moveizinhos pra eles aí dentro, móveis da cadeia aí, que ali pega uma talbinha faz uma coisa pra um, faz uma coisa pra outro, então vou fazendo, os móveis ali dentro eu faço, até tô fazendo um lá, e tô meio parado porque meu deu um..., segunda-feira passei meio mal aí, agora que tô me recuperando, fiquei pra morrer aí dentro. Então é assim, a gente procura ocupar o tempo, que passa mais rápido. Até não sei mas eu tô com a esperança que vai abrir uma coisinha pra gente trabalhar, aí já melhora tudo.

V.: Tem algum horário do dia que o senhor prefere ler?

A.: Não sei, uma vez que acabou a visita, esse é o melhor horário. Acabou a visita cinco hora. Cinco hora passa, acaba a visita. Aí a visita conjugal sai, o pessoal entre pra dentro do cubículo, daí todo mundo já pega, vai pra jaga, vai fazer alguma coisa, outro vai fazer o café, esse é o horário melhor que eu fico lendo, é as cinco hora até as oito, depois durmo.

V.: Tem horário pra apagar a luz?

A.: Ali na escolinha tem. Na escolinha das nove as dez hora, onze e meia eu não sei como funciona, eu nunca tive ali.

V.: O senhor lê na sua própria cela?

A.: Na minha jaga, eu tenho a jeguinha lá, aí eu fico com os come queto lá, aí ninguém me incomoda.

V.: E assim, pra leitura, quais são as maiores dificuldades pra ler lá dentro?

A.: É o que eu digo, eu agora tô meio parado porque to sem o óculos, mas uma vez que eu tendo o óculos, eu me interessando por uma coisa eu começo a ler e vou embora, não paro mais. Até to lendo um livro lá de uma prisão em São Paulo, o Carandiru, eu tenho o livro ali. Acho que to na pagina 95, agora parei porque aconteceu esse acidente, mas é um livro que chama atenção, ve as coisas erradas que são feitas, martela.

V.: E o senhor acha importante ler, que as pessoas leiam?

A.: Ah, a leitura é uma coisa que só desenvolve a pessoa, a pessoa que lê bastante a tendência é ele ficar mais desenvolvido, ele ficar mais desembaraçado né. A leitura é uma coisa importante na vida do ser humano.

V.: O que o senhor acha assim que é indispensável para que uma pessoa consiga ler, o que que é importante pra ela, alguém que não lê de repente gostaria de começar a ler, o que que é importante pra pessoa conseguir ler?

A.: Eu não sei. Isso aí tem que fazer um trabalho, perguntar se ela quer começar a ler, porque tem certas pessoas aí, tem pessoas aqui dentro da cadeia que se abrir a cadeia eles não vão embora porque eles não têm aonde ir, então, vão se interessar ler pra quê? Então é assim, cada um é um caso, cada história é um caso, eu já me interesso porque, eles se me soltarem, oh, pula o muro e vai-te embora, eu não vou, porque eu tenho uma residência fixa aqui, tenho família, então eu vou fugir, vou fugir pra onde? Mas tem gente que não pensa assim, né, tem outras cabeças, é assim que funciona as coisas.

V.: E, por exemplo, o sr. acha que é importante a pessoa ter freqüentado a escola?

A.: Claro! O meu grau de escola é o 4º ano primário. Eu estudei no sítio, porque eu me criei em \_\_\_\_\_ lá, meu Deus, quem fazia o 4º ano era uma pessoa estudada, que naquele tempo a gente trabalhava na roça, era um... Hoje, eu fiz o 4º ano lá, e eu não me considero um analfabeto, tudo o que eu quero ler eu leio, aprende pra mim, eu aprendo lendo, porque quanto mais a gente lê, mas a gente fica, né! Eu tenho as crianças lá, eu quero vê se dou um estudosinho pra eles, tenho meus filhos, eu tenho um filho com 32 anos, tem o 2º grau completinho, tenho um filha que tem o 2º grau, não estudaram mais porque você sabe, falta possibilidade, a coisa é meio complicada, a gente não tem um apoio certo, mas é assim que as coisas funcionam e agente caiu numa dessa aí, né!

V.: Mas, o sr. freqüentou quatro anos na escola mas mesmo assim desenvolveu o gosto pela leitura. O sr. lembra assim porque começou a gostar de ler, se alguém o incentivou?

A.: Principalmente aqui dentro a gente vê uma coisa que interessa, a gente, uma coisa que chama a atenção, a gente se interessa por aquilo, a gente começa a ler, entende, porque não tem muita coisa que fazer, se não tiver um baralho pra jogar, uma coisa assim o cara fica louco aí dentro, é um espaço muito pequenininho, dentro dum lugar daquilo ali é uma loucura, isso ali é outra vida, só vivendo ali dentro que você sabe o que é, isso ali é outro mundo.

V.: O sr. acha que a leitura ajuda a esquecer um pouco?

A.: Ah, isso aí melhora 50% da vida da pessoa, principalmente se for assim ler uma Bíblia, que é uma palavra que conforta mais a pessoa, aqueles trechos que mexem com a gente, não sei se mexem com tudo, eu sou de uma família muito chorona, eu qualquer coisa eu fico emocionado, meus filhos vêm aí, eu tenho dois filhinhos, um com 02 outra com 06, cada vez que eles vêm aqui, quando eles vão embora eu fico chorando...

(Pausa...)

(O entrevistado chora...)

A família é tudo na vida do cara. A pessoa aí num lugar desses sem a família é levada à morte, porque só a família pra fazer uma corridinha lá fora pra gente.

V.: E quando o sr. lê a Bíblia o sr. se sente mais confortado?

A.: É, aí às vezes eu durmo tranquilo né, porque eu passei dois meses sem dormir aí, quando eu caí aqui fiquei dois meses sem dormir, eu tenho problema de bronquite e me atacou muito, eu não dormia, fazia inalação direto, quase morri aí. Agora não, já tá mais amenizada, mas segunda-feira eu fiquei meio doente, né, mas já tou melhor, o clima deu muito pesado também, muito úmido, e a gente vai levando né, tem mais uns dois anos e pouco pra puxar, né, eu cometi um erro e vou ter que pagar. A vida é assim né menina, a vida é assim, a gente tentou melhorar um pouquinho, mas não deu né.

(Pausa...)

(Choro...)

É, eu fiz as coisas erradas, mas eu sou uma pessoa temente a Deus. Não procuro fazer mal pros outros, entende, procuro ficar na minha, não gosto de falar mal pros outros, né, eu acho que não tenho muito pecado, né, porque pecadores todos semos, mas eu acho que não tenho muitos pecados porque eu tô pra seguir a minha vida sem fazer mal pra ninguém. Aí alguma coisa que tiver me incomodando lá eu chamo, explico, óh, esse aqui não presta assim, depois a gurizada fica gritando, eu quero dormir e não dá, aí eu chamo eles, converso sem gritar, eles me entendem, me respeitam, entende, não que são tudo uns menino, 18, 20 anos e eu tenho 54 né, quer dizer, a conversa é outra, a vida é outra, eu gosto de dormir mais cedo, eles já não gostam e assim vai a vida né.

V.: O sr. já lia antes de vir pra cá ou começou a ler mais...

A.: É, lá em casa eu lia sempre, a Bíblia, Placar é uma coisa que interessa muito, todo mundo procura ler, o \_\_\_\_\_ quando sai reportagens assim. Entra um \_\_\_\_\_ aí é uma loucura, todo mundo quer ler, todo mundo quer saber o que é que escreveram, um empresta pro outro e vai indo e corre a cadeia toda.

V.: O que eles gostam de ler?

A.: Gostam de ler reportagem sobre alguma prisão que fizeram ou daquela vez que deu aquele negócio aqui, deu aquele começo aí de, né, negócio de que a cadeia tava muito cheia aí deu uma reportagem aí sobre uma rapaz ali, aí todo mundo queria ver o que disseram, né, uma coisa que interessa, que chama atenção, todo mundo quer ver né! Às vezes cai um, dá uma prisão de umas pessoas aí, aí no outro dia sai no jornal, todo mundo quer ver como é que foi, o jornal tá dizendo, é assim, preso é uma loucura né.

V.: Alguma coisa já mudou na vida do sr. por causa da leitura?

A.: Eu acho que a leitura, principalmente a da Bíblia, acalma um monte a pessoa porque eu antes era uma pessoa meio nervosa e hoje eu tô muito calmo. Não sei se foi a cadeia que me deixou assim, me deixou calmo, me deixou mole e, às vezes eu fico pensando assim, tem vezes que eles tã tudo no pátio e tô assim sentado e eu fico pensando, eu fico voando longe, o meu pensamento fica longe, como é que, é uma coisa complicada menina, isso aí é só a gente passando pra saber.

V.: Mas assim, a leitura em si, a leitura de alguma coisa, poderia dizer que ela já mudou algo na vida do sr.?

A.: Porque o negócio é o seguinte, você começa a ler um trecho que você não tem o desembaraço pra ler, aí uma vez que você começa a ler aquilo ali, você lê 10 páginas, depois você já desembaraça, parece que você já sabe o que tá acontecendo, você já lê bem, já né, então a tendência é quanto mais lê, melhor vai ficando, porque do começo assim eu pegava um livro começava a soletrar, começava né, as palavras não davam certo, agora não, agora eu pego um livro, já começo a ler, já dá tudo certinho, porque o o 4º ano, antigamente o 4º ano era um né! Hoje o 4º ano primário não é nada, hoje se não tiver o 2º grau não consegue nada na vida né. É assim, a vida é um ... não vê esse negócio, quem não souber trabalhar com computador de hoje em diante tá morto, não arruma mais trabalho. Se não tiver uma profissão tá morto.

V.: E mesmo assim tá difícil, mesmo o pessoal que tá na faculdade já tá difícil...

A.: Tinha um rapaz que trabalhava comigo lê que tava fazendo advocacia, estudando pra advogado na \_\_\_\_\_, agora ele já se formou, formou agora no final do ano agora, ele inclusive agora é meu advogado e eu quero ele pra fazer minha defesinha lá, vou vê no que que vai dar né!

V.: O sr. lê alguma coisa assim jurídica, código, Constituição...?

A.: Que loucura! Não e aquilo ali, processo, principalmente a acusação deixa a gente nervoso né porque o negócio é o seguinte: você fazer uma coisa, assumir que fez, agora você não fazer e alguém tá dizendo que você fez, aquilo ali deixa a gente nervoso, a gente pega um processo que o policial tá dizendo que você fez isso, fez isso, fez isso, deu aquilo, deu aquilo, disse que era daquele e nada daquilo aconteceu, quer dizer, então a gente quer saber onde é que vai dar aquilo.

V.: Isso na leitura do processo?

A.: É, aí eu fiquei lendo aquele monte de processo igual a um neurótico, eles me chamavam de neurótico: o neurótico já tá oh com o processo na mão, digo, não! Não é neurótico, eu tenho que ver o que tá escrito aqui né! Então ficava, o advogado tirava e mandava cópia pra nós eu ficava lendo aquilo, uma loucura, pãah! E assim passou um ano já né! Agora eu tenho mais dois ainda, dois e pouco.

V.: E o que o sr. já aprendeu assim lendo, alguma coisa que o sr. tenha aprendido para a sua vida ou até pra Marcenaria, por exemplo, o sr. leu alguma coisa?

A.: Não, a marcenaria nem entra aqui dentro, entende! Entra revista de mulher pelada, revista de esporte, a sorte é que vem essa tiazinha aí que eu digo e traz né e esses senhores crentes trazem as coisas também, então, tem muitas pessoas que se interessam de ler uma revista de mulher pelada e que vai ler uma Bíblia e um catecismo, uma coisa, mas já tem gente que já parte pra aquele outro lado, então, aí é dividido, então, aquilo ali a gente vai levando.

V.: O sr. nunca entrou ali na salinha para pegar livro?

A.: Não, eu nunca nem vou lá, eu tenho a minha bibliazinha lá em cima da estante, eu vou lá pego a minha Bíblia, leio todo dia de manhã, eu gosto de ler um trequinho, né, agora to lendo aquele livro do Carandiru lê, to vendo, é um livro importante! Coisas que você começa a ler aquele livro ele te empurra, embora você não queira ler, mas ele te empurra pra você ler porque é uma coisa que vai chamando a atenção você quer ver no que vai dar aquilo aí acaba aquilo, já vem outro assunto e você já se interessa por aquele assunto e quer ver aonde é que deu e... No começo do livro ali é uma loucura. Porque caiu uma pessoa e ele chegou numa cela onde que tinha 09 presos. Aí um pediu um cigarro pra ele: oh tio, dá um cigarro. Ele assim: eu dou uma carteira para aquele que me contar a história mais cabulosa que vocês praticaram. Aí um foi contando, outro foi contando, outro foi contando, o último a contar era um galego que tinha estuprado a mulher dele, filha e matado a mulher dele. Quer dizer, é uma coisa que chama a atenção da gente né. Quer dizer, eu to na página 95 agora, que eu to sem o óculos, to doido pra começar a ler, porque ele é grosso assim (faz gesto simbolizando)

V.: O sr. vai lendo e vai tendo vontade de ler mais?

A.: É e a gente, aquilo ali é uma lição de vida, um livro daquele ali é uma lição de vida pra gente.

V.: Que outros livros o sr. já leu?

A.: Não é, só a Bíblia, Placar, essa revista aí, e esse livro que eu to lendo. Nunca me interessei por ler livro nenhum, assim, agora um rapaz foi embora deixou aquele livro, ele me chamava de velho, “óh veio, vô deixar esse livro pra ti.” Eu digo: ta! Aí comecei a rir com ele, eu digo: pó! Eu to na cadeia e tu quer me deixar um livro da cadeia! “Não, mais tu vai ver, é importante”, ele disse pra mim. Aí ele saiu, foi embora, Deus abençoou que soltaram ele e eu passei a mão no livro um dia e comecei a ler e já de cara já dei com aquilo e me interessei. Aí outro dia ele teve no parlatório, eu tava conversando com ele, ele disse: “e aí o livro?” Pó, um trosso interessante! “Eu não disse que tu ia gostar?” Obrigado! E dali vou passar pra outro né, e acabando de ler eu vou passar pra outro, já tem um monte interessado pra ler o livro, só que enquanto eu não acabar de ler eu não vou dar o, porque aí...

V.: Mas assim, na salinha, ali tem vários livros, porque eu já fiz trabalho ali. O sr. nunca tentou pegar livro? É muito complicado pegar livro ali?

A.: No tempo do outro diretor até conversaram um dia comigo que iam falar comigo pra mim fazer uma estante pra botar mais um livro ali que tavam muito pouco, não sei o quê, mas aí o diretor saiu, não foi falado mais nada, não sei como é que ta. Mas eu nunca tive ali, mas tem, ali tem uns livro, tem umas coisas, pra quem quer ler...



V.: O sr. sabe se o pessoal vai ali e pega os livros, ou se é difícil pra pegar?

A.: Tem! Eu acho que é o seguinte: os livros só ali dentro que pode ler, eu acho que não pode tirar, tem que vim ler ali, eu acho que eles sentam ali, tem as cadeiras, eles sentam e ficam lendo, mas pra tirar dali não pode, não sei como é que funciona, eu acho que o livro não sai dali.

V.: Aí isso já dificulta...

A.: É, devia levar pra cela, chega lá, fica na jega, pros come quieto vai ler tranquilo né, é uma coisa que, menina, mas é isso aí.

V.: Que que o sr. acha da leitura, assim, em geral, se é importante pras pessoas?

A.: Se a pessoa tiver solta eu acho que não é muito importante, é importante, mas ele não tem muito aquela carência, mas a pessoa presa, além de ser importante é uma coisa que ocupa a mente da gente, é uma coisa que dentro da cadeia é uma coisa importante. Ocupa né, a gente não tem tempo de pensar coisa ruim, porque num lugar desses se você começar a pensar coisa ruim, você fica maluco. Abre as idéias, principalmente se for um livro bem assim vai te abrindo, você vê que nem tudo está perdido, você pode começar tudo de novo e assim por diante. Eu acho que, dependendo dos livros, se for uma coisa ruim você vai pender para aquele lado ruim, se for uma coisa boa, né! Cada um é cada um, é o que eu digo, cada caso é um.

V.: E o que o sr. poderia dizer para mim que o sr. já aprendeu para a sua vida em função da leitura?

A.: Oh, menina, a leitura me ensinou muito, mas a cadeia mais. A cadeia, a pessoa fosse primária devia ser assim: a pena máxima dele deveria ser um ano. Um ano sem visita da família, sem nada. Ficar um ano na pedra, sem direito à nada, sem televisão, sem nada. Ficava um ano só, eu quero ver se ele ia fazer mais um crime, nunca mais ele ia fazer um crime. Acontece o seguinte: é que a cadeia, a pessoa cai, é primária, pega seis anos, no meu caso peguei nove, recorri, veio pra seis. Dos seis eu sou obrigado a cumprir quatro. Nesses quatro anos, quatro anos eu vou pra rua, vou responder mais dois assinando. Aí esses quatro ano eu fico ali. Eu tenho televisão, em todos os cubículos tem uma televisãozinha lá, afinal de contas a gente é humano, cada cubículo tem uma, em cada xadrez tem uma televisãozinha, preto e branco ou a cores ou qualquer uma, mas tem uma coisinha, ou um radinho, uma coisa, mas tem. Então o negócio é o seguinte: se eu não tivesse aquilo ali, se eu ficasse um ano, ia me quebrar, eu ia sentir o que era a cadeia, que às vezes tem gente aí que se abrir a porta da cadeia não vai embora. Saiu um rapaz aí de sete dias, com quatro dias ele voltou, que não tinha pra onde ir. Isso aí não educa. Então é o que eu digo: foi condenado, é! Pegaram, no meu caso, pegaram eu... né! Ta, to preso tal. Deixa um ano sem contato com a família, sem televisão, sem rádio, ali, não tem acerto. Um ano só. Nunca mais volta no crime, você pode acreditar. Isso ali é! Agora tem gente que... Eu vou ficar três anos ali, quer dizer, até acostumar, vai um ano, agora que eu to acostumando, eu já to um ano aí dentro, já perdi um ano dia nove. Agora que eu to começando a acostumar, tem mais dois anos pra puxar, mas eu vou puxar de testa né! Então, quando a gente sair da cadeia a gente já ta esquecido do sofrimento que passou.

V.: O sr. Acha que o primeiro ano é o mais difícil?

A.: Meu Deus! Os dois primeiro mês, eu pensei até em me matar, loucura!

V.: Como é o seu dia-a-dia?

A.: Eu sou uma pessoa que gosta de muito de levantar cedo. Eu durmo cedo e gosto de levantar cedo. Às vezes sete horas eu já to fazendo café. O pessoal ta incomodado comigo mas eu pego o cafezinho e vou fazer lá fora, então eu faço café, às nove horas eles levantam, eu já tenho tomado banho, já to na rua, to no pátio. Hoje inclusive até nem tinha feito café ainda, to meio doente né, então fiquei um pouquinho até mais tarde, liguei a televisão e fiquei um pouquinho até mais tarde na jega. Mas é, eu gosto de levantar cedo, eu gosto de andar. Hoje eu tenho uma visitinha hoje de tarde, a minha família vem, eu já to me preparando né. Eu tenho tosse de bronquite então não posso tomar banho cedo, então eu tomo banho sempre ao meiod-dia, aí eu tomo banho e fico esperando eles angustiado.

V.: E o sr. faz marcenaria? Tem alguma oficina, o sr. ensina pra eles aí?

A.: Faço tudo a mão, eu mesmo que faço, faço tudo a mão ali. Não tem, não tenho máquina. A única máquina que entra ali é uma galopinha pra mim arrumar a madeira, mas já tem que sair porque não pode ficar ali. Mas parece que eles tão fazendo, tentando fazer, um projeto pra botar o pessoal na rua e isso aí é muito importante, porque se pusé o pessoal, aí a gente escolhe umas cabeça certa aí, cada profissão escolhe uma cabeça certa, que não vai aprontar lá fora né, tem que ser uma coisa responsável porque daí se já aprontar já tranca os outro, não deixam ir. Então tem que pegar as pessoas certa porque aí eu acho que vai dar certo. To com uma grande esperança que eu vá trabalhar ainda, que eu tenho uma profissão boa, graças a Deus, sei trabalhar e eu to com esperança, vamo vê, né! Eu ainda tava conversando com umas pessoa, parece que tem um projeto que eles querem faze, não sei se vai ser já, mas, que seja daqui um ano ou seis meses mas já ajuda né, porque uma vez que a pessoa tem que dormir aqui mas se ele ta trabalhando lá fora! O ruim é aquelas grade ali, né, aqui parece que já é outra vida! Aquelas grade a gente já levanta de manhã, já olha é grade, é grade, olha pra cima é grade, uma loucura. Não é fácil não... Meu pai tem 78 anos, a minha mãe tem 76 aí ela quer me ver, ela só veio uma vez aqui, ela mora aqui pertinho, mas ela é uma pessoa muito boa, uma pessoa doente, aí fica na fila duas três hora. Quer dizer, da outra vez que ela veio aí ela ficou quatro dia doente, então agora ela tava dizendo “ah, mais eu queria ir aí”, não, não precisa mãe, eu to bem, mas é... Mas ela vem pra cá ela vai ficar doente, ela vai ficar duas, três hora naquela fila, é uma pessoa muito velha.

V.: Tomara que dê certo esse negócio do trabalho né?

A.: Isso é importante pra esse pessoal aí, isso melhora um monte e acaba com esse negócio... Depois a pessoa aqui dentro, ta cumprindo a pena, se ele tem um trabalho lá fora, se ele ta... Quando ele sair daqui ele já não pensa mais em... ele vai trabalhar, porque ele já trabalhava antes, já ta acostumado a trabalhar. Agora se ta aqui dentro e fica aqui, ele vai sair daqui e vai trabalhar aonde? No crime que ele volta, ele não tem outra solução. E quantas pessoas daí são, ... tem um gurizinho ta aí dentro, cometeu um erro, a gente vê que é um guri bom, a gente tira, bota ele pra aprender uma profissão com a gente, bota ele lá que ele vai aprendendo, vai sair daqui ele vai se interessar por uma profissão. Porque quem nem hoje, ta certo, é tudo na internet, é tudo na informática, mas é, se continuar assim daqui mais uns dias, não vai levar muito tempo, daqui a dez ano não tem ninguém que faça uma cadeira, que ninguém quer aprender a profissão, e assim vai. Eu quero ver o computador fazer uma cadeira, ele não vai fazer! Ele faz lá no papel, quero ver ele ir lá pegar a madeira e fazer! Então é o que eu digo, eu digo pra eles ali, às vezes eles começam a conversar “oh velho, tu sabe faze as coisa!” Eu digo oh menino, aprender é muito importante, qualquer coisa que a gente aprender é muito importante que isso ali um dia pode te servir. Aí eu fico trabalhando eles ficam tudo em volta de mim e eu faço tudo a

mão ali né, eles ficam assim meio sério comigo né, eles diz que eu to doido né, mas pra mim é um passatempo, é uma coisa que eu gosto de fazer, ganho um pouquinho né, pra dar pras minhas criancinhas né, eu cobro pra fazer também né. To até angustiado sabe, que saiu esse comentário que eles iam fazer uma cooperativa aí do pessoal que trabalhava. Eu to com uma esperança que vai dar certo! Ontem eu fui dormir e nem conseguia dormir só pensando nisso.

V.: Pra passar mais o tempo...

A.: Porque você sai daqui sete hora da manhã ou sete e meia, volta só sete hora da noite. Meus Deus, você chega, chega morto de cansado, você toma um banho e você quer é dormir, vai descansar tranqüilo e a cadeia passa e você nem sente. E ta ajudando muito porque ali pode ir um monte de pessoas que não têm uma esperança de vida, você pode ensinar eles e dali sai, vão dar excelentes profissionais, né. Então é uma coisa que devia até ter um lugar pras pessoas se ensinar já, o pessoal mais novo... Pegasse assim uma pessoa que entendesse e levasse uns dez la, uns dez menino desse aí, porque aí a maioria é tudo gurizada, 20, 23 anos, tem um monte aí dentro, é tudo gurizinho que a gente olha assim, tem... Ontem eu tava assim no pátio, passou dois assim, eu olhei pra eles assim, deu até cheiro de leite de tão novinho que é, eu digo, Meu Deus, essa cadeia ta virada numa creche, aí é tudo criancinha. Assim, um país ruim assim, um país sem alternativa, às vezes as má companhia bota a gurizada numa coisa dessa aí, né, aí depois de entrar, fez uma, deu certo é problema, depois eles não querem mais trabalhar. É onde deviam fazer um trabalho pra começar a botar eles, porque pode perguntar, chega ali e diz assim: oh, eu preciso de dez guri desse aí pra, eu fazer ensinar pra vocês uma marcenaria pra vocês, no muro fechado. Aí ta tudo mundo querendo, vão brigar pra ir, eles querem sair de lá dentro, aquela grade deixa o cara... Isso aí é importante.

V.: Como é que o sr. chama a cela que eu não entendi?

A.: O lugar onde eu deito, é jega, é dois beliche de concreto, tem um embaixo e um em cima. Aquilo se chama jega, nós chamamo jega. Então, tem uma cortina na frente pra gente ficar escondido, pra ficar né. Nós tamo em cinco agora, mas já tivemos até em sete no cubículo. Tem lugar pra dois e nós tamo em cinco. Dorme eu e o seu R. que é outro sr. de 54 ano na jega, dorme dois no chão e um na rede, porque o meu armário é fino e desce até embaixo, mas já dormiram sete dentro do nosso cubículo, quer dizer, dormimo praticamente sentado. Só dorme uma pessoa na jega, os outros dorme sentado, porque não tem condições de deitar, e tem um ali que dorme oito. Então um dorme o outro fica acordado, a hora que aquele levantar o outro dorme, não tem como sair fora disso, é assim. Agora que deu uma amenizada, porque agora nós tamo em cinco, ta certo que é meio apertado mas a gente vai se virando né, bota uma rede, fica dois no chão, tem que se manter assim, agora se bota mais um já dá um sufoco que, aí não tem mais nada que... E agora a cadeia fica aberta, ta ficando aberta também, porque a cadeia não ta fechando, as celas não tão fechando, tem muita gente, agora ta enchendo de novo, já tem cela ali que parece que já tão com seis de novo, a tendência era tudo fica em quatro, ouvimos uma conversa ali que eles iam deixar os cubículos tudo com quatro, mas já tem uns ali com seis.

V.: E como é que o sr. acha se sente assim com sua privacidade, sua individualidade?

A.: Oh menina, velho, tem um ditado que diz que velho não tem direito a nada. Eu sou mais velho, eles não me incomodam, eu subo lá pra cima (beliche), fico no come queto, não tem nada que incomode. Às vezes eles ficam num entra e sai, eu digo oh, vamo de entra e sai aí, pronto, eles já me respeitam também né. Pena que eu to preso assim, eu não vejo motivo assim.

V.: Eu acho que pessoa não perde a identidade...

A.: Aquele momento crítico já passou, entende, eu hoje já não to mais aqueles. Eu tenho certas coisas na minha vida que fez eu atravessar a cadeia porque se não tivesse isso daí eu acho... que essa cadeia ia pesa muito mais pra mim. Coisas que eu não posso comentar com você. (longa pausa) Se eu não tivesse as minhas criancinhas, meninas, olhe...

V.: Eles gostam de ouvir história?

A.: Você acha que dá?! Eu tenho uma criancinha, um menino com dois ano, alegria nossa ali dentro. Ele não pára um minuto, ele faz cada coisa que a gente morre de rir. O pessoal, todo mundo, quando ele entra ali na goela a turma já começa a gritar o nome dele. Dois aninho! Se você visse! Eu tenho uma menina de seis aninho, coisa mais inteligente. Ela faz cada pergunta pra mim que. Eu fumei 40 ano, entrei aqui, parei de fumar. Depois, num lugar desse daqui não tem nada pra fazer comecei a fumar o gudâ, aquele cigarro catinguento. Aí ela sente, aí eu tinha aquele cheiro de gudâ, ela dizia: “pára de fuma, pára de fuma ela dizia pra mim”. Agora essa semana eu passei mal, joguei o cigarro fora, eu não to fumando mais. A hora que ela chega eu vou dizer pra ela, aí ela me beija, me beija. A mãe dela também fuma, agora ela ta cortando a mãe dela também, eu digo “corta mesmo”. Eu parei uns sete meses, daí depois cai nesse gudâ. Caí aqui, na segunda semana já parei de fumar, perdi o interesse pela coisa, até eu vivia só no pátio só de cabeça baixa, entende perdi a noção da vida, eu não queria mais, assim que... Aí parei de fumar, me desinteressei por tudo, aí depois de sete méis comecei a experimentar esse gudâ aí e comecei com o gudâ. Agora parei, eu não quero, já to uns quatro dia sem fumar esse gudâ aí e vo para com ele, me faz muito mal.

V.: Assim sr. A., tem alguma parte da Bíblia, algum texto que o senhor mais gosta de ler?

A.: Não, da Bíblia, tudo que vem da Bíblia é bom. Nós temo escrito nas colunas, nas vigas, cada viga daquela tem uma coisa escrita ali, tem salmo, tem passagem, tem coisas que dizem na Bíblia, tem até um, tinha um rapaz aí que desenhava muitas coisas na parede aí assim, lá canto da galeria ele fez uns castelo e depois boto assim embaixo: “nunca diga a Deus que você tem um problema, digo o poblema que você tem um grande Deus”. É uma coisa bonita né, que ele tirou da Bíblia. É uma coisa assim que faz a gente caminhar.

V.: E na revista Placar, o que o sr. mais gosta?

A.: Futebol, né menina. Futebol. Ontem, dia de jogo, ficou aquela loucura né, todo mundo vendo jogo, um gozando o outro e, né. Assim... Mas tem uma turma de vascaíno e flamenguista ai que é uma loucura. Ah eles batem porta, aí, parece que vão bota a cadeia no chão. Eu não faço essas coisa. Não, eles ficam um provocando o outro, batendo porta, batem aquelas tranca da porta fazem um barulhão. Eu torço pro Fluminense, gosto do time, mas so reservado, eu não faço bagunça, não provoço ninguém. Depois tem outra coisa, agora essa semana mandaram umas quatro revista aí, eu até nem sei quem foi que mandou, apareceu uma bolsa lá, com quatro revista de mulher pelada. Eu peguei a bolsa até achei estranho, digo, égua! Passei a mão na revista, comecei a ver, já carregaram tudo, não sei

mais onde é que tá. Aquela Scheila Mello da Playboy, depois tinha três que era só de mulher pelada, só coisa ruim e carregaram tudo, nem sei mais pra onde foi.

V.: E da playboy o sr. lê ou só vê figura?

A.: Que que se acha! A gente vai logo na figura né menina. Se sabe, né, sabe que a gente procura logo, é assim né.

## **Entrevista 2**

V.: Bom (nome), você acha que é importante saber ler?

B.: Claro!

V.: Por quê?

B.: Essencial né hoje em dia, se a gente não sabe ler o que que vai fazer? Essencial, pra mim é.

V.: Por quê que tu dizes isso? O que que seria difícil sem a leitura?

B.: Sem a leitura, a gente pra pegar um ônibus já se torna difícil. Pra gente ir num bairro, lê o nome duma rua, até o número de uma casa a gente não sabe e daí, não é? É uma coisa ruim se não sabe lê, analfabeto é ruim. Eu tenho a minha mãe que é analfabeta, sabe. Então a gente tinha que ir na cidade pra ler um número, um ônibus pra sabe aonde que ia, porque ela não sabia pega, ou senão ela tava sozinha ela tinha que perguntar para alguém. Já pensasse que mão de obra, é terrível não saber ler, eu acho isso.

V.: O que é que você considera importante pra que uma pessoa consiga ler?

B.: Como assim?

V.: Tipo, tu acha que pessoa consegue aprender a ler sozinha ou precisa ir pra escola, o que que é importante pra que ela consiga ler?

B.: É importante ter um apoio, de uma professora, uma escola, sozinha é muito difícil né, só com muita força de vontade, como é que vai aprender a ler sozinho, é terrível né. É importante ter alguém incentivando, tenho certeza disso.

V.: Você costuma ler aqui na prisão alguma coisa?

B.: Leio livros. O último livro que eu li foi o Chacal.

V.: Tu lembra como é que é a história?

B.: É um cara matador do presidente. Tipo aquele filme O Chacal, é livro, é mesma história, mas só que é um livro de 700 e poucas páginas, li aqui.

V.: Quais outros você já leu?

B.: Max, um produtor de cinema, ah mais eu li muito livros, agora não tenho lembrança. Eu tive na penitenciária, eu lia muito, muitos livros, Max, o Corcel preto, li o, ah, li um monte de livro, literatura.

V.: Tu lê assim revista, jornal?

B.: Leio revista, jornal eu leio todo dia.

V.: Qual jornal?

B.: Quando vem, o \_\_\_\_\_. Todo dia tem jornalzinho aí e nós lê. Eu sou um cara que gosta de lê.

V.: Tem alguma parte do jornal que você prefere?

B.: Polícia.

V.: O que que tu procura ler lá?

B.: ah, pra gente ficar por dentro do que ta acontecendo na rua né, porque eu tenho meus filhos na rua né, então eu pretendo, eu leio todo dia o jornal por causa disso, pra saber se ta acontecendo alguma coisa lá perto de casa né! Que os meus filhos ficam com meu cunhado e minha cunhado e eles tem 19 anos os dois né, e eu tenho dois filho pequeno.

V.: E nos livros, tens assim alguma preferência por livro, qual tipo de livro ou não tem nenhuma preferência?

B.: Não

V.: Como é que tu seleciona os livros pra ler, alguém te dá ou como é que é?

B.: Às vezes eu venho aqui (na salinha onde ficam os livros, local onde a entrevista estava sendo realizada), às vezes eu já vinha aqui pegar um livro pra ler, mas aí agora deu esses negócio aí. Primeira vez que eu vim deu depois essa rebelião daí eu vim pegar mas o diretor não deixou ninguém levar livro, por que era bom eles deixar levar, deviam deixar, nem que faz uma fichinha pra gente, marca li, pegou tal livro aí o cara pode ler, agora taí, um monte de livro parado. Ali oh, podia todo mundo lê um livro a noite, pelo menos saia um monte de coisa ruim da cabeça da gente.

V.: Como é que tu seleciona?

B.: Ah, se eu ir ali e lê o resumo dele e gostar, eu leio né! O que eu acha que eu devo ler eu leio.

V.: Tu tens uma idéia de quantas horas por dia ou por semana dedicas à leitura, daria pra medir?

B.: Não

V.: Qual o melhor horário pra você ler?

B.: De noite, quando todo mundo ta quietinho. Depois das novela acabar né, aí eu pego um livro, uma revista, um jornal, uma coisa assim né, leio até tarde.

V.: Como foi que você criou esse gosto pela leitura, a partir de que que você começou a ler livros, se interessar?

B.: A partir do momento em que eu comecei a puxar a cadeia.

V.: Tu não lia antes?

B.: Não, não gostava de ler.

V.: E por que você começou a ler?

B.: Porque na Penitenciária só tinha um radinho de pilha e não podia se escutar qualquer rádio, nem uma televisão, daí eu comecei a ler livro pra passar o tempo, minha irmã levava livro e eu lia o livro pra passar o tempo, ela é que fazia a correria toda pra mim, levava o livro pra eu ler. Muito bang-bang eu li também, aqueles bang-bangzinhos, aqueles livrinhos só de faroeste, aquelas coisa, meu Deus, aquilo eu lia de pilha, foi bem aquilo que eu comecei a ler, aí o cara começa a se interessar por ler um livro maior, porque o cara pega um livrinho daquele, lê, uma hora já era o livro aí depois não tem mais nada pra ler, então daí o cara já pega um livro grosso já lê uma semana toda.

V.: Tu acha que se não tivesse entrado na prisão teria começado a ler?

B.: Olha, eu acho que não, é uma realidade, eu acho que não.

V.: E hoje aqui, aqui tem televisão, mesmo assim tu prefere ler?

B.: Não, às vezes eu pego um livro pra ler, eu gosto de ler. Agora já peguei o costume de ler.

V.: Tu estás lendo alguma coisa agora?

B.: Não, o último que eu li foi o Chacal.

V.: E é bom?

B.: Oh, é muito bom! Ah, não, li, li, Estação Carandiru, li, Estação Carandiru eu li ele todinho, foi um dos últimos livros foi o Estação Carandiru, ainda emprestei ali pro guri ali ler, era do meu conhecido ali.

V.: então os livros que tu lê ali é de alguém dali ou de alguém que traz de fora?

B.: Alguém que traz de fora, a gente pede emprestado, né! Aqui a gente não pode pegar um livro pra lê, daí é ruim né!

V.: Então, antes de vir para a prisão você não lia?

B.: Não. Lê eu lia, né, sabia ler, né, mas ler livro não. Só jornalzinho eu lia na rua, mas só isso. Só um lugar de procurar carro e moto pra comprar.

V.: E a Bíblia você lê?

B.: A Bíblia eu não gosto de ler não, eu já li mas não gosto.

V.: Por quê?

B.: Eu acho que Deus tem que ta aqui (mostra o lugar onde fica o coração). Eu não sou desse estilo de pegar uma bíblia nada, por embaixo do braço. Deus tem que ta no coração, pra mim tando no coração ta bom, não precisa andar com uma bíblia e lendo isso e aquilo.

V.: Tu acha o texto muito complicado?

B.: Acho, acho esquisito. Ninguém pode provar nada, entendeu o que é que acho. É que ninguém de nós consegue provar se aquilo ali que ta escrito na bíblia é uma realidade. Alguém consegue provar isso? Já visse alguém chegar e provar que aquilo ali é tudo certo? Eu nunca vi! É um livro como outro qualquer. É a história de Deus. Contada por outra pessoa. Quem vai dizer que é a realidade aquilo ali? O livro é uma história, agora eu não gosto de ler a bíblia, não gosto mesmo.

V.: O que que você acha assim que já mudou na sua vida por causa da leitura, alguma coisa já mudou?

B.: ah, o que mudou. O que mudou é que a gente fica mais, pra ler o cara já lê melhor, o cara já tá no ritmo de lê, muitas coisas o cara melhora, mas só isso.

V.: E o que que você já aprendeu com leitura, de um livro, de um jornal, alguma coisa que você tenha aprendido assim?

B.: O que eu aprendi? Aprendi um monte de história tola! Aprendi um monte de palhaçada.

V.: Como assim?

B.: Ah, o Estação Carandiru. O Estação Carandiru uma coisa que o cara aprende é que não é como aqui. Uma cadeia de 300 homens, no Carandiru era quantos mil homens? Oito mil homens? Olha só, pra 300 pessoa! Isso aqui não é nada, isso aqui é uma creche perto de lá. É uma coisa assim né que a gente vê que Itajaí não é igual como cidade grande, o cara lê muito em jornal isso aí, em revista, isso que eu aprendi.

V.: Assim, pra tua vida, tem alguma coisa que você aprendeu, até alguma coisa que tenha aprendido a fazer...

B.: Não.

V.: Aqui na prisão, como é que você divide o teu tempo, teu dia-a-dia, o que você faz durante o dia?

B.: O que é que eu faço? Eu durmo até meio-dia, tu me acordasse (risos). Não, eu durmo até meio-dia, essa é a real, até 11h30 eu durmo. Daí, depois eu tomo meu café, almoço, aí jogo meu baralho a tarde, quando eu não tenho visita e é o jeito de eu passar o tempo. Depois a tardezinha, quando eu venho pra dentro do cubículo eu leio um livro, uma revista, que as irmãs dão aí de vez em quando, é revista assim, como eu vou te explicar agora, é revista de carro, é revista de moto, é revista disso, é revista daquilo é aquelas palhaçada assim. E aquelas palhaçada que tem aí dentro, como é que eu vou te explicar agora... Aqueles gibizinhos, é gibi eu gosto de ler também tio patinhas...

V.: Tem muito aí dentro?

B.: Não. Eles emprestam um pro outro daí né, vai passando de mão em mão.

V.: Por que tu gosta de ler gibi?

B.: Porque é um passatempo né, é historinha né, eu acho divertido.

V.: Acha que dá pra aprender alguma coisa com o gibi?

B.: Não, não dá nada. Só pra passar o tempo.

V.: Tu acha que a leitura ajuda agüentar o dia-a-dia?

B.: Ajuda. É um tempo que tu passa ali né, é um tempo que tu não percebe passar, tu lendo. (pausa) Fica parado sem fazer nada não é fácil!

V.: E quando tu tá lendo tu consegue, assim, esquecer que está ali?

B.: Não é que esquece né, mas aquilo ali, o cara presta atenção no que tá lendo e dá uma aliviada né.



V.: Você já leu, assim, alguma coisa jurídica, tipo Constituição, porque às vezes as pessoas começam a se interessar pelos processos e tal, tu leu alguma coisa assim?

B.: Olha, pra mim ler o meu processo foi um trabalho, eu não gosto disso. Tem um monte de gente que chega com o processo e “olha aqui o meu processo”, eu digo é, é, ta, pegue. Eu não gosto de ler. Tem gente que já gosta.

V.: Por que tu não gosta?

B.: Eu não gosto, não gosto. Não gosto.

V.: Por que é complexo ou por que tu não quer lembrar...

B.: Sabia que se eu fosse uma pessoa que tivesse me encarnado, pelo tempo de cadeia que eu já puxei, a estudar pra advogado eu já era um advogado se quisesse. Porque o cara perde tempo com um monte de coisa e eu nunca. E eu tenho um colega meu que formou em advogado, dentro da cadeia!

V.: Aqui?

B.: Não, em \_\_\_\_\_. O \_\_\_\_\_, é o apelido dele. Ele passou na televisão e tudo se formou em advogado. Dentro da cadeia, ele se formou advogado.

V.: Assim, em que local você costuma ler?

B.: Dentro da cela.

V.: No pátio, assim...

b.: Não, é difícil, muito difícil

V.: É mais tranquilo né?

B.: Aha, no pátio é mais tranquilo, né.

V.: Assim, estando aqui dentro da prisão, como é que você se sente em relação à privacidade, tua identidade, você acha assim que dá

B.: Como assim?

V.: Dá pra preservar tua identidade, que assim você ficam numa cela com mais quatro, cinco pessoas e

b.: Integridade, tu quer dizer

V.: É, como é que é isso assim, como é que é se sentir eu eu, ter as minhas coisas...

B.: Isso aí não tem isso aqui dentro, no caso assim “eu” ter as minhas coisas. O que eu tenho é a minha roupa, minha jega, meu colchão e minhas roupas de cama, meu cobertor e meu travesseiro. Agora o resto, esse negócio de comida, isso aí é tudo dividido, todo mundo ajuda um ao outro né. Dentro do cubículo tem que ter união, né!

V.: Mas tu se sente, assim, que a tua pessoa mudou por entrar na prisão ou tu consegue ainda se manter a mesma pessoa?

B.: Ah eu sou a mesma pessoa de sempre

V.: A identidade, porque a identidade...

b.: Ficou

V.:...é isso né, eu ser essa pessoa, tu acha que...

B.: Não, não mudei nada, continuo sendo um pai excelente pros meus filho do mesmo jeito.

V.: Qual o momento mais difícil assim da prisão, tem algum momento que é mais difícil?

B.: Tem a hora que a visita vai embora.

V.: E assim, do tempo cumprindo a pena, tu acha que no começo é mais complicado...Depois de quanto tempo fica mais fácil, não mais fácil, mas...

B.: Depois de um ano o cara acostuma.

V.: O primeiro ano então é o mais...

B.: É pesado. O meu primeiro ano foi em \_\_\_\_\_. (pausa) Não é fácil!

V.: Por que assim, é por causa de ficar longe da família?

B.: A gente ta acostumado só na rua, de repente cai fica um ano trancado né, é problema né. Bom, o resto a gente supera. Saudade a gente supera. (pausa)

(falou um pouco sobre os filhos)

V.: Tu achas assim que a forma como as pessoas cumprem a pena, como a cadeia assim, tu acha que funciona ou não funciona?

B.: Como assim?

V.: Tu achas que, tu praticou um crime, tu vai pagar pena tal, outras pessoas também. Tu acha que assim como é, a forma como a cadeia é feita, que ela funciona, que ela ajuda a pessoa a se recuperar?

B.: Ah, tsc, tsc, tsc. Não ajuda a se recuperar em nada. EM NADA! A pessoa piora. Nessa parte aí, deixa a pessoa mais revoltada né.

V.: Como tu acha que devia ser?

B.: Tem muitos crime, crime! Tem muitas processinho que eles podiam deixar a gente pagar em liberdade, trabalho comunitário. Mil vezes isso do que eles pegar um primário aí que cai com um rouquinho ou que cai com uma coisinha de nada. Eles jogam aqui pra dentro no meio desse pessoal todo, estraga a pessoa, se a pessoa não tiver uma cabeça boa. Tem muita pessoa que pira aí dentro, se ela não tiver uma cabeça boa. Até se matam, se quês saber.

V.: Bom, então, pra fechar né. O que que tu acha sobre a leitura em geral. Você acha que as pessoas devem ser incentivadas a ler...

B.: Claro! Isso é muito bom, ler...

V.: Como que poderia ser um forma, tentar estimular aqueles que não lêem a ler, por exemplo, o que que você acha que falta assim. Aqui mesmo...

B.: Aqui na cadeia falta esse aí que eu te falei, o homem deixa nós vim pega livro pra ler. Daí um vai pegar um livro o outro vai dizer “eu também vou lá pegar um livro” e vai pegar e vai levar pro cubículo. Aí quando ele ver que não tem nada pra fazer a noite, ele vai pegar aquele livro, vai abrir e vai ler. Vai incentivar mais pessoas a ler.

### Entrevista 3

V.: Então (nome), você acha que é importante saber ler?

C.: Claro, sem dúvida nenhuma né, porque quem não tem leitura não tem conhecimento de nada, pra gente arrumar um serviço tudo hoje é à base da leitura, né. Embora eu tenha a leitura mas eu to aqui no caminho errado, mas isso aí é o mais importante de tudo. É até bom essas campanhas, essas coisas aí que fazem, o governo, orientando as pessoas a estudarem, as crianças, tirando desses serviços braçais né, tudo isso é muito importante mesmo, no meu modo de vista, a leitura, pode até como se diz não saber escrever, mas tem que saber ler pra ti informar e pra localizar, né. Isso aí é que a gente precisa hoje, né.

V.: Por que a informação é tão importante?

C.: Porque sem a informação tu não é nada, por exemplo, tu quer saber uma informação sobre um determinado serviço, sobre um determinado produto, às vezes assim uma soda cáustica, uns bagulhos assim que são coisas que tem que ta informado pra ti não botar a mão e não te machucar. Até as crianças, no caso, que tu é, como é que eu posso dizer, tu é o responsável por elas, então, através da tua leitura tu vais começar a orientar eles né, então acho que a leitura nesse ponto ela é muito importante, com essas informações.

V.: O que que você considera importante para que uma pessoa consiga ler, para que ela aprenda a ler, para que ela desenvolva o hábito da leitura?

C.: A princípio a pessoa tem que gostar de ler né, eu acho né assim, o gostar, se interessar por uma matéria ou um romance, uma aventura, cada um tem aquele seu determinado. Aqui na cadeia aqui assim em si, eles não são muito voltados à leitura, mas quando caíram se apegaram muito à Bíblia, entende. Então a leitura aqui na cadeia se tu olhar é 90, 95% é Bíblia, assim, alguma coisa sobre Evangelho, nada mais a par, mas aqui tu encontra também muita gente lendo romance, gente lendo aventura, ação, entende, daí então, só que tem que ter gosto pela coisa, então tem muitos que não tinham gosto aí fora nem de ler, mas chegaram aqui dentro tiveram que pegar gosto pela coisa, até para o tempo passar né, então se apegaram muito à Bíblia. Eu, no caso, leio no geral. Gosto muito de um romance, uma ação e a noite geralmente a gente lê dois, três capítulos ou versículos da Bíblia porque é uma coisa que aqui dentro a gente precisa muito né.

V.: Tu achas assim que é importante, por exemplo, freqüentar a escola, que alguém estimule, ou a leitura pode ser algo que a gente desenvolve sozinho?

C.: Eu acho que tem que ter um estímulo das pessoas. Eu tenho um menino de nove anos. Ele com seis anos já sabia escrever e ler porque desde os cinco eu com a minha esposa no caso nós tava naquela orientação, aquele pique pra ele começar a pegar amor à leitura, que também se deixar a pessoa sem aquele incentivo a pessoa não vai querer ler. Eu conheço pessoas aqui dentro que têm 50, 60 anos que mal escrevem o nome, então quer dizer, já não tiveram aquele impacto com a família de começar a desenvolver a leitura né. Então eu acho que sempre tem que ter alguém pra dar aquele apoio, porque senão a pessoa relaxa mesmo em si. Eu gostei muito do hábito da leitura, quando eu estudava aqui em Santa Catarina, a gente não lia, no colégio aquelas coisas mínimas, daí eu fui pra \_\_\_\_\_, no caso, estudar lá pro \_\_\_\_\_, lá cada dois meses eles te dão um livro pra ti lê, o colégio mesmo te incentiva, senão tu comprares aquele livro tu começa a fazer provas. Então eu li diversos e comecei a tomar o gosto pela leitura. Tem um começo, meio e fim e tu vai te interessando na leitura e nas histórias e aqui no colégio geralmente é pouca coisa, uma, duas páginas de leitura, tu lê aquilo, quer dizer, tu entendeu mas é uma história curta, não tem aquela assim, não fica no interessado para fazer um desfecho e tirar o final né. Então

eu fui incentivado assim através do colégio, quando eu fui pra lá, eles começaram a me incentivar bastante nesse. Quer dizer, era uma prova, mas tu vai gostando, tu vai pegando o hábito de gostar e até hoje em casa tem vários livros, várias coisas assim que a gente lê muito, então eu dou maior apoio pras crianças né, desse modo né.

V.: Através do exemplo?

C.: Através do exemplo sim, porque a minha mãe ela nunca me deu o apoio. Eles me deram o apoio de estudar, de ir pro colégio, desde a primeira série até o segundo grau, me pagaram tudo, mas nunca deram aquele apoio de leitura como eu tive quando eu estudei lá né. E através disso meu primeiro menino como eu tava te falando, com seis anos ele lia e escrevia, ele fez nove anos domingo, tá na terceira série, passando pra quarta agora, é um menino muito inteligente mas tudo, talvez se a gente não desse esse apoio de colégio a ele, de leitura, de coisas assim, dava aquela deslizada, não que não ia aprender, mas não ia ter tanto gosto, é, se apegar tanto à leitura, ele lê muito bem e gosta desses livros que até gente lê, quando lá eles mandam pra mim aqui, então, são livros interessantes, talvez ele não entenda tanto, mas ele já tá aprendendo pelo acompanhamento da leitura.

V.: E aqui, José, o que é que tu costuma ler?

C.: Leio muito revista, aquela Isto É, é, a Manchete, uma Veja, mas eu gosto muito dessa Isto É, tem várias coisas diferentes, que aqui como eu to te falando, aqui a gente é um povo assim meio atrasado aqui dentro, que revista quando você pega, uma Manchete já não vai pegar a Manchete desse mês, já vai pegar a de dois, três meses atrás e uma Veja ou uma Isto É, tu tá lendo ela ali, mesmo que já passou dois meses, mas pra ti são novidades, são coisas de fora, coisas mais aplicadas do que no nosso aqui só do Brasil no caso e é mais, como é que eu posso dizer, são conhecimentos, dos países aí fora, eu gosto de saber muito né, viagens. E aquelas, essas nossas daqui são muito, essas Manchetes, Contigo no caso que eu digo que são as nossas, então é muito novela, muitas perguntas, muito fofoca do dia-a-dia, então assim eu gosto mais de leitura em geral, romance assim eu gosto...

V.: Livros tu gosta de romance?

C.: Livro, livro, romance. Eu li até a coleção da Poliana. Poliana menina, moça, acho que foi um livro que até ele que me incentivou no começo. Alguns do Sidney Sheldon também eu li também alguns livros dele, aqui na cadeia e a Bíblia é que caso, porque gora tá meio ruim de vim livro e aqui (na salinha) eles não liberam livro pra gente lê lá pra dentro. Quer dizer, não liberavam desde que eu to aqui, mas às vezes vinha aqui, fazia uma leitura, mas eu tive duas vezes só aqui nesta sala, hoje é a terceira, mas eu, eu gosto. O romance porque é calmo. Por exemplo, numa lida de um romance aqui dentro, eu tiro por mim né, a gente tira muita a nossa vida lá fora, lê um romance, pô mas isso aconteceu comigo, isso aconteceu tal dia, muito mais apegado e uma coisa de assim ação aqui já não combina muito com o meu modo de ver, porque aqui já é todo dia ação, uma coisa assim, na rua, então não pega bem, o negócio é um romance ou no caso essas revistas evangélicas, essa aqui, revistas evangélicas a gente lê muito, a Bíblia né, que no caso é o maior e o livro mais completo do mundo né, no caso esse aí eu também leio muito, todas as noites, se a gente tem um evangelhozinho, a gente também corre. Eu sou católico, mas como diz tem muitos que viraram crentes, várias religiões assim no geral, mas todo mundo se apegar a uma Bíblia só, porque é só um Deus, né, só vai mudando o nome né que é Deus, é Jeová, então aí dá uma mudança assim, mas o quente aqui no meu modo de vista são essas duas revistas, né, a Veja e a Isto É e eu gosto muito de um romance, até acalmo, até acalma porque tu vais pegando, como é que eu posso dizer, o gosto naquela história e tu vais e pegando e às vezes tu até participa do livro, tu diz pô mais, aconteceu uma coincidência

assim comigo, vamos ver como é até o final, então são coisas que apegam muito. Então são esses dois tipos de livro e essas duas revistas que eu leio mais aqui dentro.

V.: E nas revistas, tu lê, assim, ela toda ou tem alguma parte na revista que tu prefere, algum tipo de assunto que tu prefere?

C.: Não, toda assim, porque aqui, como diz, a gente sofre um pouco, então, coisas assim como essas Veja e Isto É que aparece muitas coisas de guerra, coisas assim, eu gosto de saber de tudo, mas só quando aparece aquelas fotos sem pernas, amputadas, então aquilo lá eu já to descartando só pela imagem, eu já não corro mais olhos, isso não, dá muita tristeza, porque a gente não ta acostumado com tanta guerra, a gente ta no mundo do crime, mas a gente nunca machucou ninguém, nunca deu um tapa em ninguém, meu caso entende, então eu vejo isso aí, eu me sinto, porque eu tenho família lá fora eu não quero. Assim digamos, a gente pensa, Omo diz o outro, isso aqui é um mundo de pensar, tudo que tu vê lá de fora, tu coloca na mente, então a gente vê pô, mas será que isso vai acontecer isso aqui digamos onde eu moro em Navegantes, vai acontecer uma bomba, vai acontecer um louco de metralhar todo mundo? E eu vejo aquelas crianças e a gente começa a imaginar coisas da nossa família, então isso aí eu descarto um pouco, agora a maioria gosta de saber o preço de coisas, preço de carros, preço de motos, passeio de navio, tudo isso aí eu gosto de ver muito, porque tudo isso aí a gente, como eu digo, tem que ta mais ou menos ééé, por dentro do que ta lá fora né, a gente por exemplo não ta assim todos os meses a par, todos os dias, mas a gente sempre tem que ter, saber do que se passa lá fora. Preço das coisas, porque um dia a gente vai sair daqui, temos que estar atualizados, talvez por isso mais um motivo pra leitura. Nós ficamos um par de dias sem televisão, já foi uma semana que nós perdemos tudo que se passa, né. O jornal Nacional eu adora, aquele jornal de manhã cedinho, o Bom dia Brasil, também assisto, a gente ta informado, então quando não tem a televisão, porque a televisão aqui falha e o rádio falha, agora uma revista e um jornal não falha aqui dentro, toda vida vai ter alguém pra ti trazer pra ti poder ter um seguimento, né.

V.: E assim, depende então sempre que alguém traga né?

C.: Dependemos muito de que alguém traga. No caso sempre peço oh, traz uma revista lá pra mim ou um livro tal, coisas assim, não tem, agora tem muitos aqui que trazem mas não pra ler, eles trazem já rasgam, já fazem um canudinho.

V.: Ah, pra fazer artesanato?

C.: Também. Então é coisas que não chegam pra gente. Tem uma tiazinhas que trazem muito, são essas senhoras da igreja, que trazem, mas daí ninguém lê, é só pra artesanato. Única fonte era essa aqui (mostra a sala), essa aqui era a fonte, mas daí, por exemplo já não posso chegar aqui e levar pro meu cubículo, pra lê um livro, uma coisa assim interessante né.

V.: E é complicado pra vir aqui né, porque não é sempre que eles autorizam...

C.: Assim que eu vim pra cá aqui funcionava a escolinha, tinha uma turma que vinha estudava e tudo, mas daí eu não consegui dar o nome porque eu fazia reciclagem dos artesanatos, porque eu trabalho com artesanato, faço barco, casa de madeira, com coração, faço uns trampo muito bonito aí dentro sabe, a turma me elogia muito. Então eu quase não vim pra cá', quando eu fui da o nome já não tinha vaga, até pensei que nessa mudança toda ia ativar novamente né, mas... Tinha pessoas que não sabiam ler, não sabiam escrever, mas vieram pra cá e aprenderam alguma coisa e eu sou um que sempre dá apoio, vai lá cara, vai lá aprender a ler, aprender a escrever, tem um ali no barraco que eu morava em outro X, agora to na A, morava na B, o cara eu tentei ensinar ele, mas ele não quis, não quis

aprender, porque eu também gosto de ensinar né, e a leitura, como a gente ta conversando, a leitura é a coisa mais importante que tem né. Pensasse, tu chega assim num semáforo, tu olha numa placa, numa cidade ou numa loja, pó, o que é isso, quanto custa? Então você tem que saber ler, como eu digo, senão fica perdido. Tem que ta perguntando: ôh, senhora, eu to sem o óculos, o que que diz ali, ou senhor, mas quer dizer, o óculos é o, é a desculpa que se dá, mas geralmente é porque não sabe então acho que a leitura é uma das melhores coisas. Nos aqui no caso temo que ter uma biblioteca mais feita né, mais algumas coisas. Ficaria muito bom. Porque é aquele negócio, gosta de uma leitura, chega, é como eu ia dizendo, eu tenho minhas preferências, mas se eu chego aqui, não tenho nada pra ler, eu vou pegar um dicionário, começar a aprender, é melhor, aprende os significados de tudo, então a leitura é assim, vai muito do costume, quem sabe esse meu mulecão daqui a pouco ele não ta aí, digamos com uns 12 ou 13 anos, já ta olhando um livro de Direito, já ta se interessando. Um livro, lendo, se interessando e é a profissão dele no futuro.

V.: Tu lê alguma coisa jurídica?

C.: Eu lia muito em casa, eu tinha até esse novo código aí, pra ta informado, porque eu fui policial uma vez, então, através disso, tem que conhecer, eu me apeguei muito, eu fiz uma noção de estudos sociais aqui tudo, então umas noção assim de algumas coisas básicas, nunca fui formado né, mas talvez por isso um modo de leitura. A jurídica eu gosto muito e agora mesmo que eu to no ramo, assim no caso né, aqui dentro, então sempre aparece assim alguma coisa, não são sempre porque também não pode entrar nada aí jurídico aí pra dentro, pelo menos eu nunca vi rodar um Código Penal dentro da cadeia, então são coisas que pra mim agora no momento eu poderia ler, me informar mais pra não cair novamente, porque eu to sabendo que a cadeia é grande, é pena é grande que quando eu levei isso aí eles falaram não é só levar, não vai dar nada. Se eu soubesse pelo menos a lei, como diz, eu leio, mas não gravei, que era tão carregado assim, eu jamais teria carregado uma coisa pra outro, nada. Carreguei, levei seis anos e dois meses, primário, perdi serviço, perdi tudo nessa história. Então, como eu digo, uma coisa puxa outra, tivesse puxado muito pelo lado da lei, ter lido, interpretado, entendido, talvez eu não taria nessa aqui.

V.: A leitura poderia ter te ajudado...

C.: Ter ajudado! Li mas não compreendi, no caso, ah, a cadeinha três e cinquenta, mas só que eu esqueci que vai de três e cinquenta a quinze anos. Guardar, transportar, levar tudo isso dá uma cadeia. Coisas que eu li mais não gravei, hoje em dia to ligado que tudo isso tem que cair para aprender, então aprendi que nada disso se faz. E eu vou segui a reta, entendeu, família eu tenho lá fora, não mexe com alguma coisa assim, né, e não tenho nada de tráfico, nada, nada, nada, minha correria é da vida e começa desde os 14 anos de idade, trabalhando. Mas aquela boberinha que deu, uma ajuda com a falta de leitura com a gente tá comentando, que, por isso que digo que leitura. É transportar, não vai dar cadeia levar um negócio, eu pensava assim, guardar muito menos, saber, só o fato de eu saber disso aí pra mim, então não era mais pra mim, hoje em dia eu to sabendo, hoje em dia eu tive a prática não só a teoria, então agora essa parte quando eu to lá fora eu vou ensinar pra certas pessoas de bem que eu tenho pra nunca fazer, que com 35 anos cair na cadeia, sem precisão, e uma vez só. Sofri muito porque eu sou polícia na cadeia, é sofrido, ainda bem que eu cheguei assim com um pouco de conhecimento assim, porque né, agora com essa virada aí ficou perigoso aí pra mim, essa virada que deu. A polícia me bateu muito aí também nessa virada aí, (a virada deve ser a rebelião e mudança na administração) me detonaram aí, eu andava todo machucado, mas são tudo coisas assim, então pra mim...

V.: Os outros presos sabem que você era polícia?

C.: Sabem, cadeia toda, todos os 400 sabem.

V.: Mas eles têm algum atrito contigo por causa disso ou já viram que tu não é igual...

C.: Sempre tem, por que é aquele negócio “polícia uma vez, polícia sempre”. Eu digo que eu trabalhei alguns meses, foram alguns anos, mas pra deixar a poeira baixa né, entende, mas, fora isso eles me tratam bem, eu to no cubículo, até tava um outro querendo vim com esta história depois dessa virada, mas eu fui um dos presos que mais apanhou aqui, que me tiraram, me deram uma repunha(?), os policial, me tiraram do barraco, me bateram, ficou uma coisa, fiquei até meia noite aí, fiquei uns três dias urinando sangue, me trincaram duas costelas, fiquei todo dolorido, tava todo roxo, a própria polícia me reconheceu aí e me bateu, porque eu fui um deles né, então são coisas assim que, é outra vida na rua agora né, mudar bastante porque pra mim, a malandragem me vê com uns olhos, a polícia me vê com outros.

V.: Não tem nenhum grupo...

C.: Não, eu fiquei ali no meio né, ruim pra uns e ruim pros outros. Então pra mim, aposentei. Primeira vez que eu fiz isso de errado...

V.: E única?

C.: Com certeza! Eu tava às pampas, como se diz aqui, tava às pampas. Pegava 9 horas da manhã, largava às duas da tarde. Eu ganhava uma faixa de 800 a 1200 por mês, tinha uma vidinha assim, tinha minha motinha zero, tinha comprado agora, não tem um ano. Minha moto até vendi pra pagar o advogado, o cara mandou 200 reais e não pagou mais nada, até hoje. Foi só prejuízo! É como eu estou te falando, se eu tivesse me apegado à leitura, interpretado e entendido o troço da lei, talvez eu não estaria aqui, me apeguei muito a certas coisas, que no meu caso era Código Penal, então uma coisa assim pra gente ficar mais ciente da coisa, mas agora eu aprendi que tudo que eu leio, se eu não entendi a primeira vez, vou ler a segunda, a terceira, pra entender muito melhor, que como eu digo, um romance, uma ação tu lê, tu pega toda a seqüência das coisas né, é uma coisa que, como eu digo, às vezes aconteceu isso na tua vida e às vezes pode acontecer, mas é difícil.

V.: Tu procura tirar da leitura, qualquer leitura, sempre um aprendizado?

C.: Claro! Claro, sempre alguma coisa boa, de preferência, e dos erros que eu vejo na leitura, pela lição dos erros que aconteceu na história, eu descarto, porque também pode acontecer comigo. Se essa pessoa errou, porque eu não posso errar, então, tudo é aproveitamento, como eu digo, a gente aprende muito com a leitura através disso, no meu modo de ver né, entende, eu tiro o que é bom e o que é ruim. O que é ruim eu pretendo não fazer pra não acontecer, assim esse negócio de stress, desconta naquela pessoa, isso aí foi uma coisa que eu não aprendi que não se desconta mais, porque realmente eu quase perdi, se eu tivesse digamos assim acompanhado a leitura, levado à sério as coisas boas, não teria, quase perdi, não aconteceu mas, fiquei muito triste aqui, entende, são coisas assim. Então tudo de bom a gente tem que tirar, as informações boas.

V.: Pode citar assim alguma coisa assim que você já tenha aprendido pra tua vida, que você já tenha realizado em função da leitura?

C.: Olha aqui, um livro que eu li aí, Prisão atrás das grades, um livro aí de um carioca, não to lembrado o nome agora, minha irmã ainda me trouxe pra mim lê. Quando eu cheguei aqui eu tava de cabeça baixa, não tem, triste porque eu era polícia, aqueles papo todo, não queria me misturar com a malandragem porque eu pensava que alguém me criticaria, foi entre aspas meia dúzia só né, e comecei a ler o livro do cara e me interessei, comecei a fazer artesanato, ninguém me ensinou, eu faço uns barcos aqui, faço casinhas, que dizem todo povo aqui, tanto a policiada como a turma ali dentro que nunca viram uns barcos e umas casas tão perfeitas, então tudo isso foi através da leitura desse livro, porque ele dizia que ele era estressado, ele dizia que tinha perdido a mulher, no livro, mas, quando ele começou a cair na realidade assim, que ele ia perder tudo, ele teve que ocupar a vida dele de uma tal forma, né que daí então na cadeia foi o artesanato, e assim eu comecei ali e to puxando meu artesanato nesse um ano e oito meses e tenho uma fontezinha de lucro aqui dentro, agora quer dizer, depois dessa rebelião não tem mais nada que eles trazem os artesanatos, então a gente tá assim estilo, tá no pátio sentado, quem quer conversar conversa, mas conversar não é bom, então tu ficas no teu canto quieto, a hora não passa e não rende, então isso aí foi uma das coisas boas que eu aprendi aqui, ter auto-confiança, auto-controle, que não é assim uma vírgula que vai deixar tu nervoso, que uma vírgula aqui tu podes discutir e te dar mal assim, entende. Então, do livro a gente só tira coisas boas.

V.: e o artesanato tu podes fazer também depois...

C.: Depois na rua né...

V.: Complemento, e até como terapia né?

C.: eu vendo muito aí, porta-retratos, eu faço coração, pra sair um trampo assim melhor do que de loja, como tem pessoas que pensam que na cadeia a gente não faz uns trampo bonito, mas tens que ver os trampo que eu faço aí, que agora não tem material, mas agora aí Natal eu mandei 25 marreca pra Santos, foi encomendado do Guarujá, mandei uns porta-retrato, tem mais 35 de coração com umas frase, fica uns trampo, tens que ver um trampo muito bonito, eu mesmo fico...

V.: O que que é trampo?

C.: é um serviço, um serviço, trampo é um serviço, já peguei a mania dali, que é assim um serviço bonito, que às vezes até “pô, mas eu fiz esse serviço”, pô ficou bonito. E mais bonito ainda é quando a turma me elogiam. Eu fiz uma casinha que todas as portas abriam e janela e telhado, de coração, tudo de madeira, não existe por aí não, uma réplica, fiz um barca de camarão, camaroeiro, no caso pesqueiro, pergunta aí, meu pai até discutiram até pra ver quem ficava com ele por 100 reais. Então são coisas que eu aprendi através de livros, assim, como eu digo, auto-confiança, auto-estima, procurar assim essas coisas boas né.

V.: Sim. Mas tu já lia antes de vir para a prisão?

C.: Já, já lia em casa assim, jornal...

V.: Tens idéia de quanto tempo dedicavas assim à leitura?

C.: Em casa, duas horas, geralmente à noite, a noite, faixa de uma hora e meia, duas horas.

V.: todos os dias?

C.: Todos os dias



V.: Jornal, revista...

C.: Jornal, na loja sempre jornal, chego lá na loja digamos, chegava sempre cedo, 7h30min. Até as 9h olhava o jornal, corre as notícias pra saber o que acontecia, mais ou menos, depois tem aquela correria de panfleto, aquelas coisas, como se diz, leitura também através de notas fiscais, então, diariamente era bastante, mas assim, pra pegar um livro era uma hora e meia, duas horas pra gente ler né.

V.: E aqui, quanto tempo assim tu dedicas pra leitura?

C.: Aqui é só à noite, aqui também não é muito, aqui caiu bastante. Aqui é uma meia hora, quarenta minutos.

V.: todos os dias?

C.: Todos os dias, todos os dias

V.: Tu falou que lê a Bíblia...

C.: Então, geralmente a Bíblia é todos os dias, que a gente sempre lê um capítulo, a gente comenta, a gente debate, aqui eu tenho três evangélicos que moram lá, eu sou católico, mas como diz Deus é um só, então a gente lemos depois fazemos um comentário “o que que tu achou desse pedaço aí”, trocam muitas idéias né. E no pátio é como eu digo, no pátio ali, então, não tem como a gente lê. É muito bom assim um livro, uma coisa, agora pra tu lê a Bíblia, tem que ter mais uma atenção, né, a Bíblia é um estilo de ler diferente de uma revista ou de um livro, eu entendo assim, então tens que ler aquilo ali com mais calma, sem ninguém ta muito te chamando, te chamando a atenção e um livro tu já lê no pátio, mas agora no pátio não tem nada pra ler, então a gente ta meio ruim, eu até pedi um livro aí vamos ver se amanhã eu tenho visita, pra ver se alguém traz, pra ver se passa a hora né, que a gente fica da uma às cinco ali, tens que ter alguma coisa, agora não tem mais artesanato, a hora passa e tu aprendes alguma coisa.

V.: Como é o teu dia-a-dia aqui, como tu divides o teu tempo?

C.: Aqui de manhã, geralmente ali onde eu to a gente acordar lá pelas dez, nove e meia dez horas, levanta, porque acordado a gente já ta desde às sete horas todo mundo ta acordado. Agora não tem mais o artesanato, quando tem então é o seguinte, tomo meu cafezinho, vou trabalhar até onze e meia, meio dia, entra o panelão, que é o horário do almoço, almoço, e voltava pro artesanato novamente, que a cadeia tava aberta até as nove, antes desses problema que deu aí, então até oito e meia mais ou menos eu fazia meu artesanato, recolhia tudo, uma ducha de novo e lia minha Bíblia no caso. Agora já mudou um pouco a rotina, então como nós não temos mais o artesanato, eu fico ali até às nove, aí levanto, tomo café, uma ducha, almoço, vou pro pátio e fico sentado ali, uma almofadinha, fico sentado ali de braço cruzado esperando a hora passar. Quando tem um papel pra escrever alguma coisa, sempre to anotando ou escrevendo alguma coisa, ou quando to lendo, mas agora não temos nada pra ler, então o negócio é uma caneta e um papel e a gente rabisca alguma coisa, um orinho de cigarro, que também não fumo, não uso droga, bebida alcoólica, nada, nem lá fora. Então sempre to lá, faço um desenho ali, gosto muito de redação, então às vezes to ali, olho tudo aquilo cheio de árvore ali, então os caras dizem que eu sou meio goiabão.

V.: O que é goiabão?

C.: Pra eles é uma pessoa que não bate bem da cabeça, mas eles não tão pegando assim, digamos, a minha lógica, por exemplo, aqui em volta tem muito pinheiro, então eu vou lá e desenho um pinheiro, depois começo a fazer uma redação sobre aquele pinheiro, uma escrita, alguma coisa que passou assim no dia, tudo em papelzinho, mas nunca guardo, sempre a gente amassa e joga fora porque não é bom ter muitas coisas assim escritas, porque como eu digo, às vezes uma vírgula pode te atrapalhar. Então escrevo uma redação, assim, sempre tem que ta ocupado, porque se eu ficar parado e pensando eu fico triste, penso em tudo que eu deixei lá fora, que eu tinha uma vida boa até então, porque é como eu digo, foram 34 anos na rua pra cair aqui. Então tem muitas coisas boas mesmo, mais boas que ruins. Eu faço uma dissertação, escrevo uma carta, às vezes tenho alguns amigos aí que como eu digo não tem leitura, não tem escrita, chegam ali, eles ditam, eu escrevo, depois leio, acrescento algumas coisas, a gente da uma idéias a respeito disso aí. Então o dia-a-dia é assim e agora as cinco horas a gente é recolhido novamente.

V.: E a leitura ajuda a agüentar...

C.: Ajuda, porque eu moro num cubiquinho do tamanho do meu banheiro, 2x3, moramos em cinco, três na cama, três no chão no chão, é, dois na jega, três no chão, se não lê vai fazer o quê? Vai olhar um na cara do outro daqui a pouco vai discutir, vai ver uma televisão mas de repente o cara não vai gostar de uma atitude da novela, eu vou debater a respeito da novela, no final não se encaixa, então, tu pegando a Bíblia, um outro livro qualquer, até uma folha, qualquer coisa escrita, pelo fato de ta lendo já vai distrair, mesmo que tu não tenha historia no que tu ta lendo, não tenha um conteúdo, então tais mais longe das discussões, que ali dentro se não fizer uma leitura, uma artesanato dificulta, fica pesada a cadeia.

C.: ... assim né, no caso, com a leitura tu não fica parado, tais trabalhando direto com a mente, como eu digo, se tu pegares uma cadeirinha, um banquinho e ficar no teu cantinho quieto a tarde toda, cinco horas, queira ou não queira, teu cérebro não desenvolve, daqui a pouco tu vai sair pra rua e não vai conseguir ter uma leitura boa pra um serviço, vais começar a gaguejar, sem essas palavras, não vai saber falar, às vezes tendo uma leitura pra arranjar um serviço, o patrão ta frente já vai ficar nervoso, então se tu pratica a leitura tu vai ler uma frase bonita, senão tu já gagueja, já tira os pontos e vírgulas, não é, concordas, tem que ter um exercício, a mesma coisa é uma conta, uma matemática, se toda vida tu não fizer uma conta, uma matemática, chega uma hora que não vai poder fazer mais de cabeça, vais demorar muito mais, então sempre tem que fazer um exercício e a leitura aqui dentro, aqui dentro é muita conversa, só dialogo, e uma leitura desenvolve muito é por isso que como eu to te falando, eu tenho uma vida la fora, tenho gente que gosta de mim, então eu tenho uma vida, eu quero ir, por isso, que não paro com leitura, com matemática, toda vida a gente ta puxando, porque tem arrumar um serviço la fora, e se a mente tiver atrofiada, não é legal, então a gente tem que sair melhor do entrou.

#### Entrevista 4

V.: Então (nome), você acha que é importante saber ler, que uma pessoa aprenda a ler?

D.: Sim, o conhecimento da pessoa é através da leitura né.

V.: Para que que serve a leitura?

D.: A leitura serve pra abrir os caminhos, os passos da pessoa, porque sem uma leitura só expressar o seu eu, só vai saber fazer aquilo e pronto, porque é na leitura que mais dá sabedoria né, que abre a mente pra pensar, até no dia-a-dia da pessoa né, eu acho que é pra isso que serve a leitura né.

V.: Que você considera fundamental pra que alguém consiga ler, o que que é importante para aprender a ler?

D.: Pra aprender a ler tem que ter um porque né, tem que ter um sentido da coisa. Vai ter o porque disso, vai querer se crescer, pra aprender, se desenvolver.

V.: Tu acha que é importante freqüentar a escola ou que alguém estimule?

D.: É bom, é bom, é a melhor coisa que tem. A pessoa pode ser o que for mas se ela tem estudo já é uma grande coisa, já é um grande passo né.

V.: Pra aprender a ler tu acha importante ter alguém que incentive, alguém que ajude e estimule a ler?

D.: Sempre. Sempre tem que ter alguém no meio, pelo menos alguém no meio disso pra que a pessoa ter o porque. Tem alguém, assim, como é que eu posso dizer pra ti, alguém assim pra se espelhar nela, vai ver, porque uma pessoa assim que não tem estudo não tem nada, precisa de uma, só o ponto de vista dela é só aquilo, pra que que ela vai fazer, só o que ela sabe ler, entende, na leitura não, ela antes de fazer alguma coisa vai ter que ter né...

V.: Você, costuma ler?

D.: Eu, vez em quando eu gosto de ler um livro assim, muito interessante, não acabo de ler mas sempre dou uma olhada.

V.: Tu nunca acaba de ler os livros?

D.: Nunca acabo de ler, sou às vezes meio impaciente, dá uma semana assim eu não acabo, sei lá...

V.: Tu acha que demora muito pra chegar no final?

D.: Não, não é isso que acontece, é que sempre tem alguma coisa pra pessoa fazer, daí começo, faço uma carta, mas também, às vezes oh, hoje eu faço uma carta daí no outro dia eu já olho para aquela carta, sei lá.

V.: Mas isso só aqui na prisão ou lá fora tu já era assim também?

D.: Mais aqui, fora eu já tava mais com essas coisas.

V.: E que tipo assim de livro tu gosta mais?

D.: Não é, o romance eu gosto mais.

V.: Tem algum que tu lembra assim?

D.: Ah, tem vários. Paulo Coelho também eu gosto, já li bastante livros interessantes, livros daqui (salinha), tem bastantes livros aqui, quando a gente tava com acesso livre aqui a gente pegava bastante livro pra ler, agora que eles trancaram tudo né, antes tinha mais a liberdade de chegar e pegar, um livro pra ler.

V.: Agora só se alguém trazer...

D.: Agora só se pedir alguém né, às vezes, li o Carandiru esses dias, li uma parte, de um amigo nosso que tava aí e foi embora, não terminei, dei uma lida no final, mas não terminei.

V.: Como você escolhe um livro para ler?

D.: Assim, eu vejo um livro, vejo o título dele, sobre o que que ele fala, eu olha atrás vejo o que que ele tá dizendo sobre o que ele é, daí se eu achar interessante eu pego ele pra dar uma lida. Eu li Paulo Coelho, li uns versos também, um livro só de versos que ele fez, eu não sou muito acostumado a ler, só de vez em quando, entendeu, acontece isso de pegar um livro e tal.

V.: Qual o horário assim que tu lê, qual o melhor horário?

D.: Ah, geralmente a noite.

V.: Dentro da cela?

D.: É dentro da cela, é ali no cubículo e tal, ????????????????????????? na minha cama ????????????????? eu fico em paz né, daí vai dormir né, ?????? sei lá, é estranho, é estranho, mas é bom né, pro cara, tem vários livro, pra pessoa vê o que tá acontecendo, no momento que tá acontecendo a pessoa se envolve ali na leitura né.

V.: Tu lê a Bíblia também?

D.: A Bíblia de vez em quando eu dou uma lida na Bíblia, até agora eu tenho uma.

V.: Tem alguma parte que você prefere ou só abre assim ao acaso?

D.: Não, tem umas parte. Acho que tem uma lá que era Corintios 1, verso 5, acho que era “Deus escolheu os loucos para confundir os sábios”, na bíblia uma parte assim interessante.

V.: E quanto tempo assim, por dia, tu disse que lê mais a noite né, tens idéia assim se fica 15 minutos...

D.: Ah, fica mais, fica mais

V.: Quanto tempo em média tu lê?

D.: Ah, fica uns 20 minutos, meia hora.

V.: Todos os dias isso?

D.: Não, variado, variado, assim oh, duas vez por semana. Quando de mais, umas três vez por semana. Agora sei lá, no momento não, aconteceu um monte de coisa com a gente aí, não vem ao caso fica falando pra você... aí é bom né

V.: Tu lê revista, jornal?

D.: Jornal. Leio bastante jornal, se tiver um jornal pra mim... eu peço...

V.: Tua família traz?

D.: Eu peço, quando eu vejo uma matéria no jornal eu peço, oh traz o jornal pra mim.

V.: o que te chama atenção assim no jornal, que tipo de assunto?

D.: As notícia, as notícias que ta acontecendo, que ta acontecendo na cidade né, acontecendo na população por causas dessas droga né, ta fazendo, por que a maioria das coisas são essas drogas que tão fazendo, essas droga aí, a pessoa focaliza aquilo ali pra ver o que tá acontecendo na realidade.

V.: Isso que te chama atenção no jornal?

D.: No jornal é, são matérias assim.

V.: Você já lia antes de vir pra prisão, jornal, livro ou começou a ler aqui?

D.: Não, eu difícil eu lia, difícil

V.: Começou a ler aqui?

D.: É.

V.: Por que tu começou a ler?

D.: Porque são muitas horas vagas né, muitas horas vagas, daí fica lendo.

V.: E o que você acha que a leitura faz por você?

D.: A leitura, pô, ela faz o cérebro trabalhar mais rápido, os pensamentos.

V.: Te ajuda a passar o tempo?

D.: Ajuda, ajuda bastante, ajuda a dormir.

V.: Qual a sensação que dá assim?

D.: Calma, bem calmo, e qualquer coisa assim é suficiente pra tirar do sério assim, se perder na leitura.

V.: Você acha assim que alguma coisa na tua vida já mudou por causa da leitura? O que você poderia dizer assim que já mudou?

D.: o que mudou é só o que eu fiz por mim, fez com que eu aprendesse um pouquinho mais, ficasse mais esperto né, esses ano que eu estudei, aprendi a ler e escrever bem, sei bastante coisa pelo grau que eu estudei eu sei bastante coisa entendeu, isso aí eu agradeço até hoje mas devia ter me dedicado um pouquinho mais porque eu sempre tive tudo que eu quis né, daí hoje em dia eu vejo porque que eles falavam oh', tu tem tudo aí, veja bem, daí eu sempre procurava não querer saber daquilo, daí acabou dando no que deu.

V.: Tem alguma coisa que você aprendeu com a leitura?

D.: Tipo o que assim?

V.: Não sei, alguma coisa que você, ah, eu fiz isso porque eu li, aprendi...

D.: Já, já, isso daí não tem, deixa pra lá.

V.: Cita alguma coisa assim?

D.: Não deixa pra lá, deixa

D.: É, não, não, é pessoal meu assim. Pessoal, vamo deixa as coisa ruim, as coisas ruim vamos deixa pra lá.

D.: É, mostrou a realidade, mostrou antes e depois foi o que aconteceu né...

D.: Não, isso daí eu sei os direitos, os direitos

D.: Não, o advogado também, e dando olhada no processo a pessoa adquire seus direitos também, de cada crime, a pessoa vai aprendendo por causa de caí aí, aprende várias coisas que não necessita, nesse lugar aqui, fazer o que, só aguarda e espera.

D.: Ah, eu acordo, tomo café, daqui a pouco tomo um banho daí volto pra cela, da cela volto pro pátio, às vez faço uma rede ali, depois ajuda com o pão, o pão pro pessoal aí, eles trazem todo dia pra galeria, daí trago pro pessoal aí, daí volto pro xadrez, tomo um banho pra vim um visita aí, fico conversando com o pessoal, às vezes jogando baralho, e assim vai passando o dia, e sempre a mesma rotina né, todo dia, sempre tem alguma coisa diferente, mas sempre a mesma rotina, porque na rua é diferente, na rua acontece várias coisas, aqui não acontece nada, de bom só uma visita que o pessoal tem, visita às vez vem umas crianças, criança a pessoa distrai também. É o dia-a-dia da pessoa aqui dentro né, nesse lugar, aqui ainda, pode ficar ciente que aqui ainda é um lugar bom, apesar de tudo, de ficar preso, porque tem lugar piores aí, lugar piores, tem que ficar agradecido, a pessoa agora tem pagar pelos erros, sabia que podia acontecer, é só pagar pra ir embora.

D.: É, a noite eu vejo jornal, depois vejo um filme, não to conseguindo dormir, aí leio a Bíblia.

D.: Ajuda bastante, quando eu leio, às vez eu até comento, ontem eu li um livro, falava assim, assim...

D.: É boa, a sensação assim ??  
ta na rua???, relaxa um pouco, vejo como isso  
assim, uma terapia né.

D.: É, uma terapia pra ir relaxar, depois de tomar um banho, ou quando não tá passando nada, faz até bem pra vista né.

## Entrevista 5

V.: Então, fulano, você acha que é importante saber ler e por quê, assim?

E.: É, eu acho que é muito importante sim, é muito importante, porque hoje em dia do jeito que a gente anda, a situação que a gente anda, principalmente esse desemprego né, a leitura e o estudo manda muito né, eu acho que é muito importante. No meu caso: eu tenho bem pouco estudo né, e no entanto onde que eu me encontro né. A pessoa não, a pessoa que tem um estudo, que tem conhecimento da leitura ela tem varias oportunidades boas de emprego né, tem muitas coisas boas, eu acho que é muito bom.

V.: E o que você acha que é importante, indispensável pra que a gente desenvolva a leitura, para que a gente consiga ler, pra que a gente aprenda a ler, o que é importante?

E.: O que é importante? Como assim?

V.: A leitura é uma habilidade né, que a gente precisa desenvolver... Por exemplo, tu achas que é importante freqüentar a escola para aprender a ler?

E.: Claro, muito importante. Sem a escola... Só em casa acho que não teria como a pessoa se adaptar naquilo ali porque em casa a gente faz uma coisa, faz outra, chega um colega, às vezes tira do estudo, tira do que a gente ta fazendo. Na escola não, na escola a gente tem que concentrar naquilo ali né, é muito importante.

V.: Tu acha que é muito difícil alguém, por exemplo, aprender a ler sozinho assim?

E.: É difícil, é difícil. Eu, por exemplo, eu não tive uma pessoa assim que chegou assim, e disse: não, tens que ir pra escola, pra tentar ter uma vida melhor. Eu não tive, não tive essa pessoa pra chegar e... Me separei muito cedo dos meus pais e não tive uma pessoa pra ficar em cima de mim: não tens que estudar, tens que ir pra escola. E hoje em dia não, hoje em dia, ta assim, os pais tão em cima, e é muito bom, é importante porque a gente não freqüentando uma escola, em casa tem muitas coisas, tem vídeo-game, televisão, essas coisas, a gente não vai se preocupar em ler, com tantas coisas né, pra gente se distrair. Agora na escola não, tens que se concentrar naquilo ali e é muito bom assim, a escola é muito bom.

V.: E é importante então ter uma pessoa assim que estimule...

E.: Isso! É muito bom...

V.: Alguém que te incentive...

E.: Incentive, isso...

V.: E tu não teve...

E.: Não, não tive não. Não tive esse alguém.

V.: E tu achas que se tivesse tido terias se dedicado mais...

E.: Eu acho que teria me dedicado mais...

V.: O que te fez assim não estudar? Foi trabalhar cedo...

E.: Fui trabalhar cedo, me separei da minha mãe e do meu pai cedo, fui morar com a minha irmã, aí já comecei a trabalhar cedo. Comecei a trabalhar acho que com uns 13, 14 anos e ali me distraí só no serviço, deixei o estudo de lado, né, aprendi a ler também, mas assim, através de placa, de bliblia, essas coisas. Ler, graças a Deus eu sei ler bem, agora só com escreve que eu sou meio barrãozinho.

V.: Tens vontade ainda assim de voltar...

E.: Tenho. Tenho por que às vezes eu vejo assim alguns colegas meus escrevendo uma carta. Por exemplo, eu quero escrever uma carta, eu não consigo escrever, eu tenho que ditar e pedir para alguém escreve pra mim. E às vezes eu me sinto até com inveja, porque eu acho a letra de muitos bonita, eles escrevem bem, eu tenho vontade assim, é uma coisa boa que eu deixei pra trás.

V.: O que você lê?

E.: Ah, eu leio Bliblia, revista. O que eu mais gosto é a Bliblia né.

V.: Tem alguma parte da Bíblia assim que você prefere? Algum dos livros, versículo...

E.: Os salmos né, é o que eu mais leio.

V.: Por quê? O que eles te transmitem...

E.: Traz coisas boas né, muitas coisas boas, gosto de ler, os salmos... é difícil o dia que a gente não pega a Bliblia pra lê ali dentro, no lugar que a gente fica, no cubículo que a gente fica, muito bom, gosto muito, gosto muito de ler a Bliblia. Traz alegria, eu me sinto aliviado.

V.: Isso que eu ia te perguntar. Descreve qual a sensação que o texto te passa assim

E.: Descrever?

V.: É, não, assim, quando você lê um salmo, assim, o que ele te desperta?

E.: Ah, me deixa contente, uma coisa assim, uma coisa muito boa, me deixa contente, me deixa aliviado, me faz pensar coisas boas.

V.: E revista, que revista assim que tu lê, que revista que tu gosta?

E.: Ah, revista é coisas assim de figura, revista eu não me interesso muito, mais a Bliblia mesmo. Desde a rua já né, não é porque eu to preso. Mas eu na rua, em casa, sempre me apeguei na bliblia, sempre lia, gosto muito.

V.: Tu já lia então?

E.: Já, já lia. Tem colegas meu que vê a gente lendo a bliblia ali fala “ah, agora tais preso, tais lendo a bliblia, né.” Não, é errado, eu já lia em casa, já gostava de ler em casa.

V.: E tu lê todos os dias, como é que é?

E.: Todos os dias, na parte da manhã. Hoje não, já acordei meio tarde aí já vim pra cá. Mas a noite, a gente conversando, às vezes eles assistindo, eu lendo.

V.: Tem algum horário assim que é melhor pra ler?

E.: É, o horário que a gente se sente mais sussegado. A partir, assim, de meia noite, uma hora que daí eles já tão mais cansado, tão quitetinho, aí eu fico lá em cima na minha jega, lendo.



V.: Lê pra dormir?

E.: É, pra dormir.

V.: Tens idéia assim de quanto tempo em média tu ficas lendo?

E.: Ah, 20 minutos, meia hora, vai mais do jeito que tais se sentindo. Vai da tua vontade também, às vezes tais com um pouquinho de sono, lê dois, três salmos, aí coloca lá e vai dormir. Depende do que tu fizesse durante o dia, se tu caminhasse muito, jogasse futebol, às vezes tais cansado, né, e bate sono cedo, toma uma ducha.

V.: E como que você assim, desenvolveu o gosto pela leitura da Bíblia? Quando que tu começou a ler, começou a gostar?

E.: Ah, isso já, isso faz tempo, isso sempre gostei. Desde que eu me entendo por gente. Que a minha família, a minha família é crente né, meu cunhado, minha irmã, minha mãe já foi também, então é uma coisa que , que, que eu tenho vontade, eu gosto de fazer em minha vida, me distrai também, me alivia um pouco a minha cadeia.

V.: Mas foi com eles que tu aprendeu a gostar de ler o texto da Bíblia?

E.: Não, assim por mim mesmo, por mim mesmo, isso aí é coisa minha mesmo.

V.: Livros, outras coisas assim tu não...

E.: Não, não me interessa não. Já tive bastante livro em mãos mas não me interessa.

V.: Por que assim?

E.: Não sei, não sei te dizer.

V.: Não te chama a atenção...

E.: Não, não me chama a atenção é.

V.: Tu falou que já lia antes de vir pra cá. Todos os dias também?

E.: Não, na rua não. Porque na rua a gente trabalha, faz uma coisa, faz outra, né. Mas, praticamente diariamente.

V.: Por que aqui assim então é tão importante daí ler?

E.: Porque aqui, aqui a gente pensa, nesse lugar, a gente pensa muita coisa ruim. E pra tampar a coisa ruim tem que ter uma coisa boa e eu acho que essa coisa boa é a bliblia. To lendo a bliblia aí já lembro dos meus filhos, né, já é duas coisa boa, a bliblia e se lembrar deles. Aí eu to ali lendo, paro um pouquinho, penso neles, começo a ler de novo e assim vai indo porque a bliblia traz muita coisa boa, só traz coisa boa, só tem coisa boa.

V.: Ajuda...

E.: Ajuda, ajuda. Às vezes tais com a cadeia pesada que eu digo assim oh, é tu tais ali, tais, como é que se diz, meio com o coração apertado, pô, falta tanto tempo pra eu ir embora, fica chateado, às vezes briga com um, discute com outro e só ali que eu vejo que tem a solução pra tirar aquele stresse, aquela coisa ruim.

V.: E assim, a leitura da Bíblia, você acha que ela já mudou assim alguma coisa na tua vida, alguma coisa já mudou por causa de tu ler a Bíblia?

E.: eu acho que já, porque a blibia não basta só a gente ler, a gente tem que ter um pouco de respeito por ela também né, pelo que diz ali, e ali só diz coisa boa, te ensina muita coisa boa ali, só não vai, não entende quem não quer né.

V.: E o que você poderia dizer que já mudou, assim, ah, eu mudei isso na minha vida por causa de ter lido...

E.: ah, é meio difícil cara, to até entendendo a pergunta, mas, não sei como te responder, não sei, sinceramente...

V.: Até em termos às vezes de comportamento...

E.: Ah, claro, claro, isso muda, muda sim. A pessoa que chega aí e começa a ler Blíbia a pessoa muda, tem pessoas que chega e conhece a blíbia e aqui dentro se apegam nela e vira crente.

V.: Isso é uma mudança...

E.: Claro, isso é uma mudança, tem aqui, tem em penitenciárias. Em \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ tem igreja dentro de \_\_\_\_\_. Isso é sinal de que não é todo mundo que tá lá crente que foi conhecer a blíbia na rua, não, conhece ali. Só que não adianta querer se esconder. Conhecer a blíbia ali e gostar, se apegar nela é uma coisa, agora, tá preso aqui e se esconder atrás da blíbia é outra. Não adianta querer pegar o livro, se apegar na blíbia, lê, lê, lê, lê, ai meu Deus, isso e aquilo, participar dos cultos que tem aí, chega na rua e esquecer a blíbia e pegar uma arma. Isso pra mim não adianta, tem que se apegar. Eu aonde eu vou a minha vai comigo, gosto muito dela, a minha arma é ela.

V.: E tu, assim, já aprendeu alguma coisa com essa leitura, até alguma coisa pra fazer, ou um aprendizado que não dá pra gente ver, mas que virou uma ação, até pra ter um crescimento interior, alguma coisa que tu já tenha aprendido?

E.: (longa pausa) Ah, repete a pergunta, faz favor.

V.: Assim, por exemplo, às vezes alguém lê uma revista e aprende a fazer um quadro, pela leitura da revista. Isso é uma atividade prática, mas muitas coisas a gente aprende assim, mais interior, mais sentimentos... E isso que eu gostaria de saber se tu poder descrever, alguma coisa que tenhas aprendido com a leitura da Bíblia, uma maneira de agir, não sei, alguma aprendizado, que tu poderias dizer que foi um aprendizado a partir da leitura...

E.: Conselho, através dela ali eu dou muito conselho, dou muito conselho, mas como se diz o ditado se conselho fosse bom a gente não se dava, vendia. Ainda mais no lugar que a gente tá, né, quem somos nós pra dar conselhos, somos todos errados, né, mas eu faço o possível e o impossível, eu dou conselho, através dela ali eu dou conselho, tento ajudar, porque é uma coisa que toca no meu coração, pesa na minha cabeça e é dessa forma que, aos poucos, aos poucos a gente vai né, tudo vai se encaixando, tudo vai dando certo.

V.: Por que assim, a gente aprende com tudo né, tudo que a gente lê traz alguma coisa...

E.: Claro, lógico, sempre fica gravado um pedacinho e aquilo ali a gente tenta passar pra pessoas que ainda não conhecessem.

V.: Como é o teu dia-a-dia aqui assim, o que que tu faz durante as 24 horas...

E.: Meu Deus! Ah, é uma xaropiss é uma xaropisse, eu não vejo a hora de ir embora, cara. Porque, não tem muito o que fazer. A gente faz rede ali pra distrair a cabeça, um pouco, mas vem um dia, fica dois dias com rede, a gente trabalhando dois dias e uma semana sem trabalhar, aí tu não tem muito o que fazer. Andar pra lá e pra cá, dia de visita, a gente tem visita no lugar que a gente mora né, no cubículo que a gente fica, aí tens que ficar andando naquele pátio lá, até o horário da visita, pra lá e pra cá, não tem muita coisa que se faz, não tem nada pra fazer.

V.: Tu acorda tarde, o que que tu faz assim?

E.: A gente acorda, toma uma ducha, toma café, sai, volta pro cubículo, é essa a rotina, vai pra jega, descansa, vai pra fora de novo, ah, é essa a rotina do dia-a-dia, não tem nada mesmo pra se fazer, é uma xaropisse que...

V.: Qual que é o momento mais difícil assim, tem algum período, uma quantidade de tempo que tu diz assim que é mais difícil?

E.: É parte da noite né, que eles trancam né, daí fica trancadinho, ou tu dorme, ou tu lê ou conversa. Eles tranca às 7h, só vão abrir no outro dia, aí tens que ficar ali com mais cinco pessoa, cinco ou seis pessoas, num espaçozinho bem pequenininho, apertadinho. Isso aí é uma xaropisse.

V.: Esse é o mais difícil?

E.: É o mais difícil.

V.: Em termos de quantidade de tempo, depois de quanto tempo de acostuma, não se acostuma, mas...

E.: Se acostumar é difícil, mas vais assim pegando, como é que se diz, vais criando raiva daquilo ali, aquilo ali vai te deixando irritado, cada dia que passa, às vezes tu não acorda legal, às vez tu já discute com um do cubículo, discute com outro, porque é muita coisa na tua cabeça, tu tais naquela rotina há muito tempo, que dizer, aquilo ali já te enjoa, é assim, te deixa num stress muito, não sei, é uma coisa muito ruim.

V.: E tu acha que, assim, a prisão como ela é, ela ajuda a pessoa a...

E.: Não. A cadeia do jeito que ela é ela não ajuda ninguém a se recuperar, porque aqui, tais aqui dentro, tais preso, tu passa muita raiva e a tua raiva não tem como descontar ela toda aqui, então o que que tu faz, tu bota coisas na tua cabeça, no teu coração, se tens um coração bom, o teu coração já vai pegando maldade de outras pessoa, chega na rua só pensa em... tirá a raiva, tira a raiva de quem te fez coisa ruim lá na rua, até aqui dentro mesmo, se tiveres a oportunidade pra fazê, tu faz.

V.: Como tu acha que deveria ser, o cumprimento de uma pena, como deveria ser?

E.: Olha, eu não faço nem idéia, mas a cadeia pra recuperar, não é o melhor lugar, não ajuda, não ajuda mesmo, porque, meu Deus, cara, é muita, muita coisa ruim, só tem coisa ruim, ali dentro só tem coisa ruim. Quer dizer, as únicas coisas boa que ainda resta ali dentro somo nós né, eu me considero bom, eu me considero bom.

## **Entrevista 6:**

V.: Por que é importante saber ler?

F.: Por que é importante saber ler... (longa pausa)

V.: É importante saber ler?

F.: É né!

V.: O que a leitura pode ajudar assim, o que ela pode ser importante?

F.: Ajuda tudo né, sem a leitura bem dize a pessoa não é nada né.

V.: Por quê? O que é difícil assim sem a leitura?

F.: Difícil pra tudo, pra se locomover na cidade né, pra tudo, pra tudo.

V.: O que é que ajuda as pessoas a aprenderem a ler? O que é preciso para que alguém aprenda a ler?

F.: (longa pausa). Como assim?

V.: Por exemplo assim, tu acha que a pessoa precisa frequentar a escola pra aprender a ler?

F.: Também né, mas não é necessário escola pra aprender a ler, acho que a ajuda dos pais em casa...

V.: Tu acha assim que uma pessoa sozinha ela consegue aprender a ler?

F.: É difícil, mas pode.

V.: O que ela precisa ter assim?

F.: Força de vontade e atenção né, daí consegue.

V.: É importante ter alguém que incentive?

F.: Também né ter uma pessoa pra incentivar

V.: O que você lê, assim, Luciano?

F.: Ah, livro, revistas, jornal, de tudo.

V.: Tu gosta de ler?

F.: É, de vez em quando eu leio, assim. É lá uma vez ou outra, mas quando eu pego eu leio tudo né.

V.: Tu lembra assim de algum livro que tenha lido?

F.: Não é muito bom falar dos livros que eu leio.

V.: Não, mas não vai ter seu nome, não te preocupa...

F.: É uns livro de magia negra.

V.: São livros grandes, explica como é, eu nunca vi...

F.: É, livros dizendo, contando história, como é que começou, histórias assim né.

V.: Ensina a fazer?

F.: Não

V.: Tu lembra de algum título assim? (pausa) Quantos livros de magia negra você já leu?

F.: Dois

V.: Tu lembra dos nomes, não?

F.: É, um foi há muito tempo, o outro eu to lendo agora né.

V.: Tais lendo aqui?

F.: To

V.: Mas aí alguém traz pra ti?

F.: Esse aí até nem veio pra mim, veio pra outro preso aí, eu peguei emprestado.

V.: Quantas páginas já leu?

F.: 170

V.: Quantas páginas tem o livro?

F.: 240

V.: E tu lê todo dia?

F.: Não, lá uma vez ou outra só. É como eu digo, de vez em quando eu pego fico lendo.

V.: Qual o melhor horário pra ler aqui?

F.: Aqui não tem horário né, é o horário que der na cabeça, o cara lê.

V.: Mas tem algum horário que você acha mais tranquilo, que você prefere?

F.: Não. Eu não tenho. Eu sou imprevisível, não marco hora pra nada.

V.: E tem alguma local assim que é melhor pra ler?

F.: Eu gosto de ler dentro do cubículo.

V.: Tens idéia de quanto tempo você fica lendo, assim, quando você lê, quanto tempo?

F.: é, uma hora, uma hora e meia.

V.: Mas não é todo dia?

F.: Não, é quando dá vontade.

V.: E que tipo de jornal, revista que você lê?

F.: O que entra aqui, tem variedade que vem de material aqui pro pessoal fazer artesanato, revista Veja que vem pra aqui, de tudo um pouco

V.: E tem algum assunto no jornal ou revista que você prefere?

F.: Não, leio tudo né, porque daí não tem nada pra ler, pega ali por curiosidade né, vou lendo.

V.: E tu já lia antes de vir para a prisão ou começou a ler aqui?

F.: Não, na rua de lia de vez em quando.

V.: Mas, aqui tu lê mais do que lá fora?

F.: É, aqui leio mais

V.: Como você desenvolveu o gosto pela leitura, por exemplo, de livros de magia negra?  
F.: É, por curiosidade.

V.: Alguém te incentivou?  
F.: Não

V.: E a leitura em geral, como você passou a gostar?  
F.: É, quando eu estudava eu já gostava. Só não passava de série mesmo por causa da bagunça, mas eu era um bom aluno.

V.: Mas aí, então, foi a escola que te estimulou a ler?  
F.: Isso.

V.: Tu já aprendeu alguma coisa com a leitura?  
F.: Claro! Muitas coisas, muitas coisas.

V.: O quê, assim?  
F.: É, foi na realidade porque eu sou um cara que não troco idéia com ninguém, fico na minha como, tudo a maioria das coisa que eu sei é através da leitura.

V.: Tu prefere ler do que conversar assim?  
F.: (faz sinal afirmativo com a cabeça)

V.: Por quê? O que a leitura te desperta?  
F.: Ah, não é que eu sou quieto mesmo, não gosto de ficar... então pra não ficar eu fico lendo, escrevendo, escrevendo bobica e apago e leio e assim vai indo.

V.: E tu não lembra assim de alguma coisa prática assim através da leitura?  
F.: Não, assim, que nem eu, sou técnico em porteiro eletrônico por causa da leitura. Ninguém nunca me ensinou nada. Fui pegando papel e lendo e fui aprendendo. Ninguém nunca chegou e me disse “oh, esse foi liga aqui”. Eu sei que liga ali porque eu li.

V.: Lendo manuais?  
F.: Isso

V.: Tu não fez nenhum curso então?  
F.: Não, não tenho curso nenhum e sou o melhor técnico de Itajaí em porteiro eletrônico.

V.: Aprendeu lendo então?  
F.: Sim

V.: E assim, fulano, alguma coisa já mudou na sua vida por causa de alguma leitura?  
F.: Sim

V.: O que assim?  
F.: Justamente essa profissão que eu tenho né, essa profissão que eu tenho.

V.: Foi uma mudança boa?  
F.: Foi, oh!

V.: Alguma vez a leitura já trouxe alguma coisa ruim?

F.: oh!

V.: O que assim?

F.: Carta, carta da família que o cara lê aqui dentro, notícia ruim assim.

V.: E alguma livro ou outra leitura já te trouxe alguma coisa ruim?

F.: Não

V.: O que a leitura desperta em você em termos de sentimentos, de sensação, você saberia explicar?

F.: Me sinto mais na rua, com mais liberdade.

V.: Como é teu dia-a-dia aqui Luciano, o que faz nas 24 horas, como divide seu tempo?

F.: Ando pra lá e pra cá. Acordo cedo, de vez em quando fico deitado. Faço rede.

V.: Qual que tu acha que é o momento mais difícil de estar preso?

F.: é, não tem um momento, todo momento é ruim. São 24 horas do dia, meia hora é de felicidade, o resto é só pesadelo, não é pesadelo, é aquela coisa, ta preso, começa a pensar na rua...

V.: Mas assim, tu poderias dizer que a partir de determinado tempo tu começa a se acostumar ou ficar menos pesado assim?

F.: Não, tem hora que tem que abraçar, esse aqui é meu mundo, tem que ficar aqui até quando acabar a pena...

V.: e tem alguma época, um período em dias, meses ou ano?

F.: É, a partir de um ano.

V.: O primeiro ano é o mais difícil?

F.: Cada um depende da pena também.

V.: Tu acha que o primeiro ano foi o mais difícil?

F.: é no começo, depois mais no fim se acostuma né.

V.: Tu acha que a cadeia ajuda a pessoa melhorar?

F.: Não ajuda não.

V.: Por quê?

F.: Cada cabeça, cada um veio pra cumprir sua missão na Terra, isso aí é...

V.: Tu lê a Bíblia?

F.: Leio

V.: Todo dia?

F.: Não

V.: O que tu gosta de ler na Bíblia?

F.: Não, não tem gostar assim, eu abro, na página que cair assim.

V.: E por que tu lê a Bíblia, o que ela te traz?

F.: Eu leio porque já fui de igreja, participei de grupo de jovem.

V.: O que a leitura da Bíblia te traz?

F.: Ah, é aquela coisa que eu falei, mais liberdade.

### **Entrevista 07:**

V.: Qual a importância da leitura?

A leitura é importante porque a pessoa aprende mais né, só aprende lendo, quanto mais lê, mais aprende, dependendo dos livros, uns livros são educativos, outros não, incentivam ao lado ruim né, tem muitos livros que incentivam o lado ruim, alguns sim, outros não. Quem lê sabe mais, aprende mais.

V.: O que você acha que é importante, indispensável para que uma pessoa consiga ler, para que ela aprenda a ler?

Se alfabetizar né, frequentar a escola. Hoje em dia tem muita pessoa que diz “aprende em casa”, mas não, não aprende, tem que ir pra escola.

V.: Tu acha que sozinho...

É mais difícil né, não aprende tudo, né.

V.: A escola então seria assim...

Claro, toda criança deve ir né, até pra não ficar muito na rua, não pender para o outro lado.

V.: E tu acha que é importante alguém que estimule, que incentive?

Sim, lógico, é um trabalho importante que é o que tu tá fazendo.

V.: E tu tem que alguém que te estimulou a ir pra escola, a ler...

Sim, amigos né, de mais idade.

V.: Você gosta de ler?

Gosto, até inclusive eu parei de estudar, fiz só o 1º grau, por causa do serviço porque daí tinha que viajar, aí não tinha como frequentar a escola, faltava muito, mas se tivesse a oportunidade eu continuava a estudar, continuava.

V.: e o que tu gosta de ler?

Oh, tudo que tiver pra ler eu leio, eu leio a Bíblia, tô lendo ali um livro agora “A águia pousou”, uma história de guerra, bem interessante. Eu gosto de ler.

V.: Gosta de ler revista, jornal?

Revista, jornal, gosto de ler.

V.: Você tem alguma preferência?

De livro? Não, preferência eu não tenho. Começo a ler, se eu achar interessante eu continuo até o final, se eu achar muito daí eu desisto.



V.: Como é que tu faz pra selecionar um livro, pela capa, título?  
Não, pela capa não. Agora eu leio umas quatro ou cinco páginas, se me interessar eu continuo lendo.

V.: E em jornal, revista, tem alguma que tu prefere, acha mais interessante?  
Ah, revista é pra saber o dia-a-dia, o que ta acontecendo no mundo lá fora, a gente lê, pra ta atualizado, saber tudo que ta acontecendo, não parar.

V.: E na Bíblia, o que tu gosta?  
Ah, a Bíblia sem palavras né, aquilo ali é o dia-a-dia de cada um né, ta falando ai ta acontecendo na realidade né. Eu leio bastante os salmos, relaxa mais a pessoa né, reflete, pára pra refletir né, de vez em quando eu leio os salmos. Não sou digamos assim, nossa, um padre, mas eu leio.

V.: Que hora do dia tu acha que é melhor para ler aqui?  
De noite, tem menos barulho né, lê com mais atenção.

V.: Quanto tempo em média você pára pra ler assim?  
Ah, todo dia eu leio, às vezes é esse livro que eu falei pra ti, às vezes a Bíblia, às vezes os dois, mas todo dia eu leio.

V.: Tens idéia de quanto tempo, se é uma hora, meia hora?  
Ah, vai umas quatro hora, três hora, às vezes eu perco o sono acordo de noite e fico lendo, lendo até dar sono de novo, leio bastante.

V.: Durante o dia assim não...  
De dia não, de dia não dá porque é muito barulho, é som ligado, televisão, um fala aqui, outro grita ali aí é difícil, não tem aquele sossego, pra ler é bom no sossego. A noite fica mais calmo daí dá de ler.

V.: E qual o local?  
Ah, local não tenho, onde a gente ta a gente lê.

V.: No cubículo mesmo?  
É, no cubículo, em cima da jega, fica mais sossegado.

V.: E tu já lia antes de vir para a prisão?  
Já, sempre li, sempre li.

V.: E tens idéia se era todo dia?  
Não, antes não era todo dia, aqui é porque não tem muito o que fazer né, aqui eu leio todo dia, mas na rua mais era assim de vez em quando, não tinha o que fazer, ficava em casa aí pegava um livro na estante e ia ler, uma encicoplédia ou qualquer coisa e ficava lendo.

V.: O que a leitura desperta em você, porque você gosta de ler, o que ela te traz?  
Ah, ler só traz benefício né, não vai te prejudicar em nada, é bom, um aprendizado, quanto mais lê, mais aprende.

V.: A leitura ajuda a passar os dias aqui?  
Ajuda

V.: Por quê?

Porque enquanto tas ali lendo não tas pensando em coisa ruim né, ta lendo ta distraindo a mente e a hora passa, quando você vê já passou outro dia, já vem o outro.

V.: Tu já aprendeu alguma coisa com a leitura, de um livro, jornal...

Sempre aprende né, vai lendo sempre tira alguma coisa de bom.

V.: O que você poderia dizer que já mudou na tua vida por causa da leitura?

A pensa pra frente né, quando uma pessoa te irritar, contar até 10, essas coisas assim entende, fazer novas amizades.

V.: Como é o teu dia-a-dia aqui?

Ah, é sempre a mesma rotina, levanta toma um banho, assiste TV, lê, dorme de novo, esse é meu dia, às vezes faz uma rede, ajuda.

V.: Tu achas que a prisão ajuda a pessoa a melhorar?

Aí vai da cabeça de cada um né, porque melhorar melhora, porque também sofre bastante, perder a sua liberdade né, melhorar melhora, mas quem não quer, cada um pensa do seu jeito.

V.: Como foi que você desenvolveu o gosto pela leitura?

Despertar de ler, depois que aprendi a ler e escrever sempre lia, sempre gostei de ler.

V.: Você se inspirou em alguém?

Sim, um tio meu, um tio que ele lia bastante, estudou de mais e pirou, aí chapou tudo e se jogou de um prédio. Mas ele sempre lia, e lia as história pra mim e eu me interessava nas história que ele lia e comecei a ler por causa dele assim. Aí comecei a pegar o gosto pelos livros e comecei de vez em quando a ler.

V.: E como é que tu faz pra ler aqui?

Não, tem alguns livro aí dentro, às vezes os familiares trazem, às vezes tem livros evangélicos, aí vamos passando. Até tava lendo o livro do Carandiru que entrou aí do presídio lá, também é bem interessante esse livro. Eu gosto de ler, de vez em quando assim é bom, passa o tempo né.

V.: O que a leitura te ajuda aqui dentro, que benefício?

Benefício é que tem dia que a gente às vezes acorda meio nervoso, por ta sempre no mesmo lugar, na mesma rotina, aí ao invés de sair descontando em um, descontando em outro, pega e vai ler um livro, daí vai, sossega, senta num canto começa a ler, começa a relaxar, é bom, se tivesse mais livro.

## **Entrevista 08:**

V.: Então Fulano, qual a importância da leitura pra você?

H.: Eu acho importante porque cada vez que a gente vai lendo a gente vai aprendendo mais né e vai conhecendo novas palavras diferentes e também porque em tudo a gente usa a leitura né, até na matemática, se a gente não souber ler a conta como a gente vai entender, tem que saber ler a conta pra poder fazer.

V.: O que você considera indispensável ou importante para que uma pessoa consiga aprender a ler, ou gostar de ler?

h.: Eu acho que as pessoas que não gostam de ler, que se ela lê um livro, se ela se interessar de ler um livro e ela começar gostar, naquele livro que ela leu ela já vai ter interesse de ler outro livro, assim conforme a pessoa vai lendo ela vai se interessando.

V.: E você acha que é importante freqüentar escola para aprender a ler ou pessoa pode aprender a ler sozinha?

H.: Eu acho que tem condições da pessoa aprender a ler sozinha, mas o mais importante é na escola, na escola é mais importante porque tem os professores pra te ensinar, melhorar a leitura, porque também não adianta só a pessoa saber ler, ler um livro e não entender o que se passa, ler todo mundo pode ler, mas tem que ler e entender.

V.: E você acha que é importante alguém que incentive, uma pessoa que estimule?

H.: É né, o próprio pai, a própria mãe, incentive o filho a ler, é importante.

V.: O que você lê, o que você mais gosta de ler?

H.: O que eu gosto mais de ler é um livro de literatura ou um gibi, mas eu gosto mesmo ali é um livro, livro de romance, gibi também né.

V.: Você lê jornal, revista?

H.: Leio, eu me interesse de jornal também.

V.: A Bíblia você lê?

H.: Eu leio de vez em quando, não leio direto né, mas de vez em quando eu leio uma palavras.

V.: Dos romances, tu lembra algum que tenha lido, que tenha gostado mais?

H.: Eu li um romance, eu li Romeu e Julieta, tem a parte I e a parte II né, eu li os dois, e li mais um livro romance só que eu esqueci o nome.

V.: E agora você tá lendo algum?

H.: Agora to, “O fio do destino” é o nome do livro.

V.: É um romance também?

H.: Não. Eu to lendo esse né, e li “Um estranho no espelho”.

V.: Tu lembra quem escreveu?

H.: Ah, o autor esqueci o nome, é um estrangeiro lá.

V.: Do que eles falam assim, tu lembra?

H.: Esse do Um estranho no espelho fala mais ou menos de uma pessoa que ta olhando pro espelho e imaginando a vida como ela era como não era, o que aconteceu com ele, amanhã, no futuro, fala mais ou menos assim. E o fio do destino fala do destino da gente né.

V.: Que horário assim você prefere ler, tem alguma horário que é melhor?

H.: Aqui na cadeia eu leio, às vezes eu leio a tarde ou a noite, mas principalmente eu leio mais a tarde pra passar a tarde, porque tem visita a gente fica no pátio, eu fico lendo um livro pra passar mais rápido a tarde.

V.: Quanto tempo em média você fica lendo, meia hora, uma hora?

H.: Eu nunca parei pra, eu não posso dizer porque eu não sei, mas eu posso dizer assim que eu começo a ler na página um, desde o princípio quando começa o livro e leio mais ou menos até a página 100.

V.: Você já lia antes de vir para a prisão?

H.: Já, eu lia na escola né, que nós tinha quatro aula de português por semana e toda sexta-feira nós fazia uma aula de literatura.

V.: Tu acha que lê mais aqui do que lá fora?

H.: É leio mais aqui né, eu leio mais pra passar o tempo. Lá na escola a gente lia naquela aula aí a professora dava o livro pra nós ler em casa e eu lia a noite, mas quase não lia. E eu lia mais gibi na rua.

V.: Tem algum gibi que tu prefere?

H.: eu gosto mais assim aquelas do homem-aranha. Eu li um que eu gostei pra caramba – a morte do super homem.

V.: Aqui tu lê gibi também?

H.: Aqui quase não tem né.

V.: Como é que você passou a gostar de ler, como desenvolveu o hábito da leitura?

H.: Gostei de ler porque eu comecei a ir para escola com sete ano e comecei a ler e aí comecei a gostar aí comecei a praticar, aí comecei a comprar gibi pra começar a ler, eu tenho até uma coleção de gibi, tenho do homem-aranha e a do super-homem. Aí comecei a ler uns livros, daí nós lia muito livro de escola né.

V.: E o que a leitura hoje aqui na prisão, o ela te desperta, o que ela te traz?

H.: Me traz mais alegria, lendo passa o tempo, não fico pensando bobica, fico só concentrado na leitura, não tem, aí pra mim aqui ela me ajuda bastante, me traz alegria e também às vezes a gente lendo um livro ensino muita coisa boa pra gente.

V.: O que assim que tu já tenha aprendido lendo, pra tua vida ou pra fazer alguma coisa?

H.: Aprendi que nem tudo na vida é como a gente quer, se fosse como a gente quer eu não tava aqui, tava na rua, era o destino.

V.: O que tu acha que dá pra aprender com a leitura?

H.: Do romance eu acho que aprende nós conversar melhor com uma mulher, aprende às vezes a falar uma palavra que uma mulher gosta, aí não vais falar qualquer coisa. E do gibi, pra mim eu acho que algumas parte traz violência, porque são aqueles de super-homem, não tem, pra quem gosta de ler gibi e tem uma cabeça boa não faz nada, pra quem não tem começa a se alugar.

V.: E assim Fulano, a leitura já trouxe alguma mudança importante pra tua via?

H.: Já, porque cada vez que eu leio eu vou me interessando de ler mais, não tem.

V.: Como é o teu dia-a-dia aqui, como divide as 24 horas do dia?

H.: Olha, como posso te explicar, faço todo dia a mesma coisa, de manhã acordo tomo banho, tomo café, fica no pátio caminhando pra lá e pra cá. De tarde quando tem linha faço rede, quando não tem fico lendo livros né. Aí chega noite, 6h30, fica no cubículo até o outro dia e assim vai indo né.

V.: Qual seria o momento mais difícil aqui?

H.: Acaba se conformando né, o ato de ta preso, não pode sair.

V.: Qual o período mais difícil?

H.: Quando ta trancado, quando eles trancam depois da visita, às 6h30min. Aí fica na televisão, às vezes custa dormir aí fica pensando, to ali preso, podia ta lá em casa, podia ta curtindo Tiradentes. Porque é assim não tem, a maioria daqui são novo e a gente que somos novo eu acho que gosta de sair, ir pra salão assim.

V.: E nesse tempo que você já cumpriu, qual foi o período mais difícil?

H.: Foi assim no começo né, assim que eu cheguei. Fiquei olhando, parece outro mundo, eu achava estranho né, aí depois fui pegando amizade, graças a Deus não tive problema com ninguém, sou amigo de todo mundo.

V.: Você acha que a prisão como ela é ajuda a melhorar?

H.: Pra muita gente ajuda visse, pra muita gente ajuda porque eu acho assim quem vem preso e puxar três, quatro ano, ou até dois e dois como eu vou passar e a pessoa vê como é cadeia, muita gente quando sair para rua vai pensar duas vez antes de fazer uma besteira, mas tem pessoa que às vezes não tem nada na vida e é obrigada a ir pro crime de volta né, sabe o risco que ta correndo mas depende daquilo pra poder comer né.

## Entrevista 09:

V.: Você acha que é importante saber ler e por quê?

I.: Sim, eu acho muito importante a pessoa saber ler e escrever porque faz da pessoa um homem diferente, faz uma pessoa de cultura, porque a pessoa analfabeta ele se sente até envergonhado de não poder ler um livro. Ele olha a capa assim, é muito bonito, mas não tem desenho, não tem figura pra ele ler, então ele se acha uma pessoa inútil. E a pessoa que sabe ler é uma pessoa que ela tem a cabeça no lugar, traz uma cultura melhor pra ela, tanto pra ela como aqueles que ele convive. Ele sabe dar um conselho, ele sabe conversar, ele sabe ler uma frase de um jornal, de uma revista, de qualquer coisa, ele sabe interpretar as palavras. Um livro toda vida foi bom, um livro é o melhor amigo de uma pessoa é um livro porque distrai, instrui e além de tudo leva às pessoas a sonhos impossíveis.

V.: O que o você acha que é indispensável ou muito importante para que uma pessoa aprenda a ler, ou consiga ler?

I.: A primeira coisa é o incentivo de outras pessoas e também da boa vontade dela porque não adianta você dar o peixe e não ensinar a pescar, então, ensine a pescar primeiro que aí ele vai saber adquirir o peixe e aí se torna mais fácil.

V.: é importante frequentar a escola ou dá para aprender a ler sozinho?

I.: Eu já vi muitas pessoas, eu inclusive tenho um tio que ele trabalhando na roça, que nós foi criado tudo na roça e ele mesmo por boa vontade dele mesmo, depois que chegava do trabalho a noite assim, ele pegava, nem luz não tinha luz elétrica, a lamparina se chamava, e ele pegava uma lamparina ponhava e ficava emendando as letras, recortava bastante letras de revista, de jornal e ele ia pondo em cima da mesa e ia emendando uma com a outra e assim sozinho ele conseguiu, não ler perfeitamente, mas pelo menos as palavras, rabiscar o nome dele e a data de nascimento, o nome do pai, tudo isso ele aprendeu a fazer, a pôr dinheiro em banco, mexer com telefone. Eu acho que depende também da boa vontade da pessoa, se a pessoa tem boa vontade ela vai muito longe. Não adianta você pegar, ter caderno bonito, lápis, caneta, livro de primeira, bolsa de primeira mas se você vai só lá pra fazer número, não vai lá para se inteirar do que está acontecendo, então não adianta, e tem muitas crianças que são assim, os pais dá tudo, mas não vai lá pra aprender, vai lá só pra brincar e aprender coisas erradas, não adianta. Então é preferível uma pessoa simples, com um simples caderno e um lápis que vá para aprender do que outros que leva muito material e nada de útil. Não tem boa vontade, então não adianta, pra aprender a ler, escrever e fazer de um homem um cidadão diferente, com outros pensamento tem que existir a boa vontade e também o incentivo de muitas pessoas que também tem que procurar incentivar, porque muitos não incentivam, só passam lá na lousa a questão mas não exprica, não esclarece, não chama a atenção, não pede que a pessoa vá lá e faça, então não tem incentivo também não tendo incentivo da parte do educador não tem incentivo da parte do estudante, então ele se deixa. “Lá em casa é desse jeito, na escola é mesma coisa então pra que eu vou me interessar.”

V.: O que você costuma ler?

I.: A coisa que eu mais adoro ler na minha vida é a Bíblia. Gosto de revista, de romance, de história, de conto, umas coisas assim, e esse é o meu tipo de leitura, mas a principal minha é a Bíblia.

V.: Tem alguma parte da Bíblia que prefere, algum livro?

I.: Existe, existe, existe a parte de provérbios por exemplo que é um grande incentivo às pessoas que se encontram num lugar igual nós tamo, que você ta fazendo essa entrevista

aqui – a cadeia. É a melhor companhia e o melhor esclarecimento e refrigeração para a mente do ser humano. Se todos procurassem uma bíblia pra ler, pelo menos duas linhas por dia, não teria tanta coisa errada como tem. Esse é a coisa que todo mundo deveria procurar, mas são poucos os que procuram, são poucos os que gostam.

V.: Em relação a livros tem alguma preferência?

I.: Eu gosto de histórias sabe, assim por exemplo vamos dizer bem fácil, da cinderela, essas coisas, de contar histórias, umas coisas assim que instrui a mente e te leva a sair fora daqui, pelo menos o pensamento. Tem um escritor que eu leio muito os livros dele, mas eu não lembro o nome dele agora, eu gostava muito de ler, inclusive ele já escreveu uns cinco ou seis livros e eu li todos eles, agora não lembro o nome. O título do livro eu nem lembro, não consigo lembrar.

V.: Você já lia antes de vir para a prisão?

I.: Li toda vida, desde pequeno fui, uma coisa que toda vida eu tentei querer saber, saber mesmo, entender, saber ler mesmo.

V.: E como desenvolveu o gosto pela leitura?

I.: Porque eu fui, como já disse criado na roça e eu tinha mais ou menos uns cinco anos por aí e eu fui com o meu pai na cidade, acho que pela segunda vez e eu via tudo aquelas pessoa, aquelas letras de propaganda, de nome do bar, nome de mercearia, nome de loja essas coisas e eu achava bonito as pessoas falar, falar o nome assim sempre completo e eu não sabia, ficava olhando. Aí foi que quando eu entrei pra escola com seis anos eu andava 16 km pra ir para escola. E eu sei que no primeiro ano mesmo eu já aprendi a ler e a escrever de tanta boa vontade que eu tinha, de tanta força que eu fazia pra mim mesmo aprender.

V.: Você já gostava de ler antes de saber ler?

I.: Antes de saber ler. Eu achava bonito, por exemplo, passava assim aqueles avião e as pessoas falavam tal letra, tal letra, eu achava bonito, eu achava interessante a pessoa saber, então me despertou aquela ânsia de saber ler e escrever e acho que foi por isso que aprendi tão rápido. E aprendi tanta coisa que não devia ter aprendido também. (risos)

V.: Assim, aqui na prisão, você lê em média quantos dias por semana, quantas horas?

I.: Olha, vou falar a verdade pra você, eu leio uma média mais ou menos de umas quatro horas todos os dias, entre a Bíblia, entre um jornal, entre uma coisa e outra.

V.: E quando estava fora, lia o mesmo tempo?

I.: Quando eu tinha tempo, aonde eu tava, até dentro por exemplo quando eu parava com o caminhão que eu trabalhava, que eu viajava muito na faixa do nordeste ali Fortaleza, Piauí, Maranhão, só Nordeste, então, mesmo eu parado se tivesse um pedacinho desses papelzinho de propaganda eu pegava pra ler. Eu lia tudo, tudo, é um hábito, é uma sequência que eu tenho na mente que gosto de ler e isso tem me feito muito bem.

V.: Isso que eu ia perguntar, o que a leitura traz pra você assim?

I.: O que eu sinto sobre a leitura é o seguinte: ela me refresca muito a cabeça, não me deixa ficar por exemplo nervoso, neurótico assim que a pessoa tem por estar assim num lugar assim. Se sabe que dá aquela depressão na pessoa e a leitura me eleva, ao invés de me trazer depressão me eleva, me tira daquele mal-estar que tá, você entende, ela não deixa pesar a sua mente, sobre o que você, em vez de tá quieto sentado ou falar uma palavra que não deve ser falada com qualquer um, a leitura separa você, separa você daquilo que você não queria escutar, não devia ouvir, não devia falar, então, a leitura te leva para outro lugar, te leva para o descanso, a mente da pessoa descansa quando você tá lendo. Eu me sinto muito bem, eu fico muito tranqüilo. Por exemplo, na hora que me chamaram aqui (para a entrevista) eu tava ali sentado lendo a Bíblia, tava sentado lendo a Bíblia ali e lendo até Atos, aí peguei fechei fiquei esperando, aí demorou um pouco, tornei a sentar mesmo lugar que eu tava e continuei a leitura até agora.

V.: Você saberia dizer se alguma coisa já mudou na sua vida por causa da leitura?

I.: Muda muito, a pessoa procura se esclarecer, procura cada vez melhorar mais, a leitura desenvolve a mente da pessoa, a leitura traz um assim, como vou te explicar, vamos fazer um exemplo assim artificial: você tá brigando, discutindo assim com uma irmã sua, você pega um livro, vai pra debaixo de uma árvore, onde tem um lago, uma grama, qualquer coisa, você senta lá, abre uma página do livro, não importa você pegar a primeira página, abre no meio do livro mesmo e você começa a ler, até você lembrar que você brigou com a sua irmã, já horas e horas se passou, não existe mais a discussão, então, traz tranqüilidade pra mente, fica sossegado, aquele nervoso, aquele vazio que você tinha na mente foi ocupado pela leitura.

V.: E você acha que a leitura pode trazer coisas ruins também?

I.: A leitura também traz, ela traz, porque ela desenvolve a mentalidade e a inteligências das pessoas, e muitas vezes a inteligência é usada para um lado, e muitas vezes é usada para outro. Desenvolve muito a mente das pessoas, e muitas vezes ela traz o mal para a própria pessoa, muitas vezes ela ajuda a pessoa a desenvolver cada dia a vida dela melhor, depende de como interpretar os dois lados, o lado bom e lado mau. Então a pessoa que quer ser mau não adianta você querer por ela dentro de um altar, dentro de uma igreja, ela vai continuar sendo mau, agora também não é olhando pro outro e dizendo que ele também é mau só porque eles convivem no mesmo ambiente, não é, então tem que haver a separação. Então, a leitura é essa mesma coisa, tem o lado proveitoso e tem o lado negativo, porque ela instrui a pessoa e um livro dos muitos livros aí que eu já sei, não lembro os títulos, ele explica muita coisa, ensina muita coisa que é difícil explicar pra você, que pode ser ruim.

V.: O que você poderia dizer que já aprendeu com a leitura de um livro ou de alguma coisa?

I.: Eu aprendi a respeitar o mais pequeno até o mais grande, do mais grande até o mais novo, me ensinou também como eu devo me portar perante a minha família, sobre meus filhos, sobre minha família que é o pai, mãe, irmão e os mais velhos todos em geral, eu aprendi isso com a leitura porque ela traz coisa muito boa, só não aprende mesmo aquele que não tem desejo de saber como respeitar os outros, como saber, não importa o ambiente que ele seja, é o modo dele que vai dizer a pessoa dele, é o modo dele falar com a gente. Você conhece uma pessoa que é bem educada pelo modo dela tratar você, você pode encontrar com ela em qualquer ambiente ela sempre vai olhar em você e vai te respeitar, da mesma forma você vai olhar pra aquela pessoa e falar: essa pessoa merece eu dá um apoio



a ele, um valor a ele porque ele sabe respeitar, ele sabe aonde é o lugar dele, ele se põe no lugar dele em qualquer tipo de ambiente. Então a leitura traz isso aí pras pessoa, pras pessoa que querem também saber, porque não é todos que querem. Tem pessoa que é criada também numa família cristã, uma família que o pai é religioso, a mãe, tudo, já vem de berço, já a religião e ele não quer saber, ele é mau, ele não sabe respeitar o pai, não sabe respeitar nem a religião do pai e da mãe, não sabe nada. Esse daí, então, ele aprendeu a ler mas ele não aprendeu a absorver aquilo, o que a leitura traz de bom pra ele. Pra mim a leitura toda vida foi ótima porque me ensinou essas coisa tudo. Por exemplo, eu tenho cinco netinhos e tenho quatro filho e me dou muito bem com eles. Certo, tem o momento de corrigir, mas eu não corrijo assim com pancada. É igual nós dois tamo conversando aqui eu ponho é assim, assim, assado, aí passa o tempo eles vêm, oh pai, o senhor tinha razão e eu me sinto bem.

V.: Nos horários que não está lendo, o que o você faz?

I.: O dia-a-dia aqui é o seguinte: é levantar, tomar banho, tomar um café, ir ali, fazer um servicinho de rede ali que aqui é o servicinho, a gente tinha que ter uma ocupação, porque diz que a mente vazia é a oficina do... eu não vou nem precisar falar. Então, a gente procura se ocupar com qualquer coisa, porque muitas vez a gente não tem o que fazer, a gente procura ficar vendo uma televisão ou então ficar conversando com os outros, com as pessoas, que são poucas também as pessoa que a gente gosta de ficar conversando por causa da mentalidade, não adianta eu vir conversar com você coisas lá do mundo lá fora, coisas boas, coisas que deixa você de bem com a vida pra conversar coisas que ah, vamos fazer isso, fazer aquilo, isso aí não me interessa, nunca foi o meu forte isso daí, eu nunca me considereei, to preso tudo, mas não sou um bandido, de jeito nenhum. Considero sim, sei que eu errei, que eu fiz um troço errado, atrás desse erro meu tem como eu dizer porque foi que eu errei, porque o motivo que veio para eu parar aqui, então atrás disso aí existe um motivo, então, a gente muitas vezes não quer conversar sobre isso, a gente quer ficar quieto ou a gente quer conversar assim com pessoa umas conversa instrutiva, umas conversa sadia, então muitas vezes a gente prefere ficar quieto ou ler, porque a leitura você lê, ela não diz pra você que você ta lendo errado as palavras, ela não diz pra você oh, pulou essa vírgula, você não parou nesse ponto, ela não diz isso pra você, então você se sente bem, você se sente livre, tanto de mente como de corpo, você ta livre ali, só você.

V.: Em relação à prisão mesmo, da forma como ela é feita, você acha que ela ajuda as pessoas a melhorar, a se recuperar?

I.: Valquíria, eu to com essa idade, \_\_\_\_ anos, e eu acho impossível dessa forma que é feito, **DESSA FORMA QUE É FEITO**, bem entendido, não to criticando nem A e nem B. Da forma como é feita ela ta completamente ao contrário do que precisa ser. Porque há mistura, por exemplo, entra-se são e sai doente, aqui não se cura, entende. Agora se fosse feito uma seleção, uma seleção pra curar aqueles que ainda têm remédio, aqueles que têm cura, eu daria pra você, 90% não voltaria pra esse lugar, mas da forma que é feito ele entra com 55 grau, ele sai com 100 porque a perfeição se torna o melhor aqui do que lá fora. É a mesma coisa de você pegar uma pessoa e por num curso de SENAC certo, ele faz o curso tal, tal, ele aprendeu, mas ele aprendeu só na leitura, ele não aprendeu na prática e o aperfeiçoamento ele não aprendeu. A perfeição ta você pegar o material e dá na mão dele “então agora, aperfeiçoa pra mim”, ele vai te entregar o material aperfeiçoado, porque ele aprendeu lá na teoria o milímetro, centímetro, como deve ser feito tal, ele aprendeu tudo isso aí, ta na mente dele porque ele aprendeu no livro, agora aqui se você der o material pra ele, ele vai aprender realmente a aperfeiçoar, ele vai aperfeiçoar aquela peça que você deu pra ele, você entende, é isso aí. Então, se fosse feito uma seleção, eu te garanto pra você

que a metade não taria aqui, se pegasse aqueles que tem proveito, que nem toda roupa são da mesma cor, nem todos tem o mesmo pensamento, então, o que você quer: olha eu gosto de fazer isso assim, assim, aé, então vamos ver, e você, ah eu faço isso, isso. Você não quer fazer? Não, então você fica, você vem, você vem, você vai fazer aquilo que você quer, você vai fazer aquilo que você quer, aqui tem o campo pra você fazer. Olha, eu vou te contar pra você, melhoria pra caramba. Mas da forma que é, entra com febre e sai com, doente completamente. É o tal negócio, entra só com escoriação e sai engessado, é isso.

I.: O ser humano é o seguinte, você pode conviver com ele 100 anos e em 100 anos você não vai conhecer ele porque ele muda de um minuto pro outro. O tempo são quatro fases né: primavera, verão, outono e inverno e o ser humano não, ele muda de segundo em segundo, é difícil pra você entender, mas tem as pessoas que tem proveito, ele é útil à sociedade se não deixar ele na mistura, é mesma coisa de uma laranja ruim. Você pega uma caixa de laranja, ela vem parece que 165 laranja numa caixa ou 180, mais ou menos isso, mas vamos dizer dentro 150, você põe uma laranja estragada bem no meio, e deixa ela de hoje para amanhã, você já não tem só mais uma laranja estragada no meio. Aonde ela tiver, junto, ela vai estragar cinco, seis, é assim, e de cinco, seis estragando de 150, daqui a pouco se você deixar, se você tirar proveito de uma vai ser difícil e assim mesmo ela vai estar amarelada e azeda. É uma experiência que a gente tem e vai adquirindo, por isso que é sempre bom a gente estar lendo, porque a gente lê histórias que a gente não acredita que existe na vida, mas é bom a gente ver, saber.

#### **Entrevista 10:**

V.: Então fulano, qual a importância da leitura?

J.: A leitura é muito importante né porque... É bom a leitura. Eu acho que a leitura é muito bom né, é importante né.

V.: Pra que assim que ela serve, pra que ela pode ser utilizada, assim?

J.: Pra ficar por dentro dos acontecimentos, né.

V.: Saber o que está se passando?

J.: (Faz sinal afirmativo com a cabeça)

V.: E o que você acha que é importante assim pra pessoa aprender a ler, pra ela desenvolver né a leitura?

J.: De vez em quando pegar um livro e dar uma lida né.

V.: Tu acha que é importante, por exemplo, frequentar a escola?

J.: Sim, com certeza.

V.: Você acha que sozinho uma pessoa consegue aprender a ler ou é muito difícil?

J.: Não, é um pouco difícil né, porque tendo aula se torna bem fácil.

V.: Tu acha que é importante, assim, por exemplo, ter alguém que incentive, que estimule a ler?

J.: Sim

V.: Por quê?

J.: (Pausa). Como é que eu vou explicar, porque tem muitos aí né, muito tempo parado sem estudar e se tiver uma pessoa que já te ajude já se torna melhor né.

V.: Você gosta de ler?

J.: Eu leio um pouco, bem pouco.

V.: E o que tu lê assim?

J.: Ah, de vez em quando a gente pega a Bíblia pra dar uma lida na Bíblia.

V.: Tu lê jornal, revista, alguma coisa assim?

J.: Não

V.: Só a Bíblia mesmo?

J.: É.

V.: Tem alguma parte da bíblia que você prefere?

J.: Quase tudo né, tu pega, dá uma olhada, não fica diretamente...

V.: Não tem uma seqüência, assim?

J.: Não.

V.: Como tu faz? Tu abre ela e lê algum trecho...

J.: Porque eu até em leitura eu sou meio, eu não sou muito bem de leitura.

V.: Tens dificuldade?

J.: Há muito tempo eu parei de estudar.

V.: Mas daí, assim, daí tu senta com alguém, costuma ler em grupo, como é que vocês fazem?

J.: Sozinho, pega uma bíblia, de vez em quando dou uma olhada.

V.: Tu abre ao acaso assim?

J.: É.

V.: Diz que o ideal é a gente pegar assim, né, um trecho e ver o que ele diz pra ti.

V.: Mas tu não prefere... Tem algumas pessoas assim que preferem os salmos, provérbios, por exemplo... Tem alguma parte assim que tu prefira?

J.: Salmos, né, ler uns salmos né.

V.: Gosta de ler os salmos então. E quanto tempo assim em média tu fica lendo?

J.: Ah, pouco tempo.

V.: Tens idéia de quanto?

J.: Uns 10, 15, 20 minutos.

V.: Mas todos os dias?

J.: Todos os dias, antes, principalmente antes de deitar né.

V.: Ah, isso que eu ia te perguntar: qual o melhor horário?

J.: Na hora que o cara vai dar uma descansada né.

V.: A noite?

J.: É

V.: E qual o local assim, que tu prefere ler?

J.: É deitado né, deitado dentro do xadrez.

V.: Então sempre tu costuma ler antes de dormir?

J.: Sim

V.: E o que essa leitura desperta em você. Como é que você se sente depois que você lê?

J.: Mais aliviado, fica na cadeia aí né, longe da família, pega uma Bíblia, às vezes o cara ta meio... mal, o cara dá uma lida na Bíblia já dá uma aliviada na cabeça.

V.: Você se sente...

J.: Mais tranquilo.

V.: Tu acha que a leitura faz bem, então?

J.: Sim

V.: O que ela te traz assim, de bom?

J.: É, ela já uma aliviada na cabeça.

V.: Tu consegue esquecer aqui um pouco.

V.: Consegue sair daqui?

J.: É a única hora né que você consegue sair daqui. Pega a Bíblia e lê, né.

V.: E tu já lia a Bíblia antes de vir pra cá?

J.: Não

V.: Como que tu começou a gostar de ler a Bíblia, a desenvolver assim essa, esse hábito de ler todos os dias?

J.: Porque os irmão vem aí né, começa a orar, a lê e a gente vai se apegando mais, né.

V.: Então tu desenvolveu aqui dentro o hábito de ler?

J.: Aqui dentro

V.: E tu pretende continuar lendo quando sair daqui?

J.: Quando sair daqui, né, eu tava até com vontade de voltar a estudar de novo, fazer um supletivo, alguma coisa assim né.

V.: Assim, é fulano, tu acha que a leitura da Bíblia ela já te trouxe alguma mudança para a tua vida? Que mudança seria, que tu poderia me explicar?

J.: A gente já pensa em sair daqui e voltar a trabalhar de novo, sair dessa vida do crime né, que não leva à nada.

V.: Por causa da leitura que tu acha...

J.: Por causa da leitura, por causa da família.

V.: E tu aprendeu alguma coisa assim com essa leitura, alguma coisa para a tua vida? Tu saberia dizer, saberia explicar assim?

J.: Não oh, depois que eu comecei a ler a Bíblia já penso em sair daqui, já pegar uma igreja, começar a freqüentar mais a igreja né.

V.: Como é o teu dia-a-dia aqui fulano, assim, o que é que você faz ao longo do dia, como é que você divide o teu tempo?

J.: Trabalha né, faz uns trabalho aí dentro da cadeia que tem pra fazer.

V.: Faz rede?

J.: Não, agora eu parei porque eu já to indo embora né. Já era até pra eu ta na rua, já ta passando 03 mês já da minha cadeia. Até inclusive eu sou funcionário público, trabalho há 14 anos no Estado né, to de como é que se diz, to com uma licença sem remuneração, to esperando sair daqui pra voltar.

V.: E tu consegue teu emprego de volta?

J.: Eu creio que sim.

V.: Tu é concursado?

J.: É, eu sou concursado e também eu fui preso, também assim pelo fato de ter dado uma carona pro rapaz e rapaz ta com a droga né, to pagando uma cadeia né, inocente não né, porque a droga tava dentro do meu carro, mas uma droga que não era minha né.

V.: Tu é réu primário?

J.: Sim senhora.

V.: Como tu já ta saindo, qual foi o momento mais difícil, assim, aqui dentro? Período de tempo...

J.: O momento mais difícil foi quando eu fui embora pra minha cidade, puxar cadeia na minha cidade e depois me mandaram de volta pra cá, fiquei só dois meses só na minha cidade e mandaram de volta pra cá. To puxando aí dois e quatro aqui né.

V.: Tu é de onde?

J.: \_\_\_\_\_

V.: Eu pensei que tu era aqui de \_\_\_\_\_?

J.: Até inclusive eu tava trabalhando aqui quando eu caí, tava de serviço, tava indo embora, daí dei uma carona para um rapaz quando...

V.: Tu tava residindo aqui em \_\_\_\_\_ porque tava trabalhando?

J.: Tava trabalhando.

V.: E assim, fulano, tu acha que a prisão como ela é, tu acha que ela ajuda a pessoa a se recuperar, a melhorar?

J.: Alguns ajuda, alguns já não. Alguns tem pensamentos bom, outros já tem pensamento ruim né.

V.: Depende da pessoa?

J.: É, depende muito da pessoa. Muitos já pensam em sair daqui, voltar a fazer a mesma coisa, fazer tudo de novo, tem outros que já pensam em sair daqui, cuidar da família, voltar a trabalhar.

V.: Depende de cada um...

J.: É, nem todos têm a mesma cabeça né.

## Anexo 5

### Quadro com as Expressões-Chave e as Idéias Centrais

Questão: É importante saber ler? Por quê?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	<p>A leitura desenvolve, desembaraça a pessoa.</p> <p>Na cadeia, evita pensamentos ruins porque ocupa a mente.</p>	<p>Ah, a leitura é uma coisa que só desenvolve a pessoa, a pessoa que lê bastante a tendência é ele ficar mais desenvolvido, ele ficar mais desembaraçado. Abre as idéias (...).</p> <p>Se a pessoa tiver solta eu acho que não é muito importante, (...) a pessoa presa, além de ser importante é uma coisa que ocupa a mente da gente (...), a gente não tem tempo de pensar coisa ruim.</p>
B	<p>A leitura desembaraça, facilita a locomoção.</p> <p>Na cadeia, ajuda a agüentar o dia-a-dia; ajuda a passar o tempo.</p>	<p>Essencial hoje em dia, se a gente não sabe ler o que vai fazer? (...) Sem a leitura, a gente pra pegar um ônibus já se torna difícil. Pra gente ir num bairro, lê o nome duma rua, até o número de uma casa (...).</p> <p>(...) a leitura ajuda agüentar o dia-a-dia. É um tempo que tu não percebe passar, tu lendo.</p>
C	<p>Leitura traz conhecimento de tudo, ajuda a orientar as crianças; Exercita a mente;</p> <p>Na cadeia, distrai, torna a cadeia mais amena; atualiza; permite saber o que se passa lá fora; permite adaptar-se melhor quando concluir a pena.</p>	<p>(...) quem não tem leitura não tem conhecimento de nada, (...) tudo hoje é à base da leitura (...). (...) sem a informação tu não é nada (...). Até as crianças, (...) tu é o responsável por elas, então, através da tua leitura tu vais começar a orientar eles (...). (...) com a leitura tu não fica parado, tais trabalhando direto com a mente (...).</p> <p>(...) se não lê vai fazer o quê? (...) pelo fato de tá lendo já vai distrair (...), então tais mais longe das discussões, (...) se não fizer uma leitura (...) fica pesada a cadeia. (...) a gente sempre tem que ter, saber do que se passa lá fora. Preço das coisas, porque um dia a gente vai sair daqui, temos que estar atualizados, talvez por isso mais um motivo pra leitura.</p>
D	<p>Leitura dá mais sabedoria, abre a mente para pensar; faz o cérebro trabalhar mais rápido.</p> <p>Na cadeia é uma terapia, relaxa um pouco.</p>	<p>A leitura serve para abrir os caminhos, os passos da pessoa, porque é na leitura que mais dá sabedoria, que abre a mente pra pensar (...). A leitura faz o cérebro trabalhar mais rápido, os pensamentos.</p> <p>(...) relaxa um pouco, vejo como isso assim, uma terapia.</p>
E	<p>Conhecimento da leitura oferece oportunidades boas de emprego.</p>	<p>É muito importante sim (...), porque hoje em dia do jeito que a gente anda, a situação que a gente anda, principalmente esse desemprego, a leitura manda muito. (...) a pessoa que tem conhecimento da leitura tem várias oportunidades boas de emprego,</p>

		tem muitas coisas boas (...).
F	Sem a leitura a pessoa não é nada. Fica difícil até para se locomover na cidade.	Ajuda tudo, sem a leitura bem dizê a pessoa não é nada. Difícil pra tudo, pra se locomover na cidade (...).
G	Quem lê sabe mais.  Na cadeia, distrai a mente, ajuda a sossegar e relaxar.	A leitura é importante porque a pessoa aprende mais, só aprende lendo, quanto mais lê, mais aprende, dependendo dos livros, uns livros são educativos, outros não (...). Quem lê sabe mais, aprende mais. (...) ler só traz benefício (...). Porque enquanto tas ali lendo não tas pensando em coisa ruim, ta lendo, ta distraindo a mente e a hora passa, quando você vê, já passou outro dia (...). (...) às vezes acorda meio nervoso, por ta sempre no mesmo lugar, na mesma rotina, aí ao invés de sair descontando em um, descontando em outro, pega e vai ler um livro, daí vai, sossega, senta num canto começa a ler, começa a relaxar, é bom, se tivesse mais livro.
H	Lendo mais se aprende mais; Em tudo se usa a leitura.  Na cadeia, ajuda a passar o tempo, traz alegria.	Eu acho importante porque cada vez que a gente vai lendo a gente vai aprendendo mais e vai conhecendo novas palavras diferentes e também porque em tudo a gente usa a leitura, até na matemática (...). (...) lendo passa o tempo, não fico pensando bobagem, fico só concentrado na leitura, (...) aqui ela me ajuda bastante, me traz alegria (...).
I	Ler desenvolve a mentalidade e a inteligência.  Na cadeia, refresca a cabeça, tira o mal-estar, descansa a mente.	Eu acho muito importante porque faz da pessoa um homem diferente, faz uma pessoa de cultura. (...) a pessoa que sabe ler é uma pessoa que ela tem a cabeça no lugar. (...) ela desenvolve a mentalidade e a inteligência. (...) a leitura (...) ela me refresca muito a cabeça, não me deixa ficar nervoso, neurótico (...) por estar num lugar assim. (...) a leitura me eleva, ao invés de me trazer depressão me eleva, me tira daquele mal-estar. (...) a leitura te leva para outro lugar (...), a mente da pessoa descansa quando você ta lendo.
J	A leitura é importante para ficar por dentro dos acontecimentos.	Eu acho que a leitura é importante. Pra ficar por dentro dos acontecimentos.



Questão: O que você considera indispensável para que uma pessoa consiga ler?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	É diferente para cada pessoa.	Eu não sei. Isso aí tem que fazer um trabalho, perguntar se ela quer começar a ler (...). (...) cada um é um caso, cada história é um caso (...).
B	Ir para a escola e ter alguém que incentive.	É importante ter um apoio, de uma professora, uma escola, sozinho é muito difícil, só com muita força de vontade (...). É importante ter alguém incentivando, tenho certeza disso.
C	Gostar de ler.  Ter estímulo/apoio de outras pessoas.  Exemplo dos pais.  Incentivo dos pais.	A princípio a pessoa tem que gostar de ler (...), se interessar por uma matéria ou um romance, uma aventura, cada um tem aquele seu determinado. Eu acho que tem que ter um estímulo das pessoas. (...) sempre tem que ter alguém pra dar aquele apoio, porque senão a pessoa relaxa mesmo em si. (...) através do exemplo dos pais. Eu tenho um menino de nove anos. Ele com seis anos já sabia escrever e ler porque desde os cinco eu com a minha esposa no caso nós tava naquela orientação, aquele pique pra ele começar a pegar amor à leitura, que também se deixar a pessoa sem aquele incentivo a pessoa não vai querer ler.
D	Ter alguém em quem se espelhar.	Sempre tem que ter alguém no meio (...). Ter alguém assim pra se espelhar nela (...).
E	Ir para a escola.	Só em casa acho que não teria como a pessoa se adaptar naquilo ali porque em casa a gente faz uma coisa, faz outra, chega um colega, às vezes tira do estudo, (...) em casa tem muitas coisas, tem vídeo-game, televisão, essas coisas, a gente não vai se preocupar em ler (...). Agora na escola não, tens que se concentrar naquilo ali e é muito bom (...).
F	Força de vontade, ajuda dos pais e alguém para incentivar.	(...) não é necessário escola pra aprender a ler, acho que a ajuda dos pais em casa (...). Força de vontade e atenção (...). Também ter uma pessoa pra incentivar.
G	Freqüentar a escola.	Se alfabetizar, freqüentar a escola. Hoje em dia tem muita pessoa que diz “aprende em casa”, mas não, não aprende, tem que ir pra escola. Sozinho é mais difícil, não aprende tudo.
H	Ir para a escola.  Incentivo dos pais.	Eu acho que tem condições da pessoa aprender a ler sozinha, mas na escola é mais importante porque tem os professores pra te ensinar, melhorar a leitura. (...) o próprio pai, a própria mãe, incentive o filho a ler, é importante.
I	Boa vontade e incentivo de outras pessoas.  Incentivo por parte do	(...) pra aprender a ler, escrever e fazer de um homem um cidadão diferente, com outros pensamentos, tem que existir a boa vontade e também o incentivo de muitas pessoas (...). (...) não tendo incentivo da parte do educador não

	professor.	tem incentivo da parte do estudante.
J	Ir para a escola.	Sozinho é um pouco difícil, porque tendo aula se torna bem fácil. (...) porque tem muitos aí, muito tempo parado sem estudar e se tiver uma pessoa que já te ajude já se torna melhor.

Questão: O que você lê (tipo de material e conteúdo)? Por quê?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	É uma maneira de passar o tempo	<p>(...) a gente se ocupa, numa Placar, numa revista assim. (...) às vezes pinta uma revista da Playboy. (...) o Diarinho (...). Entra um diarinho aí é uma loucura (...) corre a cadeia toda.</p> <p>Depois fica lendo aqueles folhetos que as tiazinhas trazem, aquelas bibliazinhas, é uma maneira de passar o tempo. Então aquilo ali, se tiver alguma coisa pra ler, um livro, alguma coisa assim, ocupa mais a mente das pessoas e eles não ficam pensando em coisa ruim. (...) eu tenho a minha bibliazinha lá em cima da estante, eu vou lá pego a minha Bíblia, leio todo dia de manhã, eu gosto de ler um trequinho. (...) tudo que vem da Bíblia é bom. Isso aí melhora 50% da vida da pessoa, principalmente se for assim ler uma Bíblia, que é uma palavra que conforta mais a pessoa, aqueles trechos que mexem com a gente.</p> <p>(...) to lendo um livro lá de uma prisão em São Paulo, o Carandiru. Acho que to na pagina 95. (...) é um livro importante! Coisas que você começa a ler aquele livro ele te empurra, embora você não queira ler, mas ele te empurra pra você ler porque é uma coisa que vai chamando a atenção você quer ver no que vai dar aquilo (...) um livro daquele ali é uma lição de vida pra gente.</p>
B	<p>Lê muitos livros</p> <p>Lê periódicos para ficar por dentro dos acontecimentos.</p>	<p>Leio livros. O último livro que eu li foi o Chacal. É um cara matador do presidente. Tipo aquele filme O Chacal, é livro, é a mesma história, mas só que é um livro de 700 e poucas páginas, li aqui.</p> <p>[Outros livros:] Max, um produtor de cinema, ah mais eu li muitos livros, agora não tenho lembrança. Eu tive na penitenciária, eu lia muito, muitos livros, Max, o Corcel preto, li um monte de livro, literatura.</p> <p>Leio revista, jornal eu leio todo dia. (...) Quando vem, o Diarinho. [Conteúdo do jornal:] Polícia. ah, pra gente ficar por dentro do que ta acontecendo na rua (...), eu leio todo dia o jornal por causa disso, pra saber se ta acontecendo alguma coisa lá perto de</p>

	Lê gibi como passatempo.	<p>casa!</p> <p>(...) Estação Carandiru eu li ele todinho, foi um dos últimos livros (...).</p> <p>(...) eu leio um livro, uma revista, que as irmãs dão aí de vez em quando, (...) é revista de carro, é revista de moto (...). E aquelas palhaçada que tem aí dentro (...) aqueles gibizinhos, (...) eu gosto de ler também tio patinhas. (...) é um passatempo, é historinha, eu acho divertido.</p>
C	<p>A bíblia é muito importante na prisão.</p> <p>Os periódicos são importantes para se manter informado sobre os acontecimentos externos à prisão.</p> <p>Ler romances acalma.</p>	<p>Gosto muito de um romance, uma ação e a noite geralmente a gente lê dois, três capítulos ou versículos da Bíblia porque é uma coisa que aqui dentro a gente precisa muito.</p> <p>Leio muito revista, aquela Isto É, a Manchete, uma Veja, mas eu gosto muito dessa Isto é, tem várias coisas diferentes. (...) aqui a gente é um povo assim meio atrasado aqui dentro, (...) e uma Veja ou uma Isto É, tu tais lendo ela ali, mesmo que já passou dois meses, mas pra ti são novidades, são coisas de fora, coisas mais aplicadas do que no nosso aqui só do Brasil (...), são conhecimentos dos países aí fora, eu gosto de saber muito, viagens. (...) Veja e Isto É que aparece muitas coisas de guerra, coisas assim, eu gosto de saber de tudo, mas só quando aparece aquelas fotos sem pernas, amputadas, então aquilo lá eu já to descartando só pela imagem, eu já não corro mais olhos, isso não, dá muita tristeza (...).</p> <p>Eu li até a coleção da Poliana. Poliana menina, moça (...). Alguns do Sidney Sheldon eu li também alguns livros dele aqui na cadeia e a Bíblia, porque agora tá meio ruim de vim livro e aqui [na salinha] eles não liberam livro pra gente leva lá pra dentro.</p> <p>O romance porque é calmo (...) e uma coisa de ação aqui já não combina muito, porque aqui já é todo dia ação (...), o negócio é um romance ou no caso essas revistas evangélicas, a Bíblia, que no caso é o maior e o livro mais completo do mundo.</p> <p>(...) eu tenho minhas preferências, mas se eu chego aqui, não tenho nada pra ler, eu vou pegar um dicionário, começar a aprender, aprende os significados de tudo, então a leitura é assim, vai muito do costume.</p>
D	Lê ocasionalmente livros de romance.	<p>Eu, vez em quando eu gosto de ler um livro (...). Nunca acabo de ler, sou às vezes meio impaciente.</p> <p>(...) romance eu gosto mais. [livros?] Ah, tem vários. (...) já li bastante livros interessantes. Assim, eu vejo um livro, vejo o título dele, sobre o que ele fala, eu olho atrás vejo o que ele ta dizendo sobre o que ele é, daí se eu achar interessante eu pego ele pra dar uma lida. Eu li Paulo Coelho, li uns versos</p>

	A leitura do jornal traz as notícias de fora.	<p>também, um livro só de versos que ele fez, eu não sou muito acostumado a ler, só de vez em quando (...).</p> <p>A Bíblia de vez em quando eu dou uma lida na Bíblia, até agora eu tenho uma. (...) [Conteúdo]Acho que tem uma lá que era Coríntios 1, verso 5, acho que era “Deus escolheu os loucos para confundir os sábios”(…).</p> <p>Leio bastante jornal (...). (...) as notícias que ta acontecendo na cidade, acontecendo na população por causa dessas droga, porque a maioria das coisas são essas drogas que tão fazendo (...).</p> <p>li o Carandiru esses dias, li uma parte, de um amigo nosso que tava aí e foi embora, não terminei, dei uma lida no final, mas não terminei.</p>
E	A leitura da Bíblia traz alívio e alegria, principalmente os salmos.	<p>Ah, eu leio Bliblia, revista. O que eu mais gosto é a Bliblia. Os salmos é o que eu mais leio. (...) Traz coisas boas, muitas coisas boas, gosto de ler, os salmos. (...) é difícil o dia que a gente não pega a Bliblia pra lê ali dentro, no lugar que a gente fica, no cubículo que a gente fica, muito bom, gosto muito, gosto muito de ler a Bliblia. Traz alegria, eu me sinto aliviado (...), me faz pensar coisas boas. (...) aqui, nesse lugar, a gente pensa muita coisa ruim. E pra tampar a coisa ruim tem que ter uma coisa boa e eu acho que essa coisa boa é a Bliblia.</p> <p>To lendo a bliblia aí já lembro dos meus filhos (...).</p> <p>Aí eu to ali lendo, paro um pouquinho, penso neles, começo a ler de novo e assim vai indo (...).</p>
F	Lê o que aparece, pois não há muita coisa pra ler.	<p>Ah, livro, revistas, jornal, de tudo. É lá uma vez ou outra, mas quando eu pego eu leio tudo. (...) leio tudo, porque daí não tem nada pra ler, pega ali por curiosidade, vou lendo. [Leio] o que entra aqui, tem variedade que vem de material aqui pro pessoal fazer artesanato, revista Veja que vem pra aqui, de tudo um pouco.</p> <p>Não é muito bom falar dos livros que eu leio. É uns livro de magia negra. (...) livros dizendo, contando história, como é que começou, histórias assim. (...) um foi há muito tempo, o outro eu to lendo agora.</p> <p>(...) na Bíblia não tem gostar assim, eu abro, na página que cair assim. [a leitura da Bíblia me traz] mais liberdade.</p>
G	Lê o que aparecer.	<p>Oh, tudo que tiver pra ler eu leio, eu leio a Bíblia, to lendo ali um livro agora “A águia pousou”, uma história de guerra, bem interessante. Eu gosto de ler. Revista, jornal, gosto de ler.</p> <p>De livro, preferência eu não tenho. Começo a ler, se eu achar interessante eu continuo até o final. (...) eu leio umas quatro ou cinco páginas, se me interessar</p>

	<p>Lê revista para saber do dia-a-dia.</p> <p>A leitura dos salmos relaxa.</p>	<p>eu continuo lendo.</p> <p>(...) revista é pra saber o dia-a-dia, o que tá acontecendo no mundo lá fora, a gente lê pra tá atualizado, saber tudo que tá acontecendo, não parar.</p> <p>(...) a Bíblia, sem palavras, aquilo ali é o dia-a-dia de cada um (...). Eu leio bastante os salmos, relaxa mais a pessoa, reflete, pára pra refletir (...).</p> <p>(...) Até tava lendo o livro do Carandiru que entrou aí do presídio lá, também é bem interessante esse livro.</p>
H	Tem preferência por romances.	<p>O que eu gosto mais de ler é um livro de literatura ou um gibi, mas eu gosto mesmo ali é um livro, livro de romance. (...) eu li Romeu e Julieta, tem a parte I e a parte II, eu li os dois (...).</p> <p>(...) eu me interesso de jornal também.</p> <p>A Bíblia eu leio de vez em quando, (...) de vez em quando eu leio umas palavras.</p>
I	<p>O que mais gosta de ler é a Bíblia porque ela é um incentivo, companhia para quem está na cadeia.</p> <p>Gosta de histórias fáceis, que levam “para fora” da prisão.</p>	<p>A coisa que eu mais adoro ler na minha vida é a Bíblia. Gosto de revista, de romance, de história, de conto (...), mas a principal minha é a Bíblia.</p> <p>(...) a parte de provérbios por exemplo é um grande incentivo às pessoas que se encontram num lugar igual nós tamo, (...) – a cadeia. É a melhor companhia e o melhor esclarecimento e refrigeração para a mente do ser humano.</p> <p>Eu gosto de histórias sabe, assim por exemplo vamos dizer bem fácil, da Cinderela, essas coisas, de contar histórias, umas coisas assim que instrui a mente e te leva a sair fora daqui, pelo menos o pensamento.</p>
J	Lê pouco, principalmente os salmos para aliviar a cabeça.	<p>Eu leio um pouco, bem pouco. Ah, de vez em quando a gente pega a Bíblia pra dar uma lida. Salmos, ler uns salmos. (...) às vezes o cara ta meio... mal, o cara dá uma lida na Bíblia já dá uma aliviada na cabeça. (...) É a única hora que você consegue sair daqui. Pega a Bíblia e lê.</p>

Questão: Quantas horas por dia (ou semana) você dedica à leitura? (Para aqueles que lêem mais de um tipo de material, especificar o tempo por material lido)

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	lê após as cinco da tarde até as oito.	Não sei, uma vez que acabou a visita, esse é o melhor horário. Cinco hora passa, acaba a visita. Na minha jega (...) ninguém me incomoda. (...) é às cinco horas até as oito, depois durmo.
B	Lê após as novelas até bem tarde	(...) a tardezinha, quando eu venho pra dentro do cubículo. De noite, quando todo mundo tá quietinho. Depois das novela (...) leio até tarde.
C	Meia hora a 40 minutos, todos os dias a noite.	Aqui é só à noite (...). Aqui é uma meia hora, quarenta minutos. Todos os dias.
D	20 a 30 minutos, a noite, em média duas a três vezes por semana.	Ah, geralmente a noite. (...) fica uns 20 minutos, meia hora. (...) duas vez por semana. Quando de mais, umas três vez por semana. Na minha cama (...) eu fico em paz, daí vai dormir.
E	Todos os dias, 20 minutos a meia hora, pela manhã e a noite.	Todos os dias, na parte da manhã. (...) a noite (...). É, o horário que a gente se sente mais sossegado. A partir, assim, de meia noite (...). Ah, 20 minutos, meia hora (...). Na minha jega, [leio] pra dormir.
F	Uma hora, uma hora e meia, de vez em quando.	Eu gosto de ler dentro do cubículo. (...) é o horário que der na cabeça. [quando leio] é uma hora, uma hora e meia.
G	Três a quatro horas, todas as noites.	Em cima da jega. De noite, tem menos barulho, lê com mais atenção. Ah, todo dia eu leio (...). Ah, vai umas quatro hora, três hora, às vezes eu perco o sono acordo de noite e fico lendo, lendo até dar sono de novo, leio bastante.
H	Lê em média 100 páginas todas as tardes.	(...) às vezes eu leio a tarde ou a noite, mas principalmente eu leio mais a tarde (...). (...) eu posso dizer assim que eu começo a ler na página um, desde o princípio quando começa o livro e leio mais ou menos até a página 100.
I	Quatro horas todos os dias.	(...) eu leio uma média mais ou menos de umas quatro horas todos os dias.
J	10 a 20 minutos todos os dias antes de deitar.	(...) pouco tempo. Uns 10, 15, 20 minutos. Todos os dias, principalmente antes de deitar (...) deitado dentro do xadrez.

Questão: Como você criou o gosto pela leitura?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	Dentro da prisão, para passar o tempo	Nunca me interessei por ler livro nenhum, agora um rapaz foi embora e deixou aquele livro. [Estação Carandiru] (...) aqui dentro a gente vê uma coisa que interessa, uma coisa que chama a atenção, a gente se interessa por aquilo, a gente começa a ler, entende, porque não tem muita coisa que fazer (...).
B	Dentro da prisão, para passar o tempo.	A partir do momento em que eu comecei a puxar a cadeia. (...) na Penitenciária só tinha um radinho de pilha e não podia se escutar qualquer rádio, nem uma televisão, daí eu comecei a ler livro pra passar o tempo, minha irmã levava livro e eu lia o livro pra passar o tempo (...). Muito bang-bang (...) aquilo eu lia de pilha, foi bem aquilo que eu comecei a ler, aí o cara começa a se interessar por ler um livro maior, porque o cara pega um livrinho daquele, lê, uma hora já era o livro aí depois não tem mais nada pra ler, então daí o cara já pega um livro grosso já lê uma semana toda.
C	Incentivo do colégio.	Então eu fui incentivado assim através do colégio. Então eu li diversos e comecei a tomar o gosto pela leitura.
D	Na prisão, para ocupar as horas vagas.	Comecei a ler aqui. (...) Porque são muitas horas vagas, daí fica lendo.
E	Família religiosa. Sozinho.	(...) minha família é crente... (...) por mim mesmo, por mim mesmo, isso aí é coisa minha mesmo.
F	Participando de grupo de jovens Curiosidade. Na escola.	Eu leio [a Bíblia] porque já fui de igreja, participei de grupo de jovem. [livros de magia negra] por curiosidade. (...) quando eu estudava eu já gostava.
G	Por causa de um tio que lia muitas histórias.	(...) um tio meu, um tio que ele lia bastante (...) ele sempre lia e lia as história pra mim e eu me interessava nas história que ele lia e comecei a ler por causa dele assim. Aí comecei a pegar o gosto pelos livros e comecei de vez em quando a ler.
H	Na escola.	(...) eu comecei a ir para escola com sete ano e comecei a ler e aí comecei a gostar, aí comecei a praticar, aí comecei a comprar gibi pra começar a ler (...). Aí comecei a ler uns livros, daí nós lia muito livro de escola.
I	Por querer saber o que os outros liam.	Antes de saber ler. Eu achava bonito, por exemplo, passava assim aqueles avião e as pessoas falavam tal letra, tal letra, eu achava bonito, eu achava interessante a pessoa saber, então me despertou aquela ânsia de saber ler (...).
J	Na prisão, por influência de grupos religiosos.	Aqui dentro. Porque os irmão vem aí, começa a orar, a lê e a gente vai se apegando mais.

Questão: Antes de vir para a prisão você também lia? Que tipo de material? Que conteúdo deste material? Quantas horas dedicava a esta atividade? (por dia/semana).

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	Sempre lia a Bíblia	É, lá em casa eu lia sempre, a Bíblia.
B	Só anúncio de carro e moto.	Não, não gostava de ler. (...) ler livro não. Só jornalzinho eu lia na rua, mas só isso. Só um lugar de procurar carro e moto pra comprar.
C	Lia todas as noites, em média duas horas.  Lia jornal, panfletos, notas fiscais.  Livro era uma hora e meia ou duas horas	Eu lia muito em casa, eu tinha até esse novo código aí, pra ta informado (...). Em casa [lia] duas horas, geralmente à noite. Todos os dias. (...) na loja sempre [lia] jornal, (...) chegava sempre cedo, 7h30min. Até as 9h olhava o jornal, corre as notícias pra saber o que acontecia. (...) depois tem aquela correria de panfleto (...), leitura também através de notas fiscais (...), diariamente era bastante, mas assim, pra pegar um livro era uma hora e meia, duas horas (...).
D	Difícilmente lia.	Não, eu difícil eu lia, difícil.
E	Lia praticamente todos os dias a Bíblia.	Desde a rua já, não é porque eu to preso. (...) em casa, sempre me apeguei na bliblia, sempre lia, gosto muito. (...) na rua a gente trabalha, faz uma coisa, faz outra. Mas, [lia] praticamente diariamente.
F	Lia ocasionalmente.	Não, na rua lia de vez em quando.
G	Lia livros, enciclopédias, mas não todos os dias.	Sempre li, sempre li. (...) antes não era todo dia, aqui é porque não tem muito o que fazer, aqui eu leio todo dia, mas na rua mais era assim de vez em quando, não tinha o que fazer, ficava em casa aí pegava um livro na estante e ia ler, uma encicoplédia ou qualquer coisa e ficava lendo.
H	Lia livros na escola.  Lia gibis.	Eu lia na escola (...) e toda sexta-feira nós fazia uma aula de literatura. (...) aí a professora dava o livro pra nós ler em casa e eu lia a noite, mas quase não lia. E eu lia mais gibi na rua.
I	Sempre lia, de tudo um pouco, até nas folgas do trabalho.	Li toda vida (...). Quando eu tinha tempo, aonde eu tava, até dentro, por exemplo, quando eu parava com o caminhão (...) se tivesse um pedacinho desses papelzinho de propaganda eu pegava pra ler. Eu lia tudo, tudo, é um hábito, é uma seqüência que eu tenho na mente que gosto de ler e isso tem me feito muito bem.
J	Não.	Não.



Questão: O que já mudou em sua vida por causa da leitura? Como você avalia esta mudança?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A	Tornou-se uma pessoa mais calma.  Aprendeu a ler melhor.	Eu acho que a leitura, principalmente a da Bíblia, acalma um monte a pessoa porque eu antes era uma pessoa meio nervosa e hoje eu tô muito calmo. (...) quanto mais lê, melhor vai ficando, porque do começo assim eu pegava um livro começava a soletrar, as palavras não davam certo, agora não, agora eu pego um livro, já começo a ler, já dá tudo certinho (...).
B	Aprende a ler melhor.	O que mudou é que a gente fica mais, pra ler o cara já lê melhor, o cara já tá no ritmo de lê, muitas coisas o cara melhora, mas só isso.
C	Por não interpretado corretamente o Código Penal acabou preso.	(...) tivesse lido [o código Penal], interpretado, entendido, talvez eu não taria nessa aqui. Li mas não compreendi (...). Coisas que eu li mais não gravei (...).
D	Ficou mais esperto.	(...) o que mudou é só o que eu fiz por mim, fez com que eu aprendesse um pouquinho mais, ficasse mais esperto, esses ano que eu estudei, aprendi a ler e escrever bem, sei bastante coisa pelo grau que eu estudei (...).
E	Não sabe responder.  Muitos viram crente por causa da leitura da Bíblia.	(...) não sei como te responder, não sei, sinceramente. A pessoa que chega aí e começa a ler Blibia a pessoa muda, tem pessoas que chega e conhece a blibia e aqui dentro se apegam nela e vira crente.
F	Adquiriu uma profissão.	Justamente essa profissão que eu tenho. Não tenho curso nenhum e sou o melhor técnico da cidade em porteiro eletrônico. [aprendi] lendo.
G	Aprendeu a se controlar, ficar menos irritado.	A pensar pra frente, quando uma pessoa te irritar, contar até 10, essas coisas assim entende, fazer novas amizades.
H	Lê mais.	Já, porque cada vez que eu leio eu vou me interessando de ler mais.
I	Fica mais calmo e ocupa o vazio.	Muda muito, a pessoa procura se esclarecer, procura cada vez melhorar mais, a leitura desenvolve a mente da pessoa, (...) traz tranquilidade pra mente, fica sossegado, aquele nervoso, aquele vazio que você tinha na mente foi ocupado pela leitura.
J	Ir à igreja.	(...) depois que eu comecei a ler a Bíblia já penso em sair daqui, já pegar uma igreja, começar a frequentar mais a igreja.

Questão: O que você já aprendeu com a leitura?

Sujeito	Idéia Central	Expressões-chave
A		(...) a leitura me ensinou muito, mas a cadeia mais.
B	<p>Aprendeu histórias tolas.</p> <p>Conheceu a diferença entre o presídio que está e o Carandiru.</p> <p>A diferença entre cidade grande e a cidade onde mora.</p>	<p>Aprendi um monte de história tola! Aprendi um monte de palhaçada.</p> <p>O Estação Carandiru uma coisa que o cara aprende é que não é como aqui. Isso aqui não é nada, isso aqui é uma creche perto de lá.</p> <p>É uma coisa assim que a gente vê que nossa cidade não é igual como cidade grande, o cara lê muito em jornal isso aí, em revista, isso que eu aprendi.</p>
C	<p>Aprendeu a fazer artesanato.</p> <p>Evitar erros.</p> <p>Deve-se ler um texto várias vezes até ter certeza de tê-lo compreendido.</p>	<p>(...) um livro que eu li aí, Prisão atrás das grades, (...) comecei a ler o livro do cara e me interessei, comecei a fazer artesanato, ninguém me ensinou, (...) então tudo isso foi através da leitura desse livro, porque ele dizia que ele era estressado, que tinha perdido a mulher, no livro, mas quando ele começou a cair na realidade que ele ia perder tudo, ele teve que ocupar a vida dele de uma tal forma, que daí então na cadeia foi o artesanato e assim eu comecei (...).</p> <p>(...) dos erros que eu vejo na leitura, pela lição dos erros que aconteceu na história, eu descarto, porque também pode acontecer comigo.</p> <p>(...) se eu tivesse me apegado à leitura, interpretado e entendido o troço da lei, talvez eu não estaria aqui, me apeguei muito a certas coisas, que no meu caso era Código Penal, (...) mas agora eu aprendi que tudo que eu leio, se eu não entendi a primeira vez, vou ler a segunda, a terceira, pra entender muito melhor (...).</p>
D	Mostrou as conseqüências de um ato.	Mostrou a realidade, mostrou antes e depois, foi o que aconteceu...
E	A dar conselhos.	Conselho, através dela [Bíblia] ali eu dou muito conselho, (...) tento ajudar, porque é uma coisa que toca no meu coração, pesa na minha cabeça (...).
F	Tornou-se técnico em porteiro eletrônico.	(...) sou técnico em porteiro eletrônico por causa da leitura. Ninguém nunca me ensinou nada. Fui pegando papel e lendo e fui aprendendo. Ninguém nunca chegou e me disse "oh, esse foi liga aqui". Eu sei que liga ali porque eu li.
G	Sempre aprende algo bom.	Sempre aprende, vai lendo sempre tira alguma coisa de bom.
H	<p>Ser preso era o destino.</p> <p>Conversar melhor com as</p>	<p>Aprendi que nem tudo na vida é como a gente quer, se fosse como a gente quer eu não tava aqui, tava na rua, era o destino.</p> <p>Do romance eu acho que aprende nós conversar</p>

	mulheres.  Violência pra quem não tem cabeça boa.	melhor com uma mulher (...). E do gibi, pra mim eu acho que algumas parte traz violência, porque são aqueles de super-homem, pra quem gosta de ler gibi e tem uma cabeça boa não faz nada, pra quem não tem começa a se alugar.
I	Respeitar todas as pessoas.	Eu aprendi a respeitar o mais pequeno até o mais grande, do mais grande até o mais novo, me ensinou também como eu devo me portar perante a minha família, sobre meus filhos, e os mais velhos todos em geral, eu aprendi isso com a leitura porque ela traz coisa muito boa, só não aprende mesmo aquele que não tem desejo de saber (...).
J	Que a vida era melhor antes de ter praticado o crime.	A gente já pensa em sair daqui e voltar a trabalhar de novo, sair dessa vida do crime, que não leva à nada.

## Anexo 6

### DSCs referentes a cada uma das questões

#### Questão 1: É importante saber ler? Por quê?

##### DSC 1:

*A leitura é uma coisa que só desenvolve a pessoa, quem lê bastante a tendência é ficar mais desenvolvido, mais desembaraçado. A leitura serve para abrir os caminhos, os passos da pessoa, porque a leitura dá mais sabedoria, abre a mente para pensar, faz o cérebro trabalhar mais rápido, os pensamentos. Com a leitura você não fica parado, trabalha direto com a mente, faz da pessoa um homem diferente, uma pessoa de cultura. A pessoa que sabe ler é uma pessoa que tem a cabeça no lugar pois a leitura desenvolve a mentalidade e a inteligência. A leitura só traz benefício e quanto mais lê, mais aprende, a gente vai lendo e vai aprendendo mais, vai conhecendo novas palavras diferentes. A leitura manda muito pois a pessoa que tem conhecimento da leitura tem várias oportunidades boas de emprego. Sem a leitura, pra pegar um ônibus já se torna difícil, pra ir num bairro, ler o nome de uma rua, até o número de uma casa, fica difícil para se locomover na cidade. Quem não tem leitura não tem conhecimento de nada, tudo hoje é à base da leitura, sem a informação você não é nada, porque em tudo a gente usa a leitura, pra ficar por dentro dos acontecimentos e até na matemática. Até as crianças, você é o responsável por elas, então, através da sua leitura você vai começar a orientar eles.*

##### DSC 2:

*Para a pessoa que está solta não é muito importante, mas para a pessoa presa, além de ser importante é uma coisa que ocupa a mente da gente, a gente não tem tempo de pensar coisa ruim. Aqui na cadeia, a leitura ajuda agüentar o dia-a-dia pois é um tempo que você não percebe passar, fica só concentrado na leitura. Pelo fato de estar lendo já vai distrair, então você fica mais longe das discussões já que às vezes a gente acorda meio nervoso, por estar sempre no mesmo lugar, na mesma rotina, então, ao invés de sair descontando em um, descontando em outro, pega e vai ler um livro, sossega, senta num canto e começa a ler, começa a relaxar, se não fizer uma leitura fica pesada a cadeia. Ler ajuda bastante, traz alegria, relaxa um pouco, refresca muito a cabeça, não deixa ficar nervoso, neurótico. A leitura eleva, ao invés de trazer depressão, eleva, tira daquele mal-estar, leva a gente para outro lugar, a mente da pessoa descansa quando está lendo e a hora passa, quando você vê, já passou outro dia, é uma terapia. Além disso, a gente sempre tem que saber do que se passa lá fora porque um dia a gente vai sair daqui e temos que estar atualizados.*

**Questão: O que você considera indispensável para que uma pessoa consiga ler?**

DSC: *Cada um é um caso, cada história é um caso, mas acredito que para aprender a ler, escrever e fazer de um homem um cidadão diferente, com outros pensamentos, tem que existir a boa vontade e também o incentivo, estímulo de muitas pessoas. Sempre tem que ter alguém pra dar aquele apoio, porque senão a pessoa relaxa. Sozinho é muito difícil, só com muita força de vontade. Eu acho que até tem condições da pessoa aprender a ler sozinho, mas na escola é mais importante porque tem os professores pra lhe ensinar, melhorar a leitura. Tendo aula se torna bem fácil porque tem muitos aí, muito tempo parado sem estudar e se tiver uma pessoa que lhe ajude já se torna melhor. Hoje em dia tem muita pessoa que diz “aprende em casa”, mas não, não aprende, tem que ir pra escola, porque em casa a gente faz uma coisa, faz outra, chega um colega, às vezes tira do estudo, em casa tem muitas coisas, tem vídeo-game, televisão, essas coisas, a gente não vai se preocupar em ler. Sozinho não aprende tudo, por isso é importante ter o apoio de uma professora, da escola. Na escola também é importante ter incentivo, pois não tendo incentivo da parte do educador não tem incentivo da parte do estudante. Outra coisa muito importante é a ajuda dos pais em casa, ter alguém pra se espelhar. O exemplo dos pais é importante para os filhos começarem a pegar amor pela leitura, que também, se deixar a pessoa sem aquele incentivo ela não vai querer ler.*

**Questão: O que você lê (tipo de material e conteúdo)? Por quê?**

DSC 1.: *A gente se ocupa, numa Placar, numa revista assim, às vezes pinta uma revista da Playboy, revista Isto É, a Manchete, uma Veja, revistas que as irmãs trazem, como revista de carro, de moto, de viagens, coisas de guerra, tem várias coisas diferentes. A gente lê revista pra saber o dia-a-dia, o que está acontecendo no mundo lá fora, lê pra ficar atualizado, saber tudo que está acontecendo, não parar, porque aqui dentro a gente é um povo assim meio atrasado e uma Veja ou uma Isto É, você lendo, mesmo que já tenham passado dois meses, para você são novidades, são coisas de fora, são conhecimentos. A gente lê bastante jornal também, quando entra o Diarinho aí é uma loucura, corre a cadeia toda, principalmente notícias de polícia. Todo mundo quer saber as notícias que estão acontecendo na cidade, ficar por dentro do que está acontecendo na rua, na população, perto de casa. Também entram aqueles gibizinhos e material pro pessoal fazer artesanato.*

DSC 2.: *A coisa que eu mais adoro ler na minha vida é a Bíblia pois tudo que vem da Bíblia é bom. Isso aí melhora 50% da vida da pessoa, principalmente se for a Bíblia, que é uma palavra que conforta mais a pessoa, aqueles trechos que mexem com a gente. É a melhor companhia e o melhor esclarecimento e refrigeramento para a mente do ser humano. A Bíblia é o maior e o mais completo livro do mundo e é uma coisa que aqui dentro a gente precisa muito. A parte de provérbios por exemplo é um grande incentivo às pessoas que se encontram num lugar igual como nós estamos - a cadeia. Os salmos também trazem muitas coisas boas, relaxam mais a pessoa, a gente pára pra refletir. É difícil o dia que a gente não pega a Bíblia pra ler ali dentro, no lugar que a gente fica, no cubículo. A leitura da Bíblia traz alegria, faz a gente se sentir aliviado, pensar coisas boas, traz mais liberdade. Aqui, nesse lugar, a gente pensa muita coisa ruim e pra tampar a coisa ruim tem que ter uma coisa boa e essa coisa boa é a Bíblia. Às vezes o cara está meio mal, então dá uma lida na Bíblia e já dá uma aliviada na cabeça. É a única hora que*

*você consegue sair daqui, quando pega a Bíblia e lê. Lendo a Bíblia já lembra da família, dos filhos, pára um pouco, pensa neles, começa a ler de novo e assim vai indo.*

*DSC 3.: Leio livros e o que eu mais gosto mais de ler é um livro de literatura. Gosto muito de um romance, porque é calmo e uma coisa de ação aqui já não combina muito, porque aqui já é todo dia ação, então o negócio é um romance. Eu vejo um livro, vejo o título dele, sobre o que ele fala, eu olho atrás, vejo o que ele está dizendo, então se eu achar interessante eu pego ele pra dar uma lida. Começo a ler, se eu achar interessante eu continuo até o final. Geralmente eu leio umas quatro ou cinco páginas e, se me interessar, eu continuo lendo. Um dos livros que li foi o Estação Carandiru que um rapaz deixou ali. É um livro importante, um livro daquele ali é uma lição de vida pra gente! Eu também gosto de histórias assim bem fáceis, como da Cinderela, essas coisas de contar histórias, coisas assim que instruem a mente e lhe fazem sair daqui, pelo menos o pensamento. Eu tenho minhas preferências, mas se eu chego aqui, não tenho nada pra ler, eu vou pegar um dicionário, começar a aprender, aprender os significados de tudo, então, a leitura é assim, vai muito do costume.*

**Questão: Quantas horas por dia (ou semana) você dedica à leitura? (Para aqueles que lêem mais de um tipo de material, especificar o tempo por material lido)**

*DSC.: Eu costumo ler pela tardezinha, quando eu venho pra dentro do cubículo, uma vez que acabou a visita, mas o melhor horário é à noite, quando todo mundo está quietinho, é o horário que a gente se sente mais sossegado. De noite tem menos barulho, lê com mais atenção, principalmente antes de deitar, dentro do xadrez. Na minha jega ninguém me incomoda. Lê e fica em paz, daí vai dormir, às vezes você perde o sono, então fica lendo até dar sono de novo. A gente lê para dormir. Leio de 20 minutos a meia hora todos os dias; duas ou três vezes na semana; leio de uma hora à uma hora e meia; leio de três a quatro horas; depois das novelas, leio até tarde. Eu posso dizer que começo a ler na página um, desde o princípio do livro, e leio mais ou menos até a página 100.*

**Questão: Como você criou o gosto pela leitura?**

*DSC 1.: Eu fui incentivado através do colégio, quando estudava eu já gostava, então comecei a pegar o gosto pelos livros e comecei a ler de vez em quando. Antes mesmo de saber ler eu já gostava da leitura, eu achava interessante a pessoa saber, então me despertou aquela ânsia de saber ler. Comecei, então, a ir para a escola e comecei a ler, a gostar, a praticar, passei até a comprar gibi pra começar a ler. Depois, comecei a ler alguns livros, nós líamos muitos livros de escola, desta forma, eu li diversos e comecei a tomar o gosto pela leitura. Eu me interessava nas histórias lidas por um tio meu, que lia bastante, e comecei a ler por causa dele. Eu tinha a necessidade de passar o tempo. Tinha curiosidade com o tema magia negra. Já a Bíblia eu leio porque já fui de igreja, participei de grupo de jovem, minha família é crente.*

**Questão: Antes de vir para a prisão você também lia? Que tipo de material? Que conteúdo deste material? Quantas horas dedicava a esta atividade? (por dia/semana).**

DSC 1: *É, lá em casa eu lia sempre a Bíblia. Desde a rua já lia, não é porque eu estou preso. Sempre me apeguei na Bíblia, sempre lia, gosto muito. Na rua a gente trabalha, faz uma coisa, faz outra, mas lia praticamente todos os dias. Eu lia muito em casa, eu tinha até esse novo código pra estar informado. Em casa lia duas horas, geralmente à noite, todos os dias. Lia jornal, as notícias pra saber o que acontecia, panfletos, leitura também através de notas fiscais. Pra pegar um livro era uma hora e meia, duas horas e eu lia mais gibi na rua. Quando eu tinha tempo, aonde eu estava, até quando eu parava com o caminhão, se tivesse um pedacinho desses folhetos de propaganda eu pegava pra ler. Eu lia tudo, é um hábito, é uma seqüência que eu tenho na mente, que gosto de ler e isso tem me feito muito bem.*

DSC 2.: *Eu não gostava de ler. Dificilmente eu lia e não gostava de ler livro, só jornalzinho eu lia na rua, mas só isso, apenas para procurar anúncios de carro e moto. Na rua, lia de vez em quando, mas não era todo dia, aqui é porque não tem muito o que fazer, aqui eu leio todo dia, mas na rua era de vez em quando, se não tinha o que fazer, ficava em casa, então pegava um livro na estante e ia ler, uma enciclopédia ou qualquer coisa e ficava lendo. Lia mais na escola e toda sexta-feira tinha uma aula de literatura onde a professora dava o livro pra ler em casa, que eu lia a noite, mas quase não lia.*

**Questão: O que já mudou em sua vida por causa da leitura? Como você avalia esta mudança?**

DSC.: *Muda muito, a pessoa procura se esclarecer, procura melhorar cada vez mais porque a leitura desenvolve a mente da pessoa, a gente já lê melhor, já fica no ritmo de ler. Quanto mais lê, melhor vai ficando, faz com que a pessoa aprenda um pouquinho mais, fique mais esperta e cada vez que a pessoa lê, vai se interessando mais. Além disso, a leitura traz tranqüilidade para a mente, a pessoa fica sossegada e aquele nervoso, aquele vazio que você tinha na mente é ocupado pela leitura. Ajuda a pensar pra frente, quando uma pessoa lhe irritar, contar até 10, essas coisas assim, fazer novas amizades. A leitura, principalmente a da Bíblia, acalma um monte a pessoa. Com a leitura adquirir, inclusive, essa profissão que eu tenho, sou o melhor técnico da cidade em porteiro eletrônico. A pessoa que chega aqui na cadeia e começa a ler a Bíblia, a pessoa muda, tem até pessoas que chegam, conhecem a Bíblia aqui dentro, se apegam nela e viram crentes.*

**Questão: O que você já aprendeu com a leitura?**

DSC.: *Sempre aprende, conforme vai lendo sempre tira alguma coisa de bom. Ensina a respeitar do menor até o maior, do maior até o mais novo, como eu devo me portar perante a minha família, meus filhos e os mais velhos todos em geral, aprende tudo isso com a leitura porque ela traz coisa muito boa, só não aprende mesmo aquele que não tem desejo de saber. Aprende através dos erros que você vê na leitura, pela lição dos erros que aconteceu na história, porque também pode acontecer com você. Aprende a dar conselhos através da Bíblia, a tentar ajudar, porque é uma coisa que toca no coração, pesa na cabeça. A gente então já pensa em sair daqui e voltar a trabalhar de novo, sair dessa vida*

*do crime, que não leva a nada. Aprende que nem tudo na vida é como a gente quer, se fosse como a gente quer não estaria aqui, estaria na rua, mas era o destino. A gente vê, também pela leitura, que nossa cidade não é igual como cidade grande, o cara lê muito isso em jornal, em revista. Aprende que tudo que você lê, se você não entendeu a primeira vez, vai ler a segunda, a terceira, pra entender muito melhor pois se eu tivesse me apegado à leitura, interpretado e entendido a lei, talvez eu não estaria aqui. A leitura mostra a realidade, mostra o antes e o depois das nossas atitudes, mas também ensina um monte de história tola, um monte de palhaçada.*